



Dança das Máscaras

INCREASY
consultoria literária

ALANE BRITO BRUNO GODOI
BABI A. SETTE JOANA LANCASTER
LARISSA SIRIANI VERIDIANA MAENAKA

Dança das
Máscaras

Dança das Máscaras

Carnaval, entrudo, baile de máscaras.

Teria um simples par de máscaras o poder de mudar tantas vidas, de selar tantos destinos?

Alane Brito, Bruno Godoi, Babi A. Sette, Joana Lancaster, Larissa Siriani e Veridiana Maenaka escrevem contos ambientados no século XIX narrando histórias de personagens que tiveram suas vidas modificadas em um baile de carnaval.

[Um beijo basta - Larissa Siriani](#)

[Amor roubado - Joana Lancaster](#)

[Faces reveladas - Alane Brito](#)

[Vidas errantes - Veridiana Maenaka](#)

[O som do coração - Bruno Godoi](#)

[O luto do céu - Babi A. Sette](#)



Um beijo basta
Larissa Siriani

Rio de Janeiro, 1846

— Thereza, nós *não vamos* a esta festa!

— Não discuta comigo, Brígida! Sou sua irmã mais velha. Se eu digo que vamos, então nós vamos!

— Mas mamãe nos proibiu...

— Mamãe sequer ficará sabendo. Ande, diga-me. Amarelo ou rosa?

Giro diante de minha irmãzinha, segurando dois vestidos na altura dos ombros para que ela os compare. Ambos são simples, de corte reto e com apenas alguns bordados sobre o tecido, mas são os melhores que tenho. Gostaria de ser como outras moças que compram um novo vestido a cada evento social, mas, uma vez que sequer tenho permissão para ir ao Baile de Máscaras que ocorrerá no Teatro São Januário, pedir um novo vestido está absolutamente fora de cogitação.

— Rosa — Brígida responde por fim, o rosto aos poucos assumindo uma expressão vencida de quem desistiu de discutir. Não que ela ache que tenho razão, mas porque me conhece o suficiente para saber que não mudarei de ideia. — Combina mais com a sua pele.

Viro-me para o espelho e analiso meu próprio reflexo. Meus cabelos escuros caem em uma cascata lisa sobre meus ombros pálidos; o tecido rosa realmente cria um contraste interessante. Sou pequena e magricela como mamãe, e frequentemente sou confundida com a caçula da família, apesar de ser dois anos mais velha que Brígida. Ela puxou mais ao nosso pai e, aos quinze anos, há muito já me ultrapassou em altura e curvas.

— Tem razão — digo, por fim, e disponho ambos os vestidos sobre a cama, onde Brígida está sentada com os braços cruzados e a expressão resignada.
— De que tem medo, afinal de contas? Será apenas por algumas horas. Mamãe sequer vai notar que saímos.

— Você sempre diz isso. E então somos pegas. E mamãe ralha comigo. — Sua boca se curva em um beicinho, dando a ela um ar infantil que amolece meu coração.

— Eu prometo que será diferente desta vez. — Sento-me ao lado dela e passo um braço por seus ombros de maneira desajeitada. Brígida apoia a cabeça na minha, mais alta que eu até quando estamos sentadas.

— Por que quer tanto ir a esta festa, afinal? É só um baile de carnaval!

— Não é *um* baile de carnaval! — Eu a solto, animação e indignação colidindo em minha voz. — É *o* baile! O primeiro baile de máscaras do Rio de Janeiro! Não percebe, Brígida? Toda a corte estará lá!

— Não fazemos parte da corte — Brígida diz, como se pretendesse lembrar-me de um fato crucial. — Não somos nobres. Sequer fomos convidadas, como pretende entrar lá?

— Tenho meus métodos — respondo, e calo-me antes de dizer algo que não devo. Quanto menos Brígida souber, melhor.

Minha irmãzinha faz um som indistinto de desconfiança e levanta-se. Talvez por ter crescido rápido demais, Brígida tem uma postura terrível ao andar que sempre faz com que mamãe a persiga pela casa dando colheradas em suas costas e empilhando livros sobre sua cabeça. Ela anda curvada, com a cabeça baixa e os ombros voltados para dentro, como se tentasse encolher ou passar despercebida.

O que é triste, pois Brígida é uma moça muito bonita. Ela tem a tez pálida como a minha, mas cora com mais facilidade, enquanto preciso recorrer a quilos de rouge para tentar uma aparência menos doentia. Seus cabelos escuros encurvam-se naturalmente, e ela tem a aparência saudável e adorável das moças curvilíneas. Porém, tudo que consegue ver é que é mais

alta que todas as suas amigas e, às vezes, até que alguns rapazes. E, em suas próprias palavras, *ninguém quer casar-se com um varapau* .

— Bem, agora temos que pensar em um vestido para você! — Levanto-me num salto e vou até ela. Coloco delicadamente as mãos sobre seus braços até que ela os relaxe, então pego sua mão e arrasto-a até seu quarto.

Nossa casa não é muito grande, mas tem espaço suficiente para abrigar confortavelmente uma família de quatro pessoas. Moramos perto do porto, pois papai é mercador e está constantemente indo e vindo com as mercadorias que chegam de navio. Desde que chegamos ao Brasil, vindos de Portugal, sua vida se divide entre nós e os negócios — muito mais os negócios do que nós. Nenhuma de nós reclama, pois sabemos que tudo que papai faz é pela família.

O quarto de Brígida é bastante semelhante ao meu: há uma cama, uma penteadeira e um gaveteiro. Lembro-me de que tínhamos uma lareira em nosso quarto em Lisboa, mas no Rio de Janeiro nunca faz frio o bastante para que uma se faça necessária.

Vou direto remexer suas gavetas, mas somos surpreendidas com uma batida à porta. Viro-me assustada, fechando o gaveteiro com força, o coração batendo rápido enquanto minha mente já começa a formular uma desculpa qualquer para mamãe. Mas quando a porta se abre, é apenas Joana.

— Carta pra senhorita Thereza — ela diz, a voz baixinha. Joana é pequena e magra como eu, mas de pele negra. Começou a trabalhar conosco tão logo pusemos os pés em solo brasileiro e, desde então, nunca olhou nenhum de nós nos olhos. Papai disse-me uma vez que ela vinha de uma fazenda de café, e que as coisas lá eram muito diferentes de como são em casa. Pergunto-me o que poderá ter acontecido a ela por lá para que tema até alguém tão pequeno e frágil como eu.

— Obrigada, Joana — respondo, da maneira mais amável que posso. Ela me entrega o envelope e sai tão rápido quanto entrou.

Olho para a carta e meu corpo imediatamente se arrepia, o coração acelerando.

— De quem é? — Brígida pergunta, sempre atenta. Seguro a carta contra o peito e viro-me para ela, fazendo um gesto de descaso.

— Apenas uma mensagem de Iolanda — digo, e guardo a carta cuidadosamente no decote do vestido. — Provavelmente para gabar-se do noivo outra vez. Lerei mais tarde. Primeiro, vamos cuidar de seu vestido.

Percebo, só de olhar, que Brígida não engoliu minha mentira. Mas sua desconfiança não é o bastante para que faça acusações. Ela deixa o assunto morrer, enquanto a distraio habilmente com conversas sobre vestidos e danças.

Retorno meia hora mais tarde aos meus aposentos, após ter distraído Brígida o bastante para que ela se esquecesse das suas preocupações quanto ao baile e, principalmente, quanto à mensagem que Joana veio me entregar. Não é até estar segura em meu próprio quarto que finalmente pego a carta de seu esconderijo indiscreto.

Por um momento, apenas sinto o papel em minhas mãos. Meu nome está escrito com delicadeza no verso, sem um só borrão. Imagino se, assim como eu, ele também sente dificuldade em manter suas missivas sucintas. Há tanto a dizer que não pode ser dito, tantos sentimentos que confessar que não posso me arriscar a escrever. Sempre que recebo suas correspondências, leio seu amor nas entrelinhas, escondido em cada jogo de palavra, em cada frase não dita.

Aproximo o papel de meu rosto e inspiro. Tenho a ligeira impressão de sentir um aroma mentolado, o cheiro dele. Arrepio-me ao imaginar suas mãos correndo pelo papel enquanto escrevia, e mesmo antes de ler, sei que amarei cada palavra. É sempre assim, com Amaro; amor, desde a primeira carta.

Conhecemo-nos durante o casamento da filha do Marquês de Jacarepaguá. Fomos convidados, pois papai e o marquês têm negócios juntos, e foi a primeira vez que estive entre a nobreza. Avistei Amaro assim que entrei na igreja e não tirei mais os olhos dele — como poderia? Amaro era a imagem perfeita de um cavalheiro, desde os cabelos louro escuros perfeitamente penteados, até os olhos esverdeados e estreitos, como se estivesse sempre muito atento a alguma coisa. Era o rapaz mais bonito que vi em toda a minha vida. Todas as moças solteiras — e, devo acrescentar, algumas das casadas também — o olhavam de soslaio. E ele, como cavalheiro que era, fingia não notar.

Apesar de observá-lo durante toda a cerimônia e, mais tarde, na festa, não imaginei por um segundo sequer que receberia coisa alguma em retorno. Quão surpresa fiquei quando, uma vez apresentados, Amaro me convidaria para dançar. Ainda mais surpresa, então, quando recebi sua primeira carta, três dias depois.

“Caríssima Senhorita Thereza,

Penso na senhorita desde o dia em que nos conhecemos. Anseio por reencontrá-la.

Por favor, ponha fim à minha agonia. Encontre-me para um passeio amanhã à tarde,

e fará de mim o homem mais feliz de toda a capital.

Aguardo sua resposta.

Cordialmente,

Amaro Velho da Silva Filho”

Fiquei extasiada. Eu também vinha pensando nele desde aquele dia. Quão inacreditável era que um rapaz tão belo e de tão boa família tivesse olhos para mim. Estava prestes a responder com um gigantesco “sim” quando, para meu desespero, mamãe interceptou a carta.

— Mas o que é isto? — perguntou, tomando o papel de mim e lendo silenciosamente.

Vi seu rosto assumir um tom brilhante de vermelho, e qualquer esperança que eu tivesse de que poderia vir a reencontrá-lo veio por água abaixo. Mamãe era tão baixa e magra quanto eu, mas tornava-se gigante quando era necessário.

— Mas que descabimento! Sequer pediu permissão de vosso pai! — Ela amassou a carta entre os dedos, e foi como se amassasse meu coração junto. E continuou, aos gritos, o sotaque português que jamais perdera se fazendo ouvir por toda a província. — Pois não irás! Volte para o vosso quarto, Thereza, imediatamente!

— Mamãe, é apenas... — tentei negociar, mas ela estava irredutível.

— Thereza, escute-me bem: pessoas como ele casam-se por dinheiro ou por um título, e tu não tens nenhum dos dois. Se este gajo está interessado em ti, posso garantir-lhe que não é com nenhuma boa intenção em mente — disse-me, de forma dura e direta.

Suas palavras atingiram-me como um tapa, e corri ao meu quarto, sentindo que minha vida chegara ao fim. Poderia mamãe estar certa? Estaria Amaro tentando me enganar, usar-me como a uma qualquer?

Contudo, sempre fui ensinada que deixar um cavalheiro sem resposta era da mais terrível grosseria. Então, a despeito dos gritos e das proibições, escrevi uma carta a Amaro.

“Caríssimo Senhor Amaro,

Agradeço pelo convite, mas receio não ter permissão para encontrá-lo.

Talvez, em uma outra oportunidade, possa dirigir o pedido ao meu pai,

como é direito, e então terei prazer em acompanhá-lo.

Cordialmente,

Thereza Pereira da Silva”

Eu não esperava que Amaro respondesse — não completamente. Havia uma centelha de esperança ardendo em meu peito, mas esta era quase que inteiramente extinta pelo eco das palavras duras de mamãe. Ela tinha razão. O que a filha de um mercador poderia oferecer ao filho de um barão? Tínhamos algum dinheiro, é claro, mas ele tinha muito mais. Que união poderia surgir disso?

Mas a despeito das previsões mais pessimistas, veio a resposta.

“Caríssima Senhorita Thereza,

Peço-lhe perdão pelo equívoco. Em meu anseio para reencontrá-la, redigi o convite sem nenhuma consideração para com seus pais.

Estava tão tomado pela imagem da senhorita que, por um momento, esqueci-me da boa educação.

Contudo, garanto-lhe que fui sincero em cada uma de minhas palavras. Desde aquele dia, não consigo tirar a senhorita de meus pensamentos.

É seu rosto que vejo quando acordo e é nele que penso antes de dormir. Preciso reencontrá-la. Por favor, diga-me que não é tarde demais para tentar de novo.

Cordialmente,

Amaro Velho da Silva Filho”

Suas palavras fizeram meu coração pular de felicidade. Era verdade, então. Ele pensava em mim tanto quanto eu pensava nele! Dancei pelo quarto e esforcei-me para não gritar; a carta tinha chegado segura às minhas mãos, e desta vez, não me atreveria a pôr o segredo em risco.

Desde então nos correspondemos secretamente. Não o vejo desde o casamento, há quase três semanas, mas o amor que sinto por ele cresce a cada dia, a cada carta, a cada palavra.

Amor .

Sim, é amor. Soube do momento em que olhei em seus olhos e descobri seu nome. Amaro, o meu amor.

Abro a carta que acabo de receber. Amaro tem uma caligrafia fina, delicada o suficiente para passar-se pela de uma moça — daí veio a ideia de trocarmos correspondências sob o pseudônimo de Iolanda. Era a única forma de ter certeza de que nossas cartas não seriam interceptadas e lidas por minha mãe. Com o coração apertado de saudades, leio.

“Querida Thereza,

Também sinto muitíssimo a sua falta.

Confio que está tudo certo para nosso piquenique no sábado próximo, após o almoço?

Todas as providências já foram tomadas.

Mal posso esperar para encontrá-la. Há tanto que conversar. Anseio pela sua visita, minha querida amiga.

Rogo para que chegue o dia em que viveremos tão próximas que eu a verei todas as manhãs.

Com amor,

Iolanda”

Sorrio. Amaro e eu desenvolvemos nosso próprio código entre as cartas trocadas. *Piquenique* refere-se ao nosso encontro, e *almoço* refere-se ao baile, após o qual marcamos de nos encontrar. As *providências* são o cocheiro que Amaro mandará para buscar-me. Ninguém que lesse esta carta ao acaso saberia da real natureza de nossa conversa. Amaro está protegido, e não há nada capaz de impedir nosso encontro.

Busco papel, pena e tinta, e escrevo uma resposta:

“Querida Iolanda,

Claro que compareceremos ao piquenique.

Não perderia por nada a chance de rever minha mais estimada amiga.

*Brígida e eu estaremos lá! Irei amanhã mesmo buscar as frutas
necessárias*

para melhor aproveitar nosso lanche.

Também anseio muitíssimo pelo nosso reencontro.

Um dia, minha querida, não haverá mais distância entre nós.

Com amor,

Thereza”

Suspiro, satisfeita. Amaro ainda não sabe dos convites que consegui com uma amiga que trabalha no teatro. Quando avistar-me chegando em pleno baile, estou certa, ficará muito surpreso.

Será uma noite inesquecível.

Saio com Brígida logo após o almoço no dia seguinte. Agora que escolhemos nossas roupas, resta-nos comprar as máscaras. Pedi dinheiro à mamãe afirmando que tomaríamos chá com algumas amigas, ao que Brígida lançou-me um olhar chocado e enfurecido. Ela detesta mentir, e choca-se com a minha habilidade em fazê-lo sem o menor pudor.

— Iremos para o inferno, Thereza, eu e você! — Ela faz o sinal da cruz enquanto caminhamos. — Vou precisar tomar a confissão antes que o fim de semana acabe.

— Não exagere, Brígida. Você não fez nada. Quem contou a mentira fui eu — digo calmamente, cruzando meu braço no dela.

— Posso não ter contado a mentira, mas certamente não contei a verdade. — Ela faz um som impaciente, e então encara-me. Brígida parece julgar-me com o olhar, como se me olhasse de cima; preciso lembrar-me que o faz porque, mesmo encurvada, ainda é muito mais alta que eu. — Não sei como pode estar tão tranquila com relação a isso tudo. Mentindo para nossos pais, planejando uma saída às escondidas, e tudo por causa de um *baile* ...

— Ainda é muito nova para entender certas coisas, minha irmã, mas um dia, irá me agradecer por tê-la levado nesta aventura.

— Aventura, pois sim...

Brígida continua resmungando, mas acaba caindo em silêncio quando não lhe dou mais ouvidos.

Chegamos à Rua do Ouvidor, onde o comércio e as pessoas estão a todo vapor. Este é, sem dúvidas, um dos meus lugares favoritos no Rio de Janeiro; não há nada que não se encontre por aqui, nenhum tipo de pessoa que não cruze a rua. Sinto-me viva enquanto passeio. Percebo o humor de Brígida mudar radicalmente enquanto olhamos vitrines, fuxicamos sobre os

transeuntes. Para deixá-la feliz, até prometo parar no livreiro antes de voltarmos para casa. É o suficiente para que minha irmãzinha se deixe levar pelas lojas.

Com a aproximação do tão comentado baile de máscaras, muitas modistas oferecem máscaras coloridas em adição aos vestidos, luvas e chapéus. Para satisfazer um capricho, paramos em algumas lojas mais bem frequentadas, onde damas bem vestidas fazem os últimos ajustes em seus vestidos de baile ou divertem-se provando máscaras e encarando o próprio reflexo.

A diferença na atmosfera assim que entramos não poderia ser mais óbvia. Brígida e eu estamos asseadas e com vestidos bem arrumados, mas há uma clara distinção entre os padrões daquelas senhoras e o nosso. Muitas nos lançam olhares enviesados e comentam entre si aos cochichos. Sinto Brígida encolher o corpo ao meu lado, encurvando os ombros como se tentasse recolher-se para dentro de si, visivelmente incomodada com toda a atenção que estamos recebendo, mas recuso-me a sair. Tenho tanto direito de entrar ali quanto elas.

Sou a noiva do futuro Barão de Macaé, quero gritar, pois ainda que nenhum pedido tenha sido feito, estou certa de que Amaro fará a proposta no baile. Como ousam menosprezar-me? Aproximo-me de um balcão onde várias máscaras estão expostas, e a intensidade de seu desprezo fica clara quando a atendente tira de meu alcance a máscara que estava prestes a tocar.

Trocamos uma guerra silenciosa de olhares, e Brígida puxa-me pelo braço.

— Vamos embora, Thereza, por favor — ela pede, aos sussurros. Está assustada, e com razão.

Lanço um último olhar feroz para que saibam que não conseguiram me intimidar, e então saio.

O passeio torna-se bem menos divertido depois disso. Brígida está tensa e envergonhada, e eu estou irritadiça e altiva. Caminho de queixo erguido, decidida a aparentar mais posses do que tenho e a não ser ignorada outra vez.

— Vamos tentar esta — Brígida diz, a voz baixa, e arrasta-me para uma loja simples, muito aquém das outras em que entramos. Está praticamente vazia, e há pouquíssimas máscaras em exibição.

— Boa tarde. — Somos cumprimentadas por um homem da idade de papai, com cabelos grisalhos rareando e óculos pequenos empoleirados no nariz. Ouço conversas ao fundo que sugerem que há alguém passando por uma prova de roupa. — Posso ajudá-las?

— Procuramos máscaras. Para o baile — digo, e apesar de minhas palavras soarem duras e ácidas, ele continua sorrindo.

— É claro.

Ele se abaixa e pega uma caixa fina e comprida, que destampa para revelar alguns modelos. São menos sortidas que as das lojas que visitamos anteriormente, mas os preços são proporcionalmente mais modestos. Brígida encanta-se por um modelo que cobre toda a parte superior de seu rosto, em tons de branco e azul claro, exatamente como o vestido que escolhemos para ela.

— O que acha? — pergunta, segurando a máscara em frente ao rosto e posando como uma menininha. Sua animação desfaz minha carranca, e sorrio.

— Caiu-lhe muito bem — digo, já conseguindo imaginá-la vestida para a festa.

— E que tal esta, para você? — ela sugere um modelo parecido com a que usa, mas em tons de dourado. — Vai combinar com o vestido.

— Não sei. — Torço o nariz. Nenhuma das máscaras que vi até agora chamou minha atenção. — Vamos procurar mais um pouco.

Pagamos pela de Brígida e saímos.

Andamos por toda a Rua do Ouvidor à procura de algo para mim. Não sei se a humilhação de mais cedo desanimou-me ou se apenas estou

insatisfeita, mas nada que vejo me salta aos olhos. Todas as máscaras parecem iguais, insossas. Pobre de Brígida, que faz suas tentativas de me animar mostrando-me cada vitrine, cada modelo diferente. Por fim, até ela se cansa.

— Por que não me diz o que está procurando para que possa ajudá-la? — diz, enfezada. Suspiro e tento produzir um sorriso.

— Eu não sei exatamente. Quero algo... — hesito, sem saber a palavra certa — especial.

— Especial *como*? — pergunta, confusa. Mas não sei como explicar a ela o que quero sem lhe dar mais informação do que o necessário. Como posso explicar a ela que quero algo tão belo e singular que fará todos no baile sussurrarem perguntas sobre quem sou? Que quero estar tão bonita que Amaro irá se orgulhar de estar ao meu lado? Não sei definir o que estou buscando, mas estou certa de que saberei quando encontrar.

Fico em silêncio, e continuamos andando. Brígida está cansada, eu sei, e eu mesma já me cansei de andar em uma busca infrutífera. Considero voltar atrás, na loja do senhor simpático, e comprar a máscara dourada, quando enfim, em uma lojinha tão pequena que sua vitrine é quase invisível entre as demais, algo chama a minha atenção.

Ando tão rápido em direção à loja que trombamos em alguns transeuntes. Só tenho olhos para o par de máscaras perfeito. Diferente das outras que vimos hoje, estas não são maciças, pintadas. Parecem ser feitas de metal trançado, deixando pequenos espacinhos vazados em toda a sua extensão, grandes o bastante apenas para cobrirem os olhos. São exatamente iguais, mas uma é branca e a outra, preta.

— É isso! — sussurro, e entro na loja.

Se eu esperava outra modista ao entrar, estava completamente enganada. Tão logo cruzo a porta, deparo-me com algo completamente diferente de qualquer lugar onde já estive.

O espaço é estreito e diminuto. Para além da porta, há apenas uma mesa mais aos fundos, coberta com um pano branco. A iluminação das velas é tão fraca que parece ser noite lá dentro, e todo o ambiente cheira a chá de ervas-cidreira. Brígida está agarrada ao meu braço, e tenta puxar-me para a saída.

— Thereza, nós não devíamos estar aqui, vamos embora... — ela diz, quase aos sussurros.

Viro-me para lhe dizer que fique calma, mas somos surpreendidas pela chegada de uma mulher. Não vejo de onde ela surge e, por um segundo, pergunto-me se esteve ali o tempo todo ou se apareceu do nada, como um fantasma. Brígida solta um suspiro baixo com o susto, e agarra-se com mais força a mim.

— Boa tarde — diz a mulher. Ela é tão baixa quanto eu, mas roliça, o pescoço desaparecendo sob as papadas. Aproxima-se de nós, envolta em um vestido branco tão limpo que parece brilhar mesmo à fraca luz bruxuleante.

— Boa tarde — replico. Não consigo tirar os olhos dela. Tem cabelos muito louros, presos cuidadosamente em um coque, e olhos pequenos e estreitos que parecem desaparecer em seu rosto. Ela sorri, mas de alguma forma, o sorriso a faz parecer maquiavélica. Eu deveria correr, mas não consigo me mover.

— Veio ler a sorte? — Ela se aproxima e, sem aviso, pega minha mão. Espero um toque rude e brusco, mas ela o faz com delicadeza e suavidade; sua pele é macia e leve contra a minha, e ela leva minha palma até a altura

de seus olhos. — Ah, a menina tem tanta vida pela frente, tanta vida, mas tantas tragédias também...

— Não vim ler a sorte — digo, puxando minha mão de volta. Suas palavras parecem despertar-me do transe, e lembro-me de mamãe aconselhando-nos a ficar longe de charlatões e adivinhas.

— Então, o que procuram? — pergunta a mulher, que não parece ofendida pelo meu claro desinteresse. Seus olhos estudam a mim e somente a mim, como se Brígida sequer estivesse presente, e sinto meu corpo inteiro arrepiar-se de medo.

— As máscaras, na vitrine. — Aponto para trás, e ela segue meu movimento com os olhos. — Quanto custam?

— Oh, não estão à venda, não, senhorita. — E então sorri, um sorriso com todos os dentes, ainda mais amedrontador que antes. — Mas se deixar que eu leia sua sorte, talvez possamos fazer negócio.

Hesito. Brígida ainda está cochichando que devemos ir embora e, em algum lugar da minha mente, sei que ela tem razão, que mamãe tem razão; não devo envolver-me com esta charlatã. Devo lhe dar as costas e partir.

Mas sei que, se o fizer, a imagem daquelas máscaras irá perseguir-me nos meus sonhos. E há uma parte de mim, por menor que seja, que também quer saber o que ela tem a dizer sobre o meu futuro. Por fim, concordo.

— Muito bem — ela diz, e leva-nos até a mesa aos fundos, onde puxa um par de cadeiras e nos convida a sentar.

Enquanto nos ajeitamos, Brígida olha para baixo, com as mãos firmemente presas à minha saia, enquanto a mulher busca um candelabro com um par de velas e o coloca sobre a mesa. Então faz um gesto pedindo minha mão. Estendo, hesitante.

— Interessante... — murmura, os dedos passeando pela minha palma. — Muito interessante...

Quero perguntar *o que* exatamente é interessante, mas calo-me. Brígida está prestes a cair em prantos, e uso a mão livre para dar tapinhas gentis em sua cabeça, em uma vã tentativa de acalmá-la.

— Vejo que terá uma vida longa — ela diz, apontando para uma linha que vai desde perto do meu polegar até a base da minha mão, próximo ao pulso. — Sim, certamente viverá muito. Teimosa como é... — E aponta para outra linha, que cruza minha palma de ponta a ponta horizontalmente. — Imagino que discutiria com a própria Morte se esta viesse pegá-la antes do que achasse apropriado.

Há verdade em suas palavras, e isso me apavora tanto quanto fascina. Inclino-me para frente, bebendo de suas palavras.

— O destino rege sua vida, minha querida. — Ela risca uma terceira linha, mais funda, indo de cima abaixo em minha mão. — E ele interfere em todas as decisões que toma. Especialmente nas do seu coração. — Ela traça uma última linha, mais alta, quase chegando aos meus dedos, que é claramente cortada ao meio pela linha vertical. — Há alguém especial em sua vida, suponho?

— Sim — respondo, minha voz mal parecendo minha.

— E você o ama? — pergunta, ao que aceno com a cabeça. — E está disposta a enfrentar o destino por este amor?

— Enfrentaria qualquer coisa — digo, em alto e bom tom. Brígida para de tremer e olha para mim como se não me reconhecesse.

A mulher sorri e solta minha mão, levantando-se devagar. Vai até a frente da loja, e, quando retorna, traz as duas máscaras que espiei na vitrine. São ainda mais bonitas vistas de perto e, mesmo sem tê-las provado, sei que ficarão perfeitas.

— Estas são as Máscaras dos Amantes — diz, pousando-as sobre a mesa. Ergo a branca, trazendo-as para mais perto para enxergar melhor. — São objetos de grande poder. Se desejar, podem ser suas.

— Qual o seu preço? — digo, sem hesitar. Não importa o custo, tenho de tê-las. Posso sentir a atração que emana delas preenchendo-me por completo. Nenhuma outra máscara chegará perto do efeito que essa me causa.

— Oh, elas não estão à venda, minha querida — diz, com ternura, e franzo as sobrancelhas para ela —, mas podem ser suas, se tiver a mais absoluta certeza de que é amor o que sente.

— Não estou entendendo. — Abaixo a máscara, por fim, pousando-a delicadamente ao lado da preta, e encaro a mulher.

— As Máscaras dos Amantes foram feitas para delegarem sorte a casais pouco afortunados — explica, colocando uma mão sobre cada uma das máscaras. — Se você e seu amado as utilizarem e trocarem um beijo de amor verdadeiro, então seu destino estará selado. Ficarão juntos para sempre, e terão sorte em tudo aquilo que tentarem. Um beijo basta.

Sorrio, meu olhar recaindo novamente sobre o par de máscaras.

Sorte .

É disso que Amaro e eu precisamos! Sorte para que minha mãe o aceite, para que sua família faça bom gosto de nossa união. Sorte para nos casarmos e sermos felizes.

— Se, contudo, não houver amor de ambas as partes, o efeito será reverso. — Sua voz torna-se mais grave, imponente. — O destino irá voltar-se contra vocês, e trará má sorte a todos que usarem as máscaras até que sejam novamente unidas em um beijo de amor verdadeiro. — E então, sem aviso, ela puxa minha mão. Tomo um susto e a encaro novamente, seus olhos estreitos prestando muita atenção a cada movimento meu. — É um risco que está disposta a correr? Pode garantir que o que nutrem um pelo outro é amor?

— É amor — digo, sem piscar ou desviar os olhos com a certeza que só aqueles que amam podem ter. — É amor verdadeiro.

— Muito bem. — Ela solta minha mão e ajeita-se na cadeira, cruzando os braços sobre a mesa. — Então leve-as. São suas. E lembre-se: para o bem ou para o mal, um beijo basta.

Brígida recusa a ida ao livreiro e não diz uma só palavra sobre o assunto no caminho de volta para casa — se por medo ou por cumplicidade, não sei dizer. Parte de mim teme que a ida à cigana tenha sido a gota d'água e espero que mamãe apareça a qualquer momento na porta do quarto para confiscar-me as máscaras e prender-me em casa pelos próximos dez anos, mas nada acontece.

Após o jantar, quando meu pai adormece segurando o jornal e mamãe se distrai com seu bordado, chamo Joana em meu quarto. Ela entra, silenciosa como um gato, os olhos sempre grudados no chão, e aguarda calada.

— Quero que entregue este pacote na casa do Barão de Macaé, aos cuidados de Amaro Filho — digo, entregando-lhe o embrulho que fiz com todo o cuidado. Dentro, junto com a máscara preta, anexei um recado: *Para nos trazer sorte* .

— Sim, senhora — ela assente rapidamente e estende as mãos para que eu lhe entregue a encomenda.

— Tudo no maior sigilo, sim, Joana? — digo, em tom de advertência. — Ninguém pode saber para onde este pacote foi. Nem mesmo minha mãe.

— Sim, senhora — repete, a voz mais baixa e séria do que antes, e sai, tão silenciosamente quanto entrou.

Sorrio, satisfeita, e então resolvo preparar-me para dormir, quando ouço batidas à porta.

— Sim? — atendo. A porta se abre, e Brígida entra rápido, como se estivesse sendo perseguida pelo diabo. Ela arfa, as costas apoiadas no batente, e antes que eu consiga perguntar o que houve, ela começa a falar.

— Passei os últimos dias mentindo por você — diz, e há desgosto, bem como preocupação em sua voz. — Menti quando jurei a mamãe que não

iríamos ao baile. Menti quando disse a ela que você havia esquecido o assunto. Menti sobre onde iríamos hoje. Menti porque você é minha irmã, e não quero vê-la encrencada.

— Brígida... — Aproximo-me, mas ela me dá as costas, andando de um lado ao outro pelo quarto. Nunca antes minha irmãzinha pareceu tão adulta, e a visão é dolorosa.

— E, hoje, descubro que *você* mentiu para mim — ela continua, como se eu não tivesse falado, e para diante de mim, parecendo profundamente magoada.

Ela faz uma pausa e respira fundo. Vejo-a apertar as mãos em punho, como se manter a calma lhe custasse muito esforço, e percebo que é a primeira vez que vejo Brígida brava. Não, não brava. Furiosa.

— As máscaras eram para amantes — diz, com a calma calculada que só alguém muito excedido consegue manter. — Era isto que Joana estava levando, não era? Uma das máscaras. Para o seu amante.

— Shhh! — Vou até ela e cubro sua boca com a mão. Seu tom de voz não é alto, mas temo que mamãe possa ter ouvido. Puxo Brígida pela mão e a coloco sentada em minha cama, e sento-me ao seu lado. — Não fale assim — digo, então, em voz baixa. — Não somos *amantes*. Não faça parecer tão sórdido.

— O que são, então? Se não há nada de sórdido, então por que ninguém pode saber? — Brígida questiona aos sussurros, cruzando os braços.

— Somos noivos! — digo, e então chacoalho a cabeça, e então corrijo. — Estaremos noivos, dentro de alguns dias. Não estamos fazendo nada de errado.

Abaixo-me no chão e pego, sob a cama, uma caixa velha que uso como esconderijo para as cartas. Entrego-as a Brígida, e enquanto ela as lê, uma por uma, conto a história de como eu e Amaro nos apaixonamos, e de como mamãe proibiu-me de vê-lo. Espero que a carranca de minha irmã amoleça durante a narrativa, mas nada do que eu diga parece surtir o menor efeito;

quando paro de falar e ela finaliza a leitura, parece tão ou até mais enfezada do que antes.

— Iolanda, então, é Amaro? — ela murmura, encarando as cartas, e então as devolve para mim sem olhar-me nos olhos.

— Precisa entender que foi o único modo! — Coloco uma mão sobre seu ombro e tento fazê-la me olhar, mas ela me evita. — Nunca quis mentir para você, mas se soubesse da verdade, então teria que mentir por mim! Não era justo.

— Já pensou que talvez nossa mãe esteja certa? — ela diz, de repente, levantando-se num salto e cruzando os braços novamente. As cartas que estavam em seu colo caem e agacho-me para recuperá-las.

— Do que está falando? — Pego todos os papéis e guardo-os de volta na caixa, fechando-a com cuidado.

— Que este rapaz, este *Amaro* ... — Brígida faz seu nome soar como algo ruim, amargo em sua boca. — Que talvez ele esteja apenas tentando tirar proveito de você?

— O quê? — pergunto, quase em um grito, e cubro a boca com a mão como se para conter o choque. — Brígida, como pode dizer isso? Leu as cartas, viu tudo que ele me disse.

— O que eu vi foi um rapaz que insistiu em encontrá-la desacompanhada, e que lhe fez promessas vazias, carta após carta.

Estou tão surpresa com a dureza e a secura de suas palavras que, por um instante, tudo que consigo fazer é encará-la. A Brígida que vejo não se parece em nada com a garotinha cuja mão segurei tão firmemente hoje mais cedo. Essa em minha frente é uma mulher de opiniões tão fortes e decididas quanto as minhas. Sei lidar com minha irmã caçula quando está amedrontada, triste, até mesmo desconfiada; mas com esta Brígida honesta e furiosa, estou perdida.

— Eu o amo, Brígida — digo, sentindo lágrimas turvarem minha visão e entalarem minha garganta. — E sei que ele sente o mesmo. Não preciso que você acredite. Eu apenas *sei* .

Brígida não diz nada, e a fúria em seu olhar vai aos poucos se dissolvendo em algo mais. Uma espécie de tristeza. Ela baixa os olhos e vira-se para a porta. Antes de sair, para e diz:

— Sinto muito, mas não posso acompanhá-la ao baile amanhã. — Ela vira o rosto brevemente em minha direção, mas mantém os olhos baixos. — Não irei impedi-la de ir, mas não contarei mais nenhuma mentira por você.

E então sai, levando meu coração consigo.

Brígida recusa-se terminantemente a falar comigo, ou até mesmo a olhar para mim durante todo o sábado. Tento em vão reaproximar-me dela, pedir desculpas e até mesmo explicar meu lado, mas toda vez que entro em um cômodo, ela o deixa imediatamente.

Mamãe, é claro, percebe a movimentação estranha. Vejo-a lançando olhares enviesados em nossa direção quando não trocamos uma única palavra durante o almoço, e sinto que nos observa silenciosamente durante o dia. À tarde, quando Brígida se recolhe ao quarto, em vez de ficar conosco lendo ou bordando, mamãe decide que é hora de intervir.

— O que houve entre tu e tua irmã? — pergunta, sentando-se ao meu lado, com o corpo inclinado em minha direção. Baixo o livro que finjo ler e a encaro de maneira cínica.

— Nada — respondo muito calmamente.

— Tu não me enganas, Thereza! São como unha e carne, tu e Brígida, e hoje não as vi conversando uma vez sequer! — ela insiste, batendo as mãos no colo.

— E somos obrigadas a conversar o tempo inteiro? — replico, revirando os olhos para dar um efeito impaciente ao meu discurso, e finjo retomar a leitura. — Vivemos sob o mesmo teto e nos vemos o tempo todo, mamãe, não há tantas novidades a contar.

— Não te faças de boba, sabes bem a que me refiro! — Ela tira o livro de minhas mãos e o fecha com um baque surdo.

— Está bem! — Olho para o lado, tentando pensar em uma boa desculpa.
— Tivemos uma pequena discussão, apenas isso.

— O que fizeste para magoar tua irmã?

— Por que a senhora assume que *eu* fiz alguma coisa? — Soo indignada e cruzo os braços, mas mamãe nem ao menos pisca. — Ah, certo. Eu disse algumas coisas que não deveria e Brígida ficou magoada.

— Pois trates de pedir desculpas! Irmãos não devem brigar. — Mamãe me devolve o livro e põe-se de pé. — Nada é mais importante que a família.

Ela sai, e encaro o livro fechado, perguntando-me se Brígida compartilha de sua opinião e se algum dia irá me perdoar.



Sem Brígida para ajudar-me à noite, preciso repensar todo meu plano de fuga. Amaro certificou-se de meu transporte e enviará uma carruagem para buscar-me, mas preciso sair de casa sem ser vista.

Decido que o melhor a fazer é fingir que estou doente — nada grave que faça com que mamãe se preocupe a ponto de chamar um médico, mas algo forte o suficiente para que eu me livre do jantar e seja deixada em paz em meu quarto. Enquanto todos jantam, estarei me aprontando, e escaparei pela janela quando papai estiver em seu escritório e mamãe e Brígida estiverem lendo na sala.

Assim sendo, recolho-me no fim da tarde reclamando de dor de cabeça, e faço questão que todos em casa ouçam meus lamentos. Peço um chá a Joana, e deito-me no escuro para “esperar a dor passar”. Quando mamãe vem ver como estou me sentindo, pouco antes do jantar, estou pronta para ela.

— O que sentes, meu amor? — ela pergunta, sentando-se ao meu lado na cama e colocando uma mão sobre a minha testa.

— Apenas uma dor de cabeça muito forte — murmuro, como se até mesmo o som de minha voz fosse alto demais para ser tolerado.

— Tomaste o chá que Joana preparou? Queres mais alguma coisa? — oferece-me, também aos sussurros.

— Não, mamãe, obrigada. Só preciso dormir. — Abro um sorriso fraco, e ela assente.

— Pois bem. — Então se levanta e vai até a porta. — Se precisares de algo, chame. Mandarei que Joana traga teu jantar.

Não digo nada e a observo sair. Dou alguns instantes para que se afaste, e só então levanto-me e acendo as velas do quarto para começar a me aprontar.

Pego o vestido de seu cabide, e o visto. Passo maus-cortados para fechá-lo, acostumada como estou a ter sempre Joana ou mesmo mamãe a ajudar-me, e então sento-me diante da penteadeira. Tinha fantasiado incontáveis penteados, contando com a ajuda de Brígida, que sempre foi muito melhor neste tipo de coisa do que eu. Agora, com um pente em uma mão e alguns grampos na outra, estou perdida.

Ouçõ batidas à porta e viro-me a tempo de ver Joana entrando com uma bandeja cheia de comida. Ela se surpreende ao ver as velas acesas, e procura por mim na cama, passando os olhos pelo quarto quando não me encontra. Nossos olhares se cruzam brevemente, e logo ela baixa a cabeça, como se tivesse feito algo extremamente ofensivo.

— Desculpe, senhora. — Ela coloca a bandeja sobre minha mesa de cabeceira, e então se prepara para sair.

— Joana! — chamo, num sussurro, e ela para entre a porta e o corredor. — Entre e feche a porta.

Ela obedece e fica parada, à espera de instruções. Gesticulo para que se aproxime, e, por não me olhar diretamente, Joana leva alguns segundos para me atender. Entrego-lhe o pente e os grampos, e digo:

— Preciso que faça um penteado.

Ela olha o pente por alguns instantes, e então, sem fazer perguntas, começa a trabalhar.

Joana não é nem de longe tão boa quanto Brígida no que se refere a cabelos, mas trabalha rápido e é eficaz. Ela faz uma tiara de tranças em volta de minha cabeça, um penteado bastante simples, mas bonito. Quando termina, aguarda até que eu a dispense, e já está mais uma vez quase saindo quando eu a chamo de novo.

— Joana?

— Sim, senhora.

— Nenhuma palavra sobre isto, certo? — falo, e embora tente parecer gentil, acabo soando um tanto ameaçadora.

Joana hesita, de costas para mim, e então a vejo balançar a cabeça.

— Sim, senhora.

Fugir pela janela prova-se muito mais difícil na prática do que na teoria. Embora minha casa tenha apenas um andar e a janela não se encontre muito longe do chão, a simples peripécia de tentar passar pelo batente usando vestido, anáguas e espartilho, e pousar no chão sem sujar minhas roupas, desfazer meu penteado ou perder minha preciosa máscara branca é uma das coisas mais difíceis que já tentei fazer. Penso se seria mais fácil com a ajuda de Brígida e decido que não — provavelmente faríamos mais barulho, atrairíamos mais atenção, e seríamos pegos em flagrante. É melhor que ela não tenha vindo; ou, ao menos, é disso que tento convencer-me.

Após perder minutos preciosos tentando decifrar a dinâmica de minha fuga, tiro os sapatos, atiro-os para fora e sento-me no batente da janela. Seguro a barra do vestido o melhor que posso e giro o corpo até que meus pés estejam balançando do lado de fora. Olho brevemente por sobre o ombro, para o quarto na penumbra e para a pilha de travesseiros sob as cobertas que, espero, seja suficiente para enganar mamãe caso ela abra a porta para ver se estou dormindo. Toco a máscara em meu rosto e respiro fundo.

A sorte está a meu favor, posso sentir.

Encaro o chão por alguns segundos e tento deslizar pelo parapeito em vez de simplesmente pular. Meus braços, contudo, são fracos demais para sustentar meu peso aos poucos, e desabo desajeitadamente no chão, por muito pouco não torcendo o tornozelo. Ouço o barulho inconfundível de tecido se rasgando e me coloco rapidamente de pé, checando minhas roupas para ver onde foi o estrago. Felizmente, apenas um pedaço da bainha do vestido sofreu avarias. Com sorte, ninguém notará.

Calço os sapatos e, após me certificar de que não há nenhum vulto vindo checar o que aconteceu, começo a andar. Apalpo o interior do decote para ter certeza de que meu convite ainda está a salvo enquanto afasto-me de casa, e posso sentir meu coração acelerado sob a pele. Sorrio, o espírito aventureiro enchendo-me de energia. Em breve estarei entre a alta

sociedade, dançando no primeiro baile de máscaras que a capital brasileira já viu, nos braços de meu amado Amaro. Não julgo haver felicidade maior.

Ando por dez minutos até o ponto de encontro combinado. Há uma carruagem à minha espera, o cocheiro parado tranquilamente ao lado, fumando. Ele não repara em mim enquanto me aproximo e, mesmo quando paro diante dele, é como se não me visse — o que não faz sentido algum, já que olha em minha direção. Ele traga o cigarro e desvia o olhar, como se eu fosse apenas uma garotinha perdida.

Espero mais alguns segundos até que me olhe novamente. Obviamente, ele não conhece meu rosto, mas decerto notou que estou usando uma máscara. Mesmo assim, é como se eu fosse invisível. Não sei que tipo de instruções recebeu, mas certamente darei uma palavrinha com Amaro a respeito.

— Com licença, senhor — digo, endireitando a postura e tentando soar, ao mesmo tempo, gentil e imponente. — Creio que esteja esperando por mim.

Só então o cocheiro parece notar-me. Ele franze o cenho enquanto falo, e então estuda-me de cima abaixo, a expressão indecifrável. Acompanho seus olhos, tentando entender o que em mim lhe causa estranhamento. Há uma mancha de terra que ainda não consegui espanar na barra de meu vestido, e provavelmente alguns fios de cabelo se soltaram, mas estou certa de que tenho todos os atributos de uma dama. E a *máscara* ! Por que outro motivo estaria usando uma máscara se não fosse ao baile?

— A senhorita é a senhorita Thereza? — ele pergunta, soando descrente, e então solta um muxoxo surpreso. — Chegou cedo. O barãozinho disse para só levar a senhorita mais tarde.

— Não será necessário. Iremos direto para o baile — afirmo, de maneira decidida.

— Para o baile? — ele estuda minha figura, as sobrancelhas erguidas. — A senhorita tem convite?

— E acaso isso é de seu interesse? — replico, totalmente indignada. Recuso-me a mostrar o que quer que seja àquele homem insolente. — Mas

que disparate! Quer que eu mostre as cartas de seu senhor também?

— Não, não. — Ele ergue as mãos, na defensiva, e então abre a porta da carruagem. Ainda há um ar indiscutivelmente sarcástico na maneira como me encara, mas decido que esta não é a melhor hora para discussões, então, entro.

Sento-me calmamente, com toda a boa postura que uma dama deve ter. Espero que o cocheiro feche a porta e assumo os cavalos antes de desfazer-me de toda a compostura e começar rapidamente a espanar a barra ainda suja do vestido. Não há nada que eu possa fazer em relação ao rasgo, mas felizmente, o tecido não se abriu muito, apenas um palmo na vertical. Tenho certeza de que ninguém irá reparar em nada disso, certamente não depois que Amaro fizer o pedido. Serei a noiva do futuro Barão, afinal.

O caminho até o Teatro São Januário é longo e cheio de sacolejos. Sinto que o percurso me desmonta mais do que a queda da janela foi capaz de fazer, e quando a carruagem enfim para, estou um tanto zonza e com a certeza de que estou completamente despenteada. É impossível saber sem um espelho, mas quando o cocheiro abre a porta e ajuda-me a descer, há um sorrisinho muito desagradável em seu rosto. Quão ridícula devo estar, se até mesmo um criado faz pouco caso de minha figura?

Não, não posso pensar deste modo. Não posso deixar-me levar pelas inseguranças. Vim a este baile para ver Amaro, e isso é tudo que importa. Amaro amou-me antes mesmo de conhecer-me direito. Alguns fios de cabelo fora do lugar não farão diferença alguma.

Há dezenas de carruagens paradas em frente ao teatro, seus passageiros desembarcando e dirigindo-se à entrada. Paro por um instante apenas para admirar a fachada, tão bem iluminada que parece ter luz própria. O Teatro São Januário é provavelmente uma das maiores e mais belas construções que já vi. Construído em pedra branca, é uma visão imponente que faz com que eu me sinta ainda menor.

E todas aquelas pessoas! Damas e cavalheiros da mais alta estirpe, vestidos em trajes caros e ostentando as máscaras caríssimas que admirei durante minha visita à Rua do Ouvidor. Todos eles passam por mim e, assim como

o cocheiro, não me notam; sou invisível a eles, assim como fui invisível nas lojas, assim como pareço ser todos os dias de minha vida.

Mas não hoje. Hoje, serei notada. Amaro está lá dentro, à minha espera.

O pensamento basta para que eu torne a andar e passe pelos arcos de pedra, rumo ao primeiro e, estou certa, mais inesquecível baile de máscaras de minha vida.

Por dentro, o Teatro São Januário é ainda mais belo e suntuoso. Seja pelo imenso lustre derramando luz sobre os convidados, seja pelo público indubitavelmente rico e bem-vestido à minha volta, sinto-me uma princesa quando entro, girando em meus calcanhares para enxergar tudo à minha volta, bebendo daquela beleza.

— Senhorita? — Ouço chamarem, e viro-me para me deparar com um homem de feições sérias e brutas, que se inclina ameaçadoramente em minha direção. — Senhorita, esta festa é somente para convidados.

— E fui convidada! — exclamo, e em vez da costumeira onda de raiva que sentiria pela afronta, sou acometida por um riso de superioridade. Puxo o convite e o abano diante dos olhos do brutamontes. — Aqui está, se não acredita em mim. Agora, se me permite, tenho uma festa que aproveitar.

Ele pega o convite das minhas mãos, e, sem esperar resposta, misturo-me entre os convidados. Há uma grande escadaria no extremo oposto à porta, onde pessoas param para conversar antes de seguirem para dentro do teatro, onde o grande baile, de fato, acontece. Homens em fraques e máscaras em tons escuros, e mulheres com vestidos elegantes e máscaras espalhafatosas. Há plumas e brilhos e cores para todos os lados. É como um sonho de princesa.

Ponho-me, então, a procurar por Amaro. Imaginei que estaria à minha espera na entrada, mas não o avistei em lugar algum. Há gente demais e, por um instante, temo não conseguir encontrá-lo. Besteira; o verei em breve. Sinto sua presença aqui, como os apaixonados tendem a sentir. Tenho certeza de que ele está procurando por mim neste exato momento.

Avanço, seguindo o fluxo de pessoas pelas escadarias. Sorrio e aceno para desconhecidos, e sinto olhares recaindo sobre mim e cochichos seguindo-me enquanto ando. Não lhes dou importância alguma; a sorte está em meu

favor esta noite. Em breve, lhes darei um motivo real para proferirem meu nome.

Alcanço a parte interna do teatro, onde os músicos no palco já se aquecem para dar início ao baile. Os convidados mais importantes estão em seus respectivos camarotes, enquanto o público comum transita no espaço onde normalmente encontram-se os assentos. Meu coração bate mais forte, e tenho certeza de que Amaro está por perto. Sigo meus instintos, caminhando quase às cegas por entre as pessoas.

E então, eu o vejo.

Amaro está parado a um canto, acompanhado de outros dois rapazes. Eu o reconheço ainda de costas, sem saber bem por que; há uma espécie de aura que o cerca, que fica mais forte a cada passo que dou em sua direção. E, de repente, como se também sentisse minha presença, ele se vira, e qualquer dúvida que nublava minha certeza se esvai. É meu Amaro, meu amor, o rosto belo parcialmente escondido sob a máscara que enviei a ele ainda ontem.

Ele me encara sem sequer piscar enquanto me aproximo. Seus olhos estudam meu rosto, e então varrem meu corpo, fazendo com que me sinta exposta e arrepiada. Paro a um passo de distância, e é como se todas as outras pessoas à nossa volta desaparecessem. Somos somente eu e ele no mundo.

— Thereza! — ele exclama, então, com uma emoção que não consigo definir. — Você, aqui!

— É claro! — Sorrio e balanço a cabeça levemente. Está surpreso, é claro, como sabia que estaria. Sua felicidade é tanta que mal consegue expressá-la em palavras.

— Venha! — ele diz, e então apressa-se, colocando uma mão em minhas costas e andando para longe dali. — Vamos dar uma volta.

— Não vai apresentar-me aos seus amigos? — pergunto, e antes mesmo que complete a frase, ele se inclina e diz ao meu ouvido:

— Quero alguns minutos a sós em sua companhia.

Atravessamos o salão em direção às escadas por onde entrei. É neste momento que a orquestra começa a tocar. Paro onde estou, virando-me maravilhada para ver os anfitriões abrindo as festividades, sendo acompanhados de vários convidados.

— Vamos dançar! — peço, virando-me para Amaro. Parado um degrau acima, ele parece muitos metros maior do que eu.

— Daqui a pouco. Preciso lhe mostrar uma coisa antes — ele diz, e puxa-me pela mão.

A contragosto, o sigo, tentando não esbarrar nas pessoas enquanto andamos cada vez mais rápido, nos afastando da festa. Por um instante, acho que Amaro vai me puxar para o lado de fora, mas ele faz uma curva no último minuto e segue por um corredor quase invisível ao lado da escadaria.

Não há nenhum movimento ali, apenas uma série de portas fechadas. Amaro testa algumas até finalmente encontrar uma que não está trancada, e me puxa para dentro. A sala está escura, e tropeço em uma cadeira, quase caindo sentada. É Amaro quem me mantém de pé, segurando minha mão e, sem aviso, coloca-me contra a parede.

Sinto seus braços nas laterais de meu corpo, prendendo-me onde estão. Meu coração bate tão rápido que sinto que pode saltar do peito a qualquer instante. Mesmo no escuro, consigo ver seus olhos brilhando entre o desenho da máscara.

E então, ele cola os lábios nos meus.

Sua boca é doce como vinho, e molhada também, pressionando a minha por um instante, antes de investir com mais voracidade, sua língua abrindo caminho entre meus lábios. Nunca beijei ninguém antes, e certamente não de tal forma, tão intimamente. Mas recuso-me a parecer perdida, e tento seguir seu ritmo, como se soubesse exatamente o que faço.

Sinto um arrepio percorrer meu corpo, que parece vir do beijo de Amaro. É a magia das máscaras funcionando, estou certa disso. A sorte, tão necessária, está finalmente caindo sobre nós. Abraço Amaro pelo pescoço, perguntando-me se sente o mesmo.

Aparentemente, sim. Amaro pressiona o corpo contra o meu, suas mãos percorrendo meus ombros, meus braços, meus cabelos. Sinto as tranças se desfazendo, e meu primeiro instinto é proteger o penteado, mas não consigo me mover; Amaro está em todo o meu corpo, prendendo-me por todos os lados.

Sem descolar os lábios dos meus, ele inclina o corpo e põe as mãos na parte traseira de minhas coxas, erguendo-me no ar por um instante. Solto um gritinho baixo com o susto, mas Amaro não para. Sua boca beija meu pescoço e desce até estar perigosamente perto do decote, enquanto suas mãos puxam a saia e as anáguas para cima em uma exploração ansiosa e indecorosa.

— Amaro, o que está fazendo? — pergunto, tentando em vão controlar suas mãos. Ele é mais forte do que eu, e nada do que eu faça tem qualquer resultado.

— Relaxe, meu amor! — ele sussurra, sem olhar para mim. — Estou apenas com saudades.

— Amaro! — insisto, apertando as mãos em torno de seus pulsos. — Pare, não devemos...

— Thereza, querida... — Ele para, de repente, e então me beija de maneira mais suave. — Acaso não me ama?

— Amo, mas...

— Então seja minha, Thereza. Seja minha.

Não posso negar nada a Amaro quando me pede tão suavemente. Assinto, pressionando os lábios para conter a insegurança, e tento relaxar enquanto

ele toca partes de mim sem qualquer tipo de decoro. Ouço quando desabotoa as calças e fecho os olhos para não ver sua nudez.

Amaro invade minhas saias e meu corpo, pressionando-me contra a parede, sem nunca olhar em meus olhos. Alguma parte de mim diz que estou cometendo um pecado gravíssimo, mas lembro-me de que amo Amaro e que iremos nos casar. Quero ser dele de corpo e alma. É apenas uma prova de amor, mais uma dentre as muitas que pretendo dar a ele.

— Quem está aí? — uma voz forte e rouca ordena, e então, a porta se abre.

O mesmo homem que tentou bloquear minha entrada é que nos surpreende agora. Ele entra carregando um candelabro, e a luz das velas é tão intensa e repentina na sala escura que machuca meus olhos, e preciso cobri-los com a mão. Amaro solta-me imediatamente, recuando alguns passos e rapidamente ficando de costas, mas tudo que consigo fazer é ficar onde estou, respirando fundo, sentindo-me mais exposta e envergonhada do que jamais me senti na vida.

— Não podem ficar aqui — ele rosna, seu olhar pesando exclusivamente sobre mim. — Se não se retirarem, serei obrigado a chamar os guardas.

— Não será necessário! — Amaro abre um sorriso gentil, e põe uma mão sobre o ombro do homem. — Como é mesmo seu nome, senhor?

— Gomes.

— Senhor Gomes, é apenas um mal-entendido...

Amaro puxa o tal Gomes até o outro canto da sala e ambos dão as costas para mim. Eles falam baixo demais para que eu consiga distinguir as palavras, mas vejo algo ser passado de mão em mão. Então eles se viram, e o homem anda na minha direção.

— Vamos, moça, vou acompanhá-la até a saída — ele diz, apontando para a porta.

— O quê? — Minha voz sai em um grito histérico, e olho dele para Amaro, completamente em choque. — Não irei a lugar algum!

— Esta festa é somente para convidados — ele diz, num tom mais irritado do que o que usou quando cheguei.

— Mas fui convidada! Amaro! — Viro-me para ele, cuja expressão despreocupada é apenas parcialmente visível sob a máscara. — Diga a ele! Tenho tanto direito de estar aqui quanto o restante deles!

— Pode esperar lá fora, por favor? — Amaro pede, dirigindo-se a Gomes. Ele assente brevemente e sai, deixando as velas para que possamos enxergar.

Amaro se aproxima de mim e passa uma mão sobre meus cabelos. Há algo em seus olhos que não consigo decifrar, um tipo estranho de humor. Estou prestes a protestar novamente quando ele diz:

— Seja uma boa menina e volte para casa. — Sua voz é suave, e me tranquiliza. — Não queremos arranjar mais problemas, queremos?

— Mas o baile...

— Thereza, por favor — ele diz, mais sério agora. — O cocheiro irá levá-la de volta. Não discuta.

Abaixo a cabeça e, por fim, concordo. Amaro me solta, e então abre a porta para mim. Antes de sair, porém, ergo os olhos e o encaro.

— As máscaras deveriam nos trazer sorte — digo, em voz baixa. Este certamente não era o desfecho que havia imaginado para esta noite, e decerto não me sinto nem um pouco afortunada.

Mas Amaro sorri.

— Ah, minha bela Thereza, e quanta sorte trouxeram! — responde, antes que Gomes ponha uma mão em meu ombro e me leve para longe dali.



Sinto todos os olhos sobre mim enquanto sou levada para fora como uma criminosa. Dou graças a Deus por ter uma máscara cobrindo meu rosto,

impedindo que saibam minha identidade. Os mexeriqueiros podem falar o quanto quiserem, se não souberem quem sou.

Quando imaginei ser o centro das atenções nesta noite, nunca foi desta forma. Sonhei com um pedido de casamento, com Amaro ajoelhado em frente às centenas de pessoas no baile, um anel exuberante em meu dedo. Trocaríamos um beijo rápido para selar a união e garantir que a magia das máscaras funcionasse.

Mas em vez disso, cá estou, sendo expulsa da festa a que tive tanto trabalho para comparecer, vendo o maldito cocheiro rir de deboche quando me avista. Não consigo entender o que deu errado. Deveríamos ter sorte, Amaro, eu, em tudo que tentássemos depois do beijo. A menos que...

A menos que aquela charlatã tenha me enganado, e as máscaras não sejam enfeitiçadas coisíssima nenhuma. É claro! Que tola eu fui em acreditar nas palavras de alguém que vive de enganações. E quão fácil foi ludibriar-me, tão ansiosa estava por algo que solucionasse meus problemas. Nunca houve encanto. São apenas máscaras.

Sacolejo durante todo o caminho de volta e, quando a carruagem para no ponto exato onde nos encontramos mais cedo, desço sem esperar ajuda. Saio em disparada de volta para casa, ansiosa por dar este dia por encerrado. Amanhã, penso, escreverei a Amaro e tudo se resolverá. Com ou sem magia, sei que ficaremos juntos. É o nosso destino. Nada mudará isso.

Estou a poucos metros de casa quando percebo que algo está errado. Não sei precisar as horas, mas sei que já está tarde — tarde o suficiente para que meus pais estejam na cama. Contudo, ainda há luz vindo das janelas. Uma sensação gelada de terror invade meu estômago aos poucos. Será muito mais difícil entrar às escondidas em casa se ainda houver alguém acordado, e não há a menor possibilidade de refazer minha peripécia e entrar pela janela.

Meu medo, no entanto, dura pouco, sendo substituído pelo mais completo terror quando, ao me aproximar da entrada, dou de cara com mamãe e Brígida. A primeira, andando em círculos, aos prantos, enquanto a outra tenta acalmá-la silenciosamente.

É Brígida quem me vê primeiro. Ela cobre a boca por um segundo e, então, em um grito estridente, diz:

— Mamãe, é ela!

Nossa mãe olha em volta, completamente perdida, antes de encontrar-me. Quando o faz, corre em minha direção. Por um momento, acho que vai abraçar-me, mas, fosse mesmo essa sua intenção, ela desiste assim que chega perto de mim. Parada em minha frente, vejo suas lágrimas e seu desespero aos poucos se transformando na mais completa fúria.

— Tu foste ao baile! — exclama, em um misto de raiva e choque. — Cá estava eu, preocupada que tivesses morrido, e tu estavas em um baile ao qual a proibi de ir!

— Mamãe, eu... — começo a dizer, sem nem mesmo saber que desculpa dar. Não estava preparada para isso.

— Basta! — Ela ergue a mão, e, temendo um tapa, encolho-me. Contudo, mamãe jamais chega a tocar em mim. Ela respira fundo. — Para o teu quarto, agora. Depois conversaremos. Tu não sairás de lá por muito tempo — completa.

Sem saber se estou aliviada ou não, abaixo a cabeça e entro. Quando passo por Brígida, busco nela um olhar de solidariedade, mas tudo que minha irmã faz é virar o rosto para mim.

— Foste atrás dele, não foste? Do tal Amaro?

Logo cedo no domingo, já sou bombardeada com perguntas. Mamãe não permitiu que eu saísse do quarto nem ao menos para fazer o desjejum, e agora anda de um lado para o outro em frente à minha cama, como se estivesse irritada demais para conseguir ficar parada, enquanto eu permaneço sentada na cama, encarando uma velha mancha esbranquiçada na saia de meu vestido.

Suspiro. Que sentido há em mentir quando já fui pega?

— Sim. Fui ao baile a convite dele — respondo, mantendo a voz e a cabeça baixas.

— *A convite dele ?* — mamãe repete, parecendo, se é que tal coisa é possível, ainda mais enfurecida. — Então tu e ele têm se encontrado? Há quanto tempo isso vem acontecendo? Eu disse que não a queria misturada com essa gente, Thereza, eu disse!

— Ele me ama, mamãe! — Levanto-me num salto, assustando-a e fazendo-a finalmente parar de andar. — Nós nos amamos! Amaro quer se casar comigo. O que de tão errado há nisso?

— Acaso é isso que disseste o gajo? Que a ama? — Ela solta um riso debochado, fazendo-me corar. — E tu, é claro, acreditaste.

— Leia as cartas! — Em um último ato de desespero, abaixo-me e puxo a caixa onde guardo nossas correspondências. — Leia-as, não me importo. Amaro me ama, e iremos nos casar. Teríamos ficado noivos ontem mesmo, se...

Minha voz morre, e mamãe me encara, aguardando. Não consigo terminar. O que posso dizer? Se não tivéssemos sido interrompidos? Se tivéssemos

tido mais tempo? Se eu não tivesse sido expulsa do baile? Não há maneira de apresentar o ocorrido sem que me envolva em mais problemas.

Meu silêncio é o bastante para ela, e mamãe cruza os braços em uma expressão de vitória.

— Que bom que nem mesmo tu te enganas com tuas mentiras, Thereza. — Ela balança a cabeça e me dá as costas, indo para a porta. — No fundo, sabes que estou certa.

E sai, trancando a porta atrás de si.



Passo os próximos dias trancafiada sem ter permissão para sair, fazendo todas as refeições em meu próprio quarto. Rabisco incontáveis cartas para Amaro que nunca veem a luz do dia, já que, para meu desespero, nunca é Joana ou Brígida que vem trazer minha comida; é sempre mamãe, e Amaro é assunto proibido perto dela.

Fico impaciente, à espera de uma brecha que me permita enviar meus recados sem ser pega, ou de ao menos perguntar sobre as cartas de Amaro que não estou recebendo. Quantas já terão sido? Ao menos duas. Não passamos um dia sequer sem nos corresponder nas últimas semanas. Amaro decerto está preocupado.

Mas mamãe está inflexível, e não é até a tarde do terceiro dia de reclusão que a oportunidade aparece. Há uma batida suave na porta e estou pronta para mais uma rodada de silêncios constrangedores com minha mãe quando, para minha surpresa, Brígida entra. Desde a nossa briga, antes do baile, não tivemos oportunidade de conversar. Não é até vê-la que percebo o quanto senti falta de minha irmãzinha.

Ela entra e fecha a porta muito lentamente, para não fazer barulho; acho que não tem permissão para estar aqui, o que só faz com que eu a ame ainda mais por ter vindo. Há alguma coisa em suas mãos que não consigo ver, pois ela as esconde rapidamente atrás do corpo. Então se aproxima, andando com os ombros curvados e a cabeça baixa.

— Olá — digo baixinho, apenas para quebrar o silêncio. Brígida e eu discutimos várias vezes ao longo da vida, mas nunca brigamos. Nunca passamos tantos dias sem nos falar. Não faço ideia de como remendar a situação agora.

— Olá — ela responde, timidamente, parando no meio do caminho entre a porta e minha cama. Fico esperando que ela se aproxime e sente, mas é como se houvesse muito mais do que alguns passos de distância entre nós duas.

Silêncio. Esta parece ser a regra de convivência comigo nesta casa. Decido tomar a iniciativa da conversa, e respiro fundo antes de dizer:

— Por que não se senta?

Ao mesmo tempo em que Brígida diz:

— Há algo que você precisa saber.

Calamo-nos novamente, uma encarando a outra. Brígida desvia o olhar primeiro e coloca as mãos na frente do corpo, apertando um papel entre elas.

— Brígida? — pergunto, então, curiosa. — O que é?

Ela hesita por mais um segundo, torcendo o nariz enquanto gira o papel entre os dedos rapidamente. Finalmente vem em minha direção, suas pernas longas cobrindo a distância em apenas duas passadas.

— Amaro... — ela começa, mas sua voz morre, como se não soubesse como continuar. A simples menção ao seu nome já me coloca de pé, o coração acelerado de ansiedade.

— Ele escreveu? Oh, meu deus, eu sabia! Deve estar tão preocupado! Deixe-me ler! — Avanço em sua direção, mas Brígida dá um passo para trás, segurando o papel fora de meu alcance.

— Não, Thereza, espere — ela diz, erguendo uma mão para me parar. — Não é nada disso.

— Então o que é? — pergunto, impaciente com todo aquele mistério.

— Amaro... está noivo.

Brígida fala as últimas palavras tão baixo que, por um momento, não tenho certeza se realmente as ouvi. Mas a expressão de pena em seu rosto basta para que eu saiba que são verdadeiras, o que só pode significar que minha irmãzinha ou enlouqueceu, ou está completamente equivocada. Como Amaro está noivo, se fui expulsa do baile antes que o pedido pudesse ser feito?

Ela me entrega o papel e, então, descubro ser um recorte de jornal. É pequeno, provavelmente tirado de alguma coluna social. Nele, lê-se que Amaro Velho da Silva Filho, herdeiro do Barão de Macaé, ficou noivo de Maria Eulália Gama Freitas Berquó, filha do Marquês de Cantagalo, durante o Baile de Máscaras do último dia 21.

Em um único parágrafo, meu mundo inteiro se desfaz. Então, desmaio.

Volto a mim e encontro uma Brígida desesperada dando tapinhas suaves em meu rosto, enquanto chama meu nome. Ela suspira de alívio quando abro os olhos, e percebo que estou em seus braços, ambas caídas no chão.

— Por Deus, Thereza, quase me matou de susto! — ela exclama, deixando escapar uma lágrima.

— Eu não... — Levo alguns segundos para entender o que está acontecendo. E então, tudo retorna de uma vez: o baile. O castigo. Brígida. O jornal.

Amaro.

— Não! — grito, tentando me colocar de pé. Ainda estou muito zonga e estabonada, e acabo apenas cambaleando e caindo de joelhos no chão. — Não, não pode estar certo!

— Thereza, acalme-se...

— Não, Brígida, não! — Viro-me para ela, e o choro sai incontido, formando soluços no fundo de minha garganta. — Nós nos amamos! Isso não pode estar certo, ele não pode estar noivo, ele me ama...

Engasgo em minhas lágrimas, relendo o pequeno parágrafo incontáveis vezes, tentando encontrar algum sentido nas palavras. Penso ter morrido e este ser meu inferno particular — é a única explicação para que tal absurdo esteja acontecendo.

— Este jornal está errado — insisto, então respirando fundo. — Talvez tenha sido outro rapaz, e confundiram os nomes.

— Não há equívoco algum — Brígida diz, suavemente. Ela tenta colocar uma mão em meu ombro, mas me retraio. — Papai mesmo confirmou, ele tem negócios com o Marquês. O pedido já havia sido feito à família, o

anúncio no baile foi apenas uma formalidade. — Ela faz uma pausa e morde o lábio inferior. — Eles já estavam noivos, Thereza. Eu sinto muito.

— Então por que me mandou todas aquelas cartas? — digo, histérica. Esfrego o rosto e corro os dedos pela cabeça, agarrando os fios de cabelo com força como se pudesse, de alguma forma, tirar de dentro de mim aqueles pensamentos absurdos. — Por que marcar um encontro comigo, se havia outra? Ele queria *me ver* ! Por que outro motivo correr tal risco se não por amor?

— Talvez... — ela começa a dizer, mas em meus devaneios, eu a interrompo.

— E nós *nos beijamos* , Brígida! — exclamo, ainda mais alto, as lágrimas ofuscando cada vez mais minha visão. — Nós nos beijamos, exatamente como pedia o feitiço das máscaras, e devíamos ter sorte, Brígida, sorte juntos! Devíamos nos casar e sermos felizes porque eu o amo, e eu sei, eu *sei* que Amaro também me ama!

Cubro a boca com a mão para impedir-me de dizer mais do que devo. Se Brígida — ou pior, se mamãe — descobrir o que aconteceu entre mim e Amaro naquele baile, estarei desgraçada. Rasgo o jornal em dezenas de pedaços minúsculos, e, quando termino, estou tão enfurecida que ponho-me a rasgar o tecido de meu vestido também. Só consigo gritar e chorar, minha mente completamente perdida em pensamentos incoerentes.

— Thereza... — Minha irmã se aproxima e coloca os braços em volta do meu corpo. Sem saber o que mais posso fazer, aceito seu alento e choro até meu coração secar.



Brígida só deixa o quarto horas mais tarde. Fui posta na cama, trocada e amparada até que estivesse exausta demais para chorar ou falar.

Mamãe entra pouco depois para trazer o jantar, e se ouviu ou soube da cena que se desenrolou aqui algumas horas antes, não dá qualquer indício. Coloca a bandeja de comida sobre a mesa de cabeceira e sai sem dizer uma única palavra.

Olho para a comida, mas não tenho a menor vontade de provar. Parece-me simples demais, mundano demais, fazer algo tão banal, quanto me alimentar, quando meu mundo está caindo — e qual seria o propósito? Para que continuar vivendo normalmente se todos os meus sonhos estão acabados?

Não como, nem durmo. Permaneço sentada, exatamente na mesma posição, por horas, pensando. Então, abaixo-me e pego a caixa onde escondi nossas cartas, relendo-as sem parar, tentando encontrar nelas indícios de que aquilo aconteceria. Não há nenhum. Vejo promessas escondidas em nossos códigos, juras silenciosas. Vejo futuro.

Em que momento nós nos perdemos?

Ali, em meio às cartas, encontro a máscara branca que usei no baile. Seguro-a, meus polegares traçando o padrão intrincado de metal que a compõe, pensando no que a charlatã me disse naquele dia, na Rua do Ouvidor, tantas vidas antes.

“Se, contudo, não houver amor de ambas as partes, o efeito será reverso.”

Eu estava tão certa naquele dia, tão absolutamente convencida de meus sentimentos por Amaro que sequer hesitei. *É amor verdadeiro*, garanti. Mas talvez, penso agora, talvez estivesse falando apenas de minha parte, pois sempre soube que o amava. Jamais considerei que tal sentimento fosse menos do que recíproco.

“O destino irá voltar-se contra vocês.”

Seria esse o caso?

Não. Chacoalho a cabeça, soltando a máscara sobre a cama. Não pode ser; Amaro me ama. É tudo um grande engano. Talvez ele esteja neste exato momento em seu quarto, tão desolado quanto eu, mas incapaz de mudar seu destino. Talvez tenha sido forçado ao noivado por sua família, que jamais aceitaria a filha de um mercador como nora. Talvez ele esteja apenas esperando que eu vá ao seu encontro.

A decisão vem rápida e certa e, em um minuto, estou de pé.

Vou até Amaro e salvarei nosso amor.

É imensamente mais fácil escapular pela janela agora que não estou preocupada em manter-me aseada e sem usar um espartilho. Já é meio da madrugada quando passo as pernas para fora da janela e salto, caindo de joelhos no chão.

Levanto-me apressada, mal batendo as mãos na saia para espanar um pouco da sujeira antes de começar a andar. De minha casa até a residência do Barão é uma longa caminhada, e pretendo voltar antes que o sol nasça. Espero ter mais sorte desta vez.

Não sei que força me compele a seguir em frente, exausta como estou. As longas horas sem comer, enfim, provam-se uma má ideia, e sinto minhas pernas fraquejarem. Ainda assim, continuo. Passo ante passo, aventurando-me pelas ruas desertas e escuras da cidade em direção ao meu amado. Meu Amaro.

Nunca estive na casa de Amaro, mas já passei em frente a ela diversas vezes desde que nos conhecemos, por acaso ou de propósito, desviando o caminho durante meus passeios com Brígida na esperança de ter algum vislumbre dele. Nunca tive sorte, mas isso não me impedia de tentar.

Minhas pernas ardem com o esforço quando finalmente chego ao meu destino. Amaro vive em um sobrado recém-construído, novo o bastante para que suas paredes brancas não estejam sujas com a poeira das ruas. A casa está às escuras, como era de se esperar, e paro por um segundo, respirando fundo, perguntando-me o que farei agora.

Circulo a casa, testando as janelas do térreo na esperança de que alguma esteja aberta, mesmo consciente de que sou completamente incapaz de escalá-las caso dê sorte. Não há uma única brecha. Texto a porta da frente, só por garantia, e ela obviamente não cede. Então, decido tentar a porta dos fundos.

Ela se abre com facilidade.

A sorte prometida enfim se concretizando. Entro.

Sei que estou na cozinha mais pelos cheiros do que pela visão. Há um aroma inconfundível de gordura e lenha queimada no ar, e abençoada pela luz da lua, consigo identificar um fogão, uma mesa bem diante da porta e alguns utensílios. Tateio até encontrar velas, fósforos e um copo que me sirva de castiçal. Saio então em busca de Amaro.

É estranho caminhar pela casa dos Velho da Silva assim, às escondidas. Passo metade do tempo imaginando como será a casa à luz do dia, e a outra metade temendo ser pega. Passo pela sala sem demorar-me e subo as escadas, todos os sons de uma casa adormecida parecendo gritar aos meus ouvidos. Há roncões e respirações, e os leves estalares de madeira. Há grilos em algum lugar, e o som do vento nas janelas. Meus passos parecem pesados demais, altos demais, mas ninguém surge das sombras para me flagrar.

Há quatro portas no andar superior da casa. Pelo som alto de roncões, presumo que a porta no extremo esquerdo do corredor, logo ao lado da escada, pertença ao Barão e à Baronesa. Sigo para a direita, testando as portas seguintes. Duas delas estão trancadas, mas a terceira e última do corredor se abre.

Sou recebida por uma brisa fria tão logo entro e fecho a porta cuidadosamente atrás de mim. A janela está aberta, fazendo as cortinas dançarem e a chama de minha vela oscilar. Por um instante, apenas olho em volta. O quarto de Amaro não é muito maior que o meu, mas melhor mobiliado; há um imenso tapete felpudo no chão, e um espelho largo de corpo inteiro ao lado da cômoda. A cama onde ele dorme serenamente também é maior que a minha. Há uma mesa de cabeceira onde repouso a vela, ao lado de uma pequena pilha de cartas sob um abridor afiado e, para a minha surpresa, da máscara preta que dei a ele antes do baile.

Amaro não percebe minha presença. Mesmo dormindo, ele é lindo — os traços, suaves, o cabelo, ainda mais pálido sob a luz da vela. Lembro-me da forma como ele me tocou naquela noite, e das cartas que trocamos. E então,

lembro-me da nota no jornal. Como pode ser verdade? Como posso acreditar que duas realidades tão diferentes possam coexistir?

— Amaro — chamo, baixinho, chacoalhando-o pelo ombro. — Amaro, acorde.

Ele mexe a cabeça, incomodado, e preciso balançá-lo mais algumas vezes antes que abra os olhos. Quando o faz, toma um susto tão grande que quase me empurra para fora da cama.

— Thereza? — Ele esfrega os olhos, e então os esbugalha para mim. — O que está fazendo aqui?

— Desculpe vir aqui desse jeito — digo, sentindo as lágrimas brotarem, incontroláveis —, mas ouvi tantas mentiras hoje, e não pude controlar-me. Estão tentando nos afastar, e não podia permitir. — Passo a mão levemente por seu rosto, a aspereza da barba começando a crescer fazendo cócegas sob meus dedos. — Só preciso que diga que me ama. Diga-me que nada mudou entre nós e poderei dormir em paz.

— Dizer que... — Ele para, e então se senta de maneira brusca, atirando as cobertas longe.

Seu peito está nu, choco-me por um segundo, mas não mais do que com sua atitude a seguir. Amaro se levanta e, sem rodeios, pega-me pelo braço e me puxa em direção à porta.

— Não devia estar aqui, Thereza. Ande, saia — diz, e longe de ser o Amaro gentil e doce que conheço, ele soa rude e descortês. A surpresa faz com que eu me deixe levar por alguns segundos, até que dou por mim e liberto meu braço, andando para longe da porta.

— Me desculpe ter vindo assim. Eu não devia ter acreditado, eu sei! Sei que você me ama, mas todas estas histórias... — exclamo, num tom alto demais para uma conversa às escondidas no meio da noite. Amaro põe a mão sobre minha boca de maneira bruta.

— Fale baixo! O que está pensando? Vai acordar a casa inteira! — Ele espera para ver se vou começar a gritar, e então me solta. — Do que diabos está falando?

— Do noivado com a filha do Marquês — digo, num sussurro alto. Meu coração bate tão rápido que sinto falta de ar. — É mentira, não é?

Por um segundo, Amaro apenas me olha. E, então, desata a rir.

Ele cobre a boca para abafar o som, mas está rindo, os olhos se estreitando pelo esforço em conter as gargalhadas. Quando finalmente se controla, abre um enorme sorriso, diferente de tudo que já vi.

— Meu deus! — exclama, baixinho. Então respira fundo e põe uma mão no peito. — Desculpe desapontá-la, Thereza, mas sim, estou noivo.

É como um soco. Não é possível. Olho por cima do ombro, para a porta entreaberta, procurando alguém que possa estar ouvindo nossa conversa. Por que Amaro insiste nas mentiras? Somos só eu e ele.

— Mas você disse que... — murmuro, e Amaro me interrompe.

— Eu sei o que eu disse. Mas veja por este lado: nos divertimos muito no baile, não? — Ele ergue uma sobrancelha e lança-me um olhar malicioso. — Poderíamos nos divertir ainda mais hoje, se quiser.

— Não! — digo, balançando a cabeça e me afastando um passo. — Você disse que me amava. Que iríamos nos casar. — Pauso, horrorizada. — Eu *me entreguei* a você!

— Casar? — Amaro ri. — Como se o filho do Barão de Macaé pudesse desposar a filha de um ninguém. Por favor! Homens como eu não se casam com garotas como você.

Meu coração se quebra.

— É uma pena que ninguém a tenha educado para se guardar até depois do casamento, Thereza — diz, parecendo transformar-se de anjo em demônio

diante de meus olhos —, mas homem algum se casa com mulheres que não se dão ao respeito.

É demais para mim. E, de repente, as lágrimas dão lugar a um rosnado baixo, e a tristeza, a uma fúria profunda.

Acontece de repente, tão rápido que nem sei precisar a ordem dos eventos. Em um segundo, Amaro ria de mim.

No outro, o abridor de cartas está fincado em seu olho, e ele está no chão, gritando.

O silêncio é quebrado por uma cacofonia de sons repentinos.

Primeiro, vem o grito de Amaro, alto e estridente, cortando o ar como uma lâmina. Ele cobre o olho ferido com a mão, e eu volto o abridor, que fica preso em seu rosto em um ângulo estranho. Há sangue em minhas mãos, e tomo um susto ao dar-me conta do que acabei de fazer.

Então, tropeço para trás, e topo com a mesa de cabeceira. O copo com a vela que apoiei minutos antes balança e cai, estilhaçando-se no chão. Mas a vela ainda é longa o suficiente para que a chama atinja o tapete, ateando fogo a ele em questão de segundos.

E, por fim, há o som claro de portas sendo abertas e nomes sendo chamados. Os pais de Amaro acordam e chamam os criados, e antes que eu consiga me mexer, a porta do quarto está aberta e os barões entram, registrando a cena.

— Quem é você? O que está acontecendo aqui? — rosna o Barão, ao mesmo tempo em que sua esposa grita e diz:

— Amaro! O que houve com o seu rosto?

— Sou a mulher que seu filho usou — digo, mal reconhecendo minha própria voz. — A última. Se ele não tem olhos para mim, não terá para mais ninguém.

O barão parece prestes a dizer alguma coisa, mas então os dois se distraem momentaneamente com Amaro em meio a gritos de dor, e preciso agir rápido. Olho para os lados, para o tapete em chamas, os cacos de vidro, e para a máscara sobre a mesa de cabeceira. Pego-a sem saber bem por que, e então corro para fora, sendo seguida pelos gritos do Barão de Macaé.

Vou de encontro com criados apressados nas escadas e quase caio ao descer os degraus. Os gritos de Amaro me perseguem até quando saio pela porta

dos fundos e corro para longe, vendo vizinhos afobados colocando as cabeças para fora das janelas, tentando entender a algazarra. Não é até já estar próxima de casa que finalmente me permito respirar normalmente.

O sol já está quase nascendo, e a claridade revela o sangue em minhas mãos. Ele já está quase seco, formando uma camada da cor de ferrugem sobre minha pele.

Sangue de Amaro.

Entro em casa pela porta da frente. É cedo demais para que até mesmo Joana esteja de pé. Entro em meu quarto e, exausta, desabo na cama, onde as cartas ainda estão espalhadas e a máscara branca espera para encontrar seu par.

Eu seguro ambas as máscaras, o sangue em minhas mãos manchando o metal. Mantenho-as contra o peito.



Não sei dizer quantas horas se passaram quando sou acordada por um grito. Desperto afobada, debatendo-me na cama, e encontro minha mãe, com as mãos cobrindo o rosto, olhando para mim em completo horror.

— Thereza! — ela grita, tão alto que o som parece rachar ao meio minha cabeça já dolorida. — O que fizeste, meu Deus, que fizeste?

Ela se abaixa e pega minhas mãos ensanguentadas, examinando-as de perto.

— Estás ferida? Te machucaste? — Mamãe faz movimentos bruscos, fazendo meus músculos doerem. — Fale comigo, Thereza!

— Não estou ferida! — Puxo as mãos de volta e cruzo os braços, tentando esconder o sangue.

— Então de onde veio todo este sangue? — Mamãe se levanta, os olhos me estudando de cima abaixo. — E toda esta terra? Como estás suja assim, se não saíste do quarto?

Não tenho tempo de responder. Joana entra logo em seguida, cabeça baixa como sempre, e diz:

— Senhora, tem um homem querendo falar com a senhora.

Mamãe olha de mim para ela, a boca abrindo e fechando como um peixe e, após uma breve hesitação, respira fundo e sai, com Joana em seu encalço.

Levanto-me e arrisco abrir a porta para tentar escutar. Felizmente, as vozes são altas e a casa, pequena.

— ...no meio da noite e atacou meu filho com um abridor de cartas! — diz uma voz masculina, que reconheço na hora e faz meu sangue gelar. — Um abridor de cartas!

— Mas que absurdo! — ouço mamãe dizer. — Thereza jamais faria algo do tipo!

— Pois fez! Meu filho perdeu um olho por causa dela! Exijo justiça!

— Joana! — mamãe grita, um tom mais alto. — Traga Thereza, imediatamente!

Passos, e então a porta se abre, lançando-me para trás. Joana apressa-se em ajudar-me a ficar de pé, e nem precisa dizer nada antes que sigamos para a sala, onde encontro mamãe e o Barão a travarem uma batalha silenciosa de olhares.

— Aí está! — diz o Barão, quando me vê — Ainda tem o sangue de meu filho nas mãos!

— Thereza — mamãe o ignora, voltando-se para mim. — Este homem a acusou de ferir o filho dele. É verdade?

Hesito. Olho de mamãe para o Barão, e, por um instante, considero mentir.

Mas não. Estou farta de mentiras.

— É verdade. — Ergo a cabeça e endireito a postura. — Estive em sua casa, e apunhalei seu filho com um abridor de cartas. Quer saber por quê?

Aproximo-me um passo, e o barão recua. O medo em seus olhos parece acender um novo fogo dentro de mim.

— Seu filho é um porco mentiroso — brado, apontando um dedo em sua direção. — Ele me enganou e tirou proveito de mim. Fingiu que me amava e me usou. — Minha voz sobe a cada palavra, e o barão parece encolher diante de meus olhos. — E eu *acreditei* !

Desato a rir, um riso desprovido de humor que se perde em lágrimas, bem quando pensei que já não conseguiria mais chorar. Esfrego as mãos nos olhos com violência, esquecendo-me por um segundo do sangue seco que ainda as cobre, e que agora devem deixar o que imagino ser um rastro vermelho em meu rosto.

— Está vendo? — digo, mostrando-lhe minhas mãos manchadas. Me parece poético, de alguma forma, ter o sangue dos olhos de Amaro em meus olhos, e rio ainda mais, incontrolavelmente. — E se quer saber, não me arrependo de *nada* .

— Thereza... — mamãe tenta intervir, colocando uma mão em meu ombro, mas eu me desvio dela, o riso aos poucos morrendo.

— Faria tudo de novo — digo, mais séria agora, olhando para o barão —, pois seu filho mereceu, por ter mentido e se aproveitado de mim. A única coisa de que me arrependo é de não ter lhe arrancado ambos os olhos.

Ele abre a boca, horrorizado, mas nada diz por pelo menos um minuto. Seu rosto se avermelha como um tomate, até que finalmente parece recobrar a

compostura e pigarreia.

— Isso não acabou aqui, senhorita.

Ele sai, e volto meu olhar para mamãe. Não é sobre ela, no entanto, que recaem minhas atenções, e sim sobre Brígida, que em algum momento adentrou a sala, e agora olha para mim como se não me reconhecesse. O choque em seus olhos é pior que qualquer castigo que eu possa receber.

— Volte para o quarto! — mamãe diz, a voz desprovida de qualquer emoção.

Não ousou encará-la, ou Brígida ou até mesmo Joana. Abaixo a cabeça, olhando apenas para os meus próprios pés imundos.

O dia passa em um borrão. Joana leva-me para o quarto de banho naquela tarde, onde esfrega meus dedos até que o vermelho seja de irritação, e não de sangue seco. A água da tina fica marrom-avermelhada quando saio. Então sou trancafiada novamente, desta vez sem a menor vontade de fugir, até que Joana entre novamente com uma mala.

— Para que trouxe isto? — pergunto, vendo-a abrir a mala a um canto e abrir minhas gavetas.

— A sinhá mandou — é tudo que diz, trabalhando rápida e eficientemente enquanto dobra minhas roupas e as coloca na mala.

— Para onde estamos indo? — Aproximo-me, tentando encontrar seu olhar, mas Joana se desvia habilmente, sem interromper seu trabalho.

— Não sei, dona Thereza — responde, e continua a dobrar meus vestidos.

Observo calada, dividida entre sair e procurar respostas ou esperar para ver o que vai acontecer.

Quando termina, Joana deixa a mala a um canto do quarto e sai sem dizer uma palavra. Vejo a tarde virar noite, e a ansiedade me corrói a ponto de me fazer andar em círculos pelo quarto, numa fraca imitação de mamãe. A falta de notícias me dá vontade de gritar. Até que, por fim, a porta se abre novamente.

É mamãe, trazendo o jantar. Ela entra, a expressão fechada e fria, e está prestes a pousar a bandeja sobre a mesa de cabeceira quando vê o par de máscaras. Dá meia volta e coloca meu jantar sobre a cômoda. Seus olhos pausam brevemente sobre a mala pronta antes de voltarem-se para mim, mas não por muito tempo; percebo que, tal qual Joana, ela também evita encarar-me diretamente.

— Para onde estamos indo? — pergunto, sedenta por respostas.

— Nós não iremos a lugar algum — diz, calmamente, olhando para o chão.
— Tu vais.

Minha voz morre e, por pelo menos um minuto inteiro, não há nada além de uma nuvem maciça de silêncio sobre nós. Quando mamãe volta a falar, é com um misto de pesar e desapontamento que parte meu coração.

— Tu vais voltar para Portugal — diz, cruzando as mãos em frente ao corpo. — Teu pai arranjou com um marinheiro conhecido. Vais voltar a Lisboa no navio que parte amanhã.

— Mas onde eu... — começo a perguntar, e mamãe me interrompe.

— Vais ficar em um convento — responde, para meu completo horror. — O mesmo onde tua tia, minha irmã, está. Cuidarão bem de ti por lá. Quem sabe possas arrepender-te de teus pecados.

— Não pode fazer isso! — exclamo, e jogo-me aos seus pés. — Mamãe, por favor!

— Será melhor assim, Thereza. — Ela se afasta antes que eu consiga tocá-la, indo em direção à porta. — Agora coma e tentes dormir. O navio parte cedo amanhã.

— E Brígida? Deixe-me ao menos dizer adeus!

Mamãe hesita à porta e, por um instante, acho que vai virar e olhar para mim. Por favor, penso, apenas olhe para mim. Mas ela não se vira, e quando responde, soa distante e infeliz.

— Tente dormir. A viagem será longa.

Então sai, fechando a porta e trancando-me novamente com os meus demônios.



É Joana quem me acorda no dia seguinte. Ela me apressa e me dá de comer, me veste e carrega minha mala enquanto expulsa-me de meu próprio quarto. Estamos quase saindo quando, por impulso, volto e busco o par de máscaras.

Parece-me errado deixá-las para trás. Com ou sem feitiço, são um marco de tudo que aconteceu. Sem elas, sem este maldito baile, talvez nunca tivesse descoberto a verdade sobre Amaro. Meu coração dói só de pensar em seu nome, e acalento-me em pensar que o destino está sendo tão cruel com ele quanto comigo. Posso perder a liberdade, mas a vida de Amaro nunca mais será a mesma. Assegurei-me disto.

A casa está silenciosa e o dia mal amanheceu. Encontro meus pais na sala, ambos com olhares soturnos e cansados, e ambos evitando olhar para mim. Penso em dizer alguma coisa, em apelar de alguma forma para tentar fazê-los mudar de ideia, mas sei que é inútil. Não há mais nada a ser feito se não me conformar.

Eles me acompanham porta afora. A única despedida que recebo de Joana é um breve aceno de cabeça. As lágrimas sufocam meu peito, mas não choro. Em vez disso, olho para trás por apenas um segundo, tempo o suficiente para ver Brígida na janela, olhando para mim.

Ela acena, tentando sorrir e falhando miseravelmente. Eu aceno de volta.

Agora, posso partir em paz.



Amor roubado

Joana Lancaster

Janeiro de 1858, em algum lugar do Rio Sena

“Pirata, dou-lhe um mês. E agradeça minha beneficência! Sou diariamente perseguido pelo desejo de arruinar-me em meio às máscaras. Encontro-me no limite da sanidade, mas não sou tolo. Pouco me importa se encontrou uma delas, nosso acordo continua o mesmo: meu ouro só será seu quando entregares toda a encomenda. Não me faça esperar, caso contrário, aguarde pela visita dos homens do Rei. Nutro a certeza de que possuem vários assuntos pendentes para resolver”. (Para Robert Lancaster, de um misterioso Lorde Português)

Não me surpreende encontrá-lo na galeria privativa da embarcação. Desde que roubamos a famosa Máscara Preta — uma relíquia amaldiçoada que modificou a história de dezenas de gerações de amantes infelizes — papai não consegue tirar os olhos de seu mais novo tesouro. Tem consciência de que sem o outro par, a Máscara Branca, não teremos sucesso nessa missão — o que significa esforços vãos e milhares de baús de ouro perdidos. Contudo, é nítido o quanto ele está enfeitiçado pelo objeto e por tudo que ele significa. Riqueza, poder e, principalmente, a esperança de um novo futuro.

— O senhor mandou me chamar? — digo, enquanto entro no aposento mal iluminado. Algumas velas estão espalhadas pelo ambiente, assim como sofás, mapas, jogos de carta e garrafas de rum. O único sinal de que estamos cortando o mar é a brisa fria e salgada que brinca com as pontas do meu cabelo.

Apesar da luz escassa, consigo ver com nitidez o local onde a Máscara está. Uma caixa de vidro protege o objeto, que reflete a chama das velas ao seu

redor. O metal lustroso brilha como ébano e — como o canto de uma sereia — clama para ser tocada, usada e adorada.

— Chamei-a para comemorar — meu pai responde, com sua típica voz rouca amolecida por algumas doses de rum, afastando meus pensamentos. Caminho até estarmos parados lado a lado. Ele segura minha mão em reconhecimento, mas não deixa de fitar a máscara nem por um instante. — Finalmente recebemos uma pista do paradeiro da Máscara Branca. Uma pista tão palpável que consigo nos imaginar longe do mar, em uma rotina cômoda e segura. Finalmente, minha pequena Joana, poderemos recuperar a dignidade que nos foi tirada.

Não existe dignidade em uma vida longe do mar. Meu pai sabe disso tanto quanto eu, mas prefere acreditar no impossível do que aceitar o fato de que não somos mais donos do nosso próprio destino.

Navegar, primeiro como piratas e depois como corsários, é tudo o que somos. Meu pai, que vem de uma distinta linhagem de piratas, viveu mais tempo nas águas do que em terra. Enquanto eu, desde a morte de minha mãe quinze anos atrás, também escolhi fazer dessa herança familiar o meu próprio legado. Mas quem é que poderia imaginar que o Rei da França, em toda a sua glória por ter vencido a Guerra da Crimeia, assinaria um tratado extinguindo nossas profissões? Será que em algum momento *Nossa Alteza* pensou no que aconteceria com os milhares de corsários que trabalhavam para ele? Em todos aqueles que o ajudaram a vencer a guerra enquanto saqueavam navios inimigos em nome da Coroa? *Não, é claro que não pensou. Nenhum nobre pensa na plebe que depende dele*. E agora, enquanto a paz reina no solo francês, precisamos viver no anonimato como ladrões contratados a preço de ouro.

— Você realmente consegue nos imaginar em uma rotina cômoda? — Giro o corpo e aguardo que seus olhos encontrem os meus. — Não serei estúpida ao dizer que prefiro lutar contra meu Rei e impor a vontade de voltar dois anos atrás, antes do acordo ser assinado. Mas ainda assim, vivo nesse navio desde os onze anos e o senhor há tantas décadas que nem consegue recordar a sensação de estar em terra firme. Como é que vamos nos estabelecer? Como vamos esquecer de todas as aventuras e belezas que a vida no mar nos proporcionou?

Finalmente ele desvia o olhar da máscara e me encara. Seus olhos em tom de cinza, como o mar depois de uma tempestade e exatamente da mesma cor dos meus, me fitam com pesar e amor. Ao mesmo tempo em que somos semelhantes, olhos claros e tez marcada pelos anos de exposição ao sol, também parecemos os lados opostos de uma mesma moeda, papai com seus cabelos claros e nariz aquilino e eu com longas madeixas negras e traços delicados. Mas se tem algo que compartilhamos com orgulho, e que molda quem somos, é nosso amor pela vida que levamos. E é exatamente por isso que sei que ele não está conformado com a extinção da pirataria marítima, da mesma forma que compreendo que meu pai abriria mão de qualquer coisa por mim, até mesmo do seu amado navio.

Ao deixar de lutar e aceitar o desafio de recuperar as famosas máscaras perdidas, ele realmente acredita que está fazendo o melhor para sua única e querida filha. No fundo, teme que ao continuar navegando possamos chamar a atenção da Patrulha Marítima e acabar como tantos antes de nós: enforcados ou decapitados.

— Joana, você é o meu bem mais precioso. Amo o mar e a vida que construí, mas agora nosso destino foi traçado e tudo o que podemos é nos adequar a ele — fala enquanto pega minhas mãos e as segura com força. — Nós precisamos do dinheiro que essas máscaras nos darão. Com ele teremos ouro suficiente para comprar uma boa propriedade, não apenas para nós dois, como também para todos os tripulantes que estão ao nosso serviço. Não precisamos ficar longe do mar, já conversamos sobre isso. O que precisamos é concluir essa missão e recomeçar, talvez em um braço de rio no sul da Itália, ou até mesmo nas terras remotas da Índia, região que sei que sempre quis conhecer. Piratas não lamentam, minha pequena, eles roubam, conquistam e, o mais importante, permanecem vivos.

Ele termina de falar e me encara, provavelmente para ter a certeza de que entendi o peso de suas palavras. *É preferível uma vida pacata longe do mar do que não ter uma vida*. São nesses momentos, quando me olha com o peso da sabedoria conquistada através de décadas navegando pelos mares, que recordo quem meu pai realmente é.

Roger Lancaster. Pirata, homem temido e reconhecido pelos mares e terras, mas antes disso um dos Lordes mais aclamados da França. De Nobre para

Pirata, de Pirata para Corsário, de defensor do Rei para Mercenário. *Quem é que conseguiria imaginar?* Pelo menos tudo começou com uma escolha, algo que agora foi tirado dele por nosso *querido* Rei.

Suspiro e afasto o ódio, as lamentações e o medo do futuro. Reclamar não vai me levar a lugar algum. O mundo dos piratas mudou. E em vez de remar contra a maré, preciso lutar para construir um novo futuro. Ser pirata é tudo o que sei ser. Mas carrego o sangue de homens e mulheres valentes, que mudaram o rumo da história. É claro que vou descobrir novos meios de ser feliz. Um Lancaster sempre descobre.

Deposito um beijo em cada uma de suas mãos, que permanecem unidas às minhas, e sorrio para papai. Permanecemos em silêncio, ocasionalmente encarando-nos ou correndo os olhos para a máscara ao nosso lado, até meu coração desacelerar. Quando a calmaria toma conta da minha mente, caminho em direção a lateral do cômodo e sirvo uma dose de rum. Preciso colocar minhas energias no que realmente importa: o roubo da Máscara Branca e o final de nossa última missão como mercenários do mar.

— Qual é a pista? Para onde a máscara nos levará? — Tomo um gole e a bebida aquece minhas entranhas. Apesar de estarmos no piso inferior, a brisa fria do mar ainda toca minha pele.

— A correnteza está a nosso favor, minha pequena. Vamos desembarcar exatamente onde queríamos. Paris — ele diz com um sorriso estampado na face. Trata-se do sorriso de quem tem um plano em mente e que acredita que obterá sucesso.

Não consigo esconder a surpresa. A máscara está na França? Como é que não sabíamos disso? Todos os anos passamos as festividades de carnaval em terras francesas. É um momento bom para os negócios e para renovar os ânimos dos nossos homens. Eles esperam ansiosamente por esses dias de festa, quando poderão beber, comer à vontade e deleitar-se com o flerte a belas raparigas. Ser hipócrita não me levará a lugar algum; vivi com esses marujos por tempo suficiente para saber que estão mais preocupados em encontrar uma companhia feminina do que com possíveis acordos financeiros. E eu é que não os julgarei por isso.

— Não sei se fico feliz com a notícia ou revoltada com nossa estupidez, papai. A máscara estar na França, enquanto a procuramos por mais de um ano, é uma lança que perfura meu orgulho.

Claro que passamos mais tempo no mar do que em terra firme, mas se tem um lugar no qual sempre estamos é no Porto Arsenal, em Paris. Saber que ao longo desse ano estivemos perto de concluir essa missão e falhamos por falta de informação me deixa incomodada, revoltada e pronta para fazer alguém caminhar pela prancha.

Achou que eu seria mais civilizada? Perdão por desapontá-lo, ser mulher não me faz ser menos pirata.

— Assim você fere meus sentimentos, Joana. Acredita mesmo que seria tão tolo? A máscara só chegou em Paris graças ao Sir Filipe de Bourbon. Recebi um comunicado de que ele veio do norte da Inglaterra para conhecer sua futura esposa, a filha de um lorde Francês e, como presente de casamento, trouxe junto com seu séquito a famosa Máscara Branca. Antes desse boato, todos davam o objeto como perdido. Mas o tolo apaixonado resolveu exibi-la em uma de suas recentes festas de noivado.

A lenda é que juntas — Preto e Branco, Yin e Yang, Início e Fim — as máscaras trazem aos seus amantes a promessa de um final feliz. Enquanto separadas, só geram desgraça aos que ousam amar. Então por qual motivo exibir uma única máscara na festa de noivado? Será que Bourbon é do tipo que acredita que seu sangue nobre cessará a maldição? Não tenho fé no poder dessas máscaras, mas acredito em homens seduzidos pela ganância de acabar com lendas populares para terem seus nomes em canções que perduram por gerações.

— Imagino que nossa função seja roubar a máscara em uma dessas aparições. Já sabemos os próximos eventos planejados pelo Sir? — pergunto enquanto sirvo mais duas doses de rum. Ofereço o copo para meu pai, que caminha até onde estou e vira a bebida em um único gole.

— Já não disse que a sorte está do nosso lado? Tenho quase certeza de que a próxima exibição da máscara será no Baile da Ópera desse ano. Segundo as más línguas, a noiva do Sir não participará das celebrações, preferindo

permanecer com a mãe no campo. — Ele sorri como alguém que sabe de um valioso segredo e não consigo deixar de espelhar sua expressão. — Tenho certeza de que Filipe aproveitará ao máximo suas últimas semanas como solteiro, esbaldando-se nos seios das grandes festas de Carnaval.

Ah, sim. Sei quais seios ele aproveitará .

Rio e volto meu olhar para a Máscara Preta. Se seu par for tão deslumbrante quanto essa que temos em nossa posse, não tenho dúvidas de que um homem vaidoso e exibicionista adorará o prazer de desfilá-la pelos bailes de Carnaval. Deduzo que Filipe seja tolo suficiente para fazê-lo, o que tornará minha noite de trabalho infinitamente mais prazerosa.

— Dizem que o Sir é apreciador da beleza. Por isso, e porque foi exatamente assim que me senti ao colocar meus olhos em sua mãe, tenho certeza de que ele ficará hipnotizado por seus encantos. — Enquanto ele fala um plano surge em minha mente. Um belo vestido, uma valsa proibida e terei o Sir e a máscara nas minhas mãos. — Ao olhar para você ele esquecerá da noiva, das promessas feitas e até mesmo de seu próprio nome. Ele te oferecerá a máscara de bandeja, Joana. Então não roubaremos na calada da noite e muito menos usaremos força e chantagem. Aproveitaremos o Baile da Ópera e o anonimato criado por milhares de pessoas fantasiadas para roubar o que já nos pertence.

— Propõe que eu o seduza? Que o faça confiar em mim, que o atraia com a minha beleza e então roube a máscara em seu primeiro momento de fraqueza? — digo com um sorriso nos lábios ao sustentar o olhar bem-humorado de meu pai. Ele sabe muito bem como me convencer a entrar de cabeça em um de seus planos.

Mentir é fácil, assim como enganar e tentar um homem. Mas o que me atrai é o momento do roubo, a hora quando a vítima percebe que foi enganada por seus olhos, que confiou na pessoa errada. Cansei de usar a aparência ao meu favor. Ser mulher, em meio a tantos piratas, faz qualquer garota descobrir como transformar sua beleza em vantagem. Além do mais, reconforta-me saber que uso tal artimanha para vencer a patética ideia de que nós não somos nada mais do que corpos quentes, macios e bonitos. Sou bem mais do que enxergam, sou filha de meu pai, criada nos limites de um

navio, incitada a viajar pelos mares e a desvendar os mistérios do mundo. Sou inteligente, rápida com uma espada, e habilidosa na arte de *persuasão*. Se os homens que me enfrentaram buscassem enxergar meu espírito, se tivessem visto mais do que minha aparência dócil e frágil, com certeza eles ainda estariam vivos.

— Está disposta, minha pequena? Essa será nossa última missão, a porta de acesso para um novo futuro. — Seus olhos brilham, imagino que da mesma maneira que os meus.

— Não vejo a hora de ter a Máscara Branca em minhas mãos, pai. Tenha certeza de que depois desse carnaval Filipe nunca mais me esquecerá.

Fevereiro de 1858, Paris

“L’administration des bals masqués de l’ Opéra donnera, jeudi gras 11 février, un grand bal de dominos.

L’orchestre sera conduit par M. Strauss. Vous êtes notre invité d’honneur.

Venez célébrer l’amour, la danse et rendre grâces pour la vie.” ^[1]

Atracamos em Paris a menos de dez dias do começo do Carnaval, mas já consigo sentir a cidade pulsar com a típica energia que conduz a festividade. As ruas estão mais movimentadas do que o comum e, para qualquer direção que eu olhe, vejo pessoas rindo e conversando enquanto aproveitam o brunch. Já passa do meio do dia, mas o tempo nublado permite que a luz que emana dos lustres desses pequenos estabelecimentos saia e ilumine a rua, dando a ela um tom etéreo.

Em dias normais, não acho a capital francesa um dos locais mais lindos que já conheci — a França industrial tardou a se fortalecer e a população, que pouco tempo atrás sofreu com a desigualdade e a miséria, deixou de investir força e dinheiro em sua cidade. Mas agora, superando as adversidades, Paris passou a pulsar vida e a esbanjar uma beleza em ascensão que conquista até os corações mais descrentes.

Atento-me ao brilho fraco da luz artificial, o cheiro de café que domina a calçada, os belos vestidos que ondulam e as flores que decoram os canteiros. Admiro a rua como alguém que vê, não pela primeira vez, uma obra de arte. O quadro pintado é tão perfeito que uma sensação de esperança aquece meu coração.

Assim como uma Fênix, Paris ressurgiu das cinzas.

O fato é que quando estou aqui experimentando esse desabrochar, sinto-me mais francesa do que nunca. Nesses momentos, a sensação é de pertencimento, de fazer parte de um local que, assim como eu, vem lutando

para reerguer-se. Passei anos sem saber quais caminhos seguir, até aceitar o desafio de decidir quem queria ser. E, assim como Paris, venho trabalhando por um recomeço, tentando decifrar respostas para perguntas que ainda nem foram feitas.

Posso não participar com afinco das festividades de carnaval, mas amo o que esse período de festa faz com a cidade. E, mais ainda, amo o que Paris faz comigo. Aqui quase consigo esquecer do futuro derradeiro que me espera.

E pelo jeito não sou a única aproveitando as sensações criadas pelo carnaval. Pela rua vejo nobres e serviçais esboçarem na face um sorriso irônico de quem sabe que, em poucos dias, fingirão esquecer suas linhagens para aproveitar a liberdade de uma semana sem regras, distinção social ou obrigações trabalhistas.

Claro que os nobres, em sua maioria, procuram bailes exclusivos — motivo pelo qual os eventos da Companhia da Ópera são tão requisitados, afinal participam deles uma quantidade bem maior de Lordes e Burgueses do que de trabalhadores braçais. Mas essas festas de elite não resumem o verdadeiro Carnaval, o baile que acontece na rua, que reúne pessoas de várias descendências e classes sociais, que faz homens e mulheres embarcarem em um mundo de prazer e faz de conta.

Antigas gerações narram histórias de Princesas, Duques e Herdeiros do Trono que usaram o carnaval de rua como diversão em meio às classes mais pobres; dançando e bebendo como se a alegria do momento fosse a única coisa que importasse no final do dia. Imagino que até hoje o Carnaval seja o palco perfeito para a união de opostos. *Pobre e Rico, Belo e Feio, Pirata e Lady ...* No final, disfarçados e contagiados pelo espírito de Carnaval, quem somos é a última coisa que importa.

Mas, dessa vez, não estarei em meio aos foliões, mas no centro pulsante do Baile da Ópera — o evento mais restrito e esperado de toda a temporada. Papai conseguiu um convite, com certeza chantageando e ameaçando alguém, e agora sou a adorável e encantadora *Lady Smith* — comum o suficiente para passar despercebida — convidada de honra dos

organizadores do Baile. Terei acesso ao camarote principal e poderei conversar tranquilamente com todos os integrantes da elite Francesa.

Estando mascarada ninguém poderá duvidar de que sou uma Lady ou muito menos questionar o fato de não terem me visto em outros eventos sociais. Imaginem se soubessem quem realmente sou? *Ah, daria um baú de ouro para ver suas caras de espanto* . Sem dúvida seria um momento memorável. Mas é Carnaval, ninguém está preocupado com fatos, apenas com a diversão. Em eventos como esse é a aparência que conta, então basta portar-me como uma dama da sociedade, domar meus longos cabelos, usar luvas para esconder os calos em minhas mãos e sorrir sempre que puder.

Exatamente por isso que preciso de um traje adequado. Talvez, se fosse ao baile só por ir, usasse minhas roupas habituais. — *Será que pensariam que optei por ir fantasiada de pirata?* Mas dessa vez, com uma missão tão importante para cumprir, sinto que preciso de roupas tão belas e suntuosas quanto a Máscara que pretendo roubar.

— Minha jovem, está prestando atenção ao que digo? Tenho alguns vestidos prontos que facilmente podem ser ajustados ao seu corpo, em tempo para que participe do Baile. Posso mostrá-los? — Madame Violla me encara afrontada, como se meu papel como Lady fosse exclusivamente o de estar interessada nos tecidos que vim comprar.

— Peço perdão, Madame. Por um instante deixei-me levar em pensamentos. Podemos ver essas opções, pois não? Tenho certeza de que ao menos uma delas será perfeita para a ocasião. — Sorrio e sinto que cada palavra foi dita com sinceridade. Posso não ser uma dama, mas admito que há anos acompanho o trabalho de Violla, desde a época em que passeava por essas ruas com minha mãe e torcia para ganhar um vestido confeccionado por uma modista de renome. Sempre soube que meu pai era um pirata, ainda assim sonhava com bailes e príncipes encantados.

Conjuro uma palavra nada aceitável para uma Lady. Que me julguem aqueles que nunca foram puros de coração.

Madame me olha com um sorriso caloroso enquanto entra pela cortina interna da loja, com certeza para buscar as opções de vestidos. Quero algo

que molde minhas curvas, destaque meus olhos e exale tanto sensualidade quanto pureza.

Tenho uma noite para conquistar a confiança de Filipe Bourbon.

Preciso jogar para ganhar.



Enquanto isso, no centro de Paris, Lorde Bourbon tentava aproveitar uma boa refeição...

Dizer que estou incomodado é pouco. *Será que esse jantar nunca chegará ao fim?* Não é que eu goste de refutar um bom vinho ou carne de qualidade — afinal, comida é sempre comida. Mas do que adianta servirem um banquete quando as companhias são péssimas? Não gosto de pensar no futuro, mas é impossível não ficar assustado ao imaginar que estarei ao lado dessas pessoas em muitos outros jantares, bailes, recepções, idas à ópera... Sou Filipe Bourbon, ora essas, deveria ser capaz de escolher com quem cear!

Ninguém mandou pedi-la em casamento, seu tolo! Minha cabeça lateja, e não pela primeira vez desde o início da noite.

Sei que minha posição social é delicada. Sou sobrinho do Duque de Maine e filho do Barão de Bourbon, títulos há anos manchados por filhos ilegítimos e homens corruptos. Já senti na pele, mais de uma vez, o que é ser chamado de bastardo. Ainda assim, detenho o sobrenome, o dinheiro e a pose de um verdadeiro Lorde. Inimigos das duas famílias continuam espalhando boatos sobre minha concepção em um bordel, enquanto isso deleito-me nas regalias do título.

Por anos quis renunciar às minhas origens. Que garoto não faria isso ao descobrir que o pai, aquele que deveria ser seu maior herói, corrompeu uma jovem inocente apenas para forçá-la ao casamento? Na época, Richard de Bourbon almejava unir-se a família do Duque de Maine, uma das mais distintas da Inglaterra, e conseguiu seu objetivo ao manipular Anne, a irmã do Duque. Vossa Graça, conhecido por ser impiedoso, ao invés de vingança encontrou no Barão um aliado. O ato de abuso criou um vínculo entre os dois *monstros*. E juntos, mentindo e manipulando todos ao seu redor, construíram um império. Dinheiro sujo que hoje abastasse meus cofres.

Às vezes, pego-me pensando na roda do destino e em suas surpresas. Graças aos boatos da traição de minha mãe — não que a culpe tendo em vista com quem foi casada — nunca fui amado por meu pai; desprezo que passou a ser recíproco assim que atingi a maior idade e finalmente entendi as atrocidades cometidas por ele. Enquanto meu tio, por mais que tentasse ganhar minha afeição, só me fez odiá-lo cada dia mais. Uma parte de mim nunca conseguiu deixar de questionar que tipo de homem eu me tornaria se aceitasse o afeto daquele que não lutou pela honra da própria irmã.

Para eles, um verdadeiro Bourbon deveria aceitar os erros passados e assumir as atividades ilícitas da família — jogos e apostas arriscadas, casos fora do casamento, filhos bastardos espalhados pelo continente, e comércio ilegal de frotas de uísque. Claro que não o fiz. Na época preferia ser chamado de impostor do que seguir os caminhos trilhados pelo Barão. E hoje vivo sob a certeza de que nunca venderei minha alma para conquistar a aprovação daqueles que não a merecem.

Mas nada disso importa. Não mais. Duque e Barão fizeram o favor de morrer em uma excursão à Índia, deixando-me como único sucessor de todo poderio criado por eles. Eu, aquele que não foram capazes de moldar e manipular, como único herdeiro de toda essa fortuna imunda. Como posso deixar de acreditar que a justiça tarda mas não falha?

Chegou a minha hora, como último descendente dos Bourbons, de ditar como serão os próximos membros da nossa casa. E meu voto é que serão honrados.

— Mais vinho, Milorde? — meu lacaios pessoal indaga. Sem saber o quanto fico grato pela interrupção. Se continuasse assim logo cairia no poço da autopiedade.

— Dessa vez preciso de algo mais forte, Jorge.

— Talvez uma ou duas doses do conhaque inglês que trouxemos de viagem, pois não? Quem sabe a bebida reavive seu apetite. Já que o Sir não tocou na comida estou prestes a chamar um médico para verificar sua temperatura. Só pode estar com febre para deixar de provar esse assado.

Sua voz é carregada de humor, mas sei que está preocupado. Pelo jeito não estou conseguindo esconder minha agonia.

Bebo para afastar as lembranças enquanto chacoalho a cabeça na intenção de clarear meus pensamentos — sei que não vai funcionar, mas o movimento me ajuda a colocar as emoções no lugar. Estou aqui para cumprir um objetivo, para traçar um novo futuro e dar uma chance de felicidade aos meus descendentes. Olho ao meu redor e observo com mais atenção o homem na ponta da mesa. Meu futuro sogro é pomposo e arrogante, mas não é mau. E é isso que quero para os meus filhos, um futuro — e um nome — que apague os erros de seus antepassados.

Minha noiva, Lady Catherine, é uma jovem bela e doce, com um bom dote e, mais importante ainda, com o peso do nome de uma família respeitável. Nosso enlace seria simples e favorável para os dois lados; sem muitas expectativas ou exigências. *Mas então por que será que vivo incomodado com essa união? Por que parece que estou prestes a caminhar para a forca?*

Os parentes dela me assustam. São educados e sorridentes, mas por trás dessa fachada escondem uma soberba sem tamanho. Nasci em uma família marcada pelos altos e baixos, aprendi que arrogância é um dos piores erros dos poderosos — a falha deles é acreditar que nunca sofrerão, que a vida sempre sorrirá para eles. Mas olhe só para mim, um dia filho querido, no outro ilegítimo, e nos seguintes uma mistura de orgulho e vergonha para meus familiares.

Mas não é só isso. Algo nesse enlace parece errado, como se meu coração gritasse que estou sendo precipitado.

Infernos, e o que é que o coração tem a ver com casamento? Já estou em minha terceira taça de conhaque, mas quem é que está contando?

— Está preparado para o Baile da Ópera, Filipe? Creio que esse ano o evento será ainda mais prazeroso. M. Strauss é um excelente regente — meu futuro sogro, Albert Monfort, questiona em uma tentativa de engatar ao menos uma conversa banal.

— Vinho e boa música em um só lugar? Ora, Monfort. Claro que estou animado. Só seria melhor se tivéssemos a companhia de belas mulheres. Lady Catherine não retornará do campo? — Já sei a resposta, mas pergunto mesmo assim. Desde o começo do noivado vi minha noiva três vezes, e em apenas duas dessas ocasiões consegui conversar com ela. Com o acordo assinado era de se esperar mais privacidade, mas meu sogro está obstinado em sua tarefa de manter-nos separados. Talvez ele tenha medo de que eu desista do enlace. Ou pior, que a filha fuja amedrontada por precisar casar com um possível bastardo.

— Sinto muito, meu futuro filho. Catherine voltará no momento certo. Enquanto isso, não se preocupe com companhia feminina. Faremos questão de encontrar beldades que aceitem lhe acompanhar durante as festividades. — Encaro-o com um misto de espanto e ultraje, enquanto meu sogro sorri, como uma cobra prestes a dar o bote. Claro que espera que eu traia sua filha ao longo do casamento. Todos os homens dessa mesa conhecem a reputação que me precede, os boatos e lendas que giram em torno do meu nome. Gostaria de provar o quão errados estão em acreditar em fofocas. Mas se tem algo que aprendi, sendo um Bourbon, é que a sociedade não gosta de lordes de moral limpa e maculada, eles querem homens pecaminosos, sujos e desleais.

Graças ao anúncio público do casamento entre o bastardo inglês e a lady francesa, meu nome está novamente na boca de todos. Os boatos estão correndo entre as ruas, espalhando minha futilidade, meu charme e minha desonra. Meu pai ficaria orgulhoso. Só para depois decepcionar-se com a descoberta de que tudo não passa de falatório e de mentiras. Às vezes penso

se quero mesmo ter um filho, se quero fazê-lo carregar o peso de um nome sujo, que traz com ele histórias desleais e sombrias.

Espero que esse casamento realmente signifique uma segunda chance, minhas crianças merecem uma vida livre de preconceitos e acusações desleais. Não conseguirei viver em um mundo em que elas sejam julgadas por atos que nunca cometeram. Sinto o medo e a pressão escurecerem meus olhos. O mundo começa a girar e sei que a dor de cabeça que me aflige não foi causada exclusivamente pela bebida. Preciso me acalmar, preciso parar de pensar no passado, no meu nome, e no que dizem que sou.

Preciso de tantas coisas, mas nenhuma delas me parece alcançável.

Resolvo dar por finalizado o jantar, o apetite já se foi há tempos, assim como a vontade de passar o carnaval preocupando-me com coisas que não sou capaz de controlar.

— Por favor, se me derem licença, vou me retirar. Se as promessas do meu sogro, de tantas companhias interessantes e beldades dispostas ao meu prazer, forem reais. Precisarei de meu vigor mais que descansado. — Sorrio enquanto levanto-me, encenando o papel que esperam de mim. Enquanto isso eles sorriem, brindam e batem palmas como se eu acabasse de revelar o segredo do universo.

Hipócritas, que os Céus me ajudem a sobreviver a esse Carnaval .

Enquanto caminho até meus aposentos, seguido por Jorge que engata um monólogo entediante sobre minhas vestes para o Baile da Ópera, tiro um minuto para implorar aos céus por um sopro de felicidade antes da queda derradeira.

Não sei o que o futuro me reserva, mas escolho ter fé que amanhã será diferente, que amanhã serei capaz de eliminar os demônios do passado que dançam em meu encaço.

11 de Fevereiro de 1858, Paris

— Você está linda, minha pequena. — Papai sorri e vem em minha direção, tocando meu cabelo. Resolvi deixá-lo solto, prendendo apenas duas mechas finas que se encontram atrás de minha cabeça e descem em uma delicada trança. — Está parecendo sua mãe com os cabelos arrumados dessa maneira. Uma vez a vi com um vestido como o seu, foi no dia do nosso casamento. Ela estava tão linda e radiante, certa de que iríamos levar uma vida cheia de aventura pelas águas do mundo.

Eu lembro. Lembro do vestido e de vê-la se aprontar. De repente preciso segurar o choro. Falar de mamãe não é fácil para nenhum de nós, e sei que papai também está recordando a dor de perdê-la. Por anos ela esperou o momento certo de casar, de aceitar as escolhas de Roger e de optar por construir uma vida com ele nas limitações de um navio — sem ter que esperar que o amado retornasse para ver a família, depois de meses enfrentando os perigos de uma vida como pirata. A felicidade estava bem ali, nos esperando, clamando para que finalmente ficássemos juntos, sem longas separações. Mas a morte foi mais rápida e destruiu todos esses sonhos.

Na época eu poderia ter me afogado em um poço de lamentações, mas — apesar da dor — não fui capaz de desistir da vida. No momento mais difícil de toda a minha existência tive uma segunda chance, a oportunidade de construir um futuro ao lado de quem amo. Todos esses anos não suprimam a falta diária que sinto de minha mãe, mas me ajudaram a descobrir outros meios de ser feliz: o mar, a rotina como pirata, a amizade entre papai e eu, e os lugares maravilhosos pelos quais velejamos. Dou graças pela oportunidade de encontrar, dia após dia, novas fontes de alegria. Tive uma mãe maravilhosa e vou carregá-la comigo, na alma e em minhas ações, aonde quer que eu vá. Então como não ser grata a isso?

— Sinto orgulho de parecer com ela. Nunca vou esquecer do amor que mamãe plantou em nossos corações. Se não fosse por ela, nossa família já teria se perdido há anos — falo enquanto abraço meu pai. Apoio a cabeça em seu ombro e, confortada por seu carinho, tiro um instante para lembrar das canções de ninar, das histórias de conto de fadas protagonizadas por piratas, e de como ela sempre acreditava que papai iria voltar — com vida — para sua amada família.

— Sempre amarei sua mãe. Ela me deu um dos melhores presentes da minha vida. Sabe qual é?

— A oportunidade de ser livre? — questiono, enquanto aproveito para abraçá-lo um pouco mais forte. Sempre admirei a coragem que minha mãe teve em apoiar os sonhos do marido. Ela nunca esperou que ele mudasse e, constantemente, incentivou-o a seguir o chamado do mar.

— Você, doce Joana. Você é o maior presente que a vida poderia ter me dado. Nunca esqueça que sua companhia me salvou de uma vida solitária em meio ao luto. — Ele interrompe o abraço para me encarar com um olhar que transborda amor. — Agora chega de lembrar do passado, precisamos nos concentrar no futuro. Se apresse, sua carruagem lhe espera, *Senhorita* .

Depositando um beijo em minha fronte papai segue para a saída. Mas antes de segui-lo tiro um momento para controlar as emoções. Do outro lado do aposento vejo um espelho e ele reflete — pelo menos no primeiro instante — a mulher que nós, últimos Lancasters, amamos sem medida. Espanta-me ser tão parecida com a minha mãe, com os cabelos que brilham como a escuridão, o porte esguio e alto demais para uma mulher, e o nariz arrebitado que já me causou muitas encrencas. Viro de lado, observando o efeito que meu pequeno giro cria na saia do vestido enquanto listo as características de meu pai que vejo em mim, a pele bronzeada e os olhos que, deveriam ser azuis, mas beiram o cinza. Sou audaciosa como ele e esperançosa como ela. Sou fruto do amor que os uniu e ainda carrego o melhor dor dois.

Escolhi esse vestido exatamente pelo efeito que ele cria em minha pele, ressaltando tudo aquilo que sou: meus traços, sonhos e origens. A seda prata, quase beirando o branco, quando combinada com minha pele e o tom

do meu cabelo faz com que eu me sinta tão poderosa quanto a lua que brilha na escuridão da noite. O modelo é simples, com um decote médio que vai de ombro a ombro, cintura marcada, e uma saia que cai ao meu redor. Giro mais uma vez e sinto-me rodeada por nuvens.

Encaro com surpresa o suntuoso reflexo que vejo no espelho e afirmo: *Nessa noite você roubará a Máscara Branca e garantirá o futuro daqueles que mais ama, Joana .*

Chegou a minha vez de lutar por minha família. Papai merece um final feliz — em terras que são suas e que garantem uma vida tranquila e digna. E hoje é exatamente isso que darei a ele.



O cabriolé resplandece luxo e dinheiro. Com certeza meu pai pagou caro para alugá-lo, mas os gastos são necessários quando é preciso chamar a atenção da nobreza. Quero e preciso ser notada. E, em um baile como esse, lotado de milhares de jovens como eu, ostentar não é uma opção, mas sim uma obrigação.

A noite está escura, mas a lua ilumina o céu e os foliões que andam e dançam pelas ruas. Aproveito o trajeto para observar essas pessoas; algumas damas vestidas de homens e rapazinhos em vestidos improvisados. Muitos outros, possivelmente artistas, com a previsível roupa de dominó. E todos com vestes engraçadas, coloridas e até mesmo sensuais. Enquanto passamos pela rua vejo mais de uma mulher com máscaras pretas que lhes cobrem todo o rosto e vestidos que não cobrem muito de seus corpos. Elas riem, dançam e contagiam a todos com tamanha beleza. Não é apelativo vê-las alegres, mas sim inspirador. Como se todas nós pudéssemos ser sempre assim, leves e livres.

De repente sinto o veículo parar. Olho pela abertura com mais atenção, mas vejo que ainda estamos longe do meu destino final. A Academia Imperial da Música, onde os Bailes da Ópera acontecem todos os anos desde que eu era uma menininha, está a bons quarteirões de distância.

— Malcom, por que paramos? — grito para o pirata que faz as vezes de cocheiro, um dos mais velhos e experientes, uma espécie de tio para mim. Confiaria minha vida a ele sem pensar duas vezes, mas admito que dirigir um veículo com rodas não parece ser sua especialidade.

— Joana, quando é que aprenderá a ser paciente? Não está vendo que o trânsito ficou congestionado — ele grita, rabugento, e controlo-me para não ralhar. Velhos hábitos precisam ser freados se quero representar com maestria uma doce e nobre Lady francesa. — Basta olhar para frente e verá que não conseguirei prosseguir se os cavalheiros antes de mim assim não o fizerem.

Observo a rua à nossa frente e, com raiva, percebo que ele tem razão. Estava tão absorta nos foliões ao meu redor que não parei para prestar atenção no trânsito. Pelo jeito o Baile desse ano chegará a capacidade máxima de lotação.

— Você tem três opções: pode ir a pé, já que é perfeitamente saudável; pode esperar, o que acho pouco provável levando em conta seu temperamento... — Reviro os olhos, ao que parece nem todos os hábitos serão sanados e paciência, sem dúvida, nunca será uma das minhas qualidades. — E, ainda, tirar satisfação com o tolo que está atrasando o trânsito. *E então minha Lady, o que será ?*

Ele sorri como se já soubesse a resposta. Claro que iria andando se pudesse, mas com esse vestido não posso arriscar a andar mais que poucos passos. De nada adiantará, para o efeito que busco, chegar ao baile com os barrados todos sujos.

Visto a capa que faz conjunto com o vestido para me proteger do vento frio e pulo do veículo. Segurando o tecido para que ele não toque o chão, sigo três carruagens até descobrir o motivo de estarmos parados. É uma criança, um rapazinho na realidade. Ele grita e chora desesperado, gesticulando

freneticamente para algo embaixo de uma carruagem. Vejo o desespero em seus olhos, ao mesmo tempo em que me sinto incomodada com sua dor. Muitos gritam para que as carruagens avancem, outros parecem entediados enquanto aguardam o desfecho, e a maioria passa por ele como se nada estivesse acontecendo, rindo, dançando e bebendo. Um homem está agachado, escutando o relato do menino com atenção, provavelmente na esperança de ampará-lo. Talvez ele consiga, mas resolvo intervir.

— Com licença, meu jovem, mas será que posso ajudá-lo? — Homem e rapaz me encaram. Por um momento sinto o espanto deles, talvez por eu ser uma mulher, mas então o Lorde — pelas roupas, com certeza um homem rico e nobre, mas já que também pareço uma Lady, por hora, decido não rotulá-lo — levanta e faz uma mensura. Seu olhar é divertido, assim como o sorriso que tenta esconder.

— Milady, também ofereci minha ajuda, mas nada do que ele diz faz sentido. Se puder entender o que aflige esse pobre garoto, juro que lhe serei eternamente grato. — Ele é debochado. Irônico talvez, mas percebo que é sincero em suas intenções.

Viro-me para o garoto, que olha assustado para o Lorde enquanto derrama uma enxurrada de lágrimas.

— Qual o seu nome?

— Oliver, milady. — Seguro sua mão, abandonando de vez a preocupação com a barra do vestido. Que ela fique suja, recompensarei tamanha falha com uma dose a mais de charme.

— Pois bem, Oliver. Pode me chamar de Joana. Gostaria de ajudá-lo, mas preciso que se acalme e explique o que aconteceu. Ninguém lhe fará mal, só queremos entendê-lo. — Ele respira fundo, aparentemente tentando abrandar os ânimos, mas ao abrir a boca solta uma torrente de palavras, juntas e com teor de desespero, que não apresentam lógica alguma. — Uma palavra de cada vez, se não fico sem entendê-lo. Olhe para mim, Oliver. E sem pressa diga o que aconteceu.

— Petter... Petter está preso. Petter é meu amigo. Único amigo. Mamãe disse para nós não irmos, era só para passear com ele. Mas fui teimoso. Sou sempre teimoso, milady. Agora Petter está preso, será que ele morreu? Ah, ele morreu...

Mais uma vez Oliver começa a chorar e a gesticular para a carruagem. Resolvo abraçá-lo em um gesto de conforto e o sinto respirar fundo durante o movimento. Por um instante percebo a rigidez de seu pequeno corpo, mas então ele acalma a respiração e rodeia minha cintura com suas mãozinhas, voltando a chorar, porém agora de uma maneira silenciosa.

— Milady, acredito que Petter esteja embaixo da minha carruagem. Será que é isso que o garoto quis dizer? — O Lorde me encara com um olhar preocupado, enquanto vira o rosto em direção ao veículo. A luz da lua bate diretamente em sua face e consigo reparar no quanto é belo. Os cabelos, negros como os meus, caem em ondas suaves e incomuns, com certeza uns dois dedos mais compridos do que o corte masculino ditado pela época. A boca carnuda está chispada de preocupação, assim como o semblante. E ele detém uma charmosa ruga de preocupação. Lindo é pouco para definir o rosto desse homem.

— Meu lorde, Petter é o cachorro de Oliver. E, se não estiver enganada, algo que raramente estou, acredito que ele esteja preso em uma de suas rodas. Com apenas um homem você conseguirá soltá-lo e resolver os problemas desse garotinho, não é mesmo Oliver? — O rapazinho me encara apavorado e, antes que possa falar ou recomeçar a chorar, o abraço mais apertado e digo, com suavidade:

— Ele está vivo, sei que está.

— Um cachorro? Como não percebi isso antes? — o belo homem ao meu lado pergunta, provavelmente para si mesmo, enquanto chama um dos cavaleiros para levantar o veículo e procurar pelo amigo de Oliver. Ele vira e me encara, pegando-me desprevenida com seus penetrantes olhos verdes. Tudo nele exalta beleza, mas de uma forma rude, com os cabelos ondulados, seu olhar inquisidor, e uma leve barba por fazer. Ele daria um ótimo pirata. Facilmente o vejo velejando e comandando mil homens ou mais.

Esse homem é magnífico. Então continuo encarando-o, observando cada detalhe do seu rosto. Ele sustenta meu olhar e, ciente de minha avaliação, resolve fazer o mesmo. Estamos jogando, e talvez inapropriadamente flertando, mas não me importo. Não existe nada de errado em encarar um belo par de olhos, não é mesmo?

— Aqui, milorde. Achamos o cão.

Oliver solta minha cintura e pula em cima do pobre cocheiro. Ele o abraça e agradece, e então pega Petter em seus braços e o aperta com tanto carinho que não consigo deixar de sorrir.

— Olha, Lady Joana. Você salvou Petter! Obrigada, sou grato, minha mãe não brigará comigo. E Petter viverá. Olhe, ele também deseja agradecê-la.

Por um minuto sou pega de surpresa e estou com o pequeno cachorro no colo. Ele é novo, não deve ter mais de quatro meses, e pode ser resumido em uma bola de pelos babona e alegre — e suja também. Meu casaco, outrora cinza como meu vestido e coberto por intrincados bordados feitos com fios de prata, está definitivamente arruinado e assumiu um *curioso* tom de marrom — com patinhas em sua extensão que, devo admitir, marcaram o tecido de uma maneira graciosa. Mas não me importo, o carinho de Petter é uma boa paga.

— Oliver — o misterioso Lorde de olhos verdes diz —, Petter é um belo cachorro, mas ainda não está acostumado a andar por ruas movimentadas. Na próxima vez o treine antes de sair, pois não? E perdoe-me por não o ter visto, ficaria desolado se tivéssemos atropelado o pobre animal.

— O Senhor me ajudou, sou grato, minha mãe também e Petter também.

Tenho vontade de interromper o discurso e dizer ao garoto que já entendemos isso, mas espanta-me vê-lo avançar e, com naturalidade, abraçar seu salvador. Os olhos verdes do Lorde se enchem de alegria e, por um instante, penso que ele é um bom homem. Nobre ou não, foi o único nessa rua abarrotada de carruagens que se importou com os lamentos de Oliver.

— Tudo bem, tudo bem, agora vamos mandá-lo para seus pais, eles devem estar preocupados. Vou pedir para o cocheiro deixá-lo em casa. Assim não correrá novos riscos e, sem dúvida, não levará uma bronca de sua mãe. — Ele pisca para o garoto enquanto o direciona para a carruagem.

Oliver vira, pega Petter dos meus braços, despede-se com um sorriso puro e segue para a carruagem. As pessoas começam a aplaudir e a gritar, não de felicidade, mas de zombaria por finalmente poderem seguir seus caminhos. E eu me viro na intenção de seguir para o cabriolé. Estou pensando no que vou fazer com minhas vestes, tentando encontrar uma solução para não entrar no Baile parecendo que eu é que fui atropelada, e não o pequeno cachorro, quando sinto uma mão em meu ombro. Por instinto me viro pronta para atacar, mas paro abruptamente ao ver o Lorde misterioso sorrir para mim.

— Por um instante fiquei apavorado. A senhorita pretendia mesmo me golpear? — Percebo que ele precisa segurar o riso, provavelmente duvidando da minha capacidade de defesa perante homens indesejados. Quase sinto pena dele.

— Duvida de que eu seria capaz? Acredito que uma mulher deve saber como infligir dor aos palermas decididos a tocá-la sem permissão. E sei muito bem como fazê-los pagar por seus erros.

Noto que enquanto falo, a diversão, mesmo que por um instante, abandona seu belo rosto.

— O pior é saber que você tem razão, que, em vez de criarmos homens que saibam respeitar a companhia feminina, estamos ensinando nossas mulheres a arte de defender-se. O quanto isso revela da sociedade em que vivemos? — Sua resposta quebra-me ao meio, não esperava por isso, muito menos pelo olhar de dor que nubla sua expressão. — Mas, por favor, estou curioso. Como pretendia resguardar sua honra?

Decido que o ataque é a melhor defesa e o pego desprevenido. Em um instante minhas mãos capturam seu braço direito, girando-o de encontro as costas e imobilizando-o com a força do meu corpo. Por um instante ele parece surpreso, mas logo relaxa em meu abraço e apoia parte do peso em

meu corpo. Ela vira o rosto para me encarar, com um sorriso desafiador, e sinto o calor que irradia do seu corpo tomar conta de mim. Tardamente, percebo o quanto estamos próximos. Ambos respiramos com dificuldade, e arrisco que não apenas pelo esforço da luta.

— Graças aos céus estão ensinando nossas meninas a lutarem, tenho certeza de que dormirei mais tranquilo essa noite. — Solto seu braço enquanto dou um passo para trás. Ele gira o corpo e crava os olhos nos meus. — Serei indelicado, Milady, mas posso saber se está indo para o Baile da Ópera? — ele fala como se nada tivesse acontecido, sem ao menos importar-se com o fato de uma mulher tê-lo dominado.

— Estou sim, Milorde. Apesar de estar tentando encontrar desculpas para não precisar entrar no baile com parte das vestes arruinadas dessa forma. — Decido acompanhá-lo na mudança de assunto e focar no que realmente importa.

— Arruinada? Para mim a senhorita parece perfeita. — Seu sorriso é sedutor, mas traz um olhar risonho e interessado, não predador. Gosto dele. Porém, por mais interessada que possa estar, tenho um compromisso essa noite, não posso esquecer-me disso.

— Que bom que pensa assim, Milorde. Espero não causar espanto ao chegar na Academia com os barrados sujos de barro — falo enquanto me aproximo do veículo alugado, onde Malcom aguarda com um olhar de deboche. Assim que terminarmos essa missão vou desafiar esse velho sabichão para um duelo de espadas.

— Por favor, Lady Joana. — Ele prestou atenção quando disse meu nome ao Oliver, e isso me agrada, não posso negar. — Conceda-me a honra de acompanhá-la. Seria uma maneira singela de agradecer por me ajudar a salvar aquele pobre cão. Além do mais, cedi minha carruagem para o Oliver, e seria bom ter alguém interessante para conversar durante o caminho.

— Está rodeado de pessoas sem-graça, Milorde? — Ele me olha espantado, como se não tivesse reparado em sua gafe, ao mesmo tempo em que solta uma gargalhada. Sua risada é limpa, alta e sincera. Eu o divirto, quem iria

imaginar. — Fico lisonjeada pelo convite, mas não o conheço, não seria prudente oferecer-lhe carona, mesmo que nosso destino final seja o mesmo.

— Ah, mas não lhe peço uma carona.

— Não? Então o que pretende, Senhor Olhos verdes? — O apelido escapa, mas não me importo, são olhos notáveis e ele sem dúvida sabe disso.

— São poucas quadras até a Academia... — Ele me encara sério, sem aparentar estar enaltecido por meu comentário. — Vamos juntos e a pé, a barra do seu vestido já está arruinada, como você mesma disse, e existe algo de incrível no ato de caminhar pelas ruas durante o Carnaval de rua, com todos esses foliões nos consumindo com sua animação. Além do mais, preciso de uma boa conversa. Estou, sim, rodeado de tolos e enfadonhos. Portanto, por favor Lady Joana, seja minha salvadora! — Segurando minhas mãos ele lança mão de um sorriso cheio de charme. — Ao menos sabe que, caso eu passe dos limites, pode derrotar-me com facilidade.

Em outros momentos adoraria aproveitar meu tempo com ele. Tenho certeza de que nossa conversa seria tudo, menos sem graça. Entretanto, tenho outro Lorde para seduzir. Abro a boca para responder, mas ele a toca com os dedos, silenciando-me e interrompendo meu movimento — ele só tocou meus lábios, de leve e com a mão enluvada, mas ainda assim senti o corpo arrepiar e minha mente apagar.

O que é que está acontecendo comigo?

— Sinto que já se decidiu, mas reconsidere, Milady. Não irei atacá-la e juro que nunca lhe faria mal. Posso vir de uma família que sente orgulho do nome manchado pelos erros do passado, mas sou diferente de todos eles. Isso eu lhe asseguro.

Enquanto fala, percebo que seus olhos assumem um tom escuro, como se o fato de lembrar da família lhe causasse dor. Arrisco que o assunto é delicado para ele. E o problema é que tal constatação só aumenta a vontade de conhecê-lo melhor. Decido entrar um pouco mais no jogo, já estou atrasada mesmo, e não é como se o trânsito estivesse seguindo rápido. O caos cessou, mas a fila de carruagens permanece. E, sendo completamente

sincera, faz tempo que não me sinto tão bem, que não experimento o flerte, o desejo e o prazer da companhia masculina.

— Será que ao menos posso saber o nome do Lorde que deseja minha companhia para alegrar sua enfadonha noite? — Ele continua segurando minhas mãos, ocasionalmente girando os polegares em meus pulsos.

— Ah, minha Lady... — ele diz, beijando minhas mãos enluvadas em uma saudação tardia. — Não assuste caso já tenha ouvido rumores a meu respeito, prometo que são falsos. Sou Filipe Bourbon, sinto-me honrado em conhecê-la.

Meu peito irrompe em batidas descompensadas. *Bourbon? Esse é o tolo apaixonado Filipe Bourbon?*

Fito cada detalhe do seu belo rosto e listo as emoções sinceras que vejo transbordarem de seus olhos. Deixo a surpresa nublar minha mente por um único instante, mas logo pego-me agradecendo aos céus.

Ah, doce e surpreendente destino. Sem esforço da minha parte trouxe-me o prêmio. Só preciso descobrir se prêmio ou infortúnio.

Andar com ele pela rua de braços dados, conversando e rindo de coisas banais, foi uma experiência agridoce. Filipe é encantador. E, o mais surpreendente, sincero. Não demorei para perceber que os boatos sobre ele são falsos, e mais: que eles pesam sobre seu ombro. Lorde Bourbon gostaria de ser reconhecido por quem é — um homem risonho, verdadeiro, inteligente e belo — e não pelos boatos que o precedem. É uma pena ter que enganar alguém como ele. Por um instante, antes de ele revelar seu nome, nos imaginei apenas como homem e mulher, como dois opostos sendo atraídos um para o outro. Claro que seu sorriso fácil quase me fizera esquecer do motivo de estar indo ao Baile da Ópera, mas ele revelou seu nome e então o encanto acabou.

Não, sem hipocrisia, Joana. O encanto continua, só que agora manchado por minhas mentiras.

— Minha Lady... — Ah, gostaria que ele não me chamasse assim, minhas entranhas parecem pegar fogo toda vez que ele usa o termo de posse. — Parece que está perdida em pensamentos. Estou lhe entediando? — Ele ri, provavelmente pela centésima vez desde que nos encontramos, e meu coração decide bater um pouco mais rápido.

— Perdão, Senhor Olhos Verdes. — Se ele pode brincar, por que eu não deveria fazer o mesmo? — Estava pensando que se eu tivesse olhos como os seus, sem dúvida, já teria realizado todos os meus desejos.

— E posso saber quais são eles, Lady Joana? — Noto que chegamos muito rápido ao nosso destino. A poucos passos de distância vejo a Academia Imperial de Música transbordando luxo, luz e música. E os convidados, em seus magníficos trajes, seguindo em fila e animados para o Baile. Enquanto isso, eu e Filipe permanecemos parados, um de frente para o outro, talvez na ânsia de prolongar ao máximo esse momento juntos.

— Poder? Liberdade? Ouro? Um pouco mais da sua companhia? Não sei, Milorde. Desejo tantas coisas, mas no momento contentar-me-ia com uma boa taça de vinho. Toda essa agitação me deixou sedenta — digo, enquanto jogo algumas mechas de cabelo para trás. Andar pela rua fez com que elas colassem em meu pescoço, ressaltando o calor de estar rodeada por uma multidão dançante. Mas se sinto minha pele quente, provavelmente não é apenas pelo calor da caminhada.

— Também estou *sedento*, Joana — ele diz, aproximando-se de mim.

Percebo que o uso da palavra — e do meu nome, sem título ou formalidade — foi proposital. Seus olhos estão cada vez mais escuros e seu corpo alcança o meu um pouco mais a cada segundo. Estamos tão próximos que consigo sentir seu hálito bater em meu rosto e o frescor do cheiro que emana dele. Suspiramos juntos enquanto nosso olhar permanece cravado. Ah, ele me deseja. Foi fácil conquistar seu interesse, fácil demais. Mas temo que o problema esteja no fato de que eu também o desejo.

— Vamos tentar realizar alguns dos seus anseios, minha Lady? Talvez eu não seja capaz de realizar todos, mas tenho certeza de que posso abrandar essa sede — diz enquanto toca meu rosto, suavemente afastando algumas mechas de cabelo que teimam em rebelar-se.

— Não tenho dúvida de que pode, Lorde Bourbon.

Por um instante relaxo e decido aproveitar seu toque. Chego a pensar que ele vai me beijar, bem ali, no meio do Carnaval de rua de Paris. Mas então o momento passa, Filipe segura minha mão, e começa a levar-me a uma entrada lateral da Academia.

— Para onde vamos? Desistiu do Baile tradicional, Milorde?

— Não, essa noite saímos com a intenção de beber, dançar e aproveitar o Carnaval. E é exatamente isso que teremos. Mas não de um camarote lotado pela nobreza. Vamos aproveitar como os melhores foliões.

Seguimos pela lateral do prédio, guiados pelas luzes que iluminam os salões e atravessam as janelas. Dou-me conta de que vamos entrar por uma delas,

mais baixa e ampla, de fácil acesso para quem passa na rua.

— Vamos invadir o Baile, Lorde Bourbon? Por um acaso o senhor não foi convidado?

Ele ri e vira o rosto para mim. Seu olhar é como um de garoto prestes a embarcar em uma aventura.

— A entrada tradicional separa os lordes dos outros convidados. Assim ficamos na segurança de nossos camarotes, aproveitando o espetáculo de cima, enquanto o resto da população dança pelo salão — ele diz enquanto olha pela janela, certificando-se de que ninguém notará nossa entrada pouco tradicional. — Claro que alguns lordes podem descer, mas quando o fazem são facilmente notados. Não quero ser notado, Lady Joana. Quero aproveitar essa noite com você, sem me preocupar com mais nada. Assustalhe ficar na companhia dos mais simples? Sinto que não, mas caso prefira o Baile tradicional voltaremos para a entrada principal e encontraremos outra forma de nos divertirmos.

Ele me olha aguardando uma resposta. Mais uma vez penso no quanto Filipe é diferente dos boatos que circulam. Por que diriam que alguém como ele é tolo, egoísta e mesquinho? Tudo que vejo é um homem simples, marcado pelo seu nome, e dono de um olhar extremamente sincero.

— Ah, Milorde. Começo a desconfiar que possui a terrível habilidade de ler meus pensamentos. Tudo o que quero é aproveitar essa noite longe das tolas regras da nobreza. E algo me diz que ao seu lado terei exatamente isso.

Ele acena com um sorriso na face e engancha minha cintura na intenção de levantar-me até a janela.

— Não vou machucá-la, pois não? A altura é baixa e facilmente tocará o chão do outro lado do salão.

Controlo a vontade de rir. Pular uma janela é a coisa mais fácil que farei essa noite. Sorrio para ele e, com delicadeza, desvencilho-me de suas mãos. O toque estava agradável, é claro, mas não preciso dele para entrar. Engancho as mãos no parapeito e levanto o corpo até estar sentada no

beiral. Por causa do vestido não consigo pular diretamente, então recolho as pernas para dentro do salão e só então caio. Consigo ouvir o suspiro de Filipe do outro lado da janela. Gostaria de ver a surpresa estampada em seus olhos.

Aproveito o breve momento de solidão para observar o ambiente ao meu redor. A Academia é linda. Esplêndida seria mais apropriado. O teto abobadado, e os milhares de arcos que o compõem banhados a ouro, os camarotes que se assomam até o topo do salão, os lustres que banham os presentes com uma luz suave e baixa, e o palco — encantador e assustador em sua grandiosidade. Giro ao redor e vejo os Cantores de um lado, os Lordes rindo e bebendo em seus camarotes, e homens e mulheres dançando por todo o salão. São tantas pessoas reunidas, todas alegres e livres, que é impossível não sentir o clima do carnaval tomar posse do meu coração. A vontade que tenho é de celebrar como se não houvesse amanhã, como se todos os meus problemas — as máscaras, o ouro, o futuro do meu pai e a lei antipirataria — não fossem reais.

— Impressionada? — Filipe sussurra em meu ouvido, aproximando-se das minhas costas e tocando de leve meus ombros. — Ao que tudo indica essa é sua primeira vez no Baile da Ópera, não é minha Lady? Mas não se preocupe, vamos fazer valer a pena.

Os pelos da minha nuca estão arrepiados. Era para eu seduzi-lo, não o contrário. Dou um passo para trás, chegando mais perto do seu corpo grande, forte e que ganha vida ao meu redor, e ouço o gracejo estrangulado que ele exala.

Touché, dois podem jogar esse jogo .

— Sim, Lorde Filipe. Essa é a minha primeira vez... — Giro e o encaro, sustentando seu olhar enquanto mantenho nossa proximidade. — E espero mesmo que faça valer a pena. Por isso, Milorde, minha diversão está em suas mãos. O que tem em mente?

— Meus pensamentos são indecorosos, minha Lady... — Com uma das mãos Filipe afasta meu cabelo, expondo a lateral do meu pescoço. Ele traz o rosto até o meu e sussurra em meu ouvido. — Primeiro seus olhos, depois

sua língua afiada, e agora a surpresa de vê-la irromper salão adentro por uma janela. Ah, melhor guardar o que tenho em mente só para mim.

Estou ofegante, sinto meu coração bater acelerado. Filipe é um oponente à altura. Toda vez que avanço um passo ele segue mais dois.

Preciso tomar cuidado e lembrar porque estou aqui. Continuo repetindo, na esperança de que a razão vença a guerra que assalta meu coração.

Afasto-me e tiro a capa que me protege. O salão está abarrotado e derreterei sob o olhar de Filipe se não sentir um pouco de ar fresco tocando minha pele. Com os olhos tento procurar a saleta dos casacos e, ao observar todos ao meu redor, percebo que quase esqueci do mais importante. A minha máscara.

Sustento o olhar de Filipe enquanto tiro da manga um pedaço de seda prata — não quis máscaras elaboradas, apenas um pedaço suntuoso de tecido, capaz de destacar ainda mais a cor dos meus olhos.

Vejo em sua face o encanto. Ele fixa o olhar no meu enquanto, com uma lentidão que tende a me levar a loucura, observa cada detalhe do meu corpo. Seus olhos descem até meus lábios, param nos ombros revelados pelo decote do vestido, e seguem até a ponta das delicadas sapatilhas que a barra do vestido não consegue esconder.

— Você é linda, Joana. Olhar para você é como ver a lua refletida nesse salão, como se ela tivesse decidido juntar-se a nós, meros mortais. — Estamos próximos novamente, como imãs que são atraídos um para o outro. — Seu olhar me hipnotiza e me faz ansiar por coisas perigosas.

Seu sorriso é amplo quando suas mãos percorrem a máscara em meu rosto. Suspiro pela delicadeza do toque, mas então Filipe afasta nossos corpos e tira algo do bolso interno do paletó. Minha alegria vacila, o coração acelera, e meu mundo congela.

Ele veste sua máscara, alheio às batidas descompassadas do meu coração. Não vejo mais meu misterioso senhor de olhos verdes. Não, agora ele é

Filipe de Bourbon. Lorde, rico, noivo, e dono do meu destino. No rosto ele carrega o objeto que me trouxe até o baile.

A famosa Máscara Branca, de metal lustroso e magnífico, emoldura seu rosto e o deixa ainda mais belo. Todo de preto, com os cabelos bagunçados pelo vento, Filipe consegue deixar a máscara ainda mais encantadora. Ele é lindo, ela é linda. E nesse instante percebo que estou perdida.

Preciso da máscara, mas se for sincera — algo que gosto de ser — assumiria que também desejo o homem por trás dela.



Bebemos e andamos de mãos dadas pelo salão, rindo das fantasias ao nosso redor e das histórias — pouco respeitáveis — contadas por Filipe. Ele parece conhecer cada Lorde do recinto. E saber dos pecados de todos eles.

Não paro de pensar nas máscaras e no fato de estar tão próxima de uma delas. Sabia que isso ia acontecer, mas assumo que não estava preparada para as emoções que a ver despertou em mim. A máscara pertence a Filipe, que direito tenho de mentir e roubá-la?

— Vamos dançar, minha Lady? — Deixando nossas taças em uma mesa no canto do salão, Filipe pega minhas mãos e me conduz para a pista de dança. A música é animada e as pessoas no recinto ainda mais. As mulheres, algumas de calças, dançam de uma maneira que nunca havia visto. Elas jogam as pernas para o alto, fazem piruetas e malabarismo com elas, sorriem e esbanjam sensualidade.

— Qual o nome dessa dança? — Não consigo deixar de perguntar. Elas estão lindas dançando, é fato, mas estou curiosa com tantas piruetas e pernas expostas. Percebo que essa noite não para de me surpreender.

— Uma dança encantadora, não é mesmo? Trata-se do cancan, uma espécie de quadrilha. Começou há menos de uma década e está tomando conta do carnaval francês. Quer tentar, Lady Joana? Podemos arriscar alguns passos se assim desejar. — Seu olhar é desafiador, como se soubesse meu pavor. Não sei dançar. Claro, conheço muitas danças e sou mestra na dança das espadas, mas ora, como é que eu saberia girar por salões de bailes quando vivo rodeada pelo mar?

— A dança de fato é sedutora, mas podemos ficar com algo mais comum, Milorde? Prefiro não o assustar com minhas habilidades.

Ele joga a cabeça para trás e tem o disparato de gargalhar. Sim, Filipe já percebeu meus olhos amedrontados. Provavelmente se deu conta de que pisarei em seu pé durante a dança.

— Relaxe, minha Lady. O segredo de uma boa dança é se deixar levar. Posso ter a honra de conduzi-la?

Eu assinto e, imediatamente, sinto suas mãos em minha cintura. A música é animada demais para uma dança lenta, mas percebo que é isso que teremos. Nossos corpos colam um no outro, minha respiração acelera e, sem pensar, minhas mãos enlaçam seu pescoço. Sinto vontade de tocar seu cabelo, de descobrir se as leves ondas que despontam em seu pescoço são tão sedosas quanto parecem — e é exatamente isso que faço.

Sustentamos o olhar um do outro enquanto giramos, e o mundo todo parece silenciar. Tudo o que percebo é o ritmo do meu coração, a intensidade do olhar de Filipe sob mim, e a maciez de seus cabelos.

Suas mãos me seguram mais forte, aproximando-nos o suficiente para nossos corpos se tocarem mais ainda e sem pudor algum. Com os dedos, Filipe desenha o contorno dos meus lábios e perco-me em pensamentos, ansiando por sentir seus lábios nos meus.

Não percebi, mas giramos o suficiente para chegarmos na entrada de um dos camarotes privados. Filipe escancara a porta, me empurra até ela enquanto a fecha, e então minhas costas estão prensadas contra a madeira.

A escuridão momentânea nos toca. Estamos a sós em um cômodo privado, com os ruídos da festa abafados. *Finalmente!*

Nada faz sentido, apenas suas mãos em minha cintura. Ele encosta os lábios nos meus, como um pedido silencioso, e então explode. Claro que não deveria, nós não deveríamos, mas nada disso importa quando meus lábios se abrem aos dele. Eu quero esse beijo, assim como quero tudo o que puder conseguir desse homem encantador.

Inicialmente o toque é doce; como o roçar de lábios que se exploram. Mas ouço um som gutural vindo de Filipe e canso de me segurar. Enrosco meus braços em seu pescoço e aprofundo o beijo. Por instantes tudo é sensação: suspiro, toque, e dois corpos que se devoram. Sinto suas mãos traçando os contornos do meu corpo, unindo-nos cada vez mais, enquanto toco suas costas e sinto as formas rígidas de sua musculatura. As roupas começam a incomodar e, sem pensar duas vezes, tiro a casaca de Filipe, depois sua blusa e, quando sigo para as calças, ele me afasta.

— Não posso, não é justo — murmura, enquanto gira abruptamente e segue para a direção contrária de onde me deixou trêmula e confusa.

A escuridão não permite que eu veja sua face, mas sinto em seu tom de voz que algo o está incomodando. Ainda assim, *estou furiosa*. Como ele pode estar tão controlado? Como pode não sucumbir ao desejo que parece inflamar dentro de mim? Estou queimando, preciso de água, ou de algo mais forte. Decido procurar um lampião que possa me guiar até o aparador de bebida.

Assim que acendo o candeeiro, vejo, no canto direito do camarote, uma bandeja. Sirvo dois copos do que acredito ser conhaque e me viro para Filipe. *Oh, céus*. Por um instante tudo o que consigo fazer é reparar em como a parca luz do aposento banha seu corpo. Claro que ele é lindo, mas o que me faz virar — de uma só vez — a dose que acabei de servir não é vê-lo todo glorioso sem camisa, mas sim a percepção de que Filipe continua com a maldita máscara branca. Por que ela precisa ficar me lembrando que essa noite não é minha? Que não deveria estar aproveitando a companhia desse homem maravilhoso só para depois mentir e roubar?

— O que não é justo, Filipe? — digo ao me aproximar e oferecer o copo de conhaque.

Preciso de um minuto para acalmar a confusão de emoções que tomam conta do meu corpo. E, principalmente, para começar a agir. Meu foco deve estar na máscara e não no homem que a usa.

— Eu estou noivo, Joana. Vim para a França para acertar os detalhes do casamento. — Filipe me encara com um misto de pesar e solidão, enquanto apoia o corpo na beirada de um sofá e me convida a sentar ao seu lado. — Desde o início das negociações sabia que tudo se resumiria a um acordo de negócios. Porém, cada vez que penso em entrar em uma igreja e dizer sim a uma mulher que mal conheço meu coração dispara. Sinto-me estrangulado, mas até agora não sabia o porquê.

Assim que sento ao seu lado ele tira o copo das minhas mãos e as segura, virando-me para ficarmos frente a frente, separados por uma distância curta demais para o meu próprio bem. Não consigo deixar de fitá-lo, de memorizar cada detalhe que compõe esse homem. Reparo que Filipe possui uma cicatriz no ombro esquerdo e mantenho minha atenção nela, tentando evitar por um momento seus olhos penetrantes.

— Vi Lady Catherine três vezes, mas não me recordo de seus olhos, cabelos e muito menos de rir em sua companhia. Pensei, ou tentei convencer minha mente orgulhosa, de que eram coisas que o tempo traria. Não sou tolo, Joana. Nunca esperei por amor. Mas almejo um matrimônio feliz, que gere frutos e seja diferente do relacionamento dos meus pais. Quero ver meus filhos crescendo em um lar afortunado, quero que eles construam um futuro diferente dos Bourbons antes de mim.

— Você pode conquistar tudo isso, Filipe — interrompo, enquanto desvencilho-me de seu toque; dói escutá-lo falar do futuro. — Não precisei de muito tempo para crer em seu coração bondoso. Não tenho dúvidas de que será um bom marido e um ótimo pai.

— A que custo? Dei-me conta de que não quero viver para esforçar-me. Você consegue ver o que fez comigo, Joana? — O desespero em sua voz me faz encará-lo novamente. — Estar tão próximo de você mostrou-me o que

não quero. Uma vida mediana, um futuro no qual precisaria estar sempre lutando para manter um lar construído sob o orgulho e o egoísmo, um casamento no qual nunca poderei ser para a minha mulher tudo o que ela merece. Em poucas horas eu e você construímos uma afinidade que nunca terei com Catherine. E isso me mostrou que não quero me casar só para vencer os demônios criados por meus antepassados. Eu quero mais, muito mais do que mereço, mas ainda assim *mais* .

Em um gesto impensado ele esfrega o rosto com as mãos e puxa os próprios cabelos; a dor que ameaça quebrá-lo me alcança e decido, sem ponderar demais, abraçá-lo. Desejo confortá-lo sem palavras, apenas com o calor do meu corpo.

— Filipe — falo enquanto apoio sua cabeça em meu ombro —, o que você deseja? Quando pensa no futuro, como se vê?

Sinto-o suspirar. Ele rodeia os braços em minha cintura e revela seus maiores sonhos sem ao menos titubear.

— Quero ser feliz, quero viver sem o medo de afligir nas pessoas ao meu redor a mesma dor com a qual meu pai açoitou-me, a mim e a Anne, minha pobre mãe. Tenho quase trinta anos e não almejo mais que uma casa alegre, com cheiro de café recém moído, e que ecoe o riso de meus filhos. Quero tudo o que meus pais não me deram, quero a oportunidade de ser tão feliz quanto minha mãe deveria ter sido.

— E acha que com Lady Catherine não conseguirá isso? Talvez não tenha dado a ela a chance de conquistá-lo.

— Sei que nunca sentir-me-ei confortável ao lado dela e de seus familiares. Sempre estarei acompanhado da sensação de não pertencer, de ser um reles bastardo insuficiente e desonrado. — Ele abrandando nosso abraço para fitar meus olhos. — Estar com você mostrou-me que quero cumplicidade, que preciso estar com alguém que seja capaz de enxergar quem eu realmente sou, sem rótulos, títulos ou histórias sobre o passado. Talvez um dia Lady Catherine consiga essa proeza, mas não desejo um talvez, quero sentir-me aceito *agora* .

— Às vezes pensamos demais, quando tudo o que devemos é seguir o chamado do nosso coração. Se é assim que se sente, lute para construir um futuro diferente, Filipe. Não desista de suas crenças, tenha fé em si mesmo — falo ao tocar seu rosto, ou a parte dele que não está coberto pela maldita máscara branca.

— Lutarei, Joana — diz, enquanto deposita beijos suaves em minhas mãos. — Posso? — Toca minha máscara na intenção de tirá-la. Assinto e faço o mesmo por ele, sentindo as mãos tremerem por finalmente apanharem o objeto com poder de definir meu futuro.

— Você é tão lindo quanto a máscara que traz na face. Mas acho que sabe disso, não é mesmo? — Ele sorri, e alegro-me ao perceber que, pelo menos nesse momento, afastei a dor que nublava seus pensamentos.

— Sei que amanhã as dúvidas me assolarão e terei inúmeras decisões para tomar, Joana. Mas hoje, por essa noite, a única certeza que tenho é de que quero você.

Com as mãos trêmulas termino de tirar a máscara de seu rosto. Trata-se de um pedaço de metal, mas um metal que já mudou a vida de dezenas de pessoas. Fico, por mais tempo do que deveria, encarando a máscara em minhas mãos. Toco suavemente sua superfície e vejo nela meu próprio reflexo. Ela reflete uma mulher amedrontada. Será que Filipe consegue ver o mesmo? Será que enxerga o que essa máscara significa para mim e tudo o que essa noite está fazendo com meu coração? Não sou mais a mesma; estou confusa, desejosa e dilacerada. Lorde Bourbon diz que o fiz desejar mais e, sinceramente, tal verdade não poderia ser mais recíproca. Eu quero muito mais, mas nunca poderei tê-lo.

— Ela é linda, não é? — Filipe diz, enquanto rodeia minhas mãos que seguram a máscara com delicadeza. — Foi do antigo Duque de Maine. Parece que ele se apaixonou por uma mulher casada. Ela usava essa máscara nos encontros proibidos dos dois. Mas o marido acabou pegando-os no flagra e, obviamente, planejou a melhor forma de matar sua querida esposa.

— E o Duque saiu vivo? — Já havia ouvido algumas histórias sobre essas máscaras, mas nunca imaginei que elas realmente haviam acontecido.

— De certa forma ele não saiu vivo. Viu sua amada ser assassinada e passou a se culpar por isso. O Duque casou e teve várias filhas, mas o fato é que só foi perdoado sob o pretexto de conviver com o peso da morte da mulher de sua vida. Dizem que seus olhos procuravam pela máscara, que sempre estava em seu paletó, e que nesses momentos, ao encarar o objeto, ele parecia ser transportado para outro mundo. Antes de morrer ele me fez prometer que eu a daria para a mulher que roubasse meu coração. Na época ri de tamanha afronta. Nós nunca tivemos um bom relacionamento, então ao invés de ouvi-lo, decidi exibir a máscara como desonra a tudo o que ele fez minha família sofrer. E aqui estava, prestes a presentear minha noiva, pela qual não nutro sentimento algum, com o que para ele representou o maior dos amores. Provavelmente tudo o que queria era um pretexto para vingarme do Duque. — Ele balança a cabeça e solta um riso triste. — Mas de que adianta reger meu futuro sob os erros de homens mortos? Orgulhava-me de não deixar que eles influenciassem minhas escolhas, mas pelo visto estava enganado.

Livro-me da máscara, abandonando-a de vez aos nossos pés — decido pensar nela depois, em uma tentativa fraca de fingir que não estou aqui para enganar Filipe — e aproveito um instante para contemplar o rosto do *meu* Lorde. Seus cabelos ondulam na testa e os afasto na tentativa de observar melhor seus olhos. Deposito pequenos beijos em sua fronte, testa, bochechas e nariz, secando as lágrimas que não reparei que ele derramou.

— Quem de nós nunca errou ou se precipitou ao escolher um caminho? Não somos perfeitos, Filipe. Às vezes somos suscetíveis ao orgulho, medo e rancor. Seu coração é bom, mas você ainda é um ser humano, não cobre tanto de si mesmo — digo, enquanto paro para pensar: será que ele não sabe que essa máscara era a *Máscara Branca* das lendas urbanas? Provavelmente nunca buscou conhecer muito a respeito do objeto, só queria usá-lo para exorcizar alguns fantasmas do passado.

— Acho que para o Duque, nós Bourbons, nunca seríamos dignos de um verdadeiro amor. E, para celebrar um casamento fadado ao fracasso, nada melhor do que uma máscara que simboliza a dor da perda, não é mesmo?

— Fadado ao fracasso? Pelo jeito seu coração sempre soube que esse casamento não era o que verdadeiramente almejava. Você só precisava de um pouco de coragem para assumir seus desejos. — Percebo em minha voz um leve tom *esperança* e quase rio. Não tenho direito nenhum a esse homem, sei disso, mas parece que meu coração acredita que ele é meu. Que é ao meu futuro que ele deve interligar o seu.

— Sim, você tem razão. — Ele toma meu rosto com as duas mãos e sussurra em minha direção. — Se conhecesse os desejos da minha alma nesse momento, Lady Joana, tenho certeza de que fugiria assustada. Caso minha vida mudasse por conta desse instante, pode ter certeza de que essa máscara seria sua. E dessa vez como um símbolo real de esperança, e não de sofrimento.

Seguro um arquejo. Talvez meu coração tenha razão, por hoje eu sou dele e ele é meu. Chega de dor, para nós dois, precisamos de um pouco de amor. Nem que seja por uma única noite.

Levanto-me sem tirar os olhos de Filipe. E, ciente de que a luz do lampião banha meu corpo, descalço as luvas e desabotoo o vestido. O tecido cai sob meus pés e nessa hora só consigo pensar que, antes dessa noite, nada pareceu tão certo.

Filipe não desvia os olhos dos meus enquanto levanta e toca meu corpo. Suas mãos me incendeiam e quando ele me beija sinto que descobri, na delicadeza de seu toque, que não me importo mais com o futuro e com a vida imprevisível que me espera. Agora compreendo que a felicidade sempre estará ao meu alcance, não importa se em um casebre ou na proa de um navio, a capacidade de construir um lar só depende de mim. Meu misterioso lorde de olhos verdes me deu algo inesperado e, finalmente, entendo que as pequenas surpresas da vida são maravilhosas.

Ele afasta meus cabelos e beija meu rosto, meu pescoço, e um lugar em meu ombro que me deixa ainda mais entregue. Toque após toque Filipe cria um rastro de desejo em minha pele e, soltando um gemido abafado ergue meu corpo, incitando-me a envolvê-lo com minhas pernas. Estamos cada vez mais unidos, mas ainda não é suficiente. Agarro seus ombros e o trago

para mais perto enquanto mergulho em um emaranhado de sensações que variam entre o desejo e o romance.

Deitando-nos com delicadeza no sofá, Filipe usa seu corpo para aquecer-me mais e mais. Ser amada por ele me dá a certeza de que nunca mais esquecerei desse homem e dessa noite, que sempre serei dele — mesmo longe, mesmo manchando-o com minhas mentiras, mesmo não podendo ver essa paixão crescer e, quem sabe, virar um grande amor. Nunca mais serei a mesma, meu coração ganhou um dono, e enquanto fito a máscara branca esquecida no chão junto com nossas roupas e percebo o brilho diáfano que emana dela, sinto-me amaldiçoada. Agora entendo seu poder.

Por meio dela encontrei minha metade, mas por causa dela também terei que abrir mão dessa felicidade.

11 de fevereiro de 1858, Nápoles

Abro a janela do quarto para sentir a brisa entrar. Inspiro fundo e, não pela primeira vez, agradeço por termos escolhido viver tão perto do mar. Às vezes, quando a saudade ameaça me consumir, espero a lua brilhar no céu para nadar sob sua vigilância, deixando a água gelada acalmar meus nervos.

Mas sinto que, nessa noite, nem mesmo o mar será capaz de apaziguar meu coração inquieto. Hoje, exatos dez anos que não sou mais a mesma, perdi metade do meu coração, só para receber em troca o maior dos prêmios.

Lembro-me daquele carnaval. Voltei aos prantos para o navio e passei dias chorando pelos cantos. A sensação era de que a dor nunca abrandaria.

Mais de uma vez pude contar com o amor do meu pai que, sem ao menos saber o que aconteceu, deu por finalizada nossa missão e entrou em negociação para a venda da máscara preta, desistindo de seu maldito par. Conseguimos menos ouro do que desejávamos, mas recebemos mais que o suficiente para construirmos uma nova vida no litoral da Itália. A decisão de vir para cá foi impensada, só queria me afastar da França e de tudo que incitava em mim a dor de perder um grande amor. Mas o impulso trouxe-me para o que hoje se tornou um verdadeiro lar, e sempre serei grata a isso.

Naquela época imaginei que demoraria anos para retomar minha vida, mas fui novamente surpreendida pelo destino ao descobrir uma nova e maravilhosa fonte de alegria. Desde então os olhos verdes de Filipe deixaram de ser dor para transformarem-se em esperança. Nunca mais o vi ou tive notícias suas, mas todos os dias acordo com olhos exatamente como os seus — risonhos e bondosos — me encarando.

— Mamãe, posso usar o vestido azul hoje? Vovô quer me levar para a vila. Ele prometeu me deixar comprar ingredientes para um bolo. Pensei em

fazermos um de frutas vermelhas, o que acha?

Ah, esses olhos. Gostaria que Filipe visse nossa menininha crescer e desabrochar, que participasse de sua vida. Cheguei a mandar cartas para todos os endereços de Bourbons espalhados pela Inglaterra, mas nenhuma delas teve retorno. Sinto tanto por ele perder isso, por não poder ver o fruto daquela noite bem diante de si.

Gosto de pensar que o destino foi tão bom para ele quanto para mim, que assim como recebi um presente ele também tenha sido agraciado por aquela noite no Baile da Ópera. Podemos não estar juntos, mas aquele momento de esperança e amor nunca será esquecido. Pelo menos não por mim.

Às vezes, pego-me imaginando uma realidade diferente na qual teríamos construído um final feliz. Nela a máscara branca teria nos abençoado em vez de amaldiçoar, e estaríamos unidos por toda a eternidade. Viveríamos em um lar amoroso, sem dúvidas perto do mar, e cheio de crianças felizes e risonhas. Filipe estaria ao meu lado, nas alegrias e dificuldades do dia a dia, e esse seria o meu maior presente.

Fecho os olhos e quase consigo senti-lo comigo, rindo ao meu lado e segurando minhas mãos. Não importa o que o destino reservou para nós, é fato que sempre permaneceremos juntos.

— Vamos, Anne. — Encaro seus olhos verdes e sorrio para minha pequena benção. — Vamos buscar o vestido azul.



Faces reveladas

Alane Brito

Em algum lugar ao norte da Itália – 1869

Giane

Eu não amei Gildo. Há coisas que não podemos comandar, e o coração é uma delas. Ele era um bom homem, conseguiu cair nas graças de meus pais, que não hesitaram em dar a permissão para que me fizesse a corte; sua família me tratava bem e, o mais importante, era jovem, o que já era razão forte o suficiente para aceitá-lo, já que a maioria das moças que eu conhecia acabou se casando com homens bem mais velhos e com certas peculiaridades, apenas para não correrem o risco de ficarem velhas demais para atrair o interesse de alguém. Eu tinha isso em mente quando Gildo fez o pedido de casamento, exatamente seis meses após nosso relacionamento ter começado, pois eu já tinha dezesseis anos e o comum era ter pelo menos dois filhos a essa altura. Vez ou outra ouvia minha mãe falando que eu já havia passado do ponto.

Aceitar seu pedido foi muito mais como uma etapa a ser cumprida do que um arroubo do coração. Mas eu gostava muito dele e tinha esperanças de que encontraria a felicidade com o tempo e que aprenderia a amá-lo assim como ele demonstrava me amar. Seria fácil, eu pensava. Não poderia estar mais enganada.

Não era esse o nosso destino.



— Só mais alguns minutos — disse o fotógrafo. Já havia meia hora que eu estava de pé atrás de meu noivo sentado numa poltrona. Meu vestido de noiva me causava calor e o grampo que fixava a tiara do véu incomodava, no entanto, não podia me mexer para não desarrumar o coque que deu tanto trabalho para ficar arrumado. Meus pés doíam, mas não mais que meu

coração. Seria a primeira e última fotografia que tiraria ao lado de Gildo, pois se tratava de uma recordação do que não pudemos ter por causa da queda do cavalo que lhe quebrara o pescoço, um dia antes da cerimônia. Apesar de não o amar, jamais lhe desejei algum mal, ele acabou se tornando um grande amigo.

Demorou muito para conseguirem deixá-lo numa posição que o fizesse parecer vivo. Como os olhos denunciavam seu real estado, o fecharam e depois faziam uma pintura por cima, o que daria a impressão de estarem abertos. A família dele, aproveitando a presença do fotógrafo contratado para registrar o matrimônio, realizava o que acreditava ser seu último desejo, uma vez que o amor que acreditavam que nós dois sentíamos um pelo outro era inigualável. Todas as escolhas que Gildo fazia eram para me agradar, mas as fotos que eternizariam o enlace, eram uma vontade mais dele do que minha. Sentia certo desconforto quando via fotografias em geral. Não sabia explicar o motivo. Mas não achei justo contrariar o desejo de Gildo, nem de sua família.

Num primeiro momento, moraríamos com os pais dele, mas o projeto da casa já estava em andamento e não demoraria para que tivéssemos o lar há tanto tempo desejado. Devo salientar que não fui uma conquista fácil, e percebi que ter conseguido ganhar o meu coração deu a Gildo uma paixão tão grande pela vida, que quem o conhecia dizia que ele jamais seria feliz com outra pessoa que não fosse eu.

Enquanto lutava para as lágrimas não caírem, recordava os dias anteriores àquele fatídico, quando eu sonhava com o futuro que teria com o homem que aprenderia a amar, ao mesmo tempo que escolhia as comidas, bebidas, ornamentos e aquele traje que eu usava e que agora me esmagava a alma. Preocupava-me também com meus familiares que haviam vindo de longe para assistirem ao casório. Inconscientemente sentia-me envergonhada por ter sido responsável por um gasto de dinheiro e tempo desnecessários.

Olhava para a nuca de Gildo e, se não fosse pelo suporte de madeira atrás de seu pescoço, que mantinha sua cabeça erguida, tinha a sensação de que o veria olhar para mim sorrindo de uma maneira que apenas ele era capaz. A mão que coloquei sobre o seu ombro estava trêmula. Minha cabeça doía por ter que segurar o pranto por tanto tempo. “Pode dar um sorriso?”, ouvi tal

pergunta várias vezes, mas meu rosto estava tão rígido quanto o corpo à minha frente.

— Giane? — Senti alguém tocar em meu braço. Era Carlota, minha mãe, com o rosto vermelho de tanto chorar.

— Sim? — Olhei para ela de modo entorpecido.

— Não ouviu? Pode sair, ele já terminou! — Deu um passo para induzir-me a fazer o mesmo, ainda segurando em meu braço.

— Ah... Tudo bem. Eu só...

Não consegui terminar a frase. Quando dei por mim ajoelhei-me sobre o colo de Gildo, agarrada à sua cintura, chorando de uma maneira descontrolada, certa de que jamais colocaria os olhos naquelas fotografias. Porque aquela imagem, além de estampar uma mentira, de certo modo, seria a lembrança do ponto final de algo em que depus tudo de aprazível que existia dentro de mim. E sabia que se a visse, os últimos vestígios de lucidez minguariam até não existir mais nada.



Mesmo após algum tempo da morte de Gildo, a dor ainda se fazia presente em meu coração. Já não era tão profunda, mas ainda não conseguia ignorá-la. Não vi a fotografia, como tinha decidido. Eu notava que meus pais já não suportavam mais me ver tão melancólica. Então, um dia, chamaram-me para dizer que entraram no consenso de que nos mudaríamos daquele lugar, em busca de novos ares.

— Se for por minha causa não precisam fazer isso — falei quando me deram a notícia.

Estávamos todos sentados à mesa após o jantar.

— É por todos nós — explicou minha mãe, tentando parecer tranquila enquanto servia uma xícara de café para meu pai. — Talvez possamos

encontrar novas oportunidades longe daqui. Temos sonhos de consumo que ainda não alcançamos, sabia?

— Sempre disseram que queriam morrer aqui — lembrei, estreitando os olhos.

— Não somos tão teimosos ao ponto de não mudarmos de ideia em algum momento — objetou meu pai, após tomar um gole da bebida escaldante. — Não concorda que é uma boa decisão?

Fiz uma breve pausa cogitando a possibilidade e, realmente aquilo me fez sentir certa euforia que havia tempos eu não experimentava.

— Acho que é uma ótima ideia — disse sorrindo.

Nem tentei dissuadi-los mais, pois tudo ali me trazia muitas lembranças deprimentes. Não era só pelo fato de ter perdido uma pessoa querida, mas porque eu havia me entregado tanto àquela nova perspectiva de vida que o casamento me traria que eu não conseguia enxergar nada melhor adiante. Esperava que essa mudança realmente trouxesse minha esperança de volta.

Iríamos para Prosperità. Distava cerca de trezentos quilômetros de onde estávamos e uns cem, de Roma. Meu irmão mais velho havia se mudado para lá há alguns anos, e a maneira empolgante como a descrevia nas cartas que enviava já havia enchido o coração de meu pai de expectativas, tanto que, vez ou outra, quando a sapataria de onde tirava o nosso sustento não dava tanto lucro, ele falava que largaria tudo para se arriscar lá. Eu achava que ele jamais teria coragem, pois era um homem apegado às suas origens. Tal foi a minha surpresa quando ele me contou a novidade sobre a mudança e então me senti ainda mais amada, por saber que seria um grande sacrifício para ele.

Segundo meu irmão, Prosperità era um lugar onde caberia dezenas de cidades pequenas como a nossa. Disse que as pessoas eram menos acolhedoras, mas nem por isso perdiam sua simpatia, mas que as compreendia, pois, a vida ali era mais agitada e todos seguiam em busca de prosperidade, como o próprio nome da cidade sugeria. E o que mais encantava eram as ruas do centro, praticamente todas pavimentadas, com

sistema de esgoto, inclusive. As feiras livres dispunham de toda variedade de alimentos, coisas que nunca tinha visto na vida, até então. “Sinto muito a falta de vocês, mas não poderia desejar estar em outro lugar”, foi como encerrou uma de suas cartas. E era nessa frase que eu focava desde que soube de nossa mudança.

A parte mais complicada foi arrumar nossas coisas. Vendemos ou demos os móveis e algumas louças, menos aquelas as quais minha mãe tinha mais apego, como um conjunto de xícaras que minha avó havia lhe dado quando se casou com o meu pai. Pertencia a alguma tradição, sendo passada de geração em geração. Então eu seria a próxima da lista. Se eu me casasse algum dia.

Alguns pretendentes surgiram antes mesmo do corpo de Gildo esfriar. Homens mais velhos, principalmente. Como a cidade onde residíamos era pequena, não tardou para que todos já tivessem conhecimento de que eu estava novamente disponível. Minha família não era abastada, mas vivíamos bem e as propostas eram de acordo com nosso status social. Meus pais mostravam-se animados a tentarem, dessa forma, me arrancarem do sofrimento sem fim, mas, na época, a única resposta que me vinha à boca era que me mataria se me a forçassem a aceitar um novo matrimônio. Agora, já passado algum tempo, eu começava a sentir certa necessidade de aliviar um pouco do desalento dos dois.

Com relação aos meus pertences, ela me disse para abrir mão do que fosse desnecessário. Mas como decidir do que deveria abrir mão?

Abri as gavetas da penteadeira, que logo mais iria para o novo lar, e olhei tudo que havia lá dentro. Além de peças de roupas, guardava alguns presentes que Gildo havia me dado. Uma gaveta era exclusivamente para eles. Coloquei um lenço sobre a cama onde fui depositando um a um: um leque pintado à mão, cartas de amor, uma caixa de lenços que eu nunca tive coragem de usar para não estragar. Estava decidida a deixar aquilo para trás e, dessa forma, talvez deixar minhas recordações longe de mim também. Mas então minha mão esbarrou em algo. Sabia o que era, mas meu coração doeu tanto com a lembrança, que tive receio de tocar naquilo novamente. Hesitei, mas acabei pegando o objeto — uma caixa redonda — e me sentei

na cama com ela no colo. Fiquei uns instantes observando as figuras de querubins que ornavam toda sua extensão.

Sem perceber, já erguia a tampa, expondo o que havia lá dentro. Uma máscara preta. O material parecia metal trançado, como uma renda. Apesar da simplicidade, seu estilo denunciava suntuosidade, e o capricho do acabamento, que fora feita por mãos habilidosas. Não cobriria grande parte do rosto, a não ser a região dos olhos, tendo, evidentemente, duas aberturas para que a pessoa que a usasse pudesse enxergar. Era belíssima. Praticamente irresistível. Mas o que mais me intrigava era a história por trás dela. Quando me deu, Gildo contou que havia uma lenda de que existiam duas máscaras encantadas, uma preta, que seria aquela, e outra branca. Segundo ele, quando as máscaras se unissem, e os usuários se amassem de verdade, seriam felizes e apaixonados pelo resto de suas vidas. E, desde então, sempre que viajava ele procurava pela outra máscara, a branca. Como seu trabalho de caixeiro viajante o obrigava a visitar diversas cidades ou até mesmo outros estados, vivia cheio de otimismo. Foi durante uma viagem para Veneza, em busca de novas mercadorias para revender, que adquiriu a máscara, numa loja de antiguidades. Pagou a quantia equivalente a quase dois dias de trabalho. Eu não acreditava nessa história, mas estava disposta a tentar se isso fosse me ajudar a potencializar meus sentimentos por ele. Não custaria nada tentar.

Ele nunca a encontrou.

E agora não teria mais oportunidade para isso.

Coloquei a caixa sobre os outros objetos, contudo, ao amarrar a trouxa, arranquei-a do meio deles. Talvez estivesse sendo muito injusta em querer arrancar Gildo de minha vida completamente de maneira tão brusca. Estava certa de que se fosse o contrário, ele guardaria ao menos uma única lembrança minha. E aquela máscara seria a lembrança dele, até que eu estivesse pronta a seguir em frente. Além do mais, sendo a lenda verdadeira ou não, estava certa de que não encontraria uma peça parecida em nenhum outro lugar. Então, que mal faria mantê-la comigo mesmo depois que ela perdesse o valor sentimental?



Um ano depois que nos mudamos para Prosperità eu já estava bem acostumada com sua agitação e seu cheiro de fumaça, estrume de cavalo e todo tipo de odores que uma cidade grande expelia.

Meu irmão havia cuidado da compra da nossa nova casa. Era um sobrado simples, mas aconchegante e, como quase todas as residências daquela parte da cidade, não era cercada por muros. A rua não tinha o glamour do centro, mas eu estava acostumada com esgoto escorrendo a céu aberto desde que nascera, então não me incomodava. Meu irmão morava na rua de trás, com a esposa, Adina, e os dois filhos. Ficamos amigas e não eram raras as vezes em que nossas famílias revezavam as casas para fazermos alguma refeição juntos, especialmente nos finais de semana.

Meu pai usou o resto das economias para abrir uma nova sapataria. E, ao contrário da que tinha em minha cidade natal, a movimentação foi promissora e não demorou para se tornar uma das mais bem frequentadas, sendo necessária a contratação de novos funcionários. O segredo ficava por conta do bom atendimento e da qualidade dos produtos que meu próprio pai, Enrico Martino, fabricava.

Mesmo após tanto tempo, eu continuava usando roupas pretas, o que não agradava Adina, minha cunhada, que não cansava de repetir que eu precisava me apressar a procurar outro pretendente ou o tempo seria meu pior inimigo. Mas eu ainda me sentia tão magoada com a vida, que temia entregar-me novamente a uma grande expectativa e tornar a ver meus sonhos sendo arrancados de mim. Não suportaria passar por tamanha desilusão mais uma vez. Já havia me conformado até com a possibilidade de viver sozinha nos fundos da casa do meu irmão, conversando com o nada, como minha velha tia Amapola, que não se casou e passou a ser responsável do meu tio. Lamentava por meu irmão se tivesse que me sustentar, além da esposa e dos filhos.

Então, um dia, algo aconteceu, dando-me um vislumbre de esperança.

Desde que havíamos nos mudado, sempre que solicitado eu levava o almoço para o meu pai, quando ele tinha muito trabalho para fazer. E foi numa dessas ocasiões que conheci Leonel Gherardini, filho mais velho de um conde. Galanteador, o rapaz não perdeu a chance de me jogar o seu charme. Percebi que me olhou quando entrei. Fitei-lhe de soslaio, suprimindo o desejo de devolver-lhe o sorriso. Ele era um belo rapaz, mas, como não quis parecer despudorada, virei o rosto e continuei meu trajeto até uma sala que tinha nos fundos, onde costumava deixar a comida. Após cumprimentar meu pai brevemente, que auxiliava o funcionário no atendimento ao nobre cliente, dirigi-me para a saída, desconcertada com a presença do mancebo que continuava a me encarar.

— Boa tarde — falei ao passar ao seu lado, mas ele segurou em meu braço.

Fulminei-o com um olhar de censura, contudo, logo me desarmeí quando vi o seu sorriso. Conferi se meu pai presenciou o que aconteceu, no entanto, ele continuava atento aos movimentos do vendedor.

— Boa tarde — ele disse, soltando-me. — É funcionária da loja?

— Não, senhor, meu pai é o proprietário desse estabelecimento.

— Já vim aqui em outras ocasiões e nunca a vi — disse, franzindo o cenho.

— Ou pode ter visto e não dado importância — falei com certo atrevimento.

— Isso seria impossível.

Encabulada, arrumei uma mecha inexistente do cabelo sempre preso, atrás da orelha. Ele não falou com tom de ironia ou puro galanteio, senti que havia algo mais, como se estivesse, de fato, encantado com a minha presença. Mas não quis acreditar que isso era verdade, afinal, um rapaz como aquele não se sentiria atraído por uma moça simples como eu.

— Bom... Preciso ir, tenho que ajudar minha mãe em casa — respondi, já me afastando rumo à porta, mas senti o peso de uma de suas mãos ao

segurar o meu braço. Dessa vez meu pai viu, no entanto ficou só observando.

— Quando poderei vê-la novamente?

— Se tiver que acontecer, a ocasião não precisará ser planejada. Tenha um bom dia.

Fiz uma reverência e saí, reprimindo a vontade de lhe falar que poderia escolher um dia, que estaria presente no momento que desejasse. Não queria agir por impulso, dessa forma eu pareceria atirada e, no fundo, sentia que não estava sendo justa com Gildo. Havia algo em mim, um fio extremamente tênue, que ainda me ligava a ele, e tinha medo de deixar aquilo se partir e, assim, sentir-me como se estivesse flutuando no mar, à deriva, sem rumo. De certo modo, tal sensação me causava conforto por ligar-me a algo familiar, mesmo que me arremetesse a uma experiência ruim. Eu tinha receio do desconhecido.

Mas tudo foi acontecendo naturalmente. Em outras ocasiões em que precisei ir à sapataria, encontrei Leonel à minha espera. Foram tantas as vezes, que comecei a suspeitar que meu pai estivesse de conluio com ele.

Meus pais não eram cobiçosos, mas a ideia de me ver com um homem tão afeiçoado e uma condição social extremamente elevada, era bastante animadora. Sua simpatia havia conquistado o Sr. Martino, que não perdia a oportunidade de fazer-lhe elogios, e este já tinha enchido a minha mãe de esperanças de um evidente interesse do rapaz por mim.

Numa tarde, quando eu bordava uma toalha de mesa sentada rente à janela da frente para aproveitar os últimos resquícios de luz do dia, vi uma carruagem de aparência nobre parar em frente à minha casa. Ainda fiquei observando por uns instantes, imaginando a possibilidade de ser um engano ou alguém procurando por informações. Então, um rapaz familiar desceu do carro e se aproximou da porta. Era ele. Leonel.

Assustada, saltei da cadeira quando ouvi as batidas, fazendo uma breve prece para que ele não tivesse me visto distraída por trás das vidraças, pois

já haviam me dito que fazia caretas enquanto bordava. Joguei a agulha e o tecido esticado no bastidor, passando as mãos nos cabelos.

Minha mente dizia para sair correndo e esperar que minha mãe o atendesse em meu lugar, mas minhas pernas já haviam me levado até a porta, com o coração acelerado, ao ponto de fazer minha cabeça doer. A curiosidade de saber o que fazia ali causava-me um misto de receio e excitação. Levei a mão hesitante à maçaneta algumas vezes, sempre recuando antes de girá-la, até que o medo de ele desistir e ir embora me encorajou, tirando, enfim, o obstáculo que nos separava. A imagem de Leonel sorrindo ao me ver ofuscou tudo mais diante de meus olhos.

— Boa tarde, madame — cumprimentou fazendo uma reverência.

— Boa tarde — respondi, reverenciando-o também. Só no instante em que segurei as laterais do vestido foi que percebi que não estava com um dos meus melhores trajes. Senti um calor repentino e o desejo de fugir retornou, mas me mantive firme. — O que o senhor... está... quer...

— Senhor Leonel! — Minha mãe surgiu ao meu lado, animada. — Entre, por favor. A que devo a honra?

— Boa tarde, madame Martino. — Repetiu a reverência. — Agradeço o convite, mas minha visita será breve. Como devem saber, o baile de carnaval no palácio do Conde Lorenzo Veronez está próximo. É uma festa muito bem frequentada, preciso destacar. E eu vim aqui para convidar madame Giane para me acompanhar. — Olhou para mim com o alvo sorriso que me encantava tanto. Tentei sorrir de volta, mas estava chocada demais para mover os lábios. — Será uma grande honra se...

— Sim, ela vai — respondeu Dona Carlota, sorridente, antes que eu abrisse a boca e pudesse lhe contradizer. Agora que confirmou com os próprios olhos todos os elogios que o esposo fizera àquele mancebo, ficou ainda mais empolgada com a possibilidade de me juntar a ele.

— Fico muito feliz — disse Leonel sorrindo, olhando para mim de um modo que fez minhas pernas ficarem bambas. Retirou um envelope dourado

do bolso interno do paletó, entregando-me. — Passarei aqui às dezoito horas no dia proposto no convite.

— Estarei pronta — foi só o que consegui falar, recebendo o envelope. Sentia-me muito surpresa, pois estava certa de que não lhe faltavam pretendentes. Mas nem passou por minha cabeça questionar suas razões ou negar tal convite.

— E certamente estará encantadora... — Seu sorriso não se desmanchava. — Bom, tenho que ir.

— Oh, que pena... — lamentou minha mãe. — Não quer mesmo entrar?

— Numa próxima oportunidade. — Leonel fez uma reverência e seguiu para a carruagem. Ficamos observando Leonel se afastar, em silêncio, até que entrou no veículo, enquanto o cocheiro dava a ordem para os dois cavalos se afastarem dali.

Leonel Gherardini era filho do Conde Camilo Gherardini. De uma beleza exuberante, as moças o disputavam, ignorando o fato de certamente não serem agraciadas com um cônjuge fiel, se uma delas viesse a desposá-lo. Na realidade, era festeiro e namorador, não se interessava em mais nada a não ser aproveitar a vida como bem desejava, e eu tinha consciência disso, pois, além de seus atos serem notórios na cidade, Adina, que se mantinha bem informada, tratou de abrir meus olhos quando lhe havia confessado minha ascendente paixão por ele. No entanto, iludia-me com a certeza de que, se conquistasse o seu coração, conseguiria mudá-lo. Estava disposta a me esforçar, o que não se tratava mais apenas de agradar aos meus pais. Havia me arriscado a finalmente tomar a difícil decisão de deixar a história com Gildo para trás, portanto, queria, precisava na verdade, que desse certo. Desde que perdera meu noivo, era a primeira vez que ficava ansiosa para ver alguém. Tão ansiosa, que até das vestes pretas havia me livrado.

Enquanto aguardava o dia do baile, preparei-me para estar à altura do meu acompanhante. Sendo realista, eu sabia que estava longe disso, mas não queria que minha aparência envergonhasse Leonel de alguma forma. Então me empenhei a procurar trajes apropriados, que meus pais tivessem condições de adquirir. Alguns dias de procura em companhia de minha

cunhada, que deixava os filhos aos cuidados de uma vizinha quando precisava sair, consegui encontrar um bellissimo vestido e uma máscara que combinasse. Não havia me esquecido da que Gildo havia me dado, mas eu não queria usá-la. Para mim, optar por ela seria a mesma coisa que usar o mesmo vestido de noiva num segundo casamento.

Embora os valores estivessem acima do limite estabelecido pelos meus pais, eles atenderam ao meu pedido, deixando claro apenas que as compras se limitariam àquilo. Fiquei feliz pela roupa, satisfeita por minha *crinolina* ^[2] estar em bom estado, mas tendo em mente que havia algo mais de que eu necessitava: sapatos novos.

— Estou começando a ficar nervosa. Tenho medo de pensarem mal de mim por causa de... — falei numa conversa com Adina quando, numa tarde, fui à sua casa lamentar meu infortúnio. Meu irmão não estava em casa e eu a ajudava a lavar as roupas no espaçoso quintal. Não havia divisórias nos terrenos da casa dela e das adjacentes, mas todos os moradores respeitavam seus limites. As crianças brincavam por ali com os filhos dos vizinhos de alguma coisa que envolvia muita correria. De vez em quando Adina interrompia a conversa para reclamar com eles. Continuei em tom mais baixo. — Leonel.

— O que seus pais dizem? Sabem da fama dele?

— Já ouviram falar, mas costumam deixar uma conversa de fininho se percebem que alguém fará fofocas. Costumam dizer que dar ouvidos a boatos só serve para torná-los verdadeiros.

— Fazem bem. Talvez o rapaz esteja pensando em mudar de vida, começar uma família e tomar um rumo melhor.

— Estou tentando acreditar nisso, porque nunca demonstrou ser o que é quando o vejo. Chega a parecer uma pessoa de respeito.

— Todos merecem uma chance, Giane. Especialmente se é rico e bonito como Leonel Ghiardini. — Sorriu e piscou.

Eu também ri, meneando a cabeça negativamente.

— Você não existe, Adina.

— Você está apaixonada por ele, Giane! — Esfregava uma peça de roupa com mais afinco. — Se não for totalmente, o tempo cuidará disso. Essa pode ser sua chance de conquistar o seu coração. Não a deixe passar ou talvez termine com um velho que fede a alho e tabaco, tendo que lavar as roupas de baixo dele.

Tal perspectiva me pareceu pior que passar o resto dos meus dias sozinha.

— Não acha que está sendo precipitada demais em planejar minha união conjugal? — perguntei.

— Ora, não venha dizer que também não tem pensado nisso.

— Não! Quer dizer... talvez — disse, passando uma mão na espuma branca que boiava na bacia —, mas não quero fazer papel de tola.

— Então... Só o que estou fazendo é dar corda aos seus próprios devaneios. Se eu não acreditasse existir uma chance, não faria isso. Além do mais, preciso ter um parente rico, assim terei a chance de visitar sua mansão nos finais de semana com as crianças. Ei, vocês! — gritou num rompante para as crianças. — Parem de comer essa planta!

Tentei segurar o riso, mas não consegui.

— Tem uma questão me incomodando... — comecei. — Não tenho sapatos para o baile.

— Como a filha de um sapateiro não tem sapatos novos? — questionou Adina, quase espalmando a água.

— Eis a incógnita atual de minha vida... — Suspirei. — Não sei o que faço. O sapato que havia comprado para o casamento dei para uma vizinha antes de nos mudarmos para cá. E meu pai disse que restauraria o velho, mas não é a mesma coisa. Além de não combinar com meu vestido.

— Precisamos fazer alguma coisa. Existe uma opção — disse tranquilamente, enquanto esfregava uma camisa. — Você tem algo de valor

que possa vender?

No primeiro instante nada me ocorreu, mas logo um objeto me veio à mente junto com um frio no estômago.

— Sim, eu tenho. Uma máscara.

— Uma máscara? — Objetou com certo desdém, parando o que fazia para me olhar.

— Sim, mas não é uma máscara qualquer. É luxuosa. O material, acabamento, tudo de ótima qualidade. Gildo gastou uma bela quantia para adquiri-la.

— Bom, podemos tentar, pelo menos. Mas tem certeza de que quer abrir mão dela? — perguntou, voltando a dar atenção às roupas providencialmente. — Já que foi seu falecido noivo quem lhe deu...

Àquela altura eu só estava com as mãos paradas dentro da bacia com a água ensaboada.

— Estou pronta. — Não estava muito certa disso. — Estava esperando um motivo para abrir mão dela. Creio que tenha chegado.

— Bom, se é assim... Traga-a aqui amanhã e veremos o que podemos fazer.

Naquela noite, eu abri a caixa com figura de querubins pela primeira vez em meses. A sensação foi ruim. Ela me arremeteu a tempos passados e uma pontada amarga de uma melancolia familiar penetrou em meu coração. E o receio que antes sentia de me desfazer daquilo acabou sumindo, porque eu não queria sentir aquilo nunca mais.

No dia seguinte encontramos um comprador para ela por um valor menor do que eu esperava, contudo foi suficiente para adquirir meus sapatos novos. Estava feliz, porque foi como se eu tivesse tirado uma gigantesca camada de gelo de minha vida e havia muito tempo que não me sentia tão leve.

Filippo

Após anos na Inglaterra concluindo um curso de Direito, retornei para Prosperità havia três semanas, e esperava que algumas das características menos agradáveis do comportamento dos membros de minha família tivessem mudado. Mas estava tudo lá, como se eu nunca tivesse saído de casa. Meu pai ainda era o homem que colocava dinheiro à frente de qualquer pessoa, minha mãe, resignada, não se importava em ficar em segundo plano — ou terceiro, isso dependia das opções —, contanto que não perdesse seu conforto e a companhia de seus dois filhos; e a falta de escrúpulos do meu irmão mais velho, Leonel. Ao contrário dele, eu não queria passar a vida sendo sustentado por nosso pai, não gostava de ser motivo de falatórios e procurava agir com responsabilidade no que fosse possível. Meu irmão, mais alto e robusto que eu, sempre se destacou no quesito aparência e simpatia e isso, em muitas ocasiões, fez-me passar despercebido. Quando éramos crianças chegaram a perguntar se éramos irmãos gêmeos, pois tínhamos praticamente a mesma estatura até determinada idade, os mesmos olhos e cabelos castanhos. Mas quando a puberdade nos alcançou, meu corpo decidiu seguir o próprio ritmo. Então resolvi investir em outros pontos que permaneceriam comigo quando a velhice me alcançasse e a beleza pertencesse ao passado.

— Você definitivamente não presta, Leonel — falei assim que soube dos planos do meu irmão para o baile de carnaval, quando cavalgávamos no aras do qual éramos associados. — Por que faz essas coisas?

— O que há de mal?

— Você vai enganar uma boa moça! Não sei de quem se trata, mas tenho certeza de que não merece. Você mesmo acabou de dizer que ela tem princípios. Por que não desiste da ideia de ficar com duas ao mesmo tempo no baile e fica só com ela?

Eu não conseguia entender suas atitudes com relação às mulheres. Desde meus treze anos, quando percebi que gostava de Antonella Montanari, sentia que precisava ser fiel a esse sentimento e isso me impedia de me interessar por outra pessoa. Além do mais, nenhuma outra moça, até então, conseguiu atrair-me como Antonella. As tentações foram muitas ao longo dos últimos anos, mas quando me via prestes a sucumbir aos desejos carnisais, recordava-me de que antes de eu partir rumo a Inglaterra, ela me assegurou que me esperaria. O que foi uma grande surpresa, pois poderia jurar que meu amor fosse platônico, uma vez que ela parecia se interessar mais por Leonel, como todas as outras moças. E adiava a declaração por medo de ser preterido. Contudo, assim que voltei enchi-me de coragem e fui até ela revelar-lhe meus sentimentos. Ela ficou muito feliz, ainda mais depois que pedi autorização ao pai dela para fazer-lhe a corte. Em breve pediria sua mão e ela finalmente seria a minha esposa.

— Está sugerindo dispensar Carina De Santis? — questionou Leonel num sobressalto. — Está louco? Se tivesse que escolher de qual das duas eu abriria mão, já sabe a minha resposta. Só a convidei porque papai disse que não me daria mais um centavo se aparecesse lá com uma acompanhante vulgar novamente.

— E como vai conseguir escondê-la do papai? Alguém o verá com Carina e acabará dedurando-o. O que será muito bem feito, devo dizer.

— Você é tão puritano que deveria ser um frade. Já tenho tudo pensado. Chegarei com a mocinha recatada e apresentarei ao papai e a mamãe. Depois me aventurarei no meio da multidão. Tenho a fantasia ideal... Não vai dar nada errado. Será divertido.

— Você não tem temor a Deus.

— Ora, não seja exagerado — disse, um tanto ofendido. — E tenho bons planos para a mocinha. Dentro do labirinto daquele mesmo palácio já fiz algumas mulheres muito felizes, modéstia à parte. No final é o que todas querem — constatou sorridente.

— Às vezes acho que você é louco.

Leonel deu uma gargalhada, chegando a virar a cabeça para trás.

— Mais louco que sua Antonella, duvido muito.

— Pare com essa baboseira! — resmunguei contrariado. — Você inventou isso quando descobriu que eu gostava dela, faz isso só para me provocar.

— Não mesmo. Sabe que antes de ela se revelar apaixonadinha por você, nós dois flertamos durante alguns dias e essa intimidade mostrou uma face dela que eu desconhecia. Minha intolerância por possessividade começou depois disso.

— Você tinha quinze anos na época. O que saberia sobre essas coisas?

— Não muito, mas sabia muito bem identificar uma pessoa desprovida de bom juízo.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não vou dar ouvidos a essas bobagens.

— Faça como quiser! — Deu de ombros. — Não serei eu quem irá dividir a cama com uma maluca. — Riu do próprio comentário. — Voltando ao assunto do baile... Fique por perto, pois apresentarei você à minha comportada acompanhante. Quero saber o que acha dela.

— Não, obrigado. Se a vir com você serei eu quem revelará a verdade para ela. — Bati levemente as esporas nos lombos do cavalo, o que fez o animal correr.

— Você vai o quê? — perguntou Leonel, contrariado, seguindo-me no mesmo ritmo.



Mais tarde naquele dia, eu procurava por uma máscara. Faltava quatro dias para o carnaval e resolver essa questão ainda era um empecilho. Até porque

Antonella foi bem específica quando disse que a minha precisava ser preta, para combinar com o seu vestido. A maioria que eu via era usada com as bautas ^[3], e essas não me interessavam. Entrei nas lojas mais nobres, depois optei por outras mais simples, contudo, não conseguia encontrar algo que fosse do meu gosto. Quando estava prestes a voltar para a primeira loja e recomeçar a procura, eis que no fim da rua enxerguei um imóvel que nunca havia notado. Na fachada, uma placa com os dizeres: “Produtos de Luxo Usados”. Teria novamente passado despercebida se não tivesse avistado na vitrine algumas máscaras expostas, então me aproximei.

Antes de entrar, observei os produtos mais de perto e me agradei muito de uma delas, exatamente na cor que eu procurava, embora admirei-me do custo ser muito alto. O material parecia metal trançado, como uma renda. Não cobriria grande parte de meu rosto, a não ser a região dos olhos.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma senhora baixinha e sorridente de cabelos grisalhos do vão da porta, segurando um gato no colo como se fosse um bebê.

— Estou procurando uma máscara para um baile e vi as que a senhora tem aqui. Interessei-me por aquela preta — apontei para o objeto mencionado.
— O preço está realmente correto?

— Sim, essa máscara tem uma linda e trágica história. Dizem que é amaldiçoada, mas não me recordo exatamente.

— Bom, bom... Tudo bem, sem problemas, isso não faz mesmo diferença.
— Fiquei mais um breve ínterim pensativo. Sabia que após tanto tempo de procura seria muito difícil encontrar outra tão bonita quanto aquela. E estava certo de que Antonella iria gostar, então tomei a decisão. — Não acreditei na tal lenda, mas vou levá-la assim mesmo, porque gostei do estilo.

— Fez uma ótima escolha — ela disse sorridente, pegando a máscara da vitrine e seguindo ao caixa.

Eu não sentia que fizera um bom negócio, mas estava satisfeito. Por mais que não acreditasse naquela história de magia, havia algo naquela máscara

que me atraía, e o mais estranho era que estava extremamente ansioso para colocá-la em meu rosto.

Giane

Enfim, chegou o carnaval. Nas ruas havia um colorido que não era comum nos dias normais. Seriam dez dias de festejos onde as pessoas se entregariam sem culpa à luxúria.

O baile no palácio do Conde seria naquela primeira noite de festejos e eu estava pronta uma hora antes do horário marcado. Quando Leonel chegou em minha casa, por pouco não corri até a porta, mas minha mãe impediu, pedindo que me escondesse para fazer uma entrada “triumfal”. Deveria aparecer assim que a ouvisse chamar por mim.

— Como vai, Leonel? — ela disse ao abrir a porta.

— Não poderia estar melhor, agora que estou vendo a senhora. — Ele segurava a máscara preta que completava a indumentária — apenas uma túnica preta — em uma das mãos. Na outra havia flores, as quais entregou à minha mãe, que as recebeu encantada. — É um grande prazer revê-la.

— O prazer é todo meu, não tenha dúvidas.

— Boa noite, Leonel — cumprimentou meu pai, aproximando-se da porta.

— Entre, por favor.

— Obrigado, mas não pretendo me demorar, dessa forma o nosso retorno será mais breve, não quero que uma moça de boa família fique nas ruas até tão tarde da noite.

Minha mãe estava de costas para mim, mas tive certeza de que abriu um vasto sorriso sem que pudesse contê-lo. Impaciente pela embromação, saí de meu esconderijo.

— Oh, sim, claro. Você tem toda razão. Vou chamar minha filha. Gia... — não completou o chamado, pois assim que se virou, eu acabava de chegar às suas costas, fazendo-a levar um leve susto. Franziu o cenho com um olhar de repreensão, depois virou-se para Leonel novamente, forçando um sorriso. — Aqui está ela.

Minha máscara era comum, daquelas que cobriam apenas a parte dos olhos, como a preta que vendi. Esta era prateada, com penas douradas presas nos dois lados da face. O vestido era verde musgo, com rendas douradas em toda a região do tronco e da volumosa saia. No alto do corpete, um babado no mesmo tom verde do resto do traje cobria toda a região do busto até os ombros, servindo, dessa maneira, como mangas. Carregava uma bolsa de mão prateada, de cetim, segurando-a com delicadeza pelas finas alças. Nela não havia nada mais que um lenço e um minúsculo espelho. Nos pés, meu belo par de sapatos novinhos. Conteí para minha mãe como fiz para adquiri-los e ela não fez objeção. Na verdade, ficou bem satisfeita por eu ter tomado a decisão de seguir em frente, enfim, livrando-me da última coisa material que me ligava ao meu triste passado.

— A senhorita está encantadora, se me permite dizer — Leonel falou com um sorriso que me deixou sem palavras por alguns segundos.

— Obrigada — disse, após sentir uma discreta cutucada de cotovelo de minha mãe.

— Podemos ir?

— Sim, claro. Até logo — disse, voltando-se aos meus pais, beijando-os no rosto.

— Divirtam-se — desejou minha mãe.

Notei que os dois continuaram nos observando até que entramos na carruagem. Lá de dentro acenei para eles e senti um aperto no coração

quando começamos a nos afastar. Provavelmente efeito do nervosismo e receio do que as pessoas pensariam de mim depois daquela noite, quando me vissem com Leonel.

O trajeto até o palácio demorou um pouco mais que o normal por causa da quantidade de foliões de que o carro precisava se desviar nas ruas. Enquanto isso, eu aproveitava para observar a movimentação. Praticamente todos usavam fantasias, alguns poucos pareciam não se importar com tal detalhe. Adina havia me dado informações sobre os trajes mais tradicionais.

Vi uma ou outra mulher com a *moretta*, que era uma máscara preta de veludo em formato oval, que as impossibilitava de falar porque a seguravam com um botão dentro da boca. Não imaginava o quanto deveriam ser desconfortáveis. Eram mais comuns em bailes de salão. Sempre sentia calafrios quando as via. Moças solteiras não podiam usá-las, pois atraíam as chances de receberem galanteios, e se tinha algo que elas prezavam, algumas, pelo menos, era pela castidade, então precisavam manter as tentações à distância. Outra bastante popular era a *gnaga*, que também visualizei no caminho. Era uma máscara com maquiagem feminina, mas apenas os homens usavam, trajando vestidos, inclusive. Quem tinha tendências homossexuais aproveitava a oportunidade para se soltar, já que a sociedade não permitia que agissem de maneira afeminada em público. Era o tipo de atitude que eu nunca tinha presenciado, mas Adina disse que era mais comum do que eu imaginava. Havia também diversos *Arlequins* e *Colombinas*, os *grupos de meias* ^[4], além das muitas pessoas que criavam suas próprias fantasias.

Quando, enfim, paramos em frente ao palácio, senti o peso por estar acompanhada por um rapaz com péssima fama na frente de tamanha multidão, por isso achei que o uso das máscaras tinha vindo a calhar. Mesmo assim, ao descermos, mantive-me cabisbaixa. Porém, a magnificência do lugar me fez esquecer momentaneamente meus receios e ergui os olhos para poder contemplar tudo ao redor.

O palácio era gigantesco. As pedras que formavam suas paredes pareciam milenares, imaginava quanto tempo durou para serem encaixadas umas às outras. Uma larga escada de quinze degraus se estendia à frente, tomando praticamente todo o espaço adiante. No alto, as passarelas que davam na

entrada eram de pedras também, e circundavam um enorme gramado onde tinha uma fonte no meio. Ao redor, muitas árvores e jardins floridos. Em alguns pontos das partes baixas das paredes, trepadeiras cobriam sua extensão com seu rastejar lento e persistente.

Ao me aproximar o suficiente, cheguei a sentir minha nuca tocar as costas quando procurei ver o topo da construção, sem cessar os passos. No instante em que meus olhos se voltaram à frente, dei de cara com as imensas portas escancaradas e seu interior iluminado recheado de pessoas que, naquela noite, não seriam elas mesmas.

Senti que minha vida mudaria assim que atravessasse aquele vão ao lado de Leonel.

Filippo

Poucos minutos depois que Leonel saiu para buscar sua falsa acompanhante, eu olhava a minha imagem no espelho de suporte em meu quarto, analisando se a roupa estava mesmo de bom gosto. Não era nada extravagante. Optei por um Smoking preto porque nunca gostei de fantasias. Lembrei-me de que faltava apenas mais um detalhe. Olhei para a máscara sobre a cama e fui buscá-la. Parei novamente em frente ao espelho, colocando-a no rosto. Senti um calafrio no mesmo instante, então respirei fundo, julgando ser por conta do nervosismo. O que era comum nos momentos que antecediavam um encontro com Antonella.

Logo em seguida, deixei minha casa para ir em busca de meu par.

Os pais de Antonella me atenderam e a formosa dama não demorou a apresentar-se glamorosa. Estava de vestido azul bem claro de mangas caídas, com asas brancas de anjo às costas. Não estava usando máscara, como já havia me avisado, alegando que não queria que restassem dúvidas dos espectadores de quem se tratava a minha acompanhante. Tudo isso, somado aos seus olhos azuis e cabelos dourados presos num coque, com uma coroa de ouro e brilhantes reluzentes no alto da cabeça, fizeram-me, por um instante, acreditar que estivesse realmente vendo um ser celestial.

— Podemos ir? — ela perguntou. — Filippo, é a terceira vez que eu te chamo.

— Oh, perdoe-me! Sim, claro, podemos! — falei, dando-lhe o braço. — Tenham uma boa noite. — Fiz uma reverência para os pais de minha acompanhante.

Logo em seguida, dirigimo-nos para a carruagem. Ela torceu discretamente o nariz, pois o carro não era dos mais pomposos. Aquele era o único à minha disposição, já que meus pais e Leonel haviam pego os melhores. Mas preferi fingir não ter percebido sua reação. Dei-lhe a mão para ajudá-la a subir e logo depois foi a minha vez.

— Está linda, madame — disse após alguns minutos de silêncio. Estávamos sentados um de frente para o outro.

— Obrigada — respondeu com um sorriso que fez meu coração acelerar. — O senhor também está muito bonito.

— Oh... Obrigado — falei, ajeitando-me no banco, passando a mão no cabelo.

— Quer me beijar agora?

Engasguei-me e comecei a tossir intensamente, completamente atônito.

— Como disse? — perguntei após conseguir, enfim, controlar-me.

— Por que esperar mais? Em todos os nossos encontros o senhor tem sido um cavalheiro. Desconfio de que também esteja ansioso por isso. — Fitou-me com ar malicioso. Ela tinha toda razão. — Eu espero por isso desde antes de sua partida para a Inglaterra.

Ela estendeu uma de suas mãos para que eu me sentasse a seu lado, e assim o fiz, mantendo minha mão entre as dela. Nunca havíamos ficado com os rostos tão próximos.

— Realmente não se importa? Não quero desrespeitá-la.

Antes mesmo de responder, ela tomou iniciativa e deu-me um beijo nos lábios. Tive a impressão de uma descarga elétrica percorrer todo o meu corpo. Quando abri os olhos, ao nos afastarmos, fui acometido por uma

breve vertigem. Por um segundo podia jurar que vi o rosto dela transfigurar-se em algo medonho. Pisquei algumas vezes e logo tudo passou.

— Está bem? — ela perguntou.

— Não estou sentindo as minhas pernas — falei, arrancando-lhe uma risada.

No momento em que ela abriu a boca para responder, sentimos um forte solavanco e as rodas do carro pararam de girar. Coloquei o rosto para fora da janela lateral.

— O que aconteceu, Giuseppe? — perguntei ao cocheiro. Giuseppe foi o primeiro a ser contratado por papai para realizar tal função. Na época, tínhamos apenas um carro, por isso era bastante solicitado. Eu me admirava de como ele era capaz de saber onde ficava cada rua da cidade sem se atrapalhar. Depois que seu trabalho foi dividido com mais dois, ele passava mais tempo cuidando dos cavalos da nossa família do que guiando.

— Caímos num buraco — respondeu o senhor, saltando da carruagem e analisando os estragos. — Tenho que fazer um reparo numa das rodas.

Passei a mão no rosto, impaciente. Depois desci do coche para olhar o problema de perto.

— Não estou acreditando nisso... Vai demorar muito tempo, Giuseppe?

— De dez a quinze minutos, patrão.

— Inacreditável! — Coloquei as mãos na cintura, balançando a cabeça de um lado para outro, em sinal de negativa. — Tudo bem, se não há outra alternativa... Mas seja rápido!

Voltei para dentro do carro, onde havia deixado uma dama nada satisfeita.

Acabamos nos demorando quarenta minutos a mais do que levaríamos para chegar ao destino, se nada tivesse acontecido. Mas eu estava satisfeito por ter passado esse ínterim ao lado de Antonella, pois isso me rendeu mais

alguns beijos. Por pouco não lamentei quando Giuseppe avisou que estávamos prontos para seguir caminho.

Quando paramos em frente ao palácio, dei-lhe a mão para auxiliá-la na descida. E me senti um homem sortudo por estar acompanhado por uma moça tão bela a ponto de atrair todos os olhares por onde passávamos.

Giane

Eu não era capaz de conter meu deslumbramento quando entramos no salão. Não conseguia me decidir qual vestido era mais bonito, ou fantasia ou máscara... Havia uma infinidade de garçons que não paravam de servir bebidas e canapés, apesar de ter uma sala reservada só para a mesa repleta de comidas de ponta a ponta. No primeiro momento, fiquei meio zozza com tanta opulência, risadas, músicas, mulheres com suas *morettas* escandalosamente sendo agarradas pelas cinturas por alguns cavalheiros com seus rostos ocultos também. Cheguei a me sentir deslocada, como se não me encaixasse naquela realidade. Por causa das excentricidades, claro, mas também devido à minha realidade social. Tinha a sensação de que meus trajes fossem ainda mais inferiores do que eram na realidade. Meus pais fizeram um esforço para adquirirem aquela peça de roupa, mas estava longe de ser a melhor da loja. A única joia que eu usava era um par de brincos de esmeraldas, que minha mãe pegou numa caixinha onde o guardava junto com um anel de ouro e rubi, herdados de minha avó, que escondia no fundo da gaveta da penteadeira. Além deles, ela tinha apenas um conjunto de colar e brincos de pérolas. Antes de cedê-los, fez-me prometer que perderia as orelhas, mas manteria os brincos a salvo.

Poucos minutos após chegarmos, passei pelo primeiro teste: fui apresentada aos pais de meu acompanhante. De início, senti as pernas bambas, porém, a maneira gentil como ambos me receberam me fez relaxar. E percebi que Leonel ficou muito satisfeito. Ele era a cópia do pai, era como se o estivesse vendo daqui a alguns anos. A única diferença era que o homem era muito sério, ao contrário do filho.

Foi um encontro breve. Leonel logo pediu licença aos pais e nos afastamos. Alguns bons passos depois, ele largou o meu braço, curvou-se, estendendo-me a mão.

— Dança comigo? — perguntou.

— Eu adoraria — respondi sorridente, fazendo uma cortesia desengonçada.

Seguimos mais para o centro do salão, onde começamos a bailar ao som de uma valsa que jamais tinha ouvido. Naquele momento só conseguia pensar que queria apenas fazer um bom papel, e dançar, pelo menos, eu sabia fazer muito bem.

Após alguns rodopios Leonel fazia caretas, o que não demorei muito para notar.

— O que há com o senhor?

— Acho que comi algo que não me fez bem. Assim que acordei tenho sentido dores de estômago.

— Oh... Poderia ter cancelado comigo e ficado em casa para descansar. — Procurei parecer condescendente, mas não estava sendo sincera. Não sei o que faria se ele tivesse desistido.

— Jamais faria isso com a madame.

Sorri, desviando o rosto, desconcertada.

— Se não estiver se sentindo melhor até o fim do baile, quando voltarmos para casa, peço para minha mãe lhe preparar um chá. Ela tem ótimo conhecimento sobre ervas medicinais.

— Aceitarei com muito bom gosto. Mas, por enquanto... — disse, colocando uma mão sobre o abdômen. — Peço licença para...

— Oh, sim, claro! Fique à vontade — falei com certa urgência.

Ele me conduziu até uma poltrona num canto da imensa sala, que ficava ao lado de uma mesa com um jarro abarrotado de flores coloridas diversificadas. Retirou a máscara para poder falar mais claramente.

— Quero que fique aqui para eu não correr o risco de perdê-la. Essas fantasias me deixam confuso.

— Tudo bem, não sairei.

Ele sorriu e tornou a cobrir o rosto, deixando-me em seguida. Fiquei uns instantes ainda de pé, mas, deslocada, tratei de me sentar.

Filippo

Ao chegarmos ao salão, Antonella e eu, vaguei os olhos brevemente pelo ambiente em busca dos meus pais, pois queria cumprimentá-los, mas não os localizei. Resolvi continuar procurando-os, adentrando ainda mais no local. Num ponto mais ao centro, um cavalheiro que tinha duas vezes o meu tamanho, usando uma *gnaga* e uma túnica colorida, chocou-se violentamente comigo, quase me derrubando.

— Perdoe-me — souu a voz rouca por trás da máscara medonha.

Mas nem esperou por uma resposta antes de sair novamente saltitante.

— O senhor está bem? — perguntou Antonella.

— Sim — respondi, constrangido, arrumando a roupa. — Não é um baile se alguém não trombar em você. — Forcei um sorriso. Em seguida, providencialmente, estendi-lhe a mão com uma reverência. — Concede-me a honra de acompanhar-me nesta dança?

Sorridente, ela retribuiu a cortesia, e assim que começamos a acompanhar o ritmo da música, logo percebi que ela não era uma valsa e sim uma polka, e eu não era muito bom em danças mais agitadas. Já nos primeiros passos pisei na barra do vestido de Antonella.

— Desculpe.

— Seja mais cuidadoso.

Continuamos a dançar e tornei a pisotear em sua roupa. Ela parecia cada vez mais irritada, embora eu tivesse a sensação de ela ainda se esforçar para não deixar sua impaciência transparecer só para me agradar. No entanto, eu estava em constante expectativa do momento em que perderia o controle. Aborrecia-me pela noite não estar sendo perfeita como eu tinha previsto.

— Eu não sou bom nisso — disse, suando frio.

— Estou percebendo. Um momento — falou, parando e arrumando algo entre o busto. A parte que aparecia lembrava uma pedra preciosa arredondada. — Essa coisa incomoda às vezes.

— O que é isso?

— Um punhal — respondeu com naturalidade, sem perceber minha cara de espanto. — Está dentro do coldre, por isso não me machuca, não se preocupe — completou.

Tornou a me dar as mãos e voltei a me aventurar nos trôpegos passos.

— Por que anda com um punhal? — Franzio o cenho.

“Não serei eu quem irá dividir a cama com uma maluca”, lembrei do comentário proferido por Leonel.

— Meu pai me obriga — disse, revirando os olhos. — Para me proteger dos “perversos”.

— Hum... Talvez não seja uma má ideia. Espero que não tenha tido necessidade de usá-lo ainda.

Aguardei que confirmasse, mas ela permaneceu calada. Então acabei errando feio um rodopio, o que a fez perder o equilíbrio, dando de encontro com um cavalheiro que estava nas proximidades. Ele a sustentou, evitando que caísse.

— Obrigada — Antonella disse sorrindo.

— Foi uma honra.

Aproximei-me deles, imediatamente.

— Agradeço a gentileza, senhor — disse, pegando na mão de minha acompanhante para afastá-la do rapaz.

Mas, ao cessarmos os passos, ficamos parados no meio do salão, um de frente para o outro. Ela, com as mãos na cintura, eu, tentando disfarçar o constrangimento por minha falta de habilidade, mal conseguindo encará-la. Permanecemos assim durante certo íterim.

— Quer que eu pegue alguma coisa para a senhorita comer? — perguntei, limpando a garganta.

— Por favor. Você é muito gentil — disse sorridente. — Quer que eu lhe acompanhe?

— Não, não é necessário. Aguarde meu retorno naquela poltrona. — Apontei na direção do móvel mencionado.

— Se é assim, tudo bem. Traga-me um refresco também.

— Não demoro.

Segui apressado para a sala onde estavam as comidas e bebidas. Na metade do caminho, o mesmo homem que havia trombado em mim minutos antes, repetiu o gesto, fazendo-me recuar e cair no colo de uma moça sentada numa poltrona ao lado de um jarro de flores.

— Oh! Sinto muito, sinto muito! — disse, procurando equilibrar-me para conseguir me levantar. Porém, ao tentar me afastar, percebi que algo em minha manga estava preso no cabelo dela.

— Tudo bem. Mas o senhor poderia sair de cima de mim?

— Estou tentando, entretanto, o botão prendeu-se no cabelo da senhorita.

Consegui apenas tirar o corpo de sobre o dela, contudo, o braço não estava livre, pois não queria puxá-lo de vez e assim causar-lhe dor ou bagunçar seu penteado. A moça parecia tão desconcertada que eu sentia que estava

prestes, ela mesma, a arrancá-lo sem qualquer gentileza. Ela mal olhava para mim e eu não poderia estar mais envergonhado e, ao mesmo tempo, encantado com tamanha graciosidade. A máscara não escondia muito o seu rosto, portanto, sua beleza era incontestável. Não era como as moças com as quais eu estava acostumado a lidar, que, mesmo sem necessidade, enchiam-se de enfeites e cores na face na tentativa de ficarem mais bonitas. Havia uma simplicidade nela que chamou muito a minha atenção.

— Conseguiu? — perguntou.

— Não, ele deu uma volta estranha ao redor dos fios.

— Não precisa ser tão cuidadoso! — ela disse, certamente muito constrangida por ter um desconhecido tocando em seus cabelos. Algumas pessoas assistiam à cena e cochichavam.

— Longe de mim agir de maneira diferente. Afinal, a culpa não foi da madame.

— Cavalheiro mal-educado aquele, por sinal.

— Acho que criou alguma cisma por minha pessoa. É a segunda vez que isso acontece só nesta noite.

— E pousou no colo de outra dama também?

Eu ri.

— Não tive a mesma sorte. — Constrangi-me assim que fechei a boca. — Oh... Perdoe minha indelicadeza.

— Não precisa se desculpar. Mas em vista de nossa imprevista intimidade, posso saber ao menos o nome do cavalheiro que está apalpando a minha cabeça?

— Oh! Que modos os meus! Chamo-me Filippo. — Estiquei a mão livre para pegar a dela, tentando mostrar uma reverência. — Filippo Gherardini.

Senti que deu um sobressalto, puxando a cabeça. Pelo seu semblante de perfil, notei que senti uma fisgada dolorosa no couro cabeludo.

— Cuidado — falei, sem saber se tinha que deixar o braço parado ou acompanhava seus movimentos para evitar que sentisse mais dor. — O que foi?

— Gherardini? O mesmo de Leonel Gherardini?

— Sim, ele é meu irmão. Você o conhece? — Meneei a cabeça em negativa, dando atenção à difícil tarefa de libertar-me. — Claro que conhece...

— Sim. Ele é bem famoso na cidade.

— É... Um caso perdido aquele calhorda. — Ri, mas ela não fez o mesmo. — O que faz aqui sozinha? Se me permite perguntar.

— Estou aguardando meu acompanhante. Não se sentiu bem.

— Ah... Espero que se recupere logo, é um descuido tremendo deixar uma moça como a senhorita sem um guardião.

Pelo canto de olho, vi as bochechas dela ruborizarem. Baixou a cabeça, colocando uns fios invisíveis de cabelo atrás da orelha. Achei seu constrangimento encantador. Estranhamente não senti necessidade de me desculpar pelo comentário possivelmente indevido.

— Pronto. Finalmente! — falei, mostrando o braço livre. — E ainda consegui deixar o vosso cabelo praticamente intacto.

Ela curvou os lábios, esticando os inferiores e balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Tem mãos de um cirurgião.

Tornei a rir. Então ela, enfim, olhou diretamente para mim e achei deveras estranho o modo como me fitou, pois parecia espantada.

— Bom... — comecei, desconfortável. — Em vista de minha liberdade concedida, agora devo voltar à minha tarefa anterior de atender aos caprichos de minha exigente acompanhante.

— Oh... — falou como se tivesse saído de um transe. — Acompanhante? Não quero atrapalhá-lo. — O tom animado em sua voz desapareceu. — Foi um prazer conhecê-lo.

— Digo o mesmo. Com sua licença.

Fiz uma breve reverência e saí tão apressado quanto estava antes do imprevisto.

Giane

Quando o irmão de Leonel se afastou, permaneci imóvel, descrente do que acabara de ver. Aquele adorno em seu rosto era a minha antiga máscara? Como era possível tamanha coincidência? Seria um sinal? Realmente senti que havia algo especial no nobre rapaz. Uma conexão instantânea, coisa que eu duvidava que acontecesse com todo mundo, certamente algumas pessoas até tenham deixado essa vida sem experimentar tal sensação. Por pouco lhe revelei o nome de meu acompanhante, mas o receio que tive do que ele pensaria de mim foi maior do que em qualquer momento daquela noite. E julguei-me uma tola, sentir-me atraída daquela forma por um homem que acabara de conhecer. Nem com meu acompanhante daquela noite foi dessa maneira. Apesar do encantamento, desde o início havia certo receio que me impedia de me entregar a esse sentimento totalmente. Mas com o irmão de Leonel foi diferente. Ele expelia confiança, gentileza, respeito.

Leonel retornou, aparentemente recuperado, poucos minutos após a saída de Filippo, arrancando-me dos meus devaneios.

— Desculpe por fazê-la esperar tanto, por favor.

— Tudo bem, eu mal senti o tempo passar. — Ele franziu o cenho, mas fingi não notar. — Sente-se melhor?

Ele colocou a mão no abdômen e, com uma careta, balançou a outra para um lado e para o outro.

— Talvez uma caminhada me ajude. Quer dar um passeio pelo palácio? Nos fundos tem um labirinto verde magnífico.

— Oh, sim! Eu adoraria! — disse, erguendo-me quase num salto.

Leonel pareceu bem satisfeito com meu entusiasmo, dando-me o braço. Para chegarmos aos fundos do palácio caminhamos tanto que cheguei a pensar que meu acompanhante estivesse perdido. Eram corredores intermináveis, salas com móveis tão requintados que eu teria receio de usá-los, alguns, sequer sabia para que serviam. Então, deparamo-nos com uma gigantesca varanda, onde muitas pessoas se encontravam, admirando a visão adiante. A uns vinte metros da suntuosa edificação, após os degraus de uma escadaria de pedras, estava o labirinto de paredes naturais, com uma extensão que comportaria dez casas do tamanho da minha. Dali, a sua magnitude era um convite que incitava qualquer um a se aventurar pelos seus corredores enigmáticos, o que convenceu alguns casais e brincalhões a tentar decifrá-los. Eu já ouvira histórias sobre pessoas que se perderam e nunca foram encontradas e, sendo lendas ou não, serviram para desencorajar-me a arriscar a passar sequer pela entrada.

— O que acha? — Leonel perguntou quando paramos rentes ao parapeito que dava à altura das minhas axilas. Aguardando por minha resposta, ele colocou a máscara no alto da cabeça. — É lindo, não é?

— É realmente esplendoroso.

— Ouvi dizer que levou vinte anos para ficar pronto.

— Acredito. Acho que para cada parede ser erguida houve muito planejamento.

— Certamente — disse sorrindo. — Entende de construções?

— Não, não — disse, desconcertada, embora eu gostasse de dar palpites quando havia algo a ser construído ou reformado em casa. — Faço apenas algumas observações quando me permitem.

Ele segurou e acariciou uma de minhas mãos de maneira delicada. Senti-me arrepiar dos pés à cabeça.

— Minuto após minuto venho percebendo os seus encantos. — Seu olhar era insinuante, passava suavemente as pontas dos dedos agora sobre a pele exposta do meu antebraço. — Não acredito que não tenha encontrado um homem para desposá-la.

Meu sorriso desmanchou-se, e então abaixei a cabeça.

— Eu estava de casamento marcado... — Leonel fitou-me contrariado. — Mas meu noivo caiu do cavalo um dia antes e...

— Ah... — começou um tanto agitado. — Faremos o seguinte: vamos esquecer que toquei nesse assunto, está bem? Hoje é dia de festa e não de tristeza. Perdoe-me por ter feito essas lembranças virem à tona.

— Não se sinta culpado. As lembranças nunca se afastam de mim, por mais que eu tente.

Houve uma longa pausa. Leonel parecia desconfortável, e eu esperava que falasse alguma frase gentil, mas permaneceu calado. Então, num rompante, colocou a mão no abdômen, encolhendo-se.

— Não se sente bem novamente? — perguntei, preocupada.

— Lamento dizer que não. Importa-se de ficar aqui me esperando mais uma vez?

— Não... — Por pouco não disse que sim. — Não. Fique tranquilo.

— Tentarei não demorar dessa vez — disse, começando a se afastar.

Quando ele alcançou uma boa distância, respirei fundo, jogando os braços dobrados sobre o muro, apoiando a cabeça em uma das mãos erguidas, sustentada pelo cotovelo. Inconformada por meu acompanhante ser portador de um estômago tão sensível.

Enquanto imaginava quanto tempo teria que esperar pelo seu retorno, avistei Filippo de braços dados com sua convidada, a poucos metros ali na varanda, e fiquei surpresa com tamanha formosura da moça. Comparei-me a ela e fui golpeada por uma intimidadora sensação de inferioridade. Caí em

mim, corrigindo minha postura, passando as mãos na roupa para desamassá-la, mesmo que não precisasse. Continuei olhando para Filippo durante uns instantes, na expectativa de que me visse e me cumprimentasse. No entanto, ele parecia não ter olhos para mais nada a não ser sua bela dama, o que, mesmo sem saber explicar, entristeceu meu coração. Mesmo assim, permaneci observando-o.

Por um momento, imaginei-me num jantar com todos os membros da família Gherardini. Eu estaria feliz ao lado de meu esposo, Leonel, em meio a conversas e risadas, e então Filippo chegaria com aquela mesma moça, que me esnobaria por não ter vindo de uma família nobre também. O que acabaria fazendo os dois irmãos brigarem e mal se falarem. Anos mais tarde, a única lembrança agradável que eu teria de Filippo seria o encontro que tivemos naquele baile de carnaval. Não queria isso, definitivamente. A verdade é que, por um instante, desejei estar no lugar de sua acompanhante.

Meus pensamentos foram interrompidos quando a vi descer a escada que levava ao labirinto com mais três moças, como se estivessem se divertindo muito. Filippo permaneceu contemplando a bela moça enquanto se distanciava, com uma feição indecifrável. Não ria, mas também não estava sério, as sobrancelhas, arqueadas. Quando dei por mim, ele olhou em minha direção. Por pouco não desviei o olhar, mas achei que ele perceberia que tinha sido de propósito, então, em vez disso, fiz um suave aceno com a cabeça. Senti as bochechas esquentarem por notar que ele não me reconheceu logo de início. Mas, pelo visto, a lembrança não demorou a chegar, o que o fez sorrir e se aproximar.

— Achei que não a veria novamente hoje — Filippo falou.

— Aqui estou eu — tentei parecer descontraída.

— E como me reconheceu, creio que essa máscara não está cumprindo o papel de disfarçar minha identidade.

— Não mesmo — disse, balançando a cabeça de um lado para outro. — Na verdade, ela é quem mais denuncia a sua presença.

— Ah... Sua imprestável! — disse, dando uma leve palmada na máscara, arrancando uma risada minha. — E eu não a reconheci porque tem algo faltando.

Olhei para meu corpo, confusa.

— Algo faltando?

— A poltrona.

— Ah! — Tive o impulso de rir novamente, apesar da piada ter sido horrível. — Realmente.

— É muito bom revê-la, a propósito. Em nosso primeiro encontro acabou que a madame não me disse o seu nome.

— Não disse? — Realmente não estava lembrada de ter falado meu nome.

— Não.

— Oh... perdoe minha falta de modos. Giane Martino. Meu nome é Giane Martino.

— Agora, sim. É uma hora conhecê-la, madame Giane Martino. — Olhou por cima de meus ombros. — E onde está o seu acompanhante?

— Novamente não se sentiu bem...

— Talvez seja melhor ele procurar o médico amanhã.

— Tem razão. Vou sugerir-lhe quando o vir daqui a pouco. E devo parabenizar-lhe por sua dama. Ela é belíssima.

Percebi em sua postura que ficou orgulhoso por ouvir aquilo.

— Obrigado. Ela é realmente linda.

— O casamento já tem data marcada?

— Ainda não! — Gostei de ouvir aquilo, mesmo que preferisse a exclusão da palavra “ainda”. — Mas pretendo marcar em breve. Espero que ela aceite — disse, contemplando a moça, que corria de um lado para outro com as amigas, como se brincassem de pegar.

— E por que não aceitaria? Parece que vocês se apreciam muito, além de formarem um belo casal.

— Obrigado — disse, desconcertado, voltando-se a mim. — Seria muita indiscrição de minha parte perguntar quão séria é sua relação com seu acompanhante? Seria, não é? — Franziu o cenho. — Não temos intimidade para que eu aborde assunto tão pessoal...

— Ora, o senhor já se sentou em meu colo. Mais intimidade que isso, não consigo imaginar.

Ele riu.

— É que eu nem a conheço, mas simpatizei-me de tal maneira que o desejo que sinto é que sua vida seja repleta de prosperidade. E um bom casamento interfere muito nisso.

— Eu agradeço — disse, com uma gratidão genuína. Jamais imaginei ouvir tal frase proferida por alguém que era praticamente um estranho. — Mas a minha situação é bem diferente da sua. Nada está oficializado ainda.

— Será que há chances de acontecer nesta noite?

— Se depender da saúde do meu acompanhante, acredito que não.

Nós dois rimos.

— Pode me dar um conselho? — ele perguntou um tanto sem jeito. — A madame é mulher, Antonella também, então... Poderia me dizer como faço para ganhar definitivamente o coração de uma dama? Planejei algumas coisas, mas parece que tem uma nuvem negra pairando acima de minha cabeça hoje à noite. Estou inseguro... Como posso provar a ela que a amo?

— Hum... — Coloquei um dedo no queixo como se refletisse. — Morrer por ela em um duelo?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Algo menos fatal.

Eu ri.

— A questão principal é: vale a pena se esforçar tanto para conseguir o amor de determinada pessoa? — questionei. No fundo, o que eu queria mesmo era plantar a dúvida em seu coração sobre a escolha que fez, já que sabia perfeitamente a quem se referia.

Ele deu de ombros. Tive a impressão de que sua mente e emoções estavam traçando uma íntima luta contra suas convicções. Seria loucura acreditar que meu interesse por ele estivesse sendo correspondido?

— É um salto no escuro, devo concordar. Mas se não tiver um empenho, a resposta poderá se tornar uma incógnita indecifrável que deixará uma mancha indelével em nossa vida. O que resultará em muitos “e se” destruidores.

— Tudo bem, eu concordo. Mesmo que não dê certo, saber que fizemos o possível para obtermos a resposta será, de fato, reconfortante mais tarde. De qualquer modo, algumas pessoas passam brevemente por nossa vida, mas são tão marcantes que se tornam inesquecíveis — falei encarando-o, esperando que soubesse que aquela última frase era uma declaração dirigida a ele. Então respirei fundo para me recompor. — Bom... Voltando à sua pergunta... Acredito que nem tudo que se faz no calor do momento serve como prova de amor. Acho que isso leva tempo. Colocar a felicidade dela acima da própria é um exemplo. Não desistir dela, mesmo que seja boba o suficiente para não o aceitar logo no início, é outro.

Mas se quiser fazer algo mais direto, ceda a ela o último *cannoli* da doceria, mesmo que seja a sua guloseima favorita — disse, tentando não deixar transparecer que tudo aquilo que falei fizesse parte de uma particular lembrança.

— Foi como o seu acompanhante te conquistou?

— Não... Outra pessoa.

Certamente viu meus olhos marejarem, porque seu semblante denunciou que entendeu tratar-se de um assunto delicado.

— É a sua guloseima preferida também? — falou, provavelmente só para desviar o foco da conversa.

— Sim — respondi com um sorriso úmido. — Só consigo começar o meu dia se comer um. Os melhores que já provei são feitos numa doceria próxima de minha casa, felizmente. O cheiro adocicado envolve o ar nas proximidades. Já ouvi relatos de pessoas que, de fato, foram guiadas pelo aroma.

— Talvez um dia eu passe lá para provar. Quem sabe possa ter a sua companhia?

— Seria uma honra.

Sem que eu esperasse, ele ergueu a máscara, deixando-a no alto da cabeça, expondo completamente o seu rosto. Quando vi cada detalhe de seus traços, senti um frio repentino no estômago. Poderia realmente estar ainda mais deslumbrada? Meus olhos vagaram sozinhos até a máscara, amortecendo meus sentidos por alguns milésimos de segundos.

— Para que me reconheça quando eu aparecer por lá.

Minha atenção voltou novamente para sua face. Então repeti o seu gesto, embora pensasse que talvez fosse desnecessário, uma vez que, em breve, poderia ser apresentada a ele como futura cunhada. Bom... Tal perspectiva já não me parecia mais tão atraente.

— Para que não me confunda com qualquer dama que vir sentada em uma poltrona.

Filippo riu com gosto, atraindo alguns olhares.

— Agora certamente será impossível — ele disse, baixando novamente a máscara. Tornei a cobrir o rosto também.

— Ah, eu me rendo, preciso confessar uma coisa.

— O que poderia ser? — perguntou bastante curioso.

— Essa máscara em seu rosto. Onde a comprou?

— Numa pequena loja de antiguidades no centro. O que tem ela? — questionou, acho que nem percebia que uma tênue ruga se formava entre as sobrancelhas.

— Era minha.

— Ah... — disse bem surpreso, retirando-a do rosto, contemplando-a. — Tem certeza?

— Absoluta.

— E por que a vendeu?

— Hum... — Franzi o rosto inteiro. — Era a lembrança de algo muito ruim que fez parte de minha vida.

— Oh... — Fez uma pausa, provavelmente ligando os pontos e se dando conta de que se tratava do mesmo assunto que me incomodou anteriormente. — Quer ela de volta?

— Não! — falei num sobressalto. — Com certeza, não.

— Tudo bem... — Calou-se por um instante novamente. — E essa história de magia de amor?

Dei uma risada, meneando a cabeça em negativa.

— Definitivamente não sei o que dizer sobre isso.

— Talvez tenha uma chance de ser verdadeira — falou, olhando bem nos meus olhos e isso deixou-me sem fôlego. Quando eu ia abrir a boca para falar alguma coisa, ele voltou-se para a direção da escada que dava na varanda. — Antonella está voltando. Aguarde um minuto, que trarei ela aqui para que sejam apresentadas.

Filippo

Antes de ouvir a resposta de Giane, dei-lhe as costas, tornei a colocar a máscara e me afastei para encontrar a dama que se aproximava do último degrau. Quando me voltei para Giane, tive a impressão de que ela estava prestes a sair correndo dali. Imaginei que pudesse ser tímida, embora estivesse sorridente quando chegamos a ela.

— Giane Martino, esta é Antonella Montanari.

As duas fizeram uma reverência.

— É um prazer conhecê-la — disse Giane.

— Vocês se conhecem há muito tempo? — Achei o tom de voz de Antonella um tanto rude, o seu sorriso não era natural.

— Oh, não! — Giane respondeu, olhando para mim com ar divertido. — Na verdade nos conhecemos aqui quando ele... Bom...

— Aquele mesmo senhor tropeçou em mim e ela estava por perto e meu botão ficou preso em seu cabelo.

— Ah, sim, ficaram presos... — Aquela frase soou quase como um deboche. Olhou para Giane de alto a baixo. — Está aqui sozinha?

— Não, não. O cavalheiro que está me acompanhando não se sentiu bem.

Houve uma pausa esquisita, e eu analisei as fisionomias de ambas. Antonella fitava a outra compenetrada, enquanto Giane parecia querer desaparecer.

— Acho que devo ir — Giane disse, decerto para evitar algum constrangimento. — Meu acompanhante deve estar...

— Sim, deve — Antonella disse, antes de qualquer palavra sair de minha boca.

— Foi uma honra conhecê-la — disse, sorridente, mas minha acompanhante mal moveu os lábios. Olhou para mim rapidamente, mas logo desviou as pupilas. — Tenha uma ótima noite.

— A senhorita também — falei, mas ela já tinha se afastado. — Uma dama muito simpática, não acha? — perguntei para Antonella e, por suas feições contrariadas, já conhecia sua resposta mesmo antes de expô-la.

— Não vi nada demais e, certamente, só está aqui porque um tolo rico fez o favor de convidá-la — disse, fazendo bico, como uma criança mimada. — Deveria estar servindo junto com os outros serviçais.

— Não precisa dizer essas coisas sobre ela.

— Por que defende uma pessoa que acabou de conhecer? Bom, a não ser que isso não seja mesmo verdade. Deve ter me contado essa lorota só para me enganar! É bem capaz de estarem se encontrando aqui às minhas costas! — Arregalou os olhos como se estivesse realmente convencida dos seus argumentos. — Confesse, Filippo, confesse!

— Ei! — Fiquei assustado com sua reação. Algumas pessoas ao redor tinham percebido que havia algo errado naquela cena. — Acalme-se, não estou mentindo. Eu só a conheci aqui, há pouco tempo.

— E qual foi o motivo de não ter me apresentado a ela como sua futura noiva? — Cruzou os braços, encarando-me.

— Eu não... Eu nem me lembrei disso... — Fiquei nervoso com tal sabatina, ainda mais porque realmente havia simpatizado sobremaneira com Giane e temi que isto estivesse evidente demais, a ponto de Antonella ter notado. — Não sei, não sei mesmo.

— Você gosta dela, Filippo — falou com convicção. Senti-me culpado da acusação, porque tinha um fundo de verdade. — Você e seu irmão são iguais. Eu não serei desprezada!

— O quê? Eu jamais... Pare de falar desse jeito, está chamando a atenção das pessoas. Vamos sair daqui! — Tentei pegar em seu braço, mas ela esquivou-o de mim. Fiquei uns instantes analisando o que eu deveria fazer para contornar aquela situação. Aquele olhar de Antonella era, de fato, desprovido de juízo. — O que quer que eu diga?

Deu-me as costas, voltando-se para o labirinto. Respirei fundo, encostando no parapeito, aguardando que ela me mostrasse as opções, pois eu não tinha ideia do que fazer para o seu humor melhorar.

Dez minutos depois, ela continuava emburrada. Quando me virei em sua direção para tentar falar alguma coisa, avistei duas figuras familiares seguindo para o labirinto. Um sinal de alerta soou em mim assim que me dei conta de que eram Giane e Leonel. Ele iria colocar seu plano sórdido em prática.

— Preciso fazer uma coisa — falei, saindo às pressas.

— Aonde vai? — ela perguntou irritada.

Notei a presença de Antonella ao meu lado. Contive o desejo de mandá-la voltar, mas sabia que iria aborrecê-la ainda mais e já estava farto daquilo. Além do mais, havia algo mais importante para resolver. Alguns metros ainda faltavam para alcançar o labirinto e os dois adiante já tinham entrado nele.

Giane

Leonel havia perguntado se eu desejava conhecer o labirinto por dentro. No primeiro instante relutei, mas estava curiosa. *Eu teria outra oportunidade?*, questionei-me. Sabe-se lá se minha ilusão de me casar com aquele cavaleiro iria se concretizar, se voltaria a frequentar um local tão majestoso. Na verdade, no momento, eu só conseguia lamentar profundamente por não ter conhecido Filippo em vez do irmão naquele dia em que fui levar o almoço do meu pai. Ignorando meus anseios aceitei seu convite, pois parecia ser algo que ele queria muito e, por mais ingênua que me faça parecer, não o levei a mal. Mas, logo que entramos, eu me arrependi. Não pelo medo de estar ali, mas pelo que suspeitei, sobre quais seriam as reais intenções de Leonel.

Quanto mais avançávamos, mais nervosa eu ficava. As folhas das paredes que nos cercavam tremeluziam por causa das chamas das tochas espalhadas por todos os lados em pontos estratégicos para não chamuscarem a vegetação. Leonel havia colocado a máscara no alto da cabeça, portanto seu rosto estava visível. O que gostei, pois me ajudava a analisar suas expressões e, assim, eu podia prever suas ações. Pelo menos era o que eu esperava.

Os lábios dele se moviam, mas eu só sorria sem ter a mínima noção do que ele estava falando. Vez ou outra eu olhava para trás e me dava conta de que, se tentasse sair sozinha, tinha grandes chances de eu me perder. Ouvia vozes ou passos ao redor, mas pareciam inacessíveis.

— Podemos voltar? — perguntei, tentando não demonstrar qualquer vestígio de ansiedade.

— Logo, logo — ele falou e sorriu, mas não gostei daquele sorriso dúbio.

Andamos só mais alguns metros até que paramos. Percebi que não havia mais para onde ir naquele ponto. Olhei para os lados e para trás e vi que estávamos numa espécie de corredor sem saída. Devia ter cerca de três metros de comprimento. Achei que voltaríamos dali, pensando, por um breve momento, que estávamos perdidos. Mas Leonel permaneceu parado.

— Bom, acho que já vi o suficiente — eu disse. Quando ia seguir adiante, ele estacou em minha frente. Senti um calafrio na espinha. — O que está fazendo? — O peso da suspeita do que aconteceria fez minha voz soar quase como um murmúrio.

— Vamos ficar mais um pouco — sussurrou, numa vã tentativa de seduzir-me. Deu um passo à frente e eu senti o calor do seu corpo. Meu estômago retorcia nauseado em sinal de repulsa.

— E-Eu não quero... Labirintos me deixam nervosa. — Procurei parecer calma, na esperança de que desistisse ao perceber que eu não era despudorada como as moças com que ele estava acostumado a lidar.

— Estou aqui com você, não precisa ficar nervosa — disse, passando as mãos em meus braços maliciosamente.

Dei-me conta de que ele estava determinado a suprir seus desejos.

— Se estou certa sobre o que está pensando, devo dizer que lamento, não sou esse tipo de mulher. — Procurei ser o mais ríspida possível, mas estava amedrontada demais para ser convincente.

Ia passar por ele, mas Leonel segurou-me pelo braço, fazendo-me recuar.

— Ei, ei, fique tranquila, eu sei o que estou fazendo, não irei te machucar.

— Por favor... — Minha voz falhou, então limpei a garganta. — Eu quero sair daqui. Por favor.

Ele começou a beijar o meu pescoço, e o asco que senti fez todos os meus músculos enrijecerem.

— Pare, Leonel, por favor! — Mas ele continuava, aumentando a intensidade, puxando meu corpo de encontro ao dele, enquanto tentava empurrá-lo. — Solte-me, pare com isso! Solte-me! — Como Leonel não parava, uma fúria começou a se apossar de mim, então encravei as unhas em seu rosto.

— Aaaaah! — ele exclamou se afastando de mim, com a mão no rosto com três arranhões cintilando na face esquerda. — O que você fez?!

— A culpa é toda sua, eu... — Para não chorar em sua frente, apressei-me a sair de perto dele. Contudo, ele me seguiu, tornando a me segurar quando havia deixado do corredor sem saída e chegando a um ponto onde o espaço formava um círculo cercado de entradas de novos corredores. Não era o centro do labirinto ainda, pois não tínhamos caminhado por tanto tempo e o labirinto era gigantesco. — Deixe-me em paz!

— Você faz isso comigo e quer que a deixe ir sem uma compensação? — Segurou-me com as duas mãos, chegando a sacudir-me quando falava. — Não sairá daqui sem me dar o que eu quero, está me ouvindo?

— Não, por favor, não...

— O que pensa que está fazendo? — Ouvi uma voz familiar, e naquele momento senti que estava salva.

Filippo

Com Antonella em meu encalço, segui por vários corredores, cada vez mais angustiada, temendo não conseguir encontrar os dois. Antonella acompanhava meus passos apressados no mesmo ritmo. Temi que estivéssemos num ponto totalmente oposto ao deles, que tivéssemos seguindo por caminhos que nos afastassem cada vez mais. Até que ouvi a voz de Giane.

Flagrei Leonel segurando-a pelos dois braços de uma maneira extremamente agressiva.

— O que pensa que está fazendo?! — perguntei sobressaltado. — O que está pensando, Leonel?

— Não se intrometa, Filippo! — ele falou, soltando Giane com brusquidão.

Ela correu até mim, abraçando-me. A pobre estava trêmula. Ver o seu estado deixou-me indignado. Arranquei a máscara do meu rosto, jogando-a no chão.

— Você não irá tocar nela novamente! — exclamei.

Leonel avançou em minha direção. Fiz um sinal para Giane para que ficasse perto de Antonella, que estava mais afastada.

— Viu o que ela fez?! — Apontou para o rosto, onde três arranhões cruzavam quase toda a extensão da face. — Vai defendê-la ainda assim?!

— Estou certo de que ela teve razões para isso! Quero ver o que dirá quando papai ficar sabendo que atitudes anda tendo.

— Eu te mato se falar alguma coisa para ele! Está me ouvido?! Eu te mato!

— Você não fará nada — falei com desdém, insinuando que lhe daria as costas. Mas ele puxou-me pelo ombro, dando-me um soco.

Possesso de raiva, endireitei-me e devolvi o golpe de supetão. A dor em minha mão foi tamanha que cheguei a me preocupar com o estrago que teria feito no rosto de Leonel. Se causei algo grave, no momento, não deu para averiguar, pois meu irmão tentou me atingir com outro soco, do qual esquivei. E outro e mais outro, até que conseguiu me atingir. Caí, desequilibrado, no entanto apressei-me a ficar novamente de pé, e quando ia seguir a ele, ouvi um gemido esganiçado atrás de mim. Ao voltar-me para o ponto de onde viera o som, avistei Giane caindo de joelhos.

Corri até ela, atordoado, apoiando seu corpo quando pendeu para trás.

— O que houve? — Olhei ao redor em busca de Antonella e a avistei brevemente se aproximando de Leonel, que observava a cena tão confuso quanto eu, avançando alguns passos em nossa direção. Então, caí em mim assim que me dei conta do que se tratava o líquido quente e viscoso que descia de suas costas e que sentia agora em minhas mãos. Levei uma de minhas mãos para a frente de meus olhos e confirmei que realmente era sangue. — Giane, o que aconteceu?

Ela tentava falar, seus olhos vidrados, e assim que consegui decifrar a palavra que sofrivelmente se esforçava a dizer antes de expelir o último suspiro, tudo começou a se encaixar quando ouvi Leonel se engasgando num gemido, antes de cair agonizando rente a mim e, em seguida, senti Antonella abaixar-se ao meu lado. A lâmina do seu punhal penetrou na lateral do meu corpo numa dor excruciante. Ainda de joelhos, não fui mais capaz de sustentar o corpo de Giane.

— Você me magoou muito — ela falou ao meu ouvido, ainda segurando a arma dentro de minha carne.

— Do que você está falando — perguntei, completamente atordoado.

— Seu irmão me desprezou uma vez e você estava prestes a fazer o mesmo comigo! Ele me descartou como se eu não tivesse sentimentos e só não perdi o controle porque percebi que tinha escolhido o irmão errado. Eu o amava muito, Filippo.

— Bem que Leonel disse que você era louca. — A dor era tamanha, que eu mal conseguia respirar, impedindo-me de reagir. Sempre que eu me movia um pouco mais, ela torcia a lâmina.

— Planejei nosso futuro durante todos os anos em que estive fora! E como você agradece a minha devoção? Você ia me deixar por ela! Vi a maneira como a defendeu! Trocar socos com o próprio irmão? A que ponto chegou?! Mas agora está terminado. — Deu-me um beijo no rosto e se levantou, puxando o punhal. Meu corpo encontrou-se com o chão. Sentia meu sangue saindo pela ferida, levando minha vida lentamente. — Agora nenhum de vocês irá ferir o coração de outra mulher.

Em um ponto adiante, ela abaixou-se e pegou a minha máscara, colocando no rosto. Em seguida deixou o labirinto, largando-nos ali na companhia da morte.



Acordei na cama de um hospital dois dias depois.

Não lembro de como cheguei até lá, mas fui informado de que alguns convidados do baile nos encontraram. Infelizmente, apenas eu sobrevivi.

Minha recuperação foi lenta, contudo, em algum tempo sentia-me totalmente restaurado. Pelo menos em se tratando do meu corpo. Sentia muita falta de Leonel, apesar do que aconteceu no nosso último momento juntos. Era meu irmão e eu o amava. E sobre Giane... A culpa pelo que

aconteceu com ela estraçalhava-me por dentro. Todos os dias, durante muito tempo, imaginava que deveria ter me despedido dela quando vi Antonella se aproximando na escada; ou ter dado ouvidos a Leonel quando disse que Antonella era louca; ou ter sido mais rígido com meu imprudente irmão para que desistisse de seu plano infeliz de levar Giane ao baile; ou ainda, insistido para que me dissesse quem ela era e, assim, eu teria ido alertá-la sobre com quem estaria lidando; ou... Não. Com certeza eu não teria ido. A verdade é que qualquer ideia, por mais absurda que fosse, parecia viável, correta depois de tudo.

Estava decidido a denunciar Antonella, mas revelaram-me que os próprios pais fizeram isso quando ela chegou em casa ensanguentada e relatou tranquilamente o que havia feito. No entanto, deram um jeito para que fosse internada num hospital psiquiátrico.

Ninguém soube dizer do paradeiro da máscara.

Alguns meses depois do incidente, resolvi que tinha chegado a hora de fazer algo que havia planejado ainda durante o baile.

Antes de chegar ao destino previsto, fui tomado por um inebriante aroma adocicado e logo avistei uma certa doceria. Senti um aperto no coração.

Após mais uns metros percorridos pela carruagem, o sobrado que eu procurava estava logo à frente.

Bati na porta e aguardei uns instantes até ouvir os passos se aproximando da porta. No vão surgiu uma senhora de semblante doce, mas carregado de tristeza.

— Posso ajudá-lo?

— Sra. Martino?

— Sim, sou eu.

— Meu nome é Filippo Gherardini. — Senti vergonha ao pronunciar aquele sobrenome. Temi a sua reação.

— Oh... — disse apenas. Aguardei que me expulsasse dali aos berros. — Queira entrar, por favor! — Atravessei o vão e segui a dona da casa sentido que até o ar daquela casa me acusava. — Sente-se.

Acomodei-me na poltrona que ela apontava, mas a Sra. Martino permaneceu de pé.

— Gostaria de tomar alguma coisa?

— Não, obrigado. — “Não sou digno de um copo de água servido pela senhora”, eu quis falar.

— Acabei de fazer um pão, gostaria de provar uma fatia?

— Não, senhora, não quero nada — falei com certa urgência. Notei que ela ficou desconcertada. Baixei a cabeça, sem jeito. — Na verdade, eu só vim aqui para... Para pedir perdão pelo que aconteceu com a sua filha.

Ela fitou-me com um olhar confuso.

— Perdão? Foi o senhor quem tirou a vida dela?

— Não, senhora, eu...

— Foi o mandante? — interrompeu-me.

— Não, mas...

— Levou ela lá para isso?

— Não...

— Então não tem pelo que pedir perdão.

Fiz uma pausa, contrariado.

— Mas se não fosse por minha causa, ela ainda estaria aqui.

— Algumas respostas só quem as tem é Deus, meu rapaz. Não se martirize. Tenho certeza de que se pudesse ter evitado, assim o teria feito.

— Sim — falei com a mais profunda sinceridade. — Daria a minha vida se fosse preciso, eu não...

Calei-me ao sentir minha voz falhar. Estava com um bolo atravessado na garganta. Imaginava que aquele momento seria difícil, mas não fazia ideia do quanto.

— Eu acredito — ela disse, abrindo um sorriso de gratidão. — Eu já volto, quero te mostrar uma coisa.

Aguardei curioso, até que retornou segurando um pedaço de papel retangular, como se carregasse uma relíquia inestimável. Então me entregou. Era uma fotografia e nela estava Giane, de pé, ao lado de uma mesa com um jarro de flores. Reconheci aquele móvel, pois estava ali mesmo, em um canto daquela sala. Os olhos estavam abertos, mas não eram expressivos. Não sorria e suas bochechas estavam com um rosado não natural. Não demorou para eu entender do que se tratava, afinal, era a moda da época.

Giane estava morta naquela imagem.

— A única fotografia que ainda tenho de minha filha. Foi tirada no dia seguinte ao incidente.

Não soube o que dizer. Ela aguardou até que meu entorpecimento chegasse ao fim, então começou um assunto com naturalidade. Conversamos durante um bom tempo, tanto que me senti mais leve após ouvir tantas palavras de conforto, mas mais ainda por eu perceber que ela já havia superado tamanha dor. Aquela mulher, a quem eu estava planejando levar consolo, conseguiu, em alguns minutos, arrancar de mim o peso de um sentimento que me angustiava dia após dia desde o que aconteceu no labirinto.

Eu estava pronto para seguir em frente, finalmente. A presença de Giane em minha vida durou pouquíssimo tempo, mas foi, de modo único, arrebatador. A sua lembrança estava gravada no mais profundo de minhas

reminiscências e, enquanto meu coração estivesse batendo, nada seria capaz de apagá-la, afinal, como ela mesma me disse uma vez: “algumas pessoas passam brevemente por nossa vida, mas são tão marcantes que se tornam inesquecíveis”.



Vidas errantes
Veridiana Maenaka

Não conheci minha mãe e nunca quis fazê-lo. Não por ingratidão, nem mesmo por vergonha, em vista de minha origem. Eu amava minha mãe adotiva e madrinha, a senhora de terras e dama da sociedade Úrsula Mendes de Castro, que me criara desde as primeiras semanas, e embora soubesse desde sempre que não saíra de seu ventre, eu sentia como se assim fosse.

Fora sua a primeira voz de que eu me lembrava, foram suas as primeiras histórias. Ela não quis me contar sobre princesas e príncipes, feitiços e fadas. Ela preferiu me contar sobre como, sozinha no mundo, também abandonada por sua mãe, juntara-se a um grupo de bandidos, saqueadores, arruaceiros e suas companheiras, na região de Taubaté. Como crescera no bando, aprendendo todo tipo de truque e ardis. Como era capaz de furtar qualquer coisa de qualquer um em qualquer lugar, sem ser pega. Como desposara o líder do bando tão logo lhe vieram as regras. Como o grupo um dia fora cercado por soldados e ela e as demais mulheres empunharam espadas ao lado de seus homens. Como, em minutos, a resistência do grupo fora vencida, com todos os homens sendo sistematicamente abatidos. Como Úrsula e duas outras mulheres foram poupadas pela intervenção de um fazendeiro importante da região, que apontara a covardia de soldados massacrarem mulheres a sangue frio.

Ele se chamava Dirceu Mendes de Castro, era cafeicultor, senhor de escravos, e apaixonou-se por Úrsula, que lhe causou forte impressão mesmo em andrajos, queimada de sol e ferida. O interesse não esmoreceu nem quando descobriu que ela esperava um filho do líder do bando, agora morto. Na verdade, assombrou-o descobrir que, qual uma leoa, ela lutara grávida, abatendo dois ou três soldados.

Úrsula amara Marcos, o criminoso, e orgulhava-se da gravidez. Bem mais velho que ela, mas ainda um homem jovem, ele a tinha acolhido no bando quando ela estava só no mundo, faminta e desnordeada. Ele a protegera dos outros homens, ameaçando degolar quem ousasse importuná-la. Ensinara-a

a sobreviver, fizera-a sentir-se importante, dera-lhe *status* ainda que dentro de um pequeno grupo marginal.

Pragmática, preocupada consigo mesma e com o filho, Úrsula aceitou as atenções do fazendeiro Dirceu, que acionou contatos e cobrou favores para livrar a amada das acusações que sobre ela recaíam, incluindo o grave assassinato dos soldados — o fato de ter sido legítima defesa contaria pouco se ela fosse levada a julgamento.

Surpreendeu a todos, até mesmo a Úrsula, a determinação de Dirceu de desposá-la, em vez de simplesmente tomá-la como amante. Em meio ao escândalo geral, ela agarrou a oportunidade e se dispôs a se educar, a se tornar uma senhora, a recompensar o marido pela alta transgressão de tomar por esposa uma mulher de má origem.

Contudo, ser resgatada da miséria, poupada de um julgamento e alçada à condição de esposa de um homem rico não eram favores isentos de retribuição. Havia um preço. Dirceu passou a se sentir incomodado com o filho de Úrsula e fez arranjos para afastá-lo. Encontrou um irmão mais velho de Marcos, um homem honesto com uma pequena propriedade na cidade de Lorena, e despachou Cristiano, o menino, com apenas um ano de nascido.

A separação do filho pequeno abalou Úrsula, que amava o bebê ardentemente. Como se sentir tranquila sabendo-o longe, aos cuidados de um tio? Haveria alguma boa mulher que fosse amar aquela criança como uma mãe?

O ressentimento trouxe de volta a Úrsula selvagem e matreira. Começou a testar os limites do marido. Percebeu que podia destrató-lo, humilhá-lo, provocá-lo, sem grandes consequências. Dava festas, passava dias fora, em casas alheias. Fosse por culpa, fosse por medo do confronto ou do escândalo, Dirceu mantinha-se estoico. Nas raras vezes em que explodia, não conseguia gritar mais alto que a mulher. Ao separar Úrsula de seu filho, Dirceu dera-lhe inadvertidamente o comando da casa.

O povo comentava, recriminava aquela esposa insubmissa, porém Úrsula tinha seus expedientes. Era generosa com os pobres e assim conquistava

aliados, uma pequena multidão que fechava os olhos a seus desatinos e que a considerava apenas uma dama excêntrica, com alegria de viver.

Úrsula teve outro menino, Vinícius, e pouco depois recebera a mim, Ana Luísa, pequenina e fraca, das mãos de uma amiga — uma das sobreviventes do bando, que havia caído do mundo e que sofrera duros castigos da vida. Quando Úrsula me tomou nos braços e se encantou por mim, eu nada tinha. Mãe solta na vida, pai desconhecido, eu só trazia o prenome na bagagem. Nem sobrenome tinha.

Dirceu não se opôs à minha presença na casa — era-lhe indiferente que eu partisse, ficasse, sobrevivesse ou sucumbisse. Graças a uma ama de leite e à dedicação de Úrsula, eu vinguei e me desenvolvi tão forte e vigorosa quanto uma criança da família. Creio que minha mãe adotiva se enxergava em mim. Ao proteger-me, ela cuidava da pequena e desamparada Úrsula que passara a infância e adolescência num bando de foras da lei. Eu teria um futuro melhor, educação, roupas limpas e boas, um marido decente.

Claro que, ao pretender encontrar-me um “marido decente”, Úrsula não pensava em seu filho Vinícius, com quem fui criada. Idealizava entregar-me a algum bom homem da região, com situação financeira estável, dono de um sítio ou de um pequeno comércio. Não a seu filho legítimo, herdeiro do patrimônio da família. Todavia, foi justamente por Vinícius que me apaixonei, desde tenra idade. Parece ingratidão, ambição desmedida, oportunismo, mas era simples e puro amor de criança, que foi correspondido e que marcou nossas infâncias.

Não nos largávamos, Vinícius e eu. Éramos cúmplices, parceiros de traquinagem. Em tudo que quebrasse, sumisse, desandasse, queimasse, havia o nosso dedo. Se um era o mentor intelectual, o outro era o executor. Os adultos respiravam aliviados quando passavam um dia sem ouvir sobre nós. Nossa ausência significava que estávamos cavalgando pelos campos, tomando banho no lago. Na meninice, esses passeios eram inocentes, mas quando nos acercamos dos 15 anos, a ingenuidade se perdeu.

Úrsula não percebia — ou fingia não perceber, talvez adiando o momento de lidar com o problema. Já viúva de Dirceu, ela só fazia o que queria, e sua

arrogante ilusão de controle pode tê-la cegado para a seriedade do romance que se desenrolava dentro de sua própria casa.



Minha madrinha não era uma mulher sofisticada e nunca saíra do Brasil, mas, na época em que completei 15 anos, estava obcecada pelo baile de máscaras a que fora no Rio de Janeiro, numa das raras ocasiões em que deixara Taubaté. Acompanhei seu entusiasmo de planejar, por meses, uma festa igual na sede da fazenda. O evento, para cerca de 200 convidados, pôs a casa em polvorosa. Úrsula queria que o casarão taubateano se tornasse, ao menos em termos de decoração, a réplica de um palacete fluminense. O mobiliário rústico foi substituído por peças mais trabalhadas, e surgiram cortinas diáfanas, vasos de flores e delicados bibelôs onde antes não havia nada. Ela mandou trocar toda a louça por peças mais finas e trouxe guarda-louças de vidro para orgulhosamente exibi-las; não economizou com candelabros, lustres, papel de parede e quadros. O dia todo homens e mulheres corriam de um lado a outro carregando móveis e objetos, sob as ordens de Úrsula. Não poucas vezes ela devolveu artigos que vieram por engano ou subitamente já não eram do seu gosto.

Eu não escapei à sanha reformista de minha madrinha. Vestidos e sapatos à moda francesa e novos penteados me foram impostos. “Um cabelo desses”, disse ela pegando uma mecha escura com ar reprovador, “tão bonito, brilhante, e tão mal arrumado”. Obrigou-me a andar sempre bem penteada, com o cabelo trançado, levantado, e não solto e revoltado, ou preso numa trança malfeita, como era meu costume. Úrsula também decidiu que eu não sabia andar nem manejar talheres, e logo fui submetida a seu curso rápido de etiqueta — embora ela estivesse longe de ser a mulher mais requintada daquelas paragens.

As lições eram exasperantes, mas também engraçadas, e agradou-me a surpresa que essas mudanças causaram em Vinícius. Ele estava impressionado com minha nova aparência, a ponto de eu o flagrar me fitando praticamente o tempo todo.

No dia do baile, Úrsula chamou-me a seu quarto. Queria entregar-me uma máscara.

— Veja se não é uma riqueza? — comentou, tirando da última gaveta de seu toucador uma máscara branca, que só me entregou quando estendi as mãos com as palmas para cima, como se fosse receber uma coroa ou algo de inestimável valor.

Minhas palmas formigaram suavemente quando a máscara tocou minha pele. Parecia confeccionada em um metal trançado, reluzente, impecavelmente pintado. Era como uma renda, só que rígida.

— É de segunda mão, querida, mas além de encantadora tem uma história instigante — declarou Úrsula, sedutora.

— Que história? — perguntei, inevitavelmente.

— A pessoa que me conseguiu esta máscara disse que ela faz parte de um par. São as Máscaras dos Amantes. — O tom de voz de Úrsula era quase um sussurro; ela parecia uma adolescente cometendo uma inconfidência. — Elas são como amuletos. Dão sorte no amor... se for amor verdadeiro.

— E onde está a outra? — inquiri, olhando ao redor como se fosse achá-la jogada a um canto.

— Aí que está! — Úrsula ergueu as mãos na altura dos ombros, num gesto de impotência, esticando os lábios. — Não consegui! Não pude descobrir o paradeiro da outra. Separadas, não têm poder. São só peças com uma história curiosa.

Sem me conter, soltei um suspiro frustrado. Eu e Vinícius certamente poderíamos nos valer de um pouco de sorte.

— Mas é melhor assim, querida — tornou Úrsula, dando-me um tapinha consolador no ombro. — Se não houver amor verdadeiro, o efeito é o contrário: má sorte!

É amor , penso, e deve transparecer em meus olhos, pois minha madrinha sorri condescendente e dá-me um beijo na testa.

— Vá se arrumar, filha. Virão rapazes que você não conhece, de fora da região... e homens maduros muito interessantes também. Quem sabe?

Então era isso. A festa serviria também para me apresentar à sociedade e me arranjar um marido que não fosse meu irmão de criação.



Eu nunca estivera num evento grandioso como aquele. Úrsula às vezes promovia pequenas reuniões, saraus, mas nada daquele porte. Eu olhava ao redor atordoada e um pouco inquieta. Sabia que estava bonita no vestido de cetim azul-safira, o mais decotado que eu já usara — “ousado”, dissera minha madrinha, rindo deliciada —, mas ainda assim me sentia um tanto insegura. Embora criada naquela casa desde tenra idade, sempre soubera que era uma *agregada* . O sobrenome Mendes de Castro não me pertencia, era emprestado. Úrsula nunca fora mesquinha com seu afeto e recursos, mas também nunca me enredara em ilusões e fantasias.

Por isso, foi gratificante ser chamada, por alguns convidados de cidades vizinhas, de “a filha de Úrsula”, a despeito da máscara e do fato de nunca terem me visto. Havia poucas pessoas tão jovens e, provavelmente, fui reconhecida por eliminação. E, como às vezes acontece em famílias adotadas, eu era estranhamente parecida com Úrsula: ambas de cabelos escuros, pele clara, nariz atrevido e olhos grandes — os meus, castanhos; os dela, esverdeados.

Uma das outras mocinhas, para meu infortúnio, era Cecília, a prometida de Vinícius. Eles não se viam fazia anos, pois ela morara muito tempo em Portugal. Agora, porém, sua família estava de volta ao Brasil e buscava retomar os laços locais.

Usava um vestido amarelo-creme com detalhes brancos, mais recatado que o meu. Seu rosto, mesmo sob a máscara, era extraordinariamente bonito,

suave, infantil. Com sua boca rosada em forma de coração e os olhos azuis fulgurando por trás do disfarce, ela transparecia curiosa inocência, mas não insegurança. Era uma jovem aristocrata, à vontade em seu mundo, na verdade um tanto desdenhosa da simplicidade interiorana — porque a festa de Úrsula, tecnicamente impecável, ainda assim era um simulacro dos bailes urbanos. A gente abastada que ali se reunia carecia de refinamento, era alegre demais, risonha demais, ruidosa demais.

Minha madrinha não mentira quanto aos pretendentes. De fato, alguns homens jovens e vários de meia-idade pareciam surgir do nada, com a mão estendida solicitando danças. Depois da quarta valsa — único estilo em que minha inépcia não torturava os pés do acompanhante — passei a inventar pretextos para declinar dos convites. Dera um mau jeito no pé, estava com tontura, minha madrinha estava chamando.

Eu queria estar sossegada para vigiar Vinícius, que educadamente dançava com as moças e senhoras presentes — seria rude não o fazer, especialmente sendo o filho da anfitriã e o homem mais velho da casa. Ainda não tínhamos dançado, e isso me aborrecia, sentimento que não melhorou quando o vi ir para o meio do salão com Cecília. Eu não podia permitir que ficassem íntimos. Ela detinha toda a vantagem sobre mim: era sua prometida, belíssima, rica. E eu? Eu sabia que exercia uma forte atração sobre ele, mas suspeitava que não fosse suficiente. Fazia-se necessário tomar alguma medida mais efetiva.

Era uma noite morna de fevereiro, por isso não tive dificuldade em levá-lo para o exterior da casa tão logo Cecília deu uma trégua. Parei com as costas apoiadas na porta da capela particular, longe o suficiente da sede para que tivéssemos alguma privacidade.

— Apaixonado pela sua prometida? — provoquei, puxando-o para mim.

— Não seja tola — respondeu ele, meio jocosos, meio irritado, focalizando-me com os olhos cor de mel por trás da máscara verde-escura. O acessório dava-lhe um ar malicioso, zombeteiro e... Bem, na época eu não sabia, mas a outra palavra que eu buscava era *sensual*. Lembrei-me da história contada por Úrsula sobre as Máscaras dos Amantes. A de Vinícius não fazia par com a minha, mas isso era irrelevante, pois nos amávamos.

— Antes você torcia o nariz à menção do nome dela — insisti. — Agora já conversam com animação...

Ele segurou meu rosto e falou bem próximo dos meus lábios:

— Amo você, Ana Luísa. Sempre amei.

— Humm... Não soa convincente — provoquei, simulando pouco interesse na boca que roçava sutilmente a minha.

Vinícius me calou com um beijo impetuoso, violento, e tive uma vaga noção de que ele mexia no ferrolho da porta da capela. Então a porta dupla abriu-se, e eu pensei que fosse cair para trás, mas Vinícius segurou-me, sem interromper o beijo, e em seguida eu estava deitada sobre um dos bancos da pequena igreja.

— É pecado — murmurei, rindo.

— Não é você a incrédula? — respondeu ele, livrando-se da máscara, e pude ver seus olhos sem empecilhos. Ardiam com um sentimento que eu já tinha visto, mas agora era mais intenso, mais imperioso, mais urgente.

Jogou a máscara no chão da igreja, e ela caiu sem som, protegida pelo veludo.

— Você quer? — indagou, tirando agora a minha máscara, que lançou com a mesma displicência. Diferente da outra, ela bateu no chão com um som metálico que se arrastou por um segundo.

— Quero — assegurei, ambos nos olhando como se nos víssemos pela primeira vez —, mas feche a porta.

— Vai ficar escuro — aduziu ele. — Espere um pouco — pediu, retirando-se às pressas.

Sozinha, sentei-me, olhando ao redor. Sim. Era o que eu queria. Contudo, mais do que o desejo, movia-me a necessidade. Eu precisava torná-lo meu. Dar-lhe a força para resistir ao mundo e proteger nosso amor. E não havia outro modo de fazê-lo. Era minha única arma.

Ele retornou com um candeeiro, que depositou num banco próximo, e fechou as portas.

Sob aquele único e fraco foco de luz, entreguei corpo, alma e sonhos não a um homem, nem a um rapaz, mas à sorte e ao destino. Desajeitadamente, ardorosamente, esperançosamente, fizemos o que fazem os casais desde o início dos dias, por curiosidade, por instinto, por desejo, por desamparo, por amor.



Ele não recebeu minha proposta com entusiasmo. Fitou-me com a cabeça apoiada na mão, os olhos cor de mel pairando acima do meu rosto. Estávamos deitados no banco da igreja, mal acomodados, doloridos, mas de algum modo ainda mais enfeitiçados, emaranhados um no outro com um laço invisível e ao mesmo tempo inequívoco.

— Fugir, cair no mundo? — Vinícius perguntou, inseguro. — Sem dinheiro, sem destino?

— Se você me ama... — apelei.

— Amo — garantiu com a voz grave de homem feito. Vinícius quase nada tinha da mãe, parecia-se muito com Dirceu. Os mesmos traços fortes e viris, aristocráticos, idênticos cabelos castanho-claros. Era como ver o falecido Dirceu rejuvenescido. — *Amo muito* .

— Eu me entreguei a você — sussurrei, alisando seu rosto para atenuar a leve inflexão acusadora de minha voz. — Talvez carregue sua semente neste momento.

— Eu sei — retrucou com uma nota sombria que me alarmou um pouco.

— Arrependeu-se?

— Não! — Ele acariciou meus cabelos, seus olhos percorrendo todo meu rosto com uma expressão doce que me apaziguou. — Nunca me

arrependeria. Foi ainda melhor do que eu sonhei.

Para mim havia sido um pouco rápido e doloroso, mas eu exultava com o elo que se intensificara entre nós, com o sentimento próximo da veneração que brilhava nos olhos dele. Entregar-me ao homem que eu amava tinha sido o mais acertado. Agora precisava persuadi-lo a ir embora comigo.

— Não há alternativa, Vinícius — tornei à carga. — Temos de ir embora ou você termina casado com Cecília! É isso o que você quer? Ficar com ela e *me* perder?

— Não, não quero perdê-la, meu amor!

— Então vamos embora!

— Para onde?

— Você se corresponde com seu meio-irmão ocasionalmente, não?

— Com Cristiano? Sim... Nossa mãe faz questão de que tenhamos contato, principalmente agora que meu pai já faleceu.

— Vamos para a casa dele.

— Para a casa dele? Mas não será inconveniente? Não temos tanta intimidade...

— Isto é uma emergência! Vamos entrar e arrumar nossas coisas. Nessa balbúrdia da festa, poderemos ir embora sem chamar a atenção.

— Viajar à noite, Ana Luísa?

— Pararemos numa hospedaria. Vamos!

Eu tinha muito em comum com Úrsula. Como o talento para intimidar os outros.

Vinícius me obedeceu sem mais protestos ou questionamentos. Separamos roupas, alguma comida e dinheiro — de Vinícius —, esgueiramo-nos para a

estrebalaria, selamos dois cavalos e partimos no escuro.



Sem conhecer o passado de Cristiano, nunca se pensaria que fosse filho de um criminoso. Ainda com vinte e poucos anos, ele já não vivia com o tio que o criou. Tinha um pequeno e próspero cafezal e morava sozinho numa casa de razoáveis dimensões. Desde que ficara sozinho, não quisera mais escravos — tinha ojeriza à servidão. Os trabalhadores do campo e de dentro de casa eram negros alforriados e brancos. As duas mulheres que trabalhavam no casarão — Socorro, negra liberta, e Rita, branca — não habitavam a casa; moravam nas redondezas e vinham todo dia cuidar da limpeza, das roupas e da comida.

Fatigados, sujos e famintos, fomos recebidos com surpresa, mas Cristiano se recobrou logo do susto e nos acolheu com calorosa hospitalidade. Demonstrou um grande carinho pelo irmão mais novo, e não vi em seus olhos verdes o menor laivo de ressentimento ou inveja do herdeiro de Dirceu.

— E nossa mãe, como está? — ele quis saber, depois que nos sentamos nos sofás um tanto puídos da austera sala de estar. Toda a casa, até onde eu tinha visto, era parcamente mobiliada, contendo apenas o essencial e sem nenhuma pretensão ornamental.

— Ela está bem — respondeu Vinícius, um tanto encabulado. — Na verdade, deve estar fula conosco...

— Entendo — murmurou Cristiano, observando-nos de forma indagadora, eu sentada ao lado de Vinícius no sofá, o dono da casa em outro perto de nós. — Vocês partiram sem avisar, suponho.

Ele me encarou e eu me senti ruborizar instantaneamente. Cristiano era muito bonito. Tinha cabelos cacheados num tom mais suave que os cabelos cor de mel de Vinícius. Sua pele devia ser bem clara originalmente, mas ele ostentava o bronzeado de quem trabalha sob o sol. Era um homem magro e

alto, porém pude adivinhar os músculos por baixo das roupas. Seus trajes eram simples, porém alinhados, e seu porte tinha algo de nobre. Era mais homem que Vinícius, por isso não consegui devolver-lhe o olhar.

— Nós fugimos — admitiu meu companheiro. — Eu não quero me casar com Cecília.

— A rica herdeira com a qual você está comprometido desde pequeno, certo? — lembrou Cristiano, atencioso.

— Sim. Eu normalmente me curvaria ao desejo de meu pai, que foi quem acertou esse casamento, mas... — Vinícius me indicou com uma inclinação de cabeça.

— Entendo — disse Cristiano. — Você tem outro compromisso. Com Ana Luísa.

Cristiano jamais tinha posto os olhos em mim antes desse dia. Úrsula e Vinícius costumavam visitá-lo esporadicamente, mas Cristiano nunca retribuía, não sei se por orgulho ou por respeito às convenções.

— Acho que vocês deveriam se lavar e comer alguma coisa — interveio Socorro, entrando no recinto como uma mãe que não admitia que as crianças sujas de terra procrastinassem o banho.

— Por certo — concordou Cristiano. — Depois conversaremos sobre o que fazer.



Socorro não era tagarela, mas adorava mexericos. Com seu jeito maternal, arrancou de mim toda a história de meu amor por Vinícius. Fiz-lhe companhia na cozinha enquanto ela preparava algo para nós; na sala, os dois rapazes conversavam. Eu soube que Rita, a outra empregada, andava afastada cuidando do filho doente.

— Menina, vocês dois não sabem o que é amor — Socorro me disse enquanto mexia um panelão de sopa com uma colher de pau. — Esse encantamento não é amor.

— E o que é amor, então? — questionei, sem interesse pela resposta, tracejando com a ponta dos dedos as ranhuras da mesa de madeira maciça. O que aquela mulher podia saber sobre mim e Vinícius?

— Amor é tolerar um ao outro por anos e anos. É confortar quando necessário, repreender quando preciso, incentivar, ensinar, aceitar. Só se descobre o amor com a convivência. Não é amor só porque vocês dois se divertem juntos.

Ela se expressava bem, o que me espantou. Adivinhando minha curiosidade, Socorro explicou com orgulho:

— Sinhô Cristiano quis que eu aprendesse a ler. Duas vezes por semana a dona Felicidade, uma velha professora da cidade, vinha aqui para me ensinar.

— Isso é formidável, Socorro! — exclamei com sinceridade. — Seu patrão é abolicionista, não é?

— Essa era uma das brigas dele com o falecido tio. Mas, voltando à sua *paixão* ...

— Vinícius é tudo para mim, Socorro, e eu para ele. Ele deixou a casa materna para fugir comigo — declarei triunfante. — Não fez caso da rica herdeira que os pais lhe arranjaram. Preferiu a mim, que nada sou e nada tenho.

— Ah, sim, foi um gesto apaixonado. — Socorro me fitou com ar matreiro, o rosto bonito flutuando em meio à fumaça da panela. — Ideia dele?

— Não importa; importa que aqui estamos — rebati desafiadora.

— O menino Vinícius fez uma grande bobagem, isso sim. Desacatou a mãe, ofendeu a família da noiva, faltou com seu dever de homem.

— O dever de homem dele é *comigo* ! — exaltei-me. — Eu me entreguei a ele e ele tem de ser honrado *comigo* !

— Ele agiu mal com você — suspirou Socorro. — O certo seria lhe oferecer a justa reparação: o matrimônio. Mas eu me pergunto a qual dever ele se sentirá mais obrigado: o dever com você ou o dever com a família, a tradição, o dinheiro?

Eu sabia a resposta, claro. Mas era jovem, estava iludida e me recolhi num silêncio teimoso, quebrado apenas por monossílabos. Sabia que, na outra sala, Cristiano dizia as mesmas palavras para Vinícius. Nenhuma pessoa com juízo o aconselharia a trocar uma rica herdeira por mim.



Nossa ceia foi a deliciosa sopa feita por Socorro, mais pão e vinho. À mesa conosco, Cristiano fez-nos agradável companhia, comentando assuntos triviais como o clima, colheitas e as relações com os vizinhos. Mas nem a comida nem a conversa puderam ocultar de mim o fato de que Vinícius estava pensativo.

Dormimos em aposentos separados. A livre expressão de nosso amor juvenil nos seria vetada enquanto estivéssemos sob um teto decente.

Na manhã seguinte, Cristiano informou que acabara de despachar uma mensagem para Úrsula. Ela tinha de saber onde estávamos. Isso não me surpreendeu, mas me aborreceu. Eu não ignorava que Úrsula logo viria resgatar Vinícius.

Quando ela finalmente chegou, eu instintivamente me encolhi. Úrsula jamais encostara o dedo em mim, mas imaginei que agora o faria, pois eu lhe dera um bom motivo. Enganei-me. Fui a primeira a receber seu abraço, antes mesmo que os filhos. Enquanto estivemos enlaçadas, ela me sussurrou ao ouvido:

— Sei que é duro, querida, mas nem todos os sonhos são possíveis.

Então me soltou e foi ter com os moços, com quem se reuniu em particular durante duas horas.

— Prepare o coração, menina — aconselhou-me Socorro enquanto eu vagava pela cozinha. Seu tom era benevolente, compreensivo.

Ainda assim, não me preparei devidamente para a conversa que eu e Vinícius tivemos após o encontro com a mãe.

Ele tentou justificar-se. Apaziguar-me. Achou que a lógica me traria resignação. Que eu aceitaria seus motivos e lhe diria que estava tudo bem, que eu entendia seu sacrifício em prol da família.

Mas eu não entendia. Eu não me importava com lógica nem com dever. Eu queria o que queria. Não podia conceber que um amor de tantos anos terminasse ali.

— Não é minha vontade — ele disse, sentado ao meu lado num banco do pomar. — Estou sofrendo também, mas preciso fazer o que esperam de mim. Se eu me recusar, será a desonra de minha mãe. A desgraça da memória de meu pai. Uma afronta terrível. Não posso fazer isso, Ana Luísa. Eu preciso...

— Você só fala de si mesmo, Vinícius — cortei-o. — E eu? Que será de mim?

Ele era tão bonito. Seu sorriso era inacreditavelmente sedutor. Mas agora não havia sorriso. Ele estava angustiado, louco para fugir dali. Fugir de mim.

— Você não ficará desamparada — ele garantiu.

— Não temo o desamparo — respondi. — Minha madrinha jamais me poria na rua.

— Você não vai poder continuar conosco, Ana Luísa — ele observou, preocupado com minha cegueira. — Cecília vai morar comigo. Você não pode ficar lá. *Cristiano* vai recebê-la.

— Como criada? — inquiri numa voz quase inaudível.

— Não, claro que não! Você será esposa de meu irmão.



Na reunião privada, os três haviam decidido minha vida. Eu desposaria Cristiano, e com isso Úrsula resolveria dois problemas de uma vez só. Iria me afastar de Vinícius e assegurar meu futuro.

Pelas horas que se seguiram, ouvi incansavelmente que Cristiano era um excelente partido. Socorro, Vinícius e Úrsula alternavam-se na argumentação, inconformados por eu não saltitar de alegria. O único que não tentou convencer-me foi o próprio Cristiano. Continuou a tratar-me com a mesma deferência.

Úrsula tinha pressa de ir embora com Vinícius. No dia seguinte, na despedida, ele me puxou para um canto reservado e me beijou pela última vez. Não lutei, tampouco correspondi. Maior do que o rancor era minha decepção.

— Meu amor é seu — ele afirmou, segurando-me pelos braços. — Não parto feliz.

— Que quer que eu diga? — perguntei. — Que tenho compaixão por você?

— Que me ama, apesar de tudo.

— Eu o amava até descobrir sua fraqueza.

— Não diga isso. Já me basta o tormento de saber que estará no leito de outro homem.

— Seu ciúme é uma doce vingança para mim. Doce, mas insuficiente.

Os olhos de Vinícius escureceram de raiva e seus dedos se fecharam mais fortemente em torno dos meus braços.

— Quero um beijo de verdade — exigiu.

— Impossível — respondi com atrevimento. — O sentimento teria de ser autêntico, e já não é. Você pode ter meus lábios, mas da paixão nada restou.

Ele me beijou mesmo assim, com ímpeto tão grande que achei que ele desistiria de ir embora. Mas não desistiu, naturalmente.

Quando Úrsula me abraçou, perguntou-me num murmúrio:

— Você me odeia?

Vasculhei meu coração num segundo e de lá tirei uma resposta honesta:

— Nunca.

Eu deveria odiá-la, não? Porém, Úrsula agia em nome da família, preservando-lhe o patrimônio e a posição. Já Vinícius tinha medo de abandonar sua vida de conforto. Se desafiasse a mãe e ficasse comigo, ele teria de trabalhar para sustentar-me, sem luxos, sem festas dispendiosas, sem *status*.

Eu conhecia meu homem. Meu menino.



Nos primeiros dias, Cristiano não fez nenhuma menção a nosso futuro enlace. Tratava-me com cordialidade e respeito. Mandou vir uma costureira e encomendou roupas para mim, já que na casa não havia nada que eu pudesse vestir, exceto os vestidos grandes demais das duas empregadas. A mesma costureira iria confeccionar meu vestido de casamento. Sim, nos casaríamos na igreja como se eu fosse donzela. Sem pompa, diante apenas das pessoas mais próximas.

Eu não saberia dizer se a perspectiva daquele casamento contrariava Cristiano. Meu prometido não estava propriamente entusiasmado, mas também não parecia aborrecido.

Ele era fascinante. Socorro me disse que, quando mais jovem, Cristiano viajara sozinho por muitos países, trabalhando em todo tipo de ocupação. Queria juntar dinheiro para comprar uma propriedade. A experiência não lhe rendera apenas recursos financeiros. Ele partira um rapazote e voltara um homem.

Observando-o agora com olhos de noiva, percebi que ele sabia rir, mas também sabia falar com dureza. Os trabalhadores o veneravam. Os animais o seguiam. O povo da cidade o bajulava. Tudo girava em torno dele. E logo me vi agindo igual.

Era atraída aos cômodos em que ele estava. Sentia o corpo responder ao seu olhar. Vinícius era pouco homem para mim. Cristiano, ao contrário, era tão másculo que eu tinha medo — não de como seria nossa intimidade, mas de que ele não estivesse interessado em mim como mulher. Incapaz de continuar nessa incerteza, decidi romper o constrangimento entre nós.

Certa manhã, partilhávamos a sós o desjejum. — Socorro entrava vez ou outra para servir algo ou retirar pratos. Munida de coragem, levantei-me, tranquei a porta da sala de jantar, virei-me para ele e comecei a desabotoar o vestido.

Cristiano arregalou os olhos, abandonando o pedaço de pão que ia levar à boca.

— Por que a pressa? — perguntou meio divertido, meio perplexo.

— Porque não suporto mais a ansiedade — confessei, interrompendo a tarefa e deixando o vestido apenas um pouco aberto. — Você não é fácil de ler. Penso que talvez esteja contrariado com o dever que sua mãe lhe impôs. Eu... eu quero lhe mostrar que posso ser uma boa esposa.

— Não estou de modo nenhum contrariado — ele me garantiu. — Na verdade, eu também tinha dúvidas sobre seus sentimentos acerca de tudo isso. Preferi esperar o casamento para fazer qualquer avanço. Até lá, você já estaria mais acostumada à ideia.

— Bem, então nenhum de nós está aborrecido ou infeliz — comentei com um risinho nervoso. — Melhor assim.

— Concordo. — Seus olhos detiveram-se na abertura do vestido.

— Eu poderia ter sido entregue a um velho asqueroso — declarei sem pensar, sentando-me novamente.

Cristiano olhou-me surpreso e riu. Ficava ainda mais atraente ao sorrir.

— Sim, você teve sorte — reconheceu ele, jocoso.

— Você sabe que eu e Vinícius... Bem, você sabe, não?

— É claro que sei. — Ele ficou sério. — Sou um homem adulto.

— Pois então. — Comecei a brincar com migalhas de pão sobre a mesa, incapaz de encará-lo. — Você poderia ter conseguido alguém melhor que eu.

— Poderia — admitiu Cristiano. A mão dele cobriu a minha. — No entanto... você é a mulher mais bonita que já vi. E vi muitas.

— Você não viu Cecília, a noiva de Vinícius — respondi, sentindo o rosto queimar de despeito. — Ela é uma boneca.

— Bom para ele. Mas imagino que Cecília seja uma menina superprotegida, muito bem-educada, prendada, pudica e ingênua. Isso pouco me atrai. Prefiro uma moça de origem humilde e sofrida, mas inteligente e com força interior. Uma mulher que trabalhe ao meu lado, que não seja deslumbrada pelas luzes dos salões, pelos trajes suntuosos, pelos títulos e pelas futilidades da alta sociedade.

Sim, ele tinha razão. Éramos da mesma cepa. Ambos tínhamos origem não só pobre como desonrosa, mas havíamos sobrevivido, e muito bem.

— Meu tio era um homem correto e amigo do trabalho — relatou Cristiano. — O oposto de meu pai. Úrsula me fez um bem enorme quando me confiou a ele. Dirceu queria que ela simplesmente se livrasse de mim, que me desse

qualquer destino, mas ela investigou e descobriu esse meu parente. Graças a meu tio, aprendi a trabalhar e a ser honrado.

— Também foi graças a ela que pude ter uma educação e uma família — comentei. — Eu sei *ler*, Cristiano! Conheço um pouco de latim, de história, de cálculo. Os tutores de Vinícius também me deram aulas, ainda que a contragosto, por eu ser mulher. Arrisco dizer que aproveitei melhor as lições do que Vinícius. Sou muito mais sabida do que uma mulher deveria ser — completei, logo me arrependendo por estar me gabando.

— Já sei quem vai cuidar do meu livro-caixa — brincou Cristiano.

— Você não se sente intimidado? Não preferiria uma esposa mais convencional?

— É preciso muita coisa para me intimidar.

Os olhos dele eram ardentes, e eu me aproximei. Beijamo-nos.

Era um beijo cauteloso, exploratório, de progressiva intensidade — então vieram a fome, as apalpadas, o sorver das línguas e gemidos entrecortados. Tiramos as roupas um do outro e nos contemplamos nus, à luz da manhã.

— Você é um homem — sussurrei, acariciando seu tórax. — Não um garoto. Quero ser sua mulher.

Minhas palavras o excitaram ainda mais, e Cristiano me fez sentar na mesa, lambendo-me o pescoço e multiplicando as mãos para me envolver inteira em suas carícias quentes. Puxei-o sobre mim, derrubamos a louça e ele me penetrou sobre a toalha de linho. Suas mãos e seus quadris não paravam, e eu sentia prazer onde quer que ele me tocasse. Gozei pela primeira vez na vida, dando-lhe a deixa para me acompanhar.

Então, isso era ser fêmea. Vinícius, jovem demais, egocêntrico demais, não conseguira me fazer sentir assim.

Era um domingo, e passamos o dia no quarto.

À noite, Socorro parabenizou-me.

— Você foi sábia em aceitar seu destino e em querer agradar seu futuro marido.

— Não fiz isso para assegurar minha posição — respondi, e estava sendo honesta. — Sinto desejo por Cristiano.

— Tanto melhor — comemorou Socorro. — Continue agindo assim. E reze muito, peça a Deus que lhe mande um filho o quanto antes. É triste uma união sem frutos.

Minha madrinha Úrsula não era religiosa e não tinha feito o menor esforço para que eu o fosse. Mesmo assim, assenti com a cabeça.



Se eu tivesse rezado, teria feito diferença?

Não tenho como saber. Se eu tivesse outra chance, porém, rezaria. Talvez isso desviasse de nós a provação que nos atingiu.

Vivemos sete anos de um casamento feliz e afetuoso. Eu e Cristiano nos entendíamos sem palavras. Tínhamos as mesmas ideias sobre a vida, o mesmo senso de humor, amor à terra e uma inexaurível atração mútua. Ainda não esgotáramos a exploração de nossos corpos. Se não havia nada novo a descobrir, havia prazer em refazer nossas rotas, repetir experimentos e revistar as trilhas preferidas.

Só não tínhamos filhos.

Era desejo de ambos e uma cobrança constante dos que nos cercavam. Na vila, na igreja, nas festas comunitárias, todos indagavam quando viriam as crianças.

Tomei as beberagens que as velhas me empurravam, deixei que me benzessem, que rezassem por mim. Mas eu mesma nunca rezei; nunca aprendi a fazê-lo.

Não bastasse o ventre estéril, no sétimo ano de casamento Cristiano partiu.

Voltara febril de uma viagem de negócios, e não houve médico que o diagnosticasse e curasse, nem o da região, nem os outros dois que mandei buscar de mais longe. A febre não cedia, baixava um pouco e tornava a subir. Cristiano perdeu a consciência, convulsionou. Morreu sem voltar a si.

Úrsula, que não chegara a tempo de despedir-se do filho mais velho, me abraçou num choro convulsivo, mas eu estava em choque. Não tinha energia nem para acompanhá-la no pranto. Até enterrá-lo, eu ainda me sustentava de pé e recebia condolências. Depois que ele sumiu dentro da terra, porém, eu perdi a força das pernas e desabei.

Contaram-me que foram dois dias de cama, embora eu jurasse terem sido mais. O prolongado repouso não me trouxera bem-estar físico, nem mesmo alívio, mas eu desconfiava que havia me poupado a vida. Sem sono, sem fome, desinteressada de tudo e ao mesmo tempo incrivelmente tensa, eu não teria suportado, quebraria feito um galho seco. Meu corpo, mais sábio que eu, vergara, rendera-se ao sono, e me devolvera à vigília num estado mais sadio. Eu não ia definhar e morrer... embora fosse meu desejo.



— Eles não a querem aqui, filha — declarou Úrsula, fitando-me com compaixão. Estávamos sentadas à mesa da cozinha, sozinhas no cômodo, pois minha madrinha dispensara uma inconformada Socorro.

Eu sabia a quem ela se referia, mas não respondi, comendo um pedaço de pão puro. Eu não tinha apetite, mas tinha fome. Ignorei a manteiga e tampouco me animei a provar do bolo de fubá. Também não fiz caso das uvas. Para a simples tarefa de sustentar-me, bastava o pão.

Úrsula a princípio não demonstrou interesse por nada que havia sobre a mesa, mas, ao inalar o café ainda quente, mudou de ideia e se serviu de uma xícara.

— Sinto como uma maldição, sabe? — ela sussurrou, mudando de assunto. Tomou um gole rápido, que pareceu descer dolorosamente. — Eu não tive o direito de ser enterrada por esse filho porque eu o abandonei.

— A senhora não o abandonou — respondi, num tom entre exasperado e compadecido, afastando uma mecha de cabelo que escapou do meu coque.

— Eu poderia ter resistido. Nunca fui submissa a Dirceu. Poderia tê-lo desafiado para defender meu filho. Nada era mais importante que isso.

— A senhora era jovem e deve ter ponderado que não seria saudável para Cristiano ser criado por um padrasto relutante e talvez hostil. Cristiano foi muito feliz aqui, madrinha. Ele amava o tio, amava esta propriedade.

— Estou sendo egoísta, não é? — Úrsula tentou sorrir, enxugando uma lágrima atrevida. — Sim, eu sei que ele foi feliz. Estou lamentando a minha privação, na verdade. Não tê-lo visto crescer, não ter tido sua companhia. Ele era um rapaz admirável. Nunca me condenou por ter me desfeito dele.

— Não use esse termo, por favor. A madrinha não se *desfez* de ninguém! Fez o melhor para Cristiano e teve a generosidade de me adotar. Toda minha vida eu devo à senhora. Não creio nem mesmo que estivesse viva hoje se não fosse a sua acolhida. Que chances eu tinha?

Úrsula sorriu-me, segurando minha mão esquerda entre as dela.

— Adotar você foi extremamente natural. Não pensei duas vezes.

— Talvez não tenha sido a melhor decisão, afinal — suspirei, abaixando a cabeça. — Eu lhe trouxe dissabores.

— Agora sou eu que lhe proíbo de falar assim! — Ela apertou minha mão um tanto forte demais. — Não me arrependo de adotá-la! Você é uma filha afetuosa, leal...

Balancei a cabeça em negação.

— Não fui leal ao fugir com Vinícius...

— Foi uma bela traquinagem. — Úrsula não disfarçou o sorriso. — E um susto e tanto, confesso. Mas, como eu disse, estou sendo egoísta. Só falei da minha dor, do meu remorso... E você, filha? Como está?

Como eu poderia descrever a dor? Minhas entranhas sensíveis como se tivessem sido reviradas, minha cabeça latejante, o gemido que me subia à garganta e nunca saía? Já haviam passado o desespero, a raiva, a agitação. Restara apenas a aceitação diante da dor sem remédio. A constatação aflita da perda irreparável.

Quando me olhava no espelho, mal reconhecia a antiga Ana Luísa na figura de olhos mortiços, ossos aparentes, face encovada e sem expressão, o cabelo escuro trançado com desleixo. Desaparecida a jovem bonita, de uma magreza saudável, vigorosa. Cedera lugar àquela mulher vulnerável, chocada como uma gata que tivesse apanhado forte e injustamente, perdendo, assim, toda a confiança na vida.

— Morri, mas ainda respiro — tentei soar jocosa, brincando com as migalhas do pão.

Úrsula pôs a mão sobre a minha na mesa.

— Já passei por isso — assegurou, quase com ternura. — Sobrevive-se. Eu tinha um filho no ventre pelo qual viver. — Seus olhos marejaram. — O marido que você chora agora.

Fiz um gesto para que ela não recomeçasse com a cantilena do filho abandonado — eu tinha minha dor e não queria lidar com a dela. Ela fez que sim com a cabeça, como que aceitando a reprimenda que não expressei.

— Não há herdeiros — ela retomou o tema do início da conversa, dando outro gole rápido. — Vocês não tiveram filhos...

Assenti bruscamente, irritada com a menção constante das pessoas à minha infertilidade.

— Se fosse mãe de um filho varão de Cristiano, seria justificada sua permanência aqui — Úrsula ponderou, indiferente ao meu desconforto. —

Mas foi uma união estéril, e não é como se você fosse da família. Os primos de Cristiano nem mesmo eram próximos de vocês, não havia laços, por assim dizer, e eles, sim, têm crianças... Você sabe que, se insistir em receber uma parte da herança, eles farão de tudo para impedir... e conseguirão.

— Eu entendo muito bem, madrinha — interrompi com exasperação. — Não pleitearei nada. Voltarei para casa com a senhora. Não é preciso me persuadir.

— Imaginei que não seria mesmo necessário, querida. — Ela tomou outro gole, e agora a bebida parecia descer sem sofrimento. — Entre nós nunca houve rodeios, portanto não deixarei de lhe dizer o que a espera. Vinícius e a esposa vivem comigo. Isso pode significar algum constrangimento, considerando o passado de vocês... Pergunto-lhe se seria humilhante alojar-se na casa do administrador da fazenda. Eu me liberei dele e assumi suas tarefas. Era um salário muito mal-empregado, visto que ele estava me roubando. Além disso, exerço suas funções melhor que ele.

— A casa do administrador? — indaguei apaticamente, uma parte ínfima de mim achando alguma graça na situação. De dona da casa, como esposa de Cristiano, eu passaria a indesejada na propriedade de Úrsula, que seria incapaz de me deixar desamparada.

— É temporário, querida. — Ela pousou a xícara sobre a mesa com um cuidado inesperado, como se a porcelana fosse frágil como um cristal de açúcar. — Eu devo lhe arranjar um novo casamento o quanto antes.

Algo dentro de mim borbulhou, mas fechei os olhos e sufoquei a sensação.

Como dizia Socorro diante das situações difíceis? Era um versículo bíblico...

A cada dia o seu mal .



Úrsula fazia-me pensar num experiente treinador de feras obrigado a socializar animais francamente hostis uns com os outros. Ela irradiava a confiança de costume, mas eu via em seus olhos a preocupação de que as coisas escapassem a seu controle. A indignação muda no semblante de Cecília indicou-me que a inquietação de minha madrinha não era infundada.

A esposa de Vinícius recebeu-me com fria polidez. Não parecia surpresa com minha presença — decerto fora informada de meu retorno pela própria Úrsula ao partir —, mas olhos e lábios falam idiomas diferentes, e os olhos azuis de Cecília comunicavam raiva impotente.

Ela se tornara uma mulher ainda mais bonita naqueles sete anos. Perdera as bochechas infantis e ganhara traços quase sensuais em sua inconsciente perfeição. Havia nela uma sugestão de cansaço, que eu não sabia se físico ou emocional. As roupas mais sóbrias, em tom pastel, e a postura ereta identificavam-na como uma jovem matrona. Ao contrário de mim, aquela moça que sempre me parecera uma boneca parira duas crianças, Inácio e Manuela, de 5 e 4 anos, respectivamente. Ambos brincavam no chão, sob a vigilância de uma babá negra, na sala bem decorada de Úrsula, enquanto eu, minha madrinha, Cecília e Vinícius trocávamos palavras corteses perto da porta.

Vinícius não tinha olhos tão eloquentes quanto os da esposa, mas percebi que seu maxilar latejava quando ele me fitava. Os anos também lhe tinham sido generosos; ele era agora um homem muito atraente, trajado à última moda, sofisticado e com um ar urbano, embora estivéssemos na roça. Úrsula comentara comigo, durante a viagem, que ele e Cecília iam com frequência a São Paulo, sem as crianças, para visitar conhecidos e assistir a espetáculos.

O casal abraçou-me discretamente, transmitindo suas condolências. O abraço de Vinícius pareceu-me prolongar-se além do necessário, impressão confirmada pela expressão mortificada de Cecília.

Meu desejo era declinar graciosamente do convite para jantar, mas Úrsula foi peremptória, e cedi. Seria somente daquela vez. De resto eu deveria recolher-me à casa que a madrinha preparara para mim, a prisão onde eu esperaria meu próximo marido.

Entre assados, cozidos e goles de vinho, Úrsula conduzia a conversa, atualizando-me sobre vizinhos. Casamentos, mortes, nascimentos, viagens, falências — ela discorria encantadoramente sobre o que lhe vinha à mente, numa sucessão curiosa de associações. Eu e os demais pouco falávamos — eles, embaraçados com minha presença; eu, desinteressada de tudo desde a perda de Cristiano.

Por isso a indagação brusca e sutilmente afrontosa de Cecília pegou-me de surpresa:

— Há algum motivo para a ausência de filhos em sete anos de matrimônio, minha cara?

Sua voz e seu rosto exprimiam um prazer sádico pela minha esterilidade e, ao mesmo tempo, frustração por eu ser uma viúva livre, sem amarras — aparentemente filhos teriam me conservado na casa de Cristiano, longe dali.

— Motivo há de ter, mas quem poderá saber? — respondi vagarosamente, encarando minha interlocutora. — Se você crê em Deus, pode ficar com a explicação de que é uma punição pela minha falta de fé.

— Você não crê? — Cecília arregalou os olhos claros, com a inflexão de uma censura em sua pergunta.

— A viuvez aniquilou o fiapo de fé que eu costumava ter — confessei, ouvindo-me soar amarga.

— Bem... Talvez tenha sido melhor não ter filhos do que tê-los e criá-los longe da fé. Sou muito devota... e talvez por isso muito feliz — gabou-se Cecília, observando-me com ar crítico enquanto eu levava a taça de vinho aos lábios.

— É extremamente indelicado e invasivo questionar Ana Luísa sobre filhos — interveio Vinícius, com desagrado, para em seguida pousar uns olhos ternos sobre mim. — Fé ou ausência de fé nada têm a ver com isso. E não é culpa de ninguém.

— Também me parece incrivelmente descortês — secundou-o Úrsula. — Admira-me você, Cecília, uma jovem de esmerada educação...

— Seu infortúnio talvez a torne mais desejável como esposa — Cecília cortou a sogra sem tirar os olhos de mim. — Como poucos homens gostariam de criar o filho de outro, creio que logo você estará num segundo casamento, minha cara.

— Aparentemente isso a deixaria exultante — provoquei, pousando na mesa a taça vazia. — Toca-me sua profunda preocupação com meu futuro e felicidade.

Cecília abriu a boca para retrucar, ante os olhares exasperados da sogra e do marido, mas eu afastei minha cadeira e me levantei, silenciando-a.

— Peço perdão, mas estou muito fatigada — justifiquei. — Com licença.

Úrsula também se ergueu.

— Eu a conduzirei a suas acomodações.



Era uma casa modesta, a cinco minutos da sede, com sala, cozinha, um quarto de dormir. Estava mobiliada e tinha até cortinas nas janelas. Os móveis eram simples, austeros, mas eu não estaria mal instalada.

— Ficaré aqui por poucos meses, eu espero — disse Úrsula, perto da janela da sala. — Você ainda é jovem e muito bonita. E, a despeito da grosseria de Cecília, ela tem razão. Sem filhos você se torna mais qualificada para um segundo casamento. Quem melhor que eu para saber que homens não apreciam criar filhos de outros?

— Madrinha... — Eu me aproximei e segurei sua mão. — Não é de minha vontade casar-me novamente. Pelo menos não agora. Cristiano pode não estar mais entre nós, porém minha ligação com ele permanece bem viva. Repugna-me a ideia de permitir a aproximação de outro homem.

Ela apertou minha mão por um instante, mas em seguida libertou-se num movimento gentil e firme.

— Eu compreendo, filha — respondeu, quase com doçura. — Mas não se trata de sentimento. Não posso mantê-la aqui por muito tempo. Eu poderia enviá-la para a casa de outra pessoa, todavia suponho que nem você deseje isso. Já tenho alguns candidatos em mente, mas procurarei me informar sobre outros, talvez mais jovens...

— Não consigo tratar disso hoje, madrinha — confessei, experimentando um cansaço genuíno, do corpo e da alma. Eu precisaria de energia para confrontá-la, e disso eu não dispunha naquele momento.

— Certamente, minha querida — ela aquiesceu. — Repouse, filha, e amanhã discutiremos seu futuro. Ah... Só um *reforço*, digamos. Posso contar com sua boa vontade em relação a Cecília? Ela naturalmente está lidando muito mal com sua chegada. Quanto menos vocês se encontrarem, melhor. Não prolongue seus momentos lá.

— Está bem — retruquei, tão dignamente quanto pude, mas intimamente sentindo-me humilhada. Eu era como uma escrava que tinha de fugir do assédio do senhor para não ser açoitada pela sinhá.

— Obrigada por ser tão compreensiva. — Úrsula acariciou-me o rosto. — Isso tudo logo passará e você terá novamente um lar, uma família.

Ela estava errada. Eu nunca mais teria um marido e uma casa nos moldes tradicionais. Eu escaparia àquele destino, embora ainda não soubesse como. No entanto, eu não lhe diria isso. Queria estar só, repousar a cabeça no travesseiro e perder a consciência.

— Há um baú com roupas e pertences antigos seus no quarto — avisou Úrsula já à porta. — São roupas da sua juventude, já fora de moda e que talvez nem sirvam... embora você esteja tão magra... — Ela me lançou um olhar de compaixão. — Bem, provavelmente não terão serventia, mas achei que deveria lhe devolver suas coisas para que você decidisse que destino lhes dar.

Agradei, ansiosa para que ela saísse, e não me lembrei do tal baú até o momento em que efetivamente fui me deitar. Acariciei com nostalgia minhas roupas de adolescente e encontrei, surpresa, um objeto que não esperava ver nunca mais: a máscara branca de metal trançado. O símbolo do meu defloramento e do meu amor equivocado.



Nos dias que se seguiram, procurei manter a palavra empenhada a minha madrinha, indo o menos possível à sede. Mesmo assim, era trabalhoso escapar ao assédio de Vinícius.

Sim, ele me amava. Tanto quanto sete anos atrás — ou até mais, visto que a frustração aumenta o desejo. Ele fizera sua escolha, mas não estava em paz com ela. Tinha uma vida estável com Cecília, era pai de um casal de crianças saudáveis e inteligentes. Desfrutava de todo conforto, era tratado como um príncipe por toda gente. Ainda assim, não estava feliz.

Olhava-me com olhos famintos, indagadores. Estava sempre onde eu estava. Incluía-me em conversas, mesmo que eu preferisse a posição de simples ouvinte — boa parte do tempo minha mente estava em outro lugar e eu só tinha noção das bocas emitindo sons, incapaz de me concentrar no que diziam.

Ele estava mais atencioso e perceptivo do que eu me recordava. Pediu-me que falasse de Cristiano e ouviu sem interromper com rompantes de ciúme, como cheguei a rezear. Inventava passatempos — pintura, livros —, acompanhava-me em passeios a cavalo — embora eu preferisse fazê-los sozinha e expressasse isso, mas ele insistia “por precaução”, como se eu não fosse uma exímia amazona desde pequena. Nunca o repeli com energia, porque sua atenção era, afinal, uma distração, e a angústia de Cecília não me comovia. Como uma criança mimada, eu sentia que o sofrimento da perda de Cristiano dava-me o direito de não me importar com os sentimentos dela.

Um dia, enquanto cavalgávamos um tanto longe da propriedade, num espaço plano e aberto, Vinícius perguntou sem rodeios se eu lhe era indiferente.

— Já faz sete anos — tergiversei, dando-lhe um olhar rápido, espantado, como se ele tivesse perguntado se eu ainda usava fraldas.

— O amor resiste ao tempo e à separação — recitou ele, caloroso.

Nossos cavalos avançavam num trote suave e uma brisa fraca balançava a relva. Achei mais prudente evitar os olhos de Vinícius, mantendo os meus fixos no espaço à frente.

— O amor não sucumbe ao *status* nem às convenções — fui ácida.

— Eu era jovem e tolo. Errei, mas não por falta de sentimento.

— É uma pena, Vinícius. Se você está se desculpando, eu aceito seu *mea-culpa*. Mas o que está feito está feito.

— Você me esqueceu?

— Não, minha memória é boa — graciejei.

— Por favor.

Por um momento arrisquei fitá-lo. Nunca o vi tão sério.

— Vinícius — suspirei —, as coisas mudaram. Meu relacionamento com Cristiano foi muito intenso. Nosso namoro de infância passou a ser apenas isto: um namoro de infância.

— Às vezes os sentimentos ficam adormecidos, mas tornam a despertar. No meu caso, nunca esmoreceram.

— Você não gosta nada de Cecília?

— Gosto, claro! Gosto muito. Ela é uma ótima esposa. Mas a paixão, Ana Luísa, a paixão...

— A paixão é uma ilusão provocada pela ausência. Se eu fosse sua esposa, você logo perderia o entusiasmo por mim.

— Como saber? Não podemos nos casar.

— E não é? — Com essa pergunta retórica, incitei o cavalo a sair em galope, deixando Vinícius para trás.

Houve outras conversas semelhantes a esta, em que Vinícius decantou seu amor imortal e eu o ouvi com a paciência de uma mãe de criança pequena, intervindo apenas para convencê-lo de que era tudo fantasia. Mas ele era mais teimoso que eu.

Percebendo que não me dobraria com palavras, Vinícius roubou-me um beijo num de nossos passeios. Fiquei surpresa com minha reação: de algum modo, o luto dera uma trégua e meu corpo respondeu. Eu não amava Vinícius, mas o desejava. Era um homem bonito, e o sentimento do passado ressoava sutilmente na alma.

Na mesma noite, ele bateu à minha porta e eu abri.

À exceção de seu cheiro, do qual eu me recordava, e de sua urgência, nada foi parecido com a experiência de tempos atrás. O toque era mais firme, mais rude, mais preciso. Antes, eu teria me assustado com aquela intensidade que era irmã da fúria. Contudo, eu era sete anos mais experiente e meu ser letárgico precisava de brutalidade para sentir algo, para despertar. Se me restasse o senso de autopreservação comum à maioria das pessoas, eu teria lutado contra aquela cópula selvagem, contra a tirania daqueles braços e daquelas mãos. Mas eu já não achava que minha vida fosse um bem valioso, e de alguma forma a dor do espírito parecia apaziguada quando o corpo era machucado, portanto não me defendi. Ataquei, arranhei, mordi, puxei seu cabelo e rosnei, mas não me protegi, não o rechacei, não resisti. Eu também queria feri-lo, e gratificava-me perceber que ambos nos fustigávamos com a mesma cólera, a mesma frustração, embora os motivos fossem diferentes. Ele era mais forte, porém, e o embate foi desigual, terminando comigo subjugada e vencida.

Após um longo e visivelmente dolorido gozo, inconformado por eu não tê-lo acompanhado, continuou a me tocar, indiferente às minhas garantias de que não era necessário. Eu estava satisfeita com a entrega selvagem, com a catarse, com suas costas sangrando e os tufo de cabelo entre meus dedos. Mas ele não podia admitir que eu não explodisse em seus braços como acreditava — com razão — que eu fazia com meu marido morto, e prosseguiu ao ponto da dor e das lágrimas.

Eu não queria fingir, não queria entregar-lhe esse prazer, mas, para dar um fim àquilo, simulei um gozo rápido e profundo. Ele não acreditou. Com olhos alucinados, balbuciando maldições contra Cristiano, apertou meu pescoço até que eu perdesse os sentidos.



No dia seguinte, mantive-me recolhida, em parte porque meu pescoço estava dolorido e arroxeadado, em parte por temor do animal que eu sabia que rondava lá fora.

Fora um erro deitar-me com Vinícius em busca de um estímulo aos meus sentimentos amortecidos, em busca de alívio do luto, em busca, talvez, da morte. A ausência de zelo comigo mesma agora tinha sido substituída pelo medo, e o medo mostrou-me que eu estava viva e que queria continuar assim.

À madrinha, mandei dizer que estava adoentada, e pude passar um dia quieta, lamentando meu equívoco. À noite, contudo, batidas furiosas à porta fizeram-me encolher na cama sob a coberta, imaginando se ele arrombaria a porta. Para meu alívio, ele desistiu.

De manhã, faminta, reuni coragem para sair, trajando um vestido de gola alta. Durante todo o dia os olhos quentes de Vinícius seguiram-me, bem como os olhos frios de Cecília. Eu não sabia *o que* ela sabia, porém era certo que minha noite com seu marido havia mudado algo também na relação dos dois.

Quando retornei à casa que agora habitava, Vinícius apareceu por trás de mim e empurrou-me para dentro, fechando a porta. Encurralou-me contra uma parede, segurando-me pelos ombros, e foi logo dizendo:

— Peço que me perdoe a rudeza da outra noite. Foram a saudade e os anos de frustração. Mas isso não lhe dá direito a fugir de mim.

— Direito? — repeti, indignada. — Eu não tenho direito? Não somos nada um do outro!

Ele riu, mas era um riso furioso.

— Nada? Nós nos amamos, e isso nos torna um do outro!

— Se alguém lhe pertence, é sua esposa, a quem você se uniu por votos matrimoniais...

— Que nada significam! Não estão aqui! — Ele bateu no próprio peito, na altura do coração.

— Bem, não posso atormentar-me por um problema seu. Se seu casamento não o faz feliz...

— É por sua causa! Cecília é uma esposa perfeita!

— Mais uma vez, não posso ajudá-lo...

Vinícius apertou meu rosto em sua mão, espremendo minhas bochechas.

— Pode e vai, Ana Luísa! Não vai se recusar a mim...

Eu, que até então estava alarmada, fiquei apavorada. Ele me jogou ajoelhada de bruços no sofá, no aposento parcamente iluminado pela luz do sol que se infiltrava pelas cortinas de renda da janela. Antes que eu pudesse esboçar alguma reação, aprisionou-me com o próprio peso e tampou minha boca para abafar meu grito. Com a outra mão, tateava atabalhoadamente minhas saias, tentando abrir caminho.

Debati-me sem sucesso, especulando se seria melhor submeter-me para que fosse mais rápido. Então, para minha perplexidade, Vinícius estremeceu e, com um longo e pavoroso gemido, tornou-se um peso morto sobre meu corpo.

Tomando impulso com as mãos sobre o sofá, consegui, com dificuldade, fazê-lo rolar para o lado, livrando-me. Percebi, com horror, que ele estava extremamente pálido, olhos vidrados, boca escancarada emitindo gemidos entrecortados e gorgolejantes. Debaixo dele, o tecido logo se tingiu de vermelho vivo, numa poça que crescia sem parar. Suas pernas pendiam para fora do sofá, a cabeça apoiada no encosto.

Ergui os olhos e deparei com Cecília junto do sofá, empunhando um facão de cozinha cuja lâmina reluzia, rubra. Ela segurava a arma pelo cabo com ambas as mãos, como se fosse pesada demais, e seus braços descreveram um movimento lento de descida enquanto os olhos azuis focalizavam a mesma cena que eu: Vinícius agonizando no sofá.

O facão foi ao chão de madeira com um ruído metálico e pesado.

— Eu... eu... — Cecília balbuciou, desnorteada. — Eu queria matar *você* ... Mas ele... mas *vi... vi* que *você* não o queria.

— Não... não queria — concordei, puxando o ar com força, porque parecia faltar-me. Ainda menos provida de palavras que Cecília, levantei devagar, fitando o moribundo como se ele fosse capaz de segurar-me e obrigar-me a permanecer a seu lado.

— Meu Deus — gemeu Cecília, apertando as mãos nas quais respingara sangue. — Chamamos alguém? Talvez... talvez ele possa ser salvo!

— Não faça isso — ordenei, estendendo a mão para num gesto imperativo.
— Não chame ninguém.

— E deixá-lo morrer?

De repente Cecília já não estava chocada com o que fizera, e sim apavorada.

— Serei enforcada! — Ela soltou um grito sufocado, tampando o rosto com as mãos e assim se sujando de sangue.

— Não, porque não foi você — retruquei, firme, embora minhas mãos tremessem. — Não foi você — repeti, enfática, tirando as mãos de Cecília do rostinho delicado. — Fui eu.

Os olhos azuis arregalaram-se, quase dobrando de tamanho.

— Você não pode fazer isso — objetou Cecília. — Não foi você!

— Eu me defendi. — Ainda segurava as mãos dela entre as minhas. — Eu defendi minha honra.

— Que importa a honra de uma mulher? — choramingou minha rival. — Vão matá-la! Um homem pode dispor da mulher que quiser e nada lhe acontece! Mas ai de nós se o ferirmos ainda que em defesa própria...

— Vá se lavar — orientei, soltando Cecília e tornando a observar Vinícius. Ele já não gemia, e o sangue pingava no chão.

— Está morto, não é? — indagou a jovem esposa, agora viúva.

— Um trabalho admirável — comentei com um humor feroz. — Um único golpe, e fatal — completei num murmúrio fascinado.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Cecília, e seus lábios tremiam.

— Vá! — exortei, empurrando-a. — Vá se lavar!

Ela saiu hesitante, cambaleante, mas obedeceu-me.

Retirei o broche que prendia a gola do meu vestido e depusitei-a sobre o peito inerte de Vinícius. Pareceu-me que o objeto podia passar despercebido, então abri o broche e finquei o alfinete na base do pescoço do morto, fazendo força para que o acessório afundasse em sua pele.

Afastei-me do sofá, agachei-me e peguei o facão. Passei um dedo sobre a lâmina ensanguentada e o chupei vagarosamente, sentindo o gosto ferroso.

Do fundo da alma, desejei ter realizado o feito de Cecília. A bonequinha bem-educada, a aristocrata, matara um homem. O próprio marido.

Era inverossímil, e eu cuidaria para que minha versão prevalecesse.

Larguei o facão ao lado do corpo e dirigi-me ao dormitório, onde, em cinco minutos, separei umas poucas roupas e pertences, mais o dinheiro que trouxera comigo. Ao fechar a mala, meus olhos detiveram-se no baú. Abri-o e os olhos vazados da máscara branca me fitaram lúgubres e espantados. Sem saber por que, guardei a máscara em minha pequena bagagem e saí do aposento, deixando a porta aberta.

Corri para fora da casa com um único objetivo: selar um cavalo e ganhar o mundo.



O som do coração

Bruno Godoi

Masmorra da torre de polícia, Terra do Porto, Reino Unido, 1890

Vou morrer daqui a dez dias! *Eles* vão me enforcar, mãe. Tenho, portanto, pouco tempo para lhe registrar o que se passou desde que a senhora partiu para Londres, há dois meses e meio. Chamarei hoje de “o dia 75 de sua ida”, para deixar clara a cadeia dos acontecimentos que me mancharam o nome e que poderão prejudicar a vida da senhora aqui, por isso, ao receber esta carta, deixe imediatamente Terra do Porto. E saiba, de antemão, que a desgraça foi plantada pela máscara *maldita* que a senhora me presenteou na minha última briga, causada pelo “raríssimo gim enterrado no jardim” do Barão de Montesquieu, meu antigo patrão nas minas.

Contudo, não tome para si a culpa de meu infortúnio, nem me julgues pelo álcool em excesso que, por vezes, atrapalhou nosso sono desde que nos mudamos para o Porto. Nem os malogros de minha arte, tão desvalorizada, que me fazia entrar em contendas físicas contra críticos que desconhecem da arte; estes nada imaginam o trabalho infinito de se criar a obra perfeita.

É tão difícil compor algo grandioso que me dediquei unicamente à arte desde os três anos, quando comecei a minha obra única, a então *Opus I: O Choro dos Anjos*, como a senhora sabe. Na época, eu estava no colo de meu amado pai, a tirar notas de uma flauta com uma maestria que fez brotar lágrimas dele; quando pousei o instrumento, falei, com a estridência dos três anos, que seria músico e que escreveria uma partitura a ser chamada *O Choro dos Anjos*; pois não nasci para apenas tocar, nasci para compor e executar algo poderoso. Mas esse empenho é deveras trabalhoso e destruidor; destrói o criador em sua essência, na força de vontade. E se a dor que sinto por não ter meu piano agora for a mesma que a senhora sentiu ao perder meu pai, digo, que mulher incrível é a senhora; pois eu nunca suportaria esse luto de anos.

Vocês sempre me deram uma educação digna de príncipes e muito amor, então, como poderiam ser culpados de minha vida alquebrada? Se fui

ansioso e nunca me dava por satisfeito com a melancolia que vinha às vezes, foi pela música que queria sair, mas não se expressava, então eu buscava o gozo do álcool para aplacar a criação que em nada se fazia ordenada na minha mente. *O Choro dos Anjos* criou a pira do meu próprio choro, uma invalidez em expressar o sentimento que eu tinha, mas ainda não sabia demonstrar.

Nas tardes de domingo com papai, quando ele me ensinava algo sobre música, eu tinha uma sensação de contentamento que me fazia querer sonhar com um coro angelical, então eu dormia feliz. Apesar disso, ao acordar e me sentar ao piano, tentando cantar algo da ópera sonhada e imaginada, eu tinha de interromper; o sentimento era forte demais e eu não sabia executá-lo.

Cresci, e por vezes meu trabalho como músico me alegrava; outras, matava-me como ácido sobre os poros, mas ninguém teve autoria em minha incompletude. Se a senhora teve culpa, foi por não me abandonar à mercê das intempéries; pois quantas foram às vezes em que me tirou das sarjetas para me levar para o casebre em que vivíamos aqui em Porto, depois de perdermos tudo em Londres?

Não julgue por minha escrita pensada que tive facilidade em registrar tais palavras. Muito pelo contrário, estou há trinta dias nas catacumbas da cidade, contando os dias pela badalada matinal do sino acima do grande canal e amargando uma dor residual na mão esquerda, mutilada por guardas que trocaram um punhado de xelins por três dedos meus. E uma dor pungente no espírito por ter perdido a minha paixão eterna, o piano.

Mesmo se a pouca fortuna que nos foi tirada voltasse para a nossa administração, e mesmo com as lágrimas certas que despejariam da senhora ao tentar me convencer, eu ainda imploraria pela força, pois minha mutilação irradia como ácido na alma.

Eu já estou morto, mãe, morto para a música.

Nunca mais tocarei *Opus I*. A carta é a última gota de algum entusiasmo remanescente em mim, pois algumas lembranças conseguem levantar uma

ruga em meus lábios — o mais próximo de sorriso que tenho para entregar ao mundo —, mesmo com outras memórias me afundando na dor.

Está chovendo; sei pelo roçar mais forte da lâmina de água na parede da cela. Não vejo o céu há quase duas semanas, e só me foram permitidos papel e pena hoje — o meu último desejo de condenado.

Não quero lhe fazer chorar, mas preciso registrar estas lembranças. E queria entregar-lhe também a partitura completa da *Opus I* que eu iria deixar com o *sir* Miller para que ele lhe passasse, mas logo a senhora entenderá os acontecimentos que saíram fora do esperado... Completei *O Choro dos Anjos*, porém, agora as partituras são lágrimas perdidas em algum canto. Uma vida de trabalho. Uma vida! Por isso não lamento a morte, lamento a música que se perdeu.

Não julgue como a vontade de um louco, pois, minha obra foi a mais pura representação musical possível, e ela iria cair em suas mãos, então a senhora seria instruída a ir imediatamente a Paris procurar por um estúdio e um maestro; ele, em troca, lhe passaria uma mala com xelins e joias. Mas tudo saiu errado.

Saiba, todavia, que se há um culpado, é algo abstrato, o mais antigo motivo de júbilo e pesar pelo que possamos nos apegar. O culpado é o amor. E a máscara? Saiba que ela me deu e tirou o amor de minha vida com um beijo. Agourento foi o bilhete que veio com a máscara: “Para o bem ou para o mal, um beijo basta”. E eu comprovei isso de forma bestial ao assassinar uma pessoa.

Quando solitária se sentir, ouça-me no canto dos pássaros e eterno serei!

Sempre seu, Amadeus W.

Era manhã do dia 1 quando minha mãe partiu para resolver pendências de nossa minguada herança na capital; o sol explodia na enseada abaixo da Hospedaria Austen, acelerando com o calor a subida do miasma de escamas e carapaça de caranguejos que insistia em se intrometer pelas falhas do piso do bar. Dona Cornélia, proprietária, me instigou a tocar até que o último rico, senhor Locke, deixasse por vontade própria a escada, onde estava tombado há quase duas voltas completas dos ponteiros do relógio.

— Amadeus, é pra isso que lhe contratei, fique tocando enquanto Locke paga pelo vinho. — Cornélia, na ânsia pelo lucro, continuou a servir o bêbado.

E então toquei, resistindo à subida do sol pelo promontório que cerca a cidade, o fedor dos peixes e o peso das pálpebras, mas não por seguir as ordens da gulosa Cornélia, e sim por algo que eu ouvira e que me fez ser gentil com o lorde bêbado.

Durante a madrugada, em uma pausa para afinar o piano, ouvi Locke berrar em provocação a um viajante que reclamara da qualidade aquém das bebidas do Porto, alegando vir de terras onde “a uva dá vinhos tão puros quanto o primeiro amor pueril”, e que nossa cidade era “uma tela de natureza-morta que reflete a decadência dos costumes do último século”. Ainda nos chamou de “classicamente atrasados”; um termo tão sem peso quanto a aparência do viajante. Sem frear a língua, Locke reclamou com o viajante:

— Ei, estrangeiro, você subiu pela via central, não foi? Viu os casarões e as lojas perto do píer? Então sabe como os portenhos são abastados. E eu, além de ter riquezas por toda a cidade, tive um pai adorador de gim que enterrara uma garrafa *raríssima* da bebida no jardim do meu esnobe vizinho, o Barão de Montesquieu... e, pasmem, bando de enxeridos —

Locke correu o dedo pelo bar, agora falando com todos os presentes, que estavam atentos ao diálogo —, só eu tenho a localização desse tesouro!

Tomando como comédia o balbuciar do velho, a hospedaria caiu no riso até o amanhecer. Por fim, ficamos eu e o sonolento lorde a receber o calor do dia que não tardava a nos alcançar.

Cansado de tocar para ninguém, reuni minhas partituras, fechei o piano e acordei Locke. Ao ver os bolsos vazios do bêbado, Cornélia não refutou sobre a nossa saída; recebi o meu pagamento da noite e saímos.

Cedi o ombro para o nobre que prosseguiu falando sobre riquezas e honrarias, contudo, eu sequer o ouvia, pois minha boca estava seca, imaginando o tal “gim raríssimo”. Ainda, eu sentia uma esperança imbecil em rever a filha do barão, lady Izie de Montesquieu, a donzela com quem há tempo eu flertava em fantasias solitárias.

Acompanhei Locke até sua mansão e, ao parar na grade de entrada, o instiguei, tocando na ferida da vaidade.

— Sabe, senhor, o andarilho estava certo. — Estreitei os olhos. — Não temos bebida alguma de expressão que rivaliza de igual com as especiarias de longe — falei as últimas palavras num tom de admiração infantil.

O velho desenhou o mais explícito semblante de desprezo e me empurrou; cambaleou até uma cerca baixa, que dividia o terreno das duas mansões e se embrenhou pelos arbustos do jardim do Barão de Montesquieu, contornou algumas roseiras do vizinho e sumiu atrás de um vaso. Minutos depois voltou, sujo de terra, ainda úmida do orvalho, e de mãos vazias.

— Sabe, menino?! Esqueci de contar... bebi o gim antes de ir pra hospedaria. — Apertou minhas mãos e me deixou na calçada, como se eu fosse um descarte qualquer, agora com terra nas mãos.

Então ouvi um sibilar suave, translúcido como o piar de uma ave divina. Extasiado, rapidamente busquei meu bloco de anotações e rabisquei algumas notas. O som aumentou, fechei os olhos e me vi vagando por

plácidas veredas em curvas suaves das mais perfeitas notas. Quando me virei, vi Izie de Montesquieu dedilhando um alaúde.

É certo que as notas eram belas, porém se repetiam. A jovem não conhecia muito da “verdadeira música”, tocava algo memorizado, ou estava improvisando. Porém, algo me resgatou no fundo do ego e aceitei que as notas se uniam numa composição harmônica que eu não poderia criticar. Ali estava uma iniciante que me purificou de sentimentos em duas ou três notas; isso significou tudo para mim, tão genioso e crítico eu era.

Avancei até Izie, ela estancou e deixou o alaúde cair; reação esperada, pois eu estava mal arrumado, suado, com sono e a barba digna de um urso. Notei um brilho de reconhecimento nos olhos dela. Izie lembrou-se de mim, nós já tínhamos nos visto nas minas de carvão do pai dela, onde trabalhei.

— Lady, eu a conheço. Aliás, a cidade conhece você pela beleza que a precede; de mim, entretanto, quase nem falam, sou um desconhecido, mas saiba que sou um músico profissional e vi que você tem talento. Eu posso ajudá-la a elevar a destreza com as cordas ou qualquer outro instrumento até o limite. — Catei a mão dela e beijei o dorso. — Meu nome é Amadeus Wallace, você já me viu entre a fileira de mineiros de seu pai.

Ali, eu era um intruso na propriedade de um nobre rico, com as mãos sujas de terra e a poucos passos de um buraco no jardim, e com a mão da donzela presa às minhas. A antiga fantasia platônica com a filha do barão ganhou um gosto e um cheiro e naquele momento eu soube: eu tinha ouvido um pouco da música perfeita, o som do coração.

— Vagabundo! — O barão surgiu. — É você que tem mexido nas minhas rosas? — E no ato, dois capangas brotaram de alguma porta e, sem pausa, nocautearam-me.

Eu acabara de receber um soco inesperado no corpo e na alma. Recobrei os sentidos momentos depois, no colo de minha mãe. Quanta sorte eu tive de a mesma avenida da propriedade do barão ser a única que desce até o porto, assim, minha mãe inevitavelmente me encontrou, pois era próxima a hora da embarcação que a levaria para Londres. Pisquei e tentei sorrir, mas o inchaço no olho atrapalhou.

— Amadeus, meu filho... — Ela fez uma cara triste. — Brigou de novo?

— Mãe! Vou voltar a trabalhar na minha música! — Levantei-me sorrindo e catei minhas coisas, encerrando o assunto.

Abracei-a e me ofereci para levar a bagagem dela até o píer. Ao ver-me olhando curioso para uma mala, que não se fechava por completo, mamãe explicou que visitaria um antiquário em Londres para tentar vender alguns objetos de família. Joias, livros, chapéus e até roupas, pois precisávamos de dinheiro. Eu disse que iria procurar um emprego fixo para ajudar nas contas e que até cogitava o teatro. Mamãe riu, acredito por me imaginar atuando em alguma peça.

— Amadeus — ela parou e abriu a mala. — Toma. Fique com esta máscara, era da sua avó. Tente vender e arrume roupas novas, porque nenhum teatro vai aceitar um homem sujo. — Era uma máscara de baile, com arabescos em fios metálicos.

— Obrigado, mãe. Bom que vai cobrir o meu olho roxo. — Coloquei o objeto. Sorri e senti algo a me roçar o rosto, como uma ferida amaldiçoada; era um bilhete preso na máscara, puxei-o e o afundei no bolso. Minha mãe sorriu ao me ver com tal destoante ornamento à face, e continuamos, nos embrenhando em meio aos marinheiros e transeuntes vestidos no mais alto estilo seguindo a tendência vitoriana que nos cercava por todos os lados.

Esperei as velas da embarcação sumirem na curva da enseada e senti apreensão anteendo a falta que minha mãe faria. Sem falar na melancolia que já se mostrava, aquela ansiedade da criação que insiste em não vir à tona, mesmo sabendo que ali já está plantada. A melodia começou a me corroer, as notas da jovem Montesquieu reacenderam em mim a criatividade. Eu precisava compor urgentemente.

Sentei-me com as pernas pendentes no píer, admirando as aves marítimas e pensando se teria algum compositor no mundo que iniciara tal harmonização de notas que em mim ganhava som desde os três anos. Será que algum menestrel ou trovador já viveu para tal engenho?

A *Opus I* começou a reverberar, batuquei as notas na tábua do píer e tive a certeza de que Izie tocara no improviso. Aquela improvisação tão decidida e mais a postura sensual dela insuflaram em mim a paixão. Assim, ainda sentindo o efeito do golpe no olho, percebi a injúria física descendo do rosto para o peito, feito uma serpente a vogar na lâmina prateada de um regato, era o sentimento descendo para o coração; eu estava apaixonado. Izie me dera um fôlego, fazendo-me querer compor novamente.

Uma hora depois, ao retornar para casa, deparei-me com *sir* Miller, o cobrador do aluguel. Eu não quitara os dois últimos vencimentos; estava com o dinheiro há sessenta dias, é verdade, mas nas noitadas de vazio preenchido com bebida naqueles dois meses, tive que acertar uma conta alta com um estalajadeiro para ter a liberdade preservada.

— Seu atrevido — dissera Gray, o estalajadeiro —, você quebrou a mesa e os copos. E não quero sua música para pagar! — Minha agressividade era mais famosa do que minhas apresentações, e minha animosidade descarregava sem pensar a dor em quem me irritasse. Nesse dia com Gray, dois críticos estavam aos meus pés, gemendo ruidosamente motivados por meus punhos que abriram um canal profundo na testa de cada um, após rirem de minha execução de uma ária famosa nas óperas de comédia, gritando para todos do recinto que eu errara cinco passagens na partitura.

— Senhor Gray, calma... tenho o dinheiro na valise. — Perdi parte do dinheiro daquele mês, o restante sumiu de forma semelhante, mudando apenas o local da bebedeira e o dono do bar.

Assim, não tinha como eu acertar o pagamento com *sir* Miller que me aguardava sentado na soleira da porta, por isso passei o dinheiro que recebi de Cornélia e prometi levantar o restante até o outro dia. Ele concordou, compadecido com a lembrança de minha mãe, julgando-me um péssimo filho e me olhando de forma estranha. Miller, um homem deveras comum e conservador, passava horas conversando com minha mãe, querendo saber dos costumes e curiosidades sobre Londres.

Há semanas eu tinha abandonado o serviço de mineiro e começado a fazer música em cabarés e vaudevilles, até me arrisquei numa peça musical dramática regida por um maestro francês que estava na cidade. Mas, tirando o gozo momentâneo do pagamento desses trabalhos, nada mais se instalava em mim na ressaca moral de tais empenhos. Minha vaidade me lançava em um estado sublime, eu queria compor a harmonia perfeita. E eu senti, no rápido encontro com Izie, como fazer isso. Lady Montesquieu seria minha musa, o elo do espírito racional à inspiração artística; assim, não desenterrei a garrafa do “raríssimo gim”, mas encontrei o maior tesouro para o artista.

Sem conseguir dormir, e querendo caminhar antes de pensar em roubar para pagar o aluguel, voltei à casa do barão, cogitando declarar-lhe a minha desgraça e tentar ser aceito novamente nas minas de carvão. Na subida pela avenida, me pus a olhar em segredo a fachada da mansão do homem. A Família Montesquieu detém um lado da avenida até o porto, terminando no limite onde inicia a riqueza do senhor Locke. Em alguns pontos, o jardim é baixo, cortado com tanto esmero que me causava asco, era o reflexo do dono, tão rígido e orgulhoso; seria impossível o barão me aceitar novamente, ele era moralista e conservador ao extremo.

Eu tinha duas opções, beber e agredir os brutamontes do barão como vingança, ou entrar por modos civilizados, tão estimados pelos nobres. Então entrei numa loja de cartolas a poucos metros da mansão, levantei preços e tipos de costura, e com um planejamento mental pude me ver ornado com tais vestimentas, porém, eu precisava de dinheiro. Muito! Voltei para a avenida e me pus a refletir.

Foi quando quis a providência me afundar por duas vezes na mesma manhã, como se me injuriasse numa praça com inquisidores, vociferando todos os meus pecados em vida. Izie e um par de aias desciam pelo mesmo lado em que eu estava, vindo em direção à loja de chapéus ao lado da de cartolas. O vestido dela, repleto de volumes naquela forma de balão que a isolava numa região pessoal, como se repelisse alguém de se aproximar do anel de proteção da cintura; as mangas fofas, o sol refletindo no dourado dos babados e nas incontáveis rendas; a gola alta erguendo o rosto dela como mãos de deuses ofertando um fruto de ônix ao céu.

Uma das aias me chamou a atenção pelo tom das vestimentas, seguindo a mesma proporção e extravagância de Izie, porém em tons escuros num bem trabalho preto que evocava ao mais obscuro romantismo. Mal sabia eu que essa aia era o arauto escancarando a minha tragédia, pois a “dama de preto”, Anna Maria, seria a minha perdição.

Quando me recuperei da impressão que as ladies deixaram em mim, senti a fragrância do perfume e a sineta da porta da loja tremer; elas entraram e mal me notaram. Entrar junto nem foi conjecturado, pois o odor de duas noites sem banho já brotava em mim como sementes em solo fértil.

Pensei em esperar e abordá-las na saída para tentar me redimir da situação vergonhosa no jardim, mas logo notei um brilho argento ao lado, faiscando como tochas numa tumba. Em meio ao cintilar de raios de mercúrio, como se uma saraivada de lanças afiadas se projetasse em uníssono almejando perfurar os meus olhos, me vi refletido na vitrine. A máscara! Eu ainda a usava, desde cedo. Por isso *sir* Miller me olhou daquele jeito.

A máscara brilhava com o dia, refletindo a pureza do sol com uma agressividade vil, vinda do mais fundo abismo imemorial da danação. Com um gesto rápido, a tirei, foi quando Izie saiu da loja. Assustada com minha ação brusca, a donzela me percebeu e as aias estancaram atrás dela, como guardiãs da virgindade. Em meio ao constrangimento que se propagou, uma carruagem passou, os cavalos relinchando, feito trombetas da morte.

As mulheres desviaram os olhos de mim para os animais, e quando o momento passou, eu estava, não sei como, com o bilhete que acompanhara a máscara numa mão, e sem dizer palavra alguma escrevi o endereço de

minha casa nele. Só pode ter sido obra do infortúnio, pois entreguei o papel à Izie e falei:

— Lady, o acaso inicial não nos foi propício para uma discussão sobre arte. Mas senti um mistério em você, como ruídos querendo ser ordenados em melodia. Você tem algo além de sorrisos, algo que merece ser liberado. A música pode lhe dar a felicidade para tal portento. Por favor, ignore meus modos abruptos. Aqui está meu endereço, caso queira meus serviços. Eu nunca lecionei, mas seria uma honra ter essa experiência com você. — E saí de perto.

— Eu já notei você... — sem me afastar muito, ouvi a resposta dela —, em todas as vezes que fui às minas, pois sentia você me olhando.

Foi isso, na minha mais extrema genialidade, no ego e vaidade, sempre eles a me guiarem por vertentes sequer aventadas por meu lado consciente. E no bilhete estava aquele indício do mal, sendo que se há o bem e o mal, o segundo se faz mais expressivo: “Para o bem ou para o mal, um beijo basta”.

Cheguei em casa, me banhei e dormi.

Acordei à noite, como um morto vivo à espera das trevas. Ouvi pancadas na porta. Era Anna Maria, ela trazia um envelope, me entregou e partiu feito um corvo que alça voo de sobre um mausoléu. No envelope, uma caligrafia linda, a letra de Izie.

“Senhor Amadeus,

Seu dom na arte, sussurram, é além de seus defeitos e vaidades, mas aquém de seus vícios.

Portanto, faça a maior soma possível com o pingente que lhe adianto e apresente-se feito um cavaleiro

amanhã à noite, pontualmente as seis, ao senhor Barão de Montesquieu, meu respeitado pai.

Não lhe revele que você já esteve sob o comando dele nas minas, pois o que o barão mais

abomina são os vícios dos trabalhadores que somem da labuta.

Começaremos as lições de piano, violino e flauta após o jantar.

Lady M.”

Quão indizível foi a minha surpresa ao ter em mãos aquela rara joia de verdadeiro ourives, um pingente de minha musa. Proposital ou não, era uma corrente dourada com uma moeda representando um piano. Tomei como sorte, pois, eu tive certeza, eu e Izie estávamos enamorados; senão, por qual razão ela se recordaria de mim nas minas, se recordaria de minhas falhas ao serviço do pai e se recordaria de meu nome?

Brotou assim o primeiro ato de minha obra. *O Choro dos Anjos* estava ganhando, enfim, a primeira folha de partitura finalizada depois de um tempo parado; pois eu ficara dois anos sem compor em respeito e tristeza à morte de meu pai.

Há dois anos perdemos tudo em Londres, então sugeri à minha mãe mudarmos para o Porto, onde eu poderia abandonar o piano e trabalhar nas minas, como o meu pai havia começado na infância dele. Mas não consegui levantar dinheiro algum e a economia de minha mãe acabou. Por isso ela foi à capital atrás de advogados, ex-amigos de meu pai, para tentar reaver nossa herança. Ora, quem somos nós a não ser duas bocas famintas e mudas perante à lembrança de meu pai, “um traidor da coroa”?

— Sem provas! — minha mãe replica qualquer ataque. — Meu marido foi traído por estadistas conservadores que o calaram quando ele só queria condições seguras de trabalho nas minas.

Quando fomos despejados, três oficiais entraram em nossa residência, subiram os dois lances de escada e nos encontraram no sótão, à luz fraca de uma trapeira, a observar os tetos pontudos e campanários que se seguiam à

margem do Tâmis. O cinza do entardecer, com uma fumaça branca e neblina, precedendo, como um prólogo trágico, a entrada dos homens.

— Madame Wallace, a senhora e seu filho tem duas opções. Ou deixam Londres até o amanhecer, em respeito à memória do finado *sir* Wallace, ou, ao badalar das nove, ambos serão presos.

— Todos sabem da precariedade das minas em certos distritos ao redor de Londres, os baixos ordenados, mulheres e crianças jogadas no escuro dos túneis. — Minha mãe manteve a compostura, com a erudição de poucas mulheres viventes. — Qual o erro em lutar por justiça?

— Madame, o recado foi dado. — E partiram, trotando pelos degraus como lordes a percorrer os espólios da guerra.

Queria eu, naquele momento, esganar todos eles, estripá-los e espalhar as vísceras pelo palácio da rainha. Porém, reunimos alguns poucos pertences e joias, e partimos para o exílio.

Motivado por algo que agora sinto ter sido vingança, quis eu continuar perto da capital, meu júbilo seria me tornar o maior pianista do século e retornar a Londres com os louros suficientes para encher a cartola dos conspiradores de fezes. Por isso insisti em ficarmos em Terra do Porto; até porque, minha intenção era também buscar empregos; se minha arte não nos provia, e se o conservadorismo da coroa não nos aceitava, iria eu, lançar-me ao escuro da terra na caça ao diamante negro.

Juro que tentei, em momento algum me negando, mesmo que de forma inconsciente, a obstinação de vasculhar as glebas em busca do carvão, mas fracas, minhas mãos encontravam calos e sangue. Porém, nas últimas tentativas de manter a profissão de mineiro, eis que vi a filha do aristocrata, Izie de Montesquieu. Ela ia com o pai às minas da Rota Sul, onde estavam construindo uma extensão da ferrovia.

Sei que o esdrúxulo estadista, Barão de Montesquieu, não tem ligações com a morte de meu pai, pois ao aceitar o emprego nas propriedades dele, a primeira coisa que verifiquei foi a isenta participação dos Montesquieu na luta que meu pai teve contra a nobreza. Rico algum de Terra do Porto teve

ligação com meu passado. Justamente isso agora me pesa a consciência, pois troquei a vingança por um sentimento mais profundo, a paixão.

Estou enamorado, e quem quer explicar o que sente não sabe falar. Contudo, na época das minas, em momento algum eu pensava em me envolver com a filha do barão. Era uma paixãoite de segundos quando ela cruzava na carruagem. Porém, ao vê-la no jardim com o alaúde, ali sim, a admiração se inflamou numa fagulha digna dos mais primitivos poetas. Izie me cativou com o leve dedilhado nas cordas. Se me apaixonei pela mulher ou pelas notas, é uma dúvida que irá comigo à força, pois não sei, sendo que, o que agora mais me dói, em conjunto, como se fosse racional enumerar dores, é a falta de minha mãe, o cheio de Izie e a falta de minha música.

Dia 76

Retornei para o topo da torre, agora a última cela, o ponto mais alto de toda a cidade, uma alcova com abertura no teto para o banho de sol. Pensei ser bondade dos policiais, mas o fato é que minha execução será em nove dias e eles esperam melhorar minha aparência. Como se uma semana ao sol fosse injetar, em mim, um ânimo sobrenatural para abraçar a morte com sorrisos e acenos de despedida.

Pelo menos um policial “amigável” continua a me vigiar, e será ele, *sir* Robert Doyle, quem lhe entregará as cartas, mãe, pois se há algo no mundo com que não nos enganamos, é a bondade pura nos olhos de um cidadão de bem. E esse Robert é deveras misericordioso. Há pouco ele me sussurrou ter uma surpresa para mim. “Jovem Amadeus”, ele dissera, “vi você tocar no baile na Mansão Montesquieu, e o que senti lá foi além de qualquer coisa nesse nosso mundo pertencente aos céus. Em meus quarenta anos nunca vi aquilo. Por isso imploro, conceda-me um pedido, não de algo para cativo, mas de espírito para espírito”. Diante de tais palavras recheadas de honestidade, sem nem saber o que seria, aquiesci.

Então, Robert me ajeitou na cela, trouxe mesa e cadeira, acomodou minhas folhas e caneta e saiu, com a promessa de retornar à noite com a “surpresa”. Porém, antes de sair, me pediu para terminar a carta, pois quando ele retornasse, eu não teria mais tempo para escrever. De toda forma, a menção ao baile trouxe lembranças agradáveis dos meus últimos dias de liberdade, e isso me entusiasmou para continuar a escrever...



Após receber o pingente de Izie, separei coisas de valor que ainda tínhamos em casa — talheres, peças de relógio e a máscara —, e dormi um sono agitado, mais revirando que pregando os olhos. As notas do *Choro dos Anjos* me povoaram a mente, transformando minha visão em linhas de partituras.

Ao amanhecer, corri ao mercado, passei de loja em loja oferecendo os itens; por prudência minha, ninguém me julgou como ladrão, pois levei a carta de Izie com o selo e a assinatura para provar que o pingente era meu e, enfim, consegui uma boa soma pela joia e demais itens — mas ninguém se interessou pela máscara. Passei o começo da tarde numa barbearia e depois numa loja especializada em artigos para “cavaleiros distintos”; com um pouco de pintura facial ocultei a marca roxa do soco.

Cheguei à mansão do barão na hora prevista, e encontrei, na intimidade da Família Montesquieu, o que já era esperado: a excelência forma do puritanismo, moralismo e disciplina, além de preconceitos rígidos e proibições severas às mulheres.

Ao adentrar à opulência do escritório do homem, lancei por terra o discurso previamente por mim pensado e decorado, e deixei-me apenas concordando e murmurando “sins” diante das exigências do barão. Era o certo a se fazer, ou o meu próximo passo seria em direção à sarjeta, com outro soco dolorido. A aia de preto era a única mulher no recinto que contava com o barão e os brutos que me acertaram no dia anterior; tão estúpidos que sequer lembraram-se do incidente.

Fui apresentado a aia, soube que ela vinha mantendo o luto há cinco anos, motivo pelo qual o preto caía-lhe como se fosse parte da pele. Pobre Anna Maria. Julguei-a como infeliz e invejosa, e foi por causa dela que fui preso! Da mesma forma como vi Anna pela primeira vez, ela permaneceu até a última: sóbria, calada e escura de espírito.

Depois das sequências de palavras chatas, o barão me explanou sobre costumes conservadores e sobre a rigidez das execuções penais na Terra do Porto, ele falava como se a cidade fosse mais uma de suas propriedades, bem como as mulheres da casa.

— Jovem músico — era como ele me chamava —, aqui em casa consideramos a castidade uma virtude a ser protegida, por isso em momento algum o senhor se encontrará a sós com minha filha. A aia que aqui nos ouve será meus olhos nas aulas. Acertarei os pagamentos adiantados, pois exijo a excelência em tudo o que pago. O convidei a se sentar à minha mesa porque quero que comece os trabalhos hoje após o jantar. Meu futuro genro, Leopoldo III, um lorde austríaco, muita estima tem pela música, então instrua Lady Izie no mais alto grau musical. Porém, antes, mostre-me do que você é capaz, julgaremos se a fama do “jovem músico dos cabarés” é real. — Ele foi até o canto. — Aqui, use o meu piano, é um instrumento único em todo o mundo.

A revelação do motivo das aulas me acertou como mil golpes, senti-me jogado ao escuro das minas, escavando em brasas. Eu iria treinar Izie para agradar ao luxo de outro homem! O barão, tão poderoso, se precavendo em agradar um estrangeiro? Seria esse felizardo da mais alta burguesia daquela terra distante? Um banqueiro, homem de negócios, ou um oportunista que fez fortuna com o estouro da economia da Europa? Meu corpo foi tomado por uma tremedeira digna do mais excessivo uso do ópio.

— Jovem músico — o barão finalizou, desdenhando o meu espanto e descobrindo o piano. — Sei que o empenho que lhe peço é por deveras uma honra, até o melhor dos músicos parisienses se sentiria assim, porém, não tenho tempo para os caprichos da juventude. Em quarenta e cinco dias, com a chegada do verão, minha família irá para o campo celebrar o casamento. Você está apto para o trabalho? Sim ou não?

Fui destruído ali, diante do olhar fulminante da aia em luto, diante dos punhos à mostra dos capangas e diante da soberba do dinheiro e ao lado do mais belo piano que somente a união de todos os artesões do mundo seria possível criar. Eu só podia replicar de uma forma, a única coisa que eu tinha para mostrar e que apaga qualquer forma de vaidade burguesa. Tocar a minha música.

E toquei, e destruí a arrogância do velho. Fiz trincar o mogno da mansão, resplandeci as notas em cada detalhe de ouro e ponta de prata, entrando pelo mistério escuro dos corredores, despertando até as mais distantes esculturas do jardim. Por horas, com raiva reclusa, suor brotando e uma

bestialidade nos dedos. Toquei o primeiro ato do *Choro dos Anjos*, que desde pequeno pedia para sair, mas nunca se mostrava. E todos me amaram!

— Por Deus — o barão sussurrou. — Se isso não for uma epifania do Céu, não sei o que poderia ser...

Foi a primeira vez que toquei parte de minha música máxima; essa amostra fora o rascunho que nasceu durante a noite mal dormida, o primeiro esboço ordenado, pois a obra não estava finalizada. As notas que absorvi de Izie fecharam o primeiro ciclo da composição.

Fui para a casa do barão pensado na filha dele, julgando-a como musa a me guiar pelo sentimentalismo do processo, mas quão inesperado foi ao identificar que Izie teve pouco com a criação. Não foi por amor, foi pelo ódio que queimei meu espírito. Ódio a tudo. Vi que minha vaidade de artista em nada era perante a vaidade dos ricos, e isso me inflou. Eu queria destruí-los com meu espírito.

Depois da amostra, o barão me abraçou como um pai faz com o filho que retorna da guerra. Em soluços, ofereceu o maior aposento da casa, o sótão acima do quarto andar, longe de tudo, tão alto que parecia ser morada aos anjos. E ofereceu dez vezes mais o valor acordado de início para o pagamento e mais joias como extra.

Assim começou minha desventura na imensa construção que oprime e apaga os sentimentos. Peguei o primeiro pagamento, voltei em casa e acertei com *sir* Miller, arrumei minha mala e fui para a Mansão Montesquieu.

Acredito que minha música despertou um sentimento morto no barão, por isso ele passou a sorrir tanto quando estava na minha presença que começou a me enojar. Por sorte, ele liberou Izie com três dias de instrução, deixando-a mais à vontade comigo. Ela estava livre para ter aulas a qualquer hora do dia e em qualquer local da casa. Por fim, me vi sendo apenas mais uma propriedade do nobre, o “jovem músico” particular de um mecenas que me despertava a ira em cada sorriso de alegria ao me ver.

— Venha, jovem músico, sente-se ao meu lado — ele dizia a qualquer momento que me visse. Diante de tamanha inconveniência, passei a lecionar no quarto, longe da carência do velho. Depois de uma semana, poucos da casa iam ao sótão, as escadas espantavam os joelhos doloridos e ninguém refutou sobre Izie estudar no meu aposento.

Ela chegava de manhã com a aia, passávamos as horas estudando lado a lado, o que criou uma empatia gradual entre nós. No almoço, descíamos. Após a refeição, passeávamos pelo lago do jardim mais distante da mansão, então voltávamos ao sótão para as aulas práticas. Parávamos na hora do chá, servido na varanda do terceiro andar, onde ficávamos conversando sobre coisas agradáveis e despreziosas até o entardecer, quando Izie descia para algum outro afazer e eu voltava ao sótão para organizar o ambiente e esperar pela janta.

Fizemos isso até o dia trinta, na manhã em que ela se deparou pela primeira vez com a máscara, quando já tínhamos a intimidade de verdadeiros amigos. Enquanto eu afinava um violino, pois teríamos lição de violino seguido da flauta, Izie caminhou pelo sótão, livre feito um pássaro sobre árvores. Eu já notava que ao meu lado ela se sentia bem, sem cobranças ou amarras, éramos cúmplices silenciosos na crítica aos modos em que vivíamos. Ela encontrou a máscara numa caixa e a colocou, virou-se para mim, rindo.

— Como ficou?

Arrebatado de uma inspiração espontânea, aprumei o corpo.

— Parada! Fique assim! — Corri até o piano e, ainda com os olhos nela, dedilhei algumas notas, transferindo para a harmonia musical a harmônica presença de Izie. Repeti a sequência, acrescentando sutileza e força, graça e obstinação, e fechei com opressão. Tudo o que Izie transmitia numa pose simples abaixo de um raio de sol que cruzava a trapeira. Fechei os olhos e repeti. Só parei quando ela soltou um estertor minguado, como se quisesse desabar em choro, mas a pressão do espartilho lhe travava o expandir do tórax.

Naquele momento percebi que estava me livrando, por fim, do ódio ao barão, talvez por ele ainda ser o pai da mulher que eu amava. É verdade, pelo menos dentro de casa ele a tratava com bondade. E até pensei sobre o homem prometido à Izie, Leopoldo III. Talvez fosse um homem bom e justo, pois queria eu pensar que o barão não iria entregar sua filha para um leviano qualquer. Sorri para Izie, sentindo-me feliz por ela, ao mesmo tempo destroçado. Assim, deixei a alegria da criação extravasar, corri até ela e a abracei, como crianças num jogo de rua.

— Está quase, querida. Quase acabando! *O Choro dos Anjos* ! Você gostou? Fechei o segundo ato.

Nesse momento alguém bateu à porta, fui para atender, mas Izie me interpelou.

— Eu abro... Não temos “modos” aqui — ela falou de forma rebelde. — E é bom você anotar nas suas partituras antes que esqueça, hein? E lembre-se de deixar uma nota: “com a contribuição de Lady Montesquieu”.

Nesse ponto, já não era a formosura que me atraía em Izie, era o caráter além de nosso tempo.

Anotei a criação num rascunho de partitura. Depois, fingindo rabiscar mais, escrevi um recado numa tira de papel, um texto sem preâmbulos, sem etiqueta, o coloquei sobre as telas do piano e fechei a tampa. Nisso, Izie e Anna Maria, que havia batido à porta, brincavam com a máscara. Depois de uns segundos, a aia fez um gesto nervoso para Izie, e esta, de imediato entendeu. Ambas pareciam irmãs, tanto era o entrosamento, mesmo sem a troca de nenhuma palavra. Nunca as vi conversando nada, mas muitas vezes as vi chorando com um soluço medonho, como se ocultassem um pesadelo mútuo que o mundo não pudesse saber. Eram infelizes, sobrevivendo com sorrisos diários enquanto o casamento de Izie se aproximava e as duas mais tristes ficavam, porém, nunca me atrevi a perguntar sobre o noivado.

— Meu pai está me chamando, Amadeus. Vou descer.

— Espere! — Afastei-me do piano. — Toque só mais uma vez e fechamos a lição de hoje.

Com uma mesura enfeitada, ela brincou:

— Claro, milorde — sentou-se ao piano. Ao abrir a tampa, num gesto falho, emitiu um gemido curto, levando a mão aos lábios. Apesar de toda a força e constante vigília, Izie era ainda uma pessoa romântica, assim como eu, uma sonhadora que se comove com detalhes sinceros. Já antevendo o conteúdo do bilhete dobrado sobre as teclas, ela o pegou e o escondeu na dobra do vestido. Correu os dedos pelas teclas e disse, sem me olhar: — Estou exausta, Amadeus. — E saiu.

Anna, só de ver de relance o bilhete, liberou um ruído estranho, como se fosse um objeto amaldiçoado que não devesse ser revelado. Pela próxima hora que se passou, pensei ter sido um mero imediatista infantil e ter ofendido a honra das donzelas. Até arrependi-me por ter deixado o leviano bilhete.

Então, um quarto de hora mais, Anna bateu à porta. Ela me entregou um envelope e sumiu escada abaixo. Com o coração pulsando, caminhei para junto das malas, pensando em arrumar minhas coisas para ser expulso da casa. Abri o envelope.

“Eu também... Desde o dia do jardim, quando você olhou em meus olhos

e senti em minha música a solidão que em mim habita.

Obrigada por me fazer feliz nesses trinta dias, e saiba...

Antes de você, eu nunca sorri nem amei, e depois de casada,

nunca mais voltarei a sorrir ou amar.

Sua, Izie”

A resposta me fez chorar, pois o meu bilhete tinha sido uma sentença simples de três palavras: “Eu te amo!”.

Depois do bilhete, Izie não voltou ao sótão. Cruzei com Anna na manhã seguinte e indaguei sobre a lady, a aia encurvou os ombros e passou. Fiquei sem saber o que fazer, por isso me mantive recluso, só desci uma vez para me alimentar e receber um quarteto de músicos que o barão enviou para ensaiar comigo, pois deveríamos preparar algo para ser tocado num baile.

— Jovem músico? — o barão me indagou. — A sinfonia não está pronta ainda? Então — ele refletiu —, faremos o seguinte, crie algo tão bom quanto as cosias que você vem me mostrando para ser executada no baile que darei aqui em casa. Esse quarteto de músicos são os melhores da cidade, eles lhe acompanharão. Quero o piano, violinos e baixo.

— Sim, senhor — respondi, e comecei a trabalhar com os músicos, que de fato eram excelentes. Rápido absorveram a regência e ensaiamos na mesma tarde.

No segundo dia, com a pinça da criação furando a mente, fui ao jardim com um violino, iria me sentar debaixo de uma árvore e trabalhar. Mas mal me acomodei, e os capangas vieram, o antebraço deles pulsando as veias como leões em ataque.

— Amadeus, barão tá chamando — um deles falou, no mais arrastado sotaque espanhol. Foi a primeira vez que me chamaram pelo nome, e a despeito da rudeza, riram para mim. — Cê vai bem. Música boa demais.

Duvido que entendessem algo, eram dois trapezistas sem instrução dum circo espanhol que o barão havia adquirido por capricho, e agora se prestavam a esmurrar pessoas e levar recados.

— Oi? — falei num ócio quente de pós-ceia, pois eu havia me empanturrado no almoço desse dia; tentando compensar o tédio de ficar sem Izie com algo que pesasse no corpo. O verão se iniciara justamente naquela semana, e como se fosse de imediato, trouxe o calor para o Porto, como uma comporta aberta despejando de uma vez o sol pelo promontório

abaixo; imaginei a enseada com as embarcações fedendo a coisas oceânicas e os marinheiros ostentando bíceps dourados.

— Barão vai falar — o outro sorriu. — Ele fala com você tudo. Cê toca bem bom.

Pensei, por um momento, que se não fosse pelo soco, eu até me prestaria a ser amigo desses dois, pois o que de errado fizeram contra mim até aquele momento?

Fui até o salão, o rico estava lá, fumando e bebendo gim. Lembrei-me do “raríssimo gim” do senhor Locke e relaxei. Sorri.

— Barão?

— Jovem músico! Sente-se. — A mesa estava posta para dois. Ele queria minha presença pelo resto da tarde. Começamos a beber. Depois de duas garrafas e de me perguntar sobre música, sobre o tão secreto *Choro dos Anjos* e sobre o quarteto de músicos, começou a falar de política, Índia, guerra do ópio, o luto da Rainha Vitória que já durava anos, e diversos assuntos que não me interessavam. Só depois do chá, entrou o assunto importante.

— Ela vai chegar amanhã, então arrumaremos as malas e em dez dias iremos para os arredores de Londres, alguns criados vão conosco.

— Desculpe, barão, eu... não entendi. Ela?

— Por Deus! — Ele gargalhou. — Estamos tomando da mesma garrafa? — E encheu mais um copo para mim. — Minha filha. A noiva! Volta para casa amanhã, ela passou esses dois dias na minha propriedade de campo conferindo os preparativos. Estamos trabalhando no casamento há dois anos, e o noivo viria jantar aqui antes de irmos definitivamente para o campo, mas algo deu errado com ele em Londres, precisamente em Whitechapel, e ele alegou indisposição para vir.

— Dois anos para planejar a festa? — Minha fala foi mais reflexão pessoal do que crítica. E, agora, pensando melhor, agradeço pelo barão não ter

notado o meu desconforto na proximidade com ele, pois há dias o homem estava entregue a uma amizade que construiu comigo, e eu queria voltar a manter certa frieza entre nós. De toda forma, uma amizade nessas condições não passa da forma romântica de dizer “patrão e servo”, e o Barão de Montesquieu era ainda um velho irascível e susceptível aos rompantes da vaidade.

— De toda forma teremos o jantar mesmo sem o noivo. Será o nosso próprio Baile de Carnaval, diferente de tudo o que a cidade já teve... e você vai tocar, Amadeus.

— Como ele é?

— O baile?

— O noivo. — Parei com o copo a meio caminho da boca quando notei o tom passando do limite, colocando não só a minha segurança em risco, mas o futuro de Izie. Eu não tinha o direito nem intimidade para ter tais tipos de diálogos com o barão. Pousei o copo no silêncio que se fez, o outro estreitou os olhos para mim, respirei fundo, esperando a agressividade, mas ele ficou pensativo, não me julgando. O velho estava bêbado.

— Ele... espera, filho, tô pensando numa forma elegante de lhe responder.

Uma enxurrada de receios passou por mim naquele momento. A família toda, a casa, os criados, todos estavam felizes, mais amigáveis, esperançosos com o casamento. A esperança de uma vida feliz para a jovem Izie era motivo de júbilo. Eles a amavam. Ela era bondosa e agradável, merecia todo o amor do mundo. Se eu ficasse mais um copo ao lado do barão, passaria a admirá-lo como algo parecido a um tio distante. Eu não podia me dar o desconforto de gostar do homem que representava toda a minha desgraça, um estadista que era fidedignamente o valor burguês que levou a vida de meu pai e jogou minha mãe na penúria do luto.

Decidi-me nesse momento, que arrumaria minhas coisas, pegaria todo o pagamento que recebi até então e iria para a capital. Esqueceria Izie e apagaria o *Choro dos Anjos* de meu espírito. E antes de deixar o burguês terminar de responder, ou sequer me chamar novamente pelo nome com a

entonação fraternal, levantei-me, pousei o copo e ia saindo, quando ele falou:

— Na verdade nunca vimos o noivo pessoalmente, tenho apenas uma tela com a imagem dele. Correspondo-me com o pai dele, um banqueiro com muitas posses. Acredito que deva ser um homem excelente. Izie não aceitou, desde pequena ela teve um espírito solto. Porém, é uma mulher e vai fazer a minha vontade. E olha, Amadeus...

O álcool abriu uma porta na boca do velho, liberando coisas que em momento algum de sobriedade ele sequer pensaria em comentar.

— Há dois anos o pai do noivo nos mandou Anna Maria. A ingrata chegou calada, sem nunca falar nada, e já na época usava os trajes do luto. — Abaixou a voz e me mandou aproximar, iria revelar algo secreto. — A perversa aia trouxe uma carta do antigo patrão, o noivo de Izie. Na carta ele explicou ser a aia uma excelente dama de companhia, porém, tinha um problema. Amadeus, por Deus, aquela aia, Anna Maria, segundo a carta, é a perfeita formosura feminina. E num acesso de luxúria, a mulher tentou seduzir Leopoldo III, que temendo pela honra da família, mandou cortar a língua da mulher para que ela nunca mais tentasse seduzir um nobre. E a mandou para vigiar Izie, como se minha filha necessitasse de tais vigílias. — Na última sentença o barão já retornou o tom rancoroso e depois de um silêncio estranho, mandou: — Venha aqui. Vou lhe mostrar a tela.

Entramos numa das portas dos fundos, o salão de quadros e itens de arte. Sem falar, indicou uma parede coberta com cortina, devagar correu o tecido de lado, liberando o quadro mais feio que já vi em vida. A perfeita representação de um demônio a flutuar numa sala de jantar requintada com objetos em prata. O nobre austríaco era a máscara da rubéola numa total desgraça; ou o burguês contraiu uma pestilência incurável na pele, talvez ainda no berço, ou o mesmo é a representação sanguínea do horror mais fundo no inferno.

O homem era um bolo de pavor riscado com o mais grosso pincel que a providência pode marcar de desgraça em uma pessoa. E ainda, o infeliz era torto feito uma mesa sem perna; apenas de vê-lo naquela pose dos ricos ao se deixar ser pintado, o asco de imaginá-lo se movendo me fez querer atacar

o quadro, dilacerar aquela representação doentia da hipocrisia comprada com ouro.

Nesse momento Anna Maria entrou, pela velocidade com que cruzara a porta e de cabeça baixa ficou evidente que não esperava nos encontrar ali, tanto foi que se assustou ao me ver e correu os olhos para o barão, assustando-se mais. Por fim, quando a infeliz notou o quadro descoberto, emitiu uma tentativa de grito que me fez secar o sangue das mãos. Um som preso, como se um filhote de gato fosse asfixiado por um travesseiro, seguido de um gorgolejar entremeado com soluços, pareceu que a mulher teve a garganta cortada, enquanto um líquido viscoso era derramado pelo buraco.

Foi a mais dolorida sonorização do medo que já presenciei. Ela perdera a consciência com a extravagância do grito e tombou. Sem pensar, e tomado pela compaixão, dei um pulo e a catei nos braços antes que ela acertasse a cabeça num tripé.

— Calma, Anna — pedi a ela e me virei. — Barão?

Ele me lançou um olhar de lado, tão feio quanto a figura do monstro no quadro. Em silêncio fechou a cortina, enterrando o retrato infernal no esquecimento que nunca devia ter saído. Passou por mim, e sem sequer me olhar, ou se prestar a dizer algo para a aia, declarou:

— Minha casa não é um cabaré, menino! Essa aia já tentou destruir homens bons, Amadeus Wallace, lembre-se disso. Ela vai tentar revelar mentiras, mas ela é a culpada. E se *eu* descobrir que vocês dois estão se encontrando debaixo de meu teto, eu mando os dois para a mina mais funda da Grã-Bretanha e os enterro vivos .

Deixou-me com a mulher nos braços, e outras duas aias que surgiram à porta, tremendo sem saberem o que fazer. Quando o barão sumiu, elas entraram e logo descobri que Anna viera ao salão a mando da esposa do barão que pedira para buscar uma bacia de prata, e que nenhuma das três aias imaginava que estaríamos ali dentro, pois era um cômodo que nem o barão nem a esposa gostavam de entrar.

Anna se recuperou, pegou a bacia e antes delas saírem, puxei uma aia e perguntei o que havia acontecido, e ela me contou tudo.

Fiquei processando a situação até minha visão sumir. Senti uma dor atrás dos olhos, um peso interno, como se minhas vísceras fossem sendo esmagadas pela carne que ia se expandindo até criar um volume insuportável que tirou o ar. Então era isso, e o barão e a esposa sabiam de tudo!

O burguês austríaco, o noivo de Izie, aquele monstro, não em corpo como era evidente, mas bestial no espírito, abusara de Anna Maria. A coitada o denunciou, e como a força do dinheiro é além do peso das leis, o homem mandou cortar a língua da mulher para ela não denunciá-lo mais. O luto! O burguês matara o marido de Anna. E por fim a mandou para a Família Montesquieu junto com aquele quadro do sentimentalismo vil.

Era para esse monstro que o barão estava vendendo a própria filha? Izie seria jogada num ambiente de transgressões morais e físicas com o consentimento dos pais?

Saí aos tropeços, Tateando sem ver, e subi ao sótão. Esfreguei o rosto e os braços, como se fosse me purificar dos pecados do austríaco, arrastei o piano para debaixo da trapeira, para pegar a última claridade do dia, livrando-me da lembrança escura que me vinha aos olhos quando piscava e via o rosto no quadro. Sentei-me ao piano com o violino e flauta próximos. E toquei.

E toquei muito, até o amanhecer do outro dia. Com fúria não contida, com pancadas, de olhos fechados, repassando todos os atos de minha obra, até fechar no terceiro, o mais dramático e estrondoso, uma harmonia completa em sentimento, profunda em tom e rápida em execução, representando o mais acelerado batimento cardíaco de todo o planeta, como se os corações de todos os injustiçados do mundo fossem agrupados numa batida, vibrando e ribombando nas montanhas distantes feito um trovão. Só parei quando o esgotamento subiu à cabeça, empurrando-me para trás, de olhos fechados e boca aberta, em espasmos de fadiga e estresse. E dormi o resto do dia.

Despertei à noite. Dois bilhetes debaixo da porta indicavam que alguém me procurara. Era Izie dizendo que chegara do campo, mas como não abri a porta, ela tomou como um momento solitário causado pelo álcool e o torpor da música, sendo que a casa inteira ouviu o meu piano colérico durante a madrugada. Noutro bilhete, dizia o quão contente o pai estava por me ouvir empenhado durante a noite e que todos da casa, “inclusive os vizinhos”, estavam ansiosos com a apresentação.

Eu era apenas mais uma conquista na fortuna do barão. O melhor músico do reino, alegrando um jantar de casamento de um extravagante com a filha de outro.

Estávamos no dia 34, e o casamento seria em dez dias, e em dois, Izie seria mandada novamente, e em definitivo, para a propriedade no campo. Mesmo com as novas linhas ferroviárias e os barcos a vapor, o barão não arriscaria atrasar, Izie iria partir, *sem falta*, em dois dias. Sorte ou não, enquanto eu refletia sobre datas, outro bilhete passou pela fresta; corri e abri a porta, pegando Izie a poucos degraus abaixo.

— Izie...? — sussurrei. — Está louca? Se seu pai vê você aqui a essa hora...

— Calma! — Ela subiu e entrou, fechou a porta e me puxou para o canto.
— Ele saiu com um dos capangas. Você sabe aonde foram.

O bordel. O hipócrita iria se divertir na “libertinagem dos jovens e seu espirituoso estilo de vida festeiro e expansivo”.

Izie me abraçou, colou o rosto ao meu peito. Senti o coração dela batendo forte. Essa visita representava mais do que um desejo por música. Izie tinha algo grave em mente.

— Amadeus... As aias me contaram que...

— Sim... Já entendi tudo, e ainda não entendo como o barão... Como seu pai, Izie, como ele permite isso?!

— Leopoldo é rico, Amadeus.

— E você é a filha do barão, a única filha. — Ela tremeu. — Oh... Se eu puder lhe dar a minha vida, querida, peça. O que posso fazer? Você vai aceitar o casamento?

— Sou uma mulher aristocrática, o que posso querer ou não querer? Olhe a Anna! Olhe o que fizeram com ela. Não posso negar o casamento, mas posso *não* ir.

— Como assim?

— Vou fugir! Está tudo armado. Como Leopoldo não virá para o jantar, as coisas serão tranquilas, meu pai vai beber até cair e aí fugirei. Uma de minhas aias, Rute, a que às vezes acompanha Anna e eu, está grávida. Lorde Locke vai assumir e...

— Locke? O vizinho aqui?

— Sim, ele vai...

— Ele é um bêbado sujo, Izie.

Ela se afastou de mim.

— Você já o viu tratar mal alguma pessoa?

Era verdade, o velho Locke poderia ter todos os vícios do mundo, mas agressividade e moralismos, não. Ele sempre nos fazia rir, nunca foi sequer desagradável com alguém.

— Conheço Locke desde pequena, Amadeus, ele tinha uma sobrinha com quem passei parte da infância. Ela morreu no surto de cólera e Locke entrou numa tristeza profunda. Criamos uma ligação forte, ele me trata com mais carinho do que o meu pai. Paramos de nos ver quando comecei a desabrochar, pois para o meu pai, mesmo sendo Locke um dos homens mais

ricos da cidade, seria uma “afronta à minha honra de virgem”. E Lorde Locke ama outra pessoa. Ele e Pierri estão juntos há duas décadas.

— Pierri? O francês que trabalha na mansão dele?

— Sim, há vinte anos ele trabalha lá. Amadeus, eu confio em Locke e Pierri! Foram eles que me fizeram aceitar o seu pedido para lecionar para mim; ou você acha que aquele seu bilhete bruto me convenceu? Locke sempre fala de seu talento como músico e o tem como uma boa pessoa pelo cuidado que você demonstra com sua mãe. E agora? Você confia em nós?

— O que faremos, querida? Estou com vocês. Mas, espere, e a aia grávida?

— A fatalidade de uma fuga às ruas e um encontro com um marinheiro. Ela já chorou muito e se arrependeu, pensou até em tirar a criança; eu proibi. Locke sempre quis ter uma criança, então vão simular um caso e ele aceitará Rute como esposa. Ela e a criança ficarão bem, terão um futuro feliz e em paz.

Não consegui segurar um sorriso verdadeiro ao pensar na alegria do velho Locke. Naquele momento nasceu em mim um sentimento espontâneo de carinho por ele, o que me mostrou ainda existir bondade entre os ricos.

Izie me contou o plano. Na noite do próximo dia, ela e Anna fugiriam numa carruagem de Locke. A data foi escolhida por causa do imprevisto com Leopoldo III, como ele não viria, o tal baile seria o momento ideal. Izie agradeceu a sorte e ajustou o plano com Locke. Iriam após o barão cair na embriaguez junto com os capangas. Pierri as levaria até uma casa de campo ao leste, onde um funcionário de confiança aguardava as garotas. De lá, pegariam um transporte para o sul; e depois, França. Izie prometeu me contar melhor os detalhes na próxima manhã, pois era um plano bem trabalhado, há um ano ela e Locke vinham esperando esse “momento ideal”.

— Me leve, Izie! Sei manejar algumas armas, além de pianos. E tenho o pagamento que seu pai vem me provendo. E é muito, querida. Uma fortuna! Eu estava guardando para minha mãe.

— Então deixe o dinheiro para ela, eu tenho um tesouro pessoal, Pierri já o despachou e é o suficiente para uma vida em paz.

Íamos nos despedir, quando puxei Izie e a beijei. Não foi nada romântico, mas foi honesto, intenso e apaixonante. Segurei-a pela nuca, perdendo os dedos no intricado penteado, sentindo o macio dos cachos, e ficamos nos olhando, agora com a luz das primeiras estrelas faiscando sobre a trapeira. O busto dela subia e descia nas presas do espartilho, como uma rosa desabrochando e murchando. Ela segurou o meu rosto, não falamos nada, não havia palavra ou música para o momento, apenas olhares. Então Anna bateu à porta; o barão voltara mais cedo do bordel. Izie se soltou e correu.

Contei todo o meu dinheiro e joias e anotei numa folha. Guardei tudo numa mala e me troquei; mas antes separei algumas joias e as coloquei num envelope. Já quase duas horas depois da visita de Izie, desci com a mala. A ideia era levar o dinheiro para o velho Locke, pois em casa a mala não poderia ficar; eu tinha certeza de que se o plano de Izie desse certo e eu “sumisse” junto, o barão mandaria arrombar a minha casa e o dinheiro estaria perdido; então me sobrou Locke. As joias no envelope seriam para “convencer” *sir* Miller a entregar a partitura à minha mãe quando ela retornasse à Terra do Porto.

Porém, ao chegar ao térreo, ouvi um burburinho na sala, reconheci o choro de Izie, a voz dura do barão e uma voz infantil. Tomado pela preocupação com Izie, abandonei qualquer etiqueta e me esgueirei por trás de uma mobília e fiquei à espreita de tal inesperada reunião noturna. Rapidamente pude abstrair o teor da conversa: Leopoldo III conseguira, por fim, resolver os problemas que o seguravam Whitechapel e chegaria a tempo para o jantar na próxima noite. Quem estava lá e tinha a voz infantil era um mensageiro que viera com tal notícia. O barão fingiu julgar o choro da filha como emoção e declarou:

— Então, Izie, esteja impecável amanhã à noite. Vou avisar na cozinha para dobrarem os preparativos.

Izie subiu chorando. Com a presença do monstro confirmada para o jantar, seria impossível a fuga, a casa estaria tomada por afazeres, funcionários e

capangas ao lado de Izie, pois a virgindade da noiva seria observada até o sol raiar.

Eu precisava pensar em algo novo para ajudar na fuga, mas antes, o assunto mais importante era a minha mãe. De toda forma, tive uma ideia, parei e refleti.

Se o que comecei a planejar naquele instante fosse dar em algo, eu não poderia deixar o dinheiro com Locke, porque iria respingar na segurança de minha mãe, uma vez que Locke fazia parte do plano. Por isso julguei que a minha única opção era forçar minha mãe a ir embora do Porto. Então catei a mala e fui visitar o maestro francês, Georges Prêtre, o único estrangeiro em quem eu confiava naquele momento.

Há dois meses, Prêtre estava hospedado no cubículo do teatro, perto da mansão Montesquieu. Georges mal me reconheceu quando bati à porta, bem vestido e sem barba, mas quando notou quem eu era, depois de poucas palavras, me recebeu com uma satisfação verdadeira — ele admirava o meu trabalho —; e ainda insistiu para eu ir com ele a Paris, disse que lá me transformaria num músico de sucesso. Agradei e neguei e, depois das formalidades, disse que tinha uma ideia melhor para ele.

— O senhor sabe que venho trabalhando com o Barão de Montesquieu durante um mês. — Abri a mala. — Aqui está todo o meu ordenado e quero passar para a minha mãe. Está contado e catalogado, não se assuste. Não posso deixar tal quantidade de dinheiro e joias aqui no Porto, e devo forçar minha mãe a sair daqui. Então quero lhe propor ser o tutor da mala e do conteúdo até minha mãe poder resgatar o montante. Se o senhor seguir meu pedido, o presentarei com minha música. E se o senhor, Maestro Prêtre, quiser ter um vislumbre do que lhe aguarda, esteja amanhã no jantar do barão para me ver tocando parte da obra, o senhor é meu convidado pessoal.

— Será a tal sinfonia em que você vem trabalhando desde pequeno e que estão comentando por toda a cidade?

— Sim, uma adaptação dela, *O Choro dos Anjos*. Quero lhe entregar... Georges, confio no trabalho do senhor e espero que tal obra chegue a todos

os ouvidos do mundo depois que o senhor tiver a partitura em mãos. Mas isso só se entregar o dinheiro à minha mãe!

— Por todos os sons, *sir* Amadeus, você está louco? Desfazendo-se da sua partitura assim? Por que está fazendo isso? Vamos para Paris! Leve seu trabalho, se for tão bom quanto seus olhos geniosos se mostram, você deve abrigar essa partitura como se fosse sua vida!

— Não tenho opção, Prêtre. Olha, ou o senhor me ajuda ou a partitura será perdida para sempre, e não há cópia. Eles vão... Se alguém pegar, irão queimá-la!

— Pela Virgem Maria, garoto! Eu ajudo! Ajudo! Como será?

Expliquei que era para ele levar a mala com o dinheiro para o estúdio dele em Paris e esperar por minha mãe. Apenas isso. Pedi que assinasse a folha assumindo ter ciência do valor total e deixou o endereço do estúdio. Sem me pegar em sentimentalismo, despedi-me do homem. Eu sabia que ele *faria de tudo* para ter em mãos a partitura depois que me visse tocar no jantar, pois ali estava um verdadeiro amante da arte, um homem de valor, assim como meu pai foi.

O problema da partitura e do dinheiro estava resolvido. Com as joias que eu tinha separado, seria fácil “convencer” *sir* Miller a guardar “uma pasta de partitura” até minha mãe chegar, e depois disso, pegando a mala com Prêtre, mamãe teria uma boa quantia para se reerguer e minha música seria eternizada na mão do maestro Georges Prêtre. Voltei para a mansão, pensando no próximo problema: Leopoldo III.

6

Não dormi, fiquei reunindo as páginas da partitura até alta madrugada, tirei rasuras e deixei a letra mais clara para facilitar para Georges. Fechei tudo numa pasta e escondi debaixo da cama. *Opus I: O Choro dos Anjos*. Todos os três atos.

Pensei em minha mãe, em meu pai, em Izie e em Anna, e em todos os pensamentos a música preenchia o fundo, e imaginar entregando-a a outra pessoa me fez chorar, e chorei até o nascer do sol e depois até metade da manhã. E devia chorar até o fim dos tempos, pois um artista não pode ser privado de sua arte, é a maior maldade existente.

Eles mutilaram a minha mão como preâmbulo de minha morte, pois sabiam que assim eu já estaria morto.

Quando a fome chegou, desci para o almoço. A casa estava em euforia, pessoas por todos os lados. Não suportei o agito, comi e voltei ao meu aposento. Ao chegar, a porta estava aberta, eu havia me esquecido de chaveá-la. Meu coração sumiu. Tremi, não consegui ficar em pé e tombei sobre roupas num canto.

A partitura!

Meu Deus, como eu me desesperei.

Rolei de lado, e por um minuto inteiro segurei a respiração de olhos fechados, temendo por não saber o que veria debaixo da cama. Quando deixei, por fim, as pálpebras subirem, para o meu alívio, a partitura estava lá. Do mesmo jeito, quem entrara no sótão não veio surrupiar minha alma. E alguém entrou, pois eu sentia o suposto crime.

Engasguei, a emoção caiu em mim como veneno pelas veias. Tranquei a porta, catei a pasta e me aninhei à cama. Nunca sentira aquilo na vida. Nunca senti tanto temor. Minha própria vida não tem o valor mágico que minha música tem.

Mal saí da cama, ouvi um ruído no corredor, um som engasgado e horrível, pensei de pronto ser a trombeta do apocalipse anunciando a minha ruína.

Enfiei a pasta atrás de uma mobília e catei um violino, o ergui feito um machado e caminhei até a porta, a outra mão tateando feito um cego. Senti um medo de antemão que se aninhou em mim, pois era evidente que seria impossível o plano de Izie dar certo. O barão jamais a deixaria escapar; e pior, Locke e seu parceiro Pierri, e até minha mãe, todos seriam respingados na fuga.

Então, percebi que no íntimo eu já tinha me decidido, o ato final seria *o meu*, eu salvaria todos. E esse era o medo que eu estava sentindo, o medo por falhar com tantas pessoas queridas.

Abri a porta e segui o som engasgado. Virei à direita no corredor adjacente ao sótão, um trecho com as janelas sempre fechadas, escuro feito uma tumba, mas não menos vibrante e ornado como o resto da casa, que em todos os quatro andares era o ápice da arquitetura de paredes texturizadas com detalhes em arcos, sacadas assimétricas e telhados de inclinação íngreme. O corredor terminava num cômodo para objetos poucos usados; ao lado, uma cortina cobria a última janela do corredor. Pude ver os beirais decorativos que desciam em forma de cascata até o piso térreo, e depois, além, a grama do jardim.

O verde da natureza pareceu querer subir pela casa, marcando minha visão viciada no vermelho e o mostarda que eram presentes pela mansão, sem lembrar as inúmeras manifestações do púrpura e o azul, que só não me cansava por completo a mente por a casa ter sempre pouca iluminação, suavizando o desconforto. Por isso eu só conseguia trabalhar ou no sótão ou no jardim, longe das interferências do luxo.

Senti-me um agressor ali, com o violino erguido a esgueirar-me, e juro, se o barão passasse por mim, teria dado com o instrumento em sua cabeça, tanto era o meu estado de alienação. Abri a porta e entrei.

— Você? — Abaixei o violino.

Era Anna Maria, ofegante em um canto, segurando algo junto ao peito. A crinolina subindo e descendo feito um guarda-chuva ao vento. Os olhos eram o puro terror humano, duas esferas de medo genuíno, o real pavor primitivo que brota nos animais acuados por grande injúria. Meu coração se partiu, deixei o violino cair e a abracei. Confortei a aia muda, mutilada pela vaidade de um bruto.

— O que foi, querida? — Talvez pela tensão que em mim se passava e mais a tristeza da vida tenha criado instantaneamente uma ligação forte entre mim e Anna. — Calma, está tudo bem. — Afastei-a um pouco e vi o que ela tinha nas mãos. — A minha máscara? Você entrou no sótão para pegá-la?

— Hum, hum...

— Tudo bem, tudo bem. Mas o que você... — Foi quando notei o segundo objeto nas mãos dela. — Anna! Você não pode estar pensando nisso!

Então a porta se abriu com força, acertando a parede como o bater de asas de um dragão em chamas.

— Sabia que ia ser uma hora! — Um dos espanhóis, o mais idiota dos dois.

Puxei o objeto da mão de Anna e o escondi atrás das costas. Dei um passo à frente e interpelei o bruto.

— Calma, não é isso. — Mal falei e pensei no absurdo de minha declaração. Ninguém! Ninguém no mundo acreditaria se Anna e eu negássemos. Todos os indícios estavam claros. Éramos “amantes”.

O bruto foi para cima dela.

— E com máscara feia pra parecer puta de rua? — Catou a máscara e puxou Anna pelo braço. — Amadeus! Cê não vai comê até a janta. Toma banho e tira barba. Sete horas cê desce e toca pro lorde Leopoldo III. Tá?

Cruzei o olhar com o de Anna Maria, foi nossa última forma de comunicação. Senti que na súplica silenciosa ela me implorava algo e

lançou um bilhete ao chão, longe do olhar do agressor.

Catei o bilhete, corri para o sótão e estudei o objeto que Anna tinha em mãos. Uma adaga! Incrustada de rubis, tão brilhante, que cegava feito o brilho do meio dia. A máscara, a adaga e o bilhete. A inocente veio pegar a máscara e uma arma da despensa, onde ninguém daria por falta, e iria degolar o austríaco. Abri o bilhete, uma letra pequena, introspectiva como a dona:

“Amadeus,

Leopoldo não pode levar Izie. Estive aqui e peguei sua máscara. Vou usá-la para me infiltrar na hora do baile, tirar o lorde para dançar e degolá-lo! Lhe imploro, por todo o bem que de você emana, faça-os chorar com sua música, faça-os chorar! E, enquanto todos se recompõem, vou abrir a garganta do diabo. Depois, o senhor poderá se declarar à Izie junto ao barão e serem felizes... Amadeus, meu marido era um flautista, ele fazia os pássaros voarem mais alto ao tocar. Um dia, o peguei tocando no bosque perto de nossa casinha, e ao redor dele estava um bando de animais dos mais diversos tipos, todos atentos, orelhinhas abertas. Ao terminar, meu marido disse: ‘Anna, esse é o som do meu coração que bate por você’. Foi nessa noite que Leopoldo me violentou pela última vez, pois o denunciei logo em seguida. Mas ele mandou matar meu marido e cortou minha língua. Amadeus, cuide de Izie. Vou matar o monstro.

Com seu respeito, A.M. ”

Estava ali uma mensagem com a fantasia infantil carregada do verdadeiro romantismo e simplicidade. Anna foi uma mulher apaixonada, uma vítima a quem foi negado o direito de simplesmente amar. Eu não ia deixá-la cometer tal atrocidade. Não iria condenar a pobre a mais um pesadelo em vida.

Não! Eu salvaria Anna e Izie.

Voltei a adaga para o lugar dela, antes que um dos espanhóis retornassem e dessem por falta do objeto. Li o bilhete novamente, decorando as palavras e

abstraindo o sentimentalismo, depois o queimei, para destruir qualquer prova da intenção de Anna.

Sentei-me ao piano e abri a partitura. E toquei. Pensando no esposo de Anna junto aos animais, num bosque em paz cheio de esperança. E toquei e decidi, por fim, o nome definitivo da música. Toquei até o meio da tarde, quando os músicos que me acompanhariam chegaram para as últimas instruções, um deles me trouxe um traje de gala, ordem do barão. Recebi o presente, passei as partituras para cada um e ensaiamos. Falei o novo nome da composição e todos encheram os olhos ao receber de mim tamanha expressão sentimental.

Mãe, aqui na torre já é o entardecer, logo o policial Robert Doyle chegará. Vou reunir todas as folhas da carta em sequência. Não sei por que, mas sinto que tudo estará seguro nas mãos desse policial, se ele fosse fazer algo comigo, já o teria feito. Ele já disse várias vezes: “Sei que o senhor é um bom homem, jovem Amadeus. Confie em Deus”. Ele é um religioso honesto, de toda forma, que opção tenho senão acreditar nele? Pelo menos morrerei com o pensamento esperançoso de que a carta chegará até a senhora.

Enfim, é chegada a hora do fim, mãe. E ironicamente era também o entardecer quando dispensei os músicos e os instruí a descansarem para a grande noite. Banhei-me e vesti o traje de gala. Escondi a pasta da partitura debaixo da cama, fiz uma prece junto à janela e desci, decidido, para o salão.



Estava tudo pronto, o requinte ao extremo. Por todos os lados o tom de azul e mostarda enaltecia o recinto, ornando detalhes simples que, elevados por pedestais, se sobressaíam como estrelas. Um palco fora montado, aquele piano maravilhoso estava lá, os músicos também, usando o mesmo traje que o meu. O barão nos vestiu feito os macacos do circo dele.

Fui até o grupo e passei recomendações rápidas e sem esboçar sorrisos, sentei-me. Sentindo algo estranho no ar, corri os olhos pelo salão. Estava escuro e com muitas informações de objetos decorativos, os móveis de mogno foram arrastados para perto das paredes, liberando uma clareira para poltronas excessivamente elaboradas, incrustadas de detalhes minuciosos; pude notar arabescos com fios de ouro pelos pés das mesmas. Tapetes com cores fortes casavam com a decoração. Veludo liso, azul, cobria os assentos.

Os quadros foram trocados por outros mais exuberantes. Candelabros, enfeites e luminárias; porcelanas e tecidos em seda bordados com fios de

ouro; couro e tecidos em xadrez dando um toque de algo senil para se mostrar mais antigo do que todos ali, esbanjando os anos com austeridade. Para fechar, pendentos do teto com detalhes coloridos, fechando a ideia do baile de “Carnaval do Barão”, um baile extravagante igual ao nobre Montesquieu.

Contei sessenta pessoas sentadas, mais uma dúzia de policiais em pé e camareiras entrando e saindo com bandejas de guloseimas e bebida. Em um canto, o maestro Georges Prêtre ao lado de Locke e Pierri. O barão não estava, nem os capangas, isso me fez sentir mal. E, para aumentar minha angústia, Izie entrou com Rute e outra aia desconhecida às costas. Nem sinal de Anna Maria.

Izie estava visivelmente chorosa, abatida, aquele brilho forte apagado, era uma mulher morta, andando com um cabresto invisível; sentou-se à minha frente. Juro que me levantei para ir até ela, pegar a mão dela e correr dali, mas quando fiquei de pé e me virei, à porta surgiram os dois espanhóis com o sorriso aberto, e em seguida o barão.

— Estava de saída, jovem músico? — ele ironizou, desafiando-me com um sorriso.

— Meu senhor... — Ajeitei a manga do paletó e me sentei. Apoiei as mãos nos joelhos e fiquei. A plateia se pôs de pé com a entrada do barão, ele veio até o palco com uma bandeja de prata, um tecido floral cobrindo algo na bandeja. Um dos capangas trouxe um aparador.

— Incomoda-se se a peça ficar aqui, jovem músico? — o barão perguntou em voz alta, indicando o aparador que o bruto ajeitou ao meu lado.

— Não, senhor.

O nobre apoiou a bandeja e se inclinou para cima de mim.

— Você vai abrir o baile, senhor Wallace — sussurrou. — Depois faremos uma pausa para retirar as poltronas e liberar a pista de dança. E então, no segundo momento da festa, vou retirar a toalha da bandeja. — Endireitou o corpo e falou em voz alta, olhando a multidão. — Senhoras e senhores,

agradeço a presença de todos. Eu, minha esposa e filha, estamos felicíssimos com a presença de todos. Antes de começarmos com a música, apresento-lhes o meu futuro genro. Lorde Leopoldo III.

A besta surgiu à porta, a mais nítida forma de um sapo, porém, queira Deus ler meus pensamentos, eu não me irritei pela aparência do mesmo, me irritei porque ele transbordava algo vil. Leopoldo era por si só, no jeito e olhar, um homem maldoso; notei que não apenas eu, mas todos no salão, inclusive policiais, se empertigaram com a entrada do lorde.

Alguns ilustres nobres, sentados mais à frente, fizeram um gesto parecido com o sinal da cruz em segredo. Não irei buscar na memória as lembranças que o austríaco deixou em mim, pois é o mais profundo sentimento negativo. Ele tomou o assento à frente do piano, ao lado de Izie.

Fechei os olhos e falei em voz alta:

— Senhoras e senhores, meu nome é Amadeus Wallace, e tocarei uma variação de minha obra única. *Opus I*. — Abri os olhos e senti o peito se enchendo de um ar quente. — A chamo de... *O Som do Coração* ! — completei e, sem nada mais a dizer, fiquei parado.

Dizem que os primeiros amores não são os mais fortes em nós por nascerem da necessidade básica de se ter algo a apontar como o primeiro amor, porém, penso que esse sentimento nada mais é do que uma demonstração de cuidado e afeto que passamos a ter por algo ou alguém, ou até mesmo algo abstrato como a música. Amor é uma semente que nos entusiasma.

Naquele momento no salão eu era o único habitante em meu mundo, vagando à minha vontade. O combinado de murmúrios e respiração dos espectadores me remeteu a um campo de relva alta como as mil maravilhas da arte. Nessa solidão, o único par de ouvidos que eu queria agradecer era o de Izie. Ela ali, tão perto e triste, uma flor num campo árido que não tarda a perecer.

Toquei e, em momento algum, nem por um segundo, desviei os olhos da bandeja ao lado, atraído feito imã ao metal. Naquele momento eu não podia comunicar em palavras a minha dor, assim, meu único conforto era o piano.

É uma espécie de vácuo. Quando não se pode amar tanto assim, o que nos preenche é o nada. *Nós queimaremos o mundo, querida*, pensei ao me lembrar do único beijo de verdadeiros amantes que troquei com Izie. *Nós queimaremos o mundo.*

E quando parei de tocar, todos choraram, até Leopoldo III, o homem mais frio que pude ver e imaginar andando pelo planeta.

De olhos fechados, levantei-me, eu estava longe. Quando abri os olhos, o salão estava eufórico, todos pedindo mais, a aclamação me acertou como se fosse uma onda de aplausos e assobios. Então o barão veio até mim e tocou meu ombro:

— Muito bem, *meu músico*, meu jovem — elevou a voz para a multidão: — Esse jovem Amadeus, quando veio até mim era um bêbado agressivo, incitador de brigas em bordéis. Um menino em seu furor da preguiça protegida pela música. Trabalhou para mim nas minas, sim, acreditem. Mas foi um péssimo empregado. — Todos riram. — Eu também ri bastante com ele, ri e chorei, a música dele de fato nos faz chorar. Porém, mais forte do que uma boa sequência de notas executadas é a traição. Ah! Traição. Sorte eu ter em minha casa, e louvo a Deus por isso, tão estimado jovem músico, tão honesto e fiel ao seu mecenas que patrocinou *todo* esse espetáculo e o tirou do anonimato. — Ele se virou para mim. Os olhos. Os olhos! Um perfeito demônio das mais barrocas telas bestiais. — Amadeus, você agora vai nos presentear com algo novo. Apenas você, o resto dos músicos está dispensado.

Depois de o quarteto deixar o palco, e o público se remexer nas poltronas. O barão puxou a toalha da bandeja, apontou e sussurrou em meu ouvido:

— Você tem duas opções: tocar e se matar com o punhal. Ou, tocar e ir para a cadeia sem língua e sem as mãos. Pois assim que você deixar o piano, um grupo de policiais, meus amigos, invadirá a sua ridícula casa e lá encontrarão o corpo de Anna Maria, degolado e amarrado à sua cama, Amadeus. Eu disse que mataria vocês. De todas as mulheres em minha casa, você foi se envolver com a desgraçada aia.

Sem cor no rosto, e imaginando minha boca como uma grota repuxada, olhei para a bandeja. A máscara e o punhal que Anna pegara no sótão, e nos dois objetos: sangue.

Nisso, enquanto eu ainda tinha o controle das emoções, vi três policiais acenando para o barão; o trio aquiesceu e deixou o recinto. Depois, não sei como explicar, porque tudo se passou rápido e enevoado, como se eu estivesse na entrada do inferno. Sei, pelas palavras do maestro Prêtre, a última coisa que ouvi, que minha apresentação foi “a maior manifestação que já vi em vida”, isso, vindo de um homem feito Georges é o máximo do elogio.

E sei que todos no salão choraram, ficaram de pé, aplaudindo tanto que meus ouvidos pareceram sangrar, mas quando levei as mãos ao rosto, vi que era apenas o suor que descia feito uma torneira aberta na máxima vazão. Então, de repente, alguém me abraçou com uma consideração genuína, esfreguei os olhos e vi quem era. E, sem mais controle de mim, extasiado, com lágrimas e escutando o gemido de Anna Maria e lembrando-me do bilhete esperançoso que ela deixou, lembrando-me do marido dela e dos animais em volta, e eu ali, no meio daquela gente mesquinha, sendo abraçado por um animal. Um animal assassino de mulheres. Lorde Leopoldo III.

Foi quando vi minha mão abraçando o cabo da adaga na bandeja, os dedos se fechando sobre os rubis. E depois ouve gritaria e passos. Antes de tombar de costas, sendo enforcado por um dos policiais, consegui virar a cabeça e murmurar:

— Izie... a minha pasta... a partitura... Georges... Por favor! — E tombamos nós dois, Leopoldo e eu. Eu, tomado por uma onda de emoções que me corroeram os sentidos; e Leopoldo III, com a adaga cravada no peito. Morto!

Madrugada do dia 77, na hospedaria da Dona Cornélia

Mamãe, estou bem agora, feliz e esperançoso. Porém, tenho pouco menos de trinta minutos para lhe contar tudo, já avisto o barco que vai levar Izie e eu para longe daqui. Perdoe-me os garranchos, pois estou a escrever em pé, apoiado num aparador na escada que desce para a passarela do píer. Estou feliz por olhar para frente e ver rostos sorridentes para Izie e eu. Georges, Cornélia, Locke. O policial Robert, a esposa dele e um casal de recém-casados ao lado de um padre. Minha plateia final aqui na Terra do Porto.

Quando *sir* Robert Doyle me visitou ontem à noite na torre, foi rápido, ele me fez entrar numa carruagem sombria, escondida num beco, e depois sumiu. A princípio pensei que estava entrando num carro bestial rumo à danação, mas ao subir, fui confortado pelo rosto redondo do maestro Prêtre que me passou as instruções.

“Amadeus, Pierri está conduzindo a carruagem. Lorde Locke está nos esperando com algo para lhe dar, ele fez questão de cuidar da coisa até poder lhe entregar. O policial Robert foi buscar um grupo de pessoas que tem estima por você e todos nós vamos nos encontrar na Dona Cornélia”.

Foi assim, simples. Ninguém nos parou, Robert fez tudo certo, ele sabia bem a rotina da torre e ninguém subiria para bisbilhotar um músico mutilado. Chegamos à hospedaria e Locke me recebeu com um abraço gentil, rápido me contou sobre os acontecimentos.

Dois dias depois de minha prisão, quando o barão me visitou e mandou cortar-me os dedos, Izie simulara um suicídio no píer. Ela pulou e não retornou. Um grupo de marinheiros, instigados por um funcionário de Locke, começou a gritar e apontar. Evidentemente ninguém encontrou o corpo, pois Pierri estava com uma barca à espera de Izie.

A mãe de Izie, arrependida pelo “suicídio” da filha, ameaçou revelar as atrocidades do austríaco. O homem havia mutilado mais de trinta aias e assassinado três esposas, além de correr um boato de um assassino “com

práticas cirúrgicas” atuando na periferia de Whitechapel, distrito de Londres, desde 1888; estranhamente as datas batiam com as viagens de Leopoldo à Londres. Passaram a noticiar o assassino em série de “Jack, O Estripador”. Uma suspeita nasceu ao ficar comprovado que Leopoldo III era conhecedor de práticas cirúrgicas e isso batia com os ferimentos das vítimas.

A mãe de Izie associou Leopoldo à morte de Anna, e o barão, temendo revelar que os espanhóis a mataram a seu mando, deixou o assunto a cargo dos “policiais amigos”, que avisaram as autoridades na capital de que o suposto assassino das mulheres era um nobre poderoso e tal identidade seria mantida em segredo. “Jack, O Estripador” perdeu força; o dinheiro cala até o mais ávido dos fofoqueiros.

Fui apontado como um arruinado que vingou a morte da amante, Anna; a imprensa local começou a me chamar de, pasme, “amante vingativo”, epíteto tão ordinário quanto as mentiras inventadas para vender os folhetins. A casa dos Montesquieu foi fechada e a família se mudou para a propriedade de campo. Porém, o barão só deixou a cidade depois de arranjar o processo de minha execução, pagando grande soma a alguns policiais para me executarem em praça pública. Pedi para que me mantivessem saudável até a execução, pois iria ele mesmo abrir o cadafalso e exigira minha saúde até o dia.

A cidade voltou à monotonia. Nada mais falaram sobre minha música — outra exigência do barão. Eu estava, portanto, morto para a cidade. Em relação à senhora, o barão não deixou nada de ordens, acredito que por arrependimento do que ele estava querendo fazer à filha.

Robert tinha um desejo especial, como comentei em outra carta. E esse pedido era simplesmente para que eu tocasse para ele e sua família, em especial para a filha que se casara há pouco. Por Deus, mãe, o homem se apaixonou tanto por minha arte que sua eloquência ao relatar minha apresentação no baile foi tanta que a esposa e filha imploraram para ouvir tal expressão musical.

— Senhor Amadeus — Robert falou quando entrou na hospedaria com a esposa, a filha vestida de noiva, o noivo e o padre. — Minha filha está se

casando agora, por motivos semelhantes ao que você e Lady Montesquieu passaram, por isso estamos na calada da noite e ela tem um pedido para você.

Ele deu um passo de lado e a noiva avançou, uma menina de quinze anos que estava se casando para fugir das garras de um banqueiro que a quis tomar como consorte, e por amor à filha o pai negou.

Com o mais puro ar de esperança, a menina falou:

— Senhor... Quero acreditar em meu pai e pensar que das mãos do senhor emana a voz de Deus, e peço com todo o meu amor e espírito, abençoe meu casamento. Peço apenas que a vida nos dê a possibilidade de felicidade. Nada mais.

Inspirei fundo, olhei para o piano. Movimentei a mão esquerda, ainda sentindo dor, e pensei em como aceitar tal empenho que aquela família me pedia. Todos ali seriam cúmplices se algo desse errado, e todos estavam cientes, e mesmo assim queriam me ajudar. Vieram me ajudar! Mas eu estava com medo de não conseguir tocar. Não sabia como minha mão reagiria, foi quando Locke avançou e me entregou a pasta da partitura.

— Essa é a metade da sua surpresa — sorriu.

Então Izie entrou, veio e me beijou:

— Vamos rápido. A menina confia em você... E eu também. — Ela sorriu e meu mundo se inflou. Sentei-me ao piano, Izie ficou ao lado.

O padre avançou com os noivos e ficaram à frente do piano. O pai e a mãe da noiva se abraçaram. Dona Cornélia e o maestro se sentaram ao lado, ansiosos. E o final a senhora deve saber. Eu toquei, e foi com amor e esperança, uma música nova, improvisada, tão leve e clara feito o sol que se mostrava a nascer.

Querida mãe, rogo a Deus para que possamos nos ver logo!

Seu filho e sempre amigo, A.W.

Paris, 1894

Caríssimo, Wolfgang Amadeus de Walles, filho que de mim não veio. Eu e sua mãe aguardamos ansiosamente a visita que você e a graciosa senhora Izidora de Walles nos prometeram. Já faz um ano que vocês não retornam a Paris. E não serão aceitas mais desculpas! Portanto, garoto, agora sem engajamentos de etiqueta, venha para casa logo, sua mãe está chorosa de saudades da netinha. Traga logo a menina para nos ver!

Ah, Amadeus, é hora de despachar essas máscaras, você fica melhor com barba cheia e a cartola funda na cabeça. Ninguém lembra de seu rosto nem do nome verdadeiro de vocês, confie em seu padrasto e maestro. A propósito, temos uma oferta altíssima para tocar num baile em Londres, é hora de você levar a obra para sua terra natal. O tão famoso “músico das máscaras e luva” que sempre toca com uma luva preta na mão esquerda será muito bem-vindo ao salão real da Rainha Vitória. E, prometo, você não será obrigado a receber ninguém! Nem mesmo a rainha, já deixei claro sobre as “excentricidades” do “maior músico da Europa” em manter o rosto longe dos espectadores. Deixe que a parte social será feita por mim.

Com respeitoso carinho, Georges Prêtre, e sua mãe, que lhe ama mais do que a música do sol.



O luto do céu

Babi A. Sette

Florença, 1895

Clara saíra da penitência segurando uma caixa de madeira toda entalhada. Apesar de seu vestido ser preto, escondendo a sujeira, a tal arca parecia bastante empoeirada. Como se fosse antiga, como se ninguém a pegasse há anos. Ela não queria sujar o corpete, por isso segurou-a longe do corpo.

Fora lá para se confessar antes do trabalho e por algum motivo não explicado, o seu confessor faltara.

Ela não gostava de ir à rua sem antes ter dado uma palavra ou duas com Deus. Não queria sair sem a sua comunicação diária com o divino.

Vinha se sentindo muito culpada por desejar tanto algo proibido. Intocável.

E aquela caixa deixada de maneira explícita sobre o oratório era...

O que era aquilo afinal?

Olhando para os lados e com o coração disparado, devagar, ela abriu o tampo.

Só fez isso porque ao lado da caixa plantada, havia uma nota com seu nome. Como se aquilo fosse para ela.

Mas quem deixaria uma encomenda anônima em um confessionário?

Com um frio espinhando o estômago ela olhou para o interior da caixa.

E...

Estava vazia e escura, exceto por um bilhete, uma folha branca dobrada ao meio.

Com os dedos trêmulos, Clara pegou o papel, ainda desconfiada, olhou duas vezes para os lados antes de ler:

Você se vestirá de luz e deixará todos verem como realmente é, e eu serei a sombra que a persegue, sempre um passo atrás, colada em sua irradiância, nunca perto o suficiente para realmente prová-la.

Clara jogou a nota dentro da caixa como se ela a queimasse.

Quem escreveria tal coisa?

Qual era o sentido daquilo?

Sem coragem de abandonar a nota a própria sorte, ela colocou-a embaixo do braço e, em seguida, escondeu-a em um canto da igreja que, sabia, jamais seria encontrada. Ajeitou o cabelo, apesar de continuar impecavelmente preso, e aprumou-se para mais uma jornada de trabalho, esquecendo-se por hora de caixas e notas sem sentido, de luz e sombra, e do que realmente aquelas frases despertaram em si: uma vontade louca de ser mais como era e menos como queriam que ela fosse. Uma vontade um pouco sombria de que aquelas frases tivessem sido escritas por ele.



Clara chegou em casa tarde, depois de um dia longo no trabalho, estava cada dia mais difícil se concentrar quando todas as suas terminações nervosas a levavam para ele. Como se ele fosse o coração do seu corpo, se dele dependesse a sua próxima respiração.

Ela buscava a sua voz em cada momento do dia e quando ele falava, *ahhh* ... Clara se esquecia de tudo. Se as outras pessoas soubessem que vinha sonhando com ele dessa maneira errada... Meu Deus! Ela seria condenada. Na verdade, Clara já se culpava o bastante para ter de lidar com o julgamento de qualquer outra pessoa. Afinal, ele era o seu chefe, e já era

casado demais com seus compromissos, com seu trabalho, com sua posição diante de todos para poder pertencer a qualquer mulher. Sabia que não era certo pensar o que vinha pensando, sentir o que vinha sentindo, mas a cada vez que ele a olhava, cada vez que ele falava com ela, tudo se desfazia, se desprendia, era como ser atropelada pelo tempo e manipulada pelo destino. O mundo ficava quieto nos momentos em que eles eram levados a estar sós, em que ele a olhava durante as reuniões como se ela fosse a única presente.

Clara não conseguia se desfazer do desejo que a pregava em mil culpas diferentes. Por isso ela se confessava todos os dias e, por isso, ela lia a bíblia a cada momento e antes de dormir, e também rezava o terço. Algumas vezes mais de uma vez.

Por favor meu Deus, não me deixe morrer de culpa, ela cansou de pedir. Era um descaso grande demais e uma desobediência quase imperdoável admitir para Deus, mesmo em suas orações, que vinha desejando um homem que jamais poderia ser dela, um homem que era inalcançável.

— Você, não devia se vestir assim para trabalhar... O que Miguel vai pensar? — sua mãe perguntou logo que ela entrou em casa naquele fim de tarde.

Miguel era o seu desejo alimentado com a culpa. Era o seu chefe. Ela sentia os pelos da nuca arrepiarem somente com a menção daquele nome. Antes de Clara trabalhar para ele, a sua mãe trabalhara na mesma instituição. A época era diferente, Miguel ainda não era o chefe por lá mas, como em toda

cidade pequena, a sua mãe o conhecia há anos e dizia sempre que Miguel era o único homem em quem ela confiava. O único homem com quem Clara podia falar, não apenas porque Miguel era comprometido, mas pela posição de destaque e respeito que ele ocupava.

— Hoje estava muito calor e...

— Cale a boca! — ralhou. — Não se desculpe por ser tão vulgar.

Clara engoliu em seco e mordeu os lábios trêmulos, sabia o que a mãe faria em seguida, mesmo assim, não se calou.

— Apenas o meu pescoço está à mostra e... E estamos quase no século vinte, mamãe, as outras moças usam e eu me sinto uma velha, elas riem de mim... Eu não aguento mais usar essas roupas pretas e antiquadas e...

Com um gesto ríspido ela cortou o ar com a mão erguendo a palma para cima.

— Vá ajoelhar agora no milho, sua ordinariazinha, você não é as outras moças.

Não. Ela não era. Nunca seria. As outras moças com dezoito anos já estavam casadas, ou podiam escolher os seus próprios vestidos. As outras moças podiam olhar para jovens e flertar e serem cortejadas. À Clara só restava a salvação prometida nas páginas da Bíblia e o trabalho.

Miguel, por ser seu chefe era o único homem com quem ela podia conversar sem ser crucificada e penitenciada. Ele era, na verdade, o que tinha mais próximo a um amigo. Ela confiava em Miguel porque era isso que o seu cargo inspirava. Era isso o que ele passava a qualquer pessoa que o conhecesse.

Clara não queria desejá-lo, o desejo arrancava dela o único amigo que encontrara. Mas nem isso ela conseguia evitar.

Ela não queria evitar.

No fundo o desejo que sentia por ele, apesar de ser errado, era a única coisa somente *dela* em sua vida.

Clara não aguentava mais os joelhos ardendo como se estivessem em carne viva. Quando a mãe a punia dessa maneira, ela fechava os olhos com força e via o rosto do seu chefe. Uma vez Clara lhe contara que a mãe era a favor, não apenas de punições como essa, mas também, da autoflagelação, Miguel ficara consternado, ele não declarou abertamente, mas ela vira em seus olhos. E era a lembrança dos olhos amarelados dele que sempre amenizava os castigos.

— Mamãe, por favor... já faz mais de uma hora que eu estou aqui.

A mãe, que bordava na poltrona próxima, olhou-a por um tempo em silêncio antes de dizer:

— Você sabe como eu odeio lhe punir desse jeito, acontece que às vezes você me obriga a tomar essas atitudes.

— Me perdoe, mamãe! — Clara sabia que pedir perdão era o único jeito de abrandar os ânimos da mãe.

— Peça perdão a Deus...

— Eu já pedi.

— Confesse-se amanhã antes do trabalho.

— Sim, senhora — Clara respondeu baixinho.

— Muito bem. — A mãe apoiou o bordado no colo. — Vá para seu quarto.

Clara levantou-se sentindo os joelhos abertos como se pontos de chamas lhe devorassem a pele.

— Boa noite, mamãe.

— Deus te abençoe minha filha.

Entrou no quarto segurando a lamparina, colocou-a sobre a penteadeira olhando ao redor, para o quarto luxuoso e bem decorado com sedas, rendas e tapetes vindos do oriente. Quando o seu pai morrera, há cinco anos, as deixara com muito dinheiro. Clara não trabalhava pela remuneração e, sim, pelo destaque que sua posição lhe conferia diante da sociedade local, diante dos olhos de sua mãe. A mãe sempre priorizou a imagem que Clara tinha em relação aos outros, como se ela tivesse que ser um exemplo de conduta e comportamento para toda a cidade.

Era exaustivo.

Ela já havia colocado a camisola e diminuído a luz da lamparina e se dirigia para a cama pensando no momento em que falaria com Miguel na manhã seguinte. Devia contar a ele que tinha recebido uma caixa? Ela realmente se sentia à vontade com o chefe, mas o que ele acharia se ela lhe confessasse que estava tentada a descobrir quem enviara a nota?

Sentou-se na cama e, ao recostar-se nas almofadas, algo duro cutucou as suas costas. Ela se ergueu abafando um gritinho com as mãos ao notar que em cima da cama, colocada entre as almofadas, outra caixa de madeira a aguardava.

Em um misto de ansiedade e insegurança ela a pegou com o coração exigindo ser ouvido por todos, e abriu a tampa de uma vez. Encontrou uma máscara branca, fina e ornamentada.

— Uma máscara de carnaval? — perguntou para si mesma e para a caixa.

Em baixo dela um envelope repousava tranquilo. Mas, diferente do envelope que aguardava para ser aberto, Clara não estava tranquila.

O que era tudo aquilo?

Sabia que não deveria abrir aquilo naquele momento, com o risco de a mãe adentrar seu quarto. Deveria jogar aquilo pela janela. Afinal, quem colocara aquela caixa ali, havia entrado no seu quarto, invadido a sua privacidade e...

E...

Clara abriu, vencida pela curiosidade, e leu:

Dizem que quando usamos uma máscara, somos livres para sermos pessoas diferentes, talvez, sem o peso do julgamento alheio, dos olhos que culpam, das bocas que condenam. Daqui uma semana, haverá um baile de máscaras.

Se você estiver se perguntando quem sou eu por trás da máscara, lhe digo:

Hoje, sou o sol poente e seus raios aflitos no horizonte. Dia após dia luto para tocar a noite. Pense em mim como alguém que inspira as estações do ano, que é considerado um rei ou um Deus para muitas pessoas, mas que no fundo, e isso somente eu sei, não possui nada. Pense em mim, Clara, como o sol que foi condenado por querer tocar a lua.

Daqui duas semanas, haverá um baile de máscaras e eu quero me vestir de noite, desafiando as leis de Deus e dos homens para enfim poder tocá-la.

Aceite o meu convite e procure por mim, saia de casa depois da meia noite, duas quadras para frente terá uma carruagem lhe aguardando, ela a levará até a praça central no meio dos foliões. Estarei em frente a porta da igreja usando um par igual ao dessa máscara branca que te envio, porém, a que cobrirá o meu rosto é negra.

Aceite o convite e seja minha, Clara.



Há dois dias Clara sonhava com um Baile de Carnaval. Há duas noites ela sonhava que encontrava um homem misterioso, usando o par perfeito da máscara branca que recebera. A dele era negra.

Resolvera esconder as caixas e não falar nada com ninguém, ainda não tinha decidido o que fazer. Provavelmente não aceitaria ao convite, como

ela poderia aceitar?

E se fosse um louco?

Alguém que quisesse desonrá-la?

Mas...

E se fosse alguém por quem valeria a pena correr o risco?

Um homem bom?

E se fosse *ele* ?

Piscou fundo para retomar a razão.

É claro que não era Miguel, Clara sabia, mas isso não a impedia de sonhar.

Ainda mais olhando para ele, enquanto sorria.

Quando Miguel sorria o rosto inteiro dele se iluminava e o mundo parava para assistir, Clara tinha certeza.

Estavam em um evento beneficente que acontecia duas vezes por ano, a alta sociedade inteira de Florença desfilava as suas boas intenções nessas datas marcadas.

Clara não queria ter ido. Estava cansada de não conseguir parar de desejar que as coisas fossem diferentes. Queria tanto ser a acompanhante de Miguel, não apenas como sua assistente, mas como sua...

Era errado .

Porém, Clara não mandava mais nos sentimentos. Tão pouco conseguia deter os ciúmes ao vê-lo cercado por dezenas de pessoas que vinham parabenizá-lo pela promoção, que vinham apenas para falar com ele, como se isso pudesse mudar suas vidas.

— Boa noite, senhorita. — Ela se virou de encontro a voz masculina.

Era o senhor Pietro Ferrara, um comerciante jovem e bem-sucedido.

— Boa noite, senhor — ela respondeu, buscando a mãe com o olhar preocupado, encontrou-a conversando com um grupo de mulheres em um dos cantos do salão.

Sabia que a mãe ficaria brava se a visse falando com um homem solteiro sozinha.

— Você está trabalhando, hoje? — Pietro indagou, olhando ao redor.

— Esses eventos são importantes para o senhor Miguel, eu sempre o ajudo a organizar as coisas, receber as pessoas. — Ela suspirou. — Em outras palavras, sim eu estou.

O senhor Pietro mirou os músicos já prontos para começarem a tocar.

— A senhorita dançaria comigo?

— Eu... — Como Clara queria dizer sim, mas não podia. — Eu estou de luto.

— Eu sei... É que já faz tantos anos... Eu achei que...

— Boa noite, senhor Pietro. — Era a sua mãe quem se aproximava.

— Boa noite, senhora Basso.

— Eu pedi uma dança para a sua filha.

Sua mãe estreitou os olhos.

— Clara está de luto pela morte do pai. — Ela segurou na curva do seu cotovelo. — Além do mais, o senhor Miguel pode estar precisando dela.

— Está certo... Peço desculpas, senhoras. — Ele fez uma vênica, girou o corpo e saiu.

A mãe apertou os dedos em torno do seu braço, até Clara gemer de dor.

— O que você fez para que ele tomasse essa liberdade com você?

— Nada, mamãe — Clara murmurou.

— Mentirosa — disse, apertando-a ainda mais.

— Ai, mamãe, a senhora está me...

— Está tudo certo por aqui? — uma voz aveludada perguntou. A voz que arrancava o seu coração do corpo e a fazia flutuar no chão.

— Senhor Miguel... — Sua mãe comprovou, largando-a. — Eu dizia a Clara como é inadequado uma jovem enlutada aceitar dançar com um cavalheiro e...

— Está tudo bem, senhorita? — ele voltou a perguntar olhando somente para ela, fazendo todos os pelos do seu corpo arrepiarem.

Clara de repente sentiu-se um pouco tonta e sem ar, não soube se pela intensidade daquele olhar ou se pela recente agressão de sua mãe.

— Na verdade, eu... Eu preciso de um pouco de ar.

— Eu lhe acompanho, minha filha — a mãe disse.

— Senhora Basso, deixe-me acompanhá-la e conversar com ela.

— Sim, claro, meu senhor, tenho certeza de que ela ficará honrada.



Miguel estava descontrolado.

Somente isso explicava as suas emoções.

Ele a observou desviar das pessoas e sair em direção a um dos cantos mais isolados da varanda. Aproximou-se devagar.

Ela olhava para o horizonte com a expressão perdida.

— Clara — disse, tocando o seu ombro. Ela se virou. — Você... Sua mãe tem razão, você... Você não deveria aceitar dançar com... — *Outro homem* .
— Ninguém... Ainda guarda luto pelo seu pai.

— Há três anos — disse com a voz condoída.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê? — ela perguntou baixinho

— Enquanto estiver assim... Você não deve dançar, e também não é certo conversar com um senhor solteiro sem estar acompanhada... — Maldito ciumento.

Então, ela cobriu os olhos e chorou.

— Eu não fiz nada — afirmou sobre os dedos. — Eu nunca faço nada... Enquanto todas as jovens da minha idade podem dançar, e conversar e flertar e desejar se casar e ter filhos, uma família... Eu posso nada! — Soluçou.

Miguel travou o maxilar a fim de conter a vontade de tocá-la, abraçá-la, beijá-la.

— Você está certa.

Ela descobriu os olhos e o encarou.

— Estou?

Miguel sentiu o peito comprimir.

— Sim, você realmente deveria estar dançando e... Sendo cortejada.

— Você acha? — indagou com os olhos reluzindo.

Ele concordou mudo e, como se estivesse se vendo fora do corpo, assistiu ao braço levantar e tocar no rosto delicado, enxugando com as costas dos dedos parte das lágrimas.

Os olhos dela primeiro arregalaram e, em seguida, pesaram. Clara deitou o rosto em sua mão e, Santo Deus, nunca teve que ter tanta força em sua vida para se afastar.

— Vamos voltar ao salão — pediu com a voz rouca. — Eu vou conversar com a sua mãe, eu a conheço desde criança e acho que ela leva em consideração a minha opinião.

Clara olhou para baixo.

— Obrigada, senhor.



No dia seguinte, no final do expediente de trabalho, Clara entrou na igreja, ajoelhou-se perto do altar e, com os olhos pregados na cruz, ela rezou.

— Senhor, me ajude a tomar a decisão certa.

Naquela manhã recebera outra nota, uma que pedia para ela usar um vestido branco na noite do Carnaval, junto com a máscara, e que dava um prazo para sua resposta.

“Deixe a caixa embaixo do banco em frente à Piazza della Santissima Annunziata com sua resposta, daqui oito dias”.

— Me ajude, meu Deus, a decidir o que fazer. Porque um lado meu quer fugir para sempre, escapar dessa vida, viver. Mas outro tem medo, acha

errado, me enche de culpa. Me ajuda, senhor, a...

Um movimento ao seu lado chamou sua atenção.

Ele se ajoelhou próximo, tão perto que seu coração disparou.

Era Miguel.

O que ele fazia ali junto a ela?

Bom, é claro que ele rezava. Na verdade, ele pareceu nem a notar, apesar da lateral de seus braços se tocarem. Era como se ela não estivesse lá.

Os lábios dele se moviam em silêncio, os olhos iam fixos no altar.

Clara, atordoada, voltou a conversar com Deus.

— Me ajuda a decidir, senhor — murmurou somente para ela e para a divina providência.

— Diga sim, Clara — Miguel sussurrou em resposta.

Ele ouvira. Seu coração acelerando ainda mais. Ela o olhou, Miguel a encarava.

— O quê? — perguntou, e sua boca secou diante da expectativa.

Seria possível? Seria mesmo ele?

— Qualquer coisa que você precise decidir, decida sempre dizendo sim com seu coração.

Ela tentou engolir, falar qualquer coisa, mas não conseguiu.

Miguel levantou-se e saiu da igreja, deixando-a com Deus, suas dúvidas, seus medos, seus desejos e todas as suas culpas.



Ela dissera sim!

Ela realmente dissera “*Sim*” .

Em duas palavras:

Eu vou .

A caixa havia sido deixada no lugar combinado, era noite do baile de máscaras, não tinha mais volta.

Clara poderia deixá-lo esperando e não aparecer.

Mas e se ele se enfurecesse?

E se fosse atrás dela em casa?

A mãe a mataria.

Era melhor ela apressar os passos e entrar logo na carruagem, que pelo que pôde ver, já aguardava no local combinado.

Aproximou-se devagar, engolindo em seco ao se dar conta do veículo; era enorme, escuro, puxado por quatro cavalos pretos.

Hades e o rapto de Perséfone surgiu em sua mente, fazendo seu coração acelerar.

Ela deu um passo para trás, intimidada, quando o libre todo trajado de negro ergueu a mão.

— Senhorita Lua?

Lembrou que esse era o código que devia ser confirmado se ela quisesse seguir adiante.

— Vou me encontrar com o Senhor da Noite — respondeu quase sem voz. Era a frase que faria aqueles homens a conduzirem para o encontro.

Um som de acordeão chamou a sua atenção para um grupo de foliões com as roupas coloridas e espalhafatosas, eles gargalharam alto.

— Mas que bela, *signorita* — disse um dos homens vestido com um traje que imitava os bobos da corte das eras medievais. O rosto coberto por uma enorme máscara dourada com um nariz gigante curvado para baixo. Só percebeu que era com ela que o rapaz falava, quando ele abriu os braços e fez uma reverência cômica na sua frente, arrancando gritos e risadas eufóricas do grupo.

Atordoada, checkou se a máscara estava sob o rosto e entrou sem pensar na carruagem.

Como se ela fosse a sua salvação, como se aquele carro não fosse levá-la para um destino escuro e desconhecido. Uma vez sentada, ela fechou os olhos respirando fundo e, quando tornou a abri-los, seu coração soou mais alto e forte que os sinos da catedral.

Mas, o que fez o seu coração perder o ritmo enquanto um frio cobria o seu estômago, não fora o luxo negro do interior do veículo e, sim, a peça colocada no centro do banco à sua frente.

Uma magnífica capa de noite branca, inteira bordada com minúsculos pontos brilhantes. Ela tocou com a ponta dos dedos no tecido leve, e as contas faziam parte do tecido fino.

A mesma conhecida nota repousava em cima do traje.

Com a respiração acelerada Clara abriu o papel vincado e leu:

A capa branca será a maneira de eu te reconhecer em meio aos foliões.

Ansiosamente esperando.

Clara, lutava para manter a respiração tranquila, lutava também contra a sua razão, que a mandava sair correndo dali, ir embora, voltar para a segurança

de casa.

Ela não soube quanto tempo passou até chegarem no local marcado, mas soube que nunca em sua vida sentiu tanto medo e expectativa, nervosismo e ansiedade, tudo junto.

Também nunca fizera uma loucura tão grande.

Ela desceu da carruagem com ajuda do libré. Andou um pouco, sentindo as pernas trêmulas até o ponto onde havia sido marcado o encontro.

O ar da noite era preenchido por risadas, vozes altas, músicas vindas de diferentes lugares e algazarra. Um aroma de bebida, urina e perfumes baratos, invadiu a sua percepção.

Ela estava tonta.

Um grupo enorme de foliões passou por ela, cantando e gargalhando. Todos mascarados.

Tão tonta.

Talvez fosse o corpete do vestido, ele era justo demais.

E o ar... Vinha muito carregado de todos os tipos de aromas e...

— Quanto custa a diversão com você, bela mascarada? — um homem junto a um grupo perguntou e foi puxado pelos amigos que nem sequer a olharam.

Meu Deus, ela fora confundida com uma rameira.

Precisava ir embora, tinha que voltara para casa... Precisava sair dali rapidamente. Já caminhava em direção à carruagem, que ainda estava parada onde a deixara, quando um toque em seu ombro a deteve.

— Clara — ele murmurou próximo.

Tão próximo que ela sentiu as palavras em seu ouvido. Dois braços fortes envolveram sua cintura e a respiração se tronou ainda mais sofrida.

— Eu achei que você não viria — ele voltou a dizer junto a sua orelha.

Suas pernas tremiam tanto que ela temia não conseguir se manter em pé.

— Eu... Eu...

— Certas coisas precisam acontecer, se permita, Clara... Deixe eu te amar essa noite.

Ele abaixou o capuz branco que cobria o rosto dela, removeu o cabelo revelando a curva do pescoço delicado e deixou uma fileira de beijos em toda a extensão do canto da orelha até o ombro.

E aquele contato tão íntimo, a sensação da boca macia e morna em sua pele, junto com a respiração ofegante dele, foi tão abrasiva que, sem perceber, Clara gemeu baixinho.

— Eu quero tanto você — ele soprou sobre a sua nuca, e ela sentiu que entrava em combustão, a sua parte mais íntima contraiu entre as pernas. Clara arfou, surpresa.

Fogo e chamas. Estava ardendo e fora de si, a um passo de perder por completo a razão, a inocência e a vida, ou tudo isso junto em apenas uma noite

Quem era aquele homem, afinal? E o que em nome de Deus ela acreditava estar fazendo ali, em meio ao carnaval de Florença praticamente beijando um estranho?

— Eu não posso — ela disse em um muxoxo.

— Fique e deixe-me amá-la.

— Por favor, me solte! — Ela soluçou em desespero porque, apesar de querer, não conseguiria ficar.

Devagar, as mãos que a detinham se afrouxaram e ela se virou a fim de encarar aquele homem que mexera tanto com suas emoções. Aquela área da praça, apesar de ter certo movimento de foliões e carruagens que iam e vinham dos bailes pela cidade, era bastante escura. O homem que antes a detinha era alto e estava inteiro trajado de negro. Usava uma capa com um largo capuz, que jogava sombras sobre o rosto pouco visível.

Ela estreitou os olhos e tudo o que conseguiu ver, foi o contorno da máscara negra em contraste com a pele mais clara.

— Quem é você?

Ele fez uma negação com a cabeça e Clara entendeu; quem quer que ele fosse não estava disposto a se revelar.

No que parecia uma última tentativa de aproximação ele estendeu a mão enluvada em sua direção. Clara desviou os olhos entre ele e a carruagem, com o coração voltando a acelerar.

— Eu não posso — negou com a voz trêmula, antes de pedir para o cocheiro: — Por favor, me leve para casa.

O homem olhou na direção daquele que deveria ser o seu senhor e Clara notou, pelo movimento do capuz, que ele dava permissão para o criado a conduzir de volta.

Mordendo os lábios por dentro para não chorar, ela entrou na carruagem. Antes que pudesse entrar por completo teve certeza de ouvir uma voz masculina e conhecida afirmar:

— Eu amo você, Clara.

A portinhola foi fechada e o estalido dos chicotes anteviu a sua partida. Quando o veículo entrou em movimento, ela olhou pela janela e assistiu ao senhor da noite virar de costas e ir embora, levando consigo a sua vontade de se entregar e o que restava de paz em seu coração.

“Eu amo você, Clara”. As palavras voltaram a sua mente junto ao som da voz dele, interpondo-se com os cascos dos cavalos e com as batidas frenéticas do seu coração.

Não era uma voz qualquer, parecia a voz do seu chefe.

Mas em meio a tanta algazarra, Clara não poderia afirmar o que sua alma tanto queria... Seria ele?

Ela jamais teria certeza.

As nuvens começaram a reclamar cedo naquela manhã. Uma briga no céu e um descaso na terra. Clara sempre tinha muita coisa que dar conta para ouvir queixumes de trovões. O céu continuou a reclamar, Clara continuou a arranjar tudo. O seu chefe tinha um horário rígido para cumprir. Ela sempre precisou correr contra o tempo para atender as exigências do patrão. E era essa a postura que ele arrancava de todos, muitos saíam de suas casas sem nem mesmo tomar um café curto, porque sabiam que ele — Miguel — não se atrasava nunca. Nem sob ameaças tempestivas, nem sob rugidos do céu. Nada o detinha. Ele era implacável.

Ela tinha uma rotina séria. Organizava e deixava tudo pronto — a ele só restava chegar e assumir o posto e desviar todas as atenções para a sua voz, tragar todos os olhares e parar a respiração dela.

Não era à toa que estava para ser promovido. Tão jovem e já ia ocupar o cargo mais alto da instituição na sua cidade.

Há quase uma semana, desde que recebera aquela máscara, Clara só conseguia sonhar que fora ele quem enviara as caixas e o convite, só conseguia pensar em um jeito de iludir a mãe e escapar para o baile. Ela tinha agora poucos dias para dar uma resposta. E se fosse Miguel... Era uma besteira, ela sabia, porque não poderia ter sido ele, o chefe jamais a olharia dessa maneira, jamais enviaria um convite dentro de uma caixa, ele não sonhava com ela. Na verdade, Clara tinha certeza de que ele mal sabia de sua existência, a não ser quando precisava dela para resolver questões do trabalho. Ou quando a ajudava com alguma questão pessoal, como no dia da festa beneficente.

O chefe nunca poderia saber que quando ele falava, quando ele a olhava, quando sorria, tudo nublava, e o céu dentro dela desbocava trovões e relâmpagos.

Às vezes ele parecia escutar os estouros, enquanto era ouvido por gente importante, por gente vinda de todo o lugar do céu e da terra, mas só olhava

para ela. Nesses momentos era como se o céu se abrisse e como se os dedos de Deus mostrassem misericórdia.

Sem olhar para ele, se levantou de onde sempre ficava durante as reuniões matinais e foi arrumar o que sabia, era o seu dever organizar.

Deus! Hoje ela está um despudor de lábios e curvas e gestos. O decote do vestido quase inexistente, não limitava o seu interesse, aumentava. Ela foi desnudada em mil manhãs e tardes em sua mente. As curvas da fartura, o peso que os seios teriam em suas mãos, o cheiro que dava gosto do que era a sua pele. Ele pesava, sugava, mordida e extraía tudo de Clara dentro dos seus sonhos.

Esfregou os olhos devagar.

Precisava se controlar, não podia mais — ela era uma ótima, muito boa ajudante. Tinha que tirar Clara da cabeça antes que isso lhe custasse algo muito valioso.

Mas essa certeza não era barreira suficiente para impedir que ela o assombrasse durante as noites e, que Deus o ajudasse, durante os dias também, especialmente durante os dias quando era obrigado a ouvi-la, quando seus olhos teimavam em cair sobre ela.

Porque Miguel se considerava um bom líder e, como tal, sua obrigação era ajudar a todos que precisassem.

Mas, Cristo, quando ela o procurava quase diariamente e falava, e o deixava ver a sua alma, era como pisar no inferno e no paraíso ao mesmo tempo. Miguel, há dois anos, vinha sonhando com ela, já não aguentava mais esse vício dos seus olhos, a dor do seu corpo, foi só por isso que decidiu fazer o que fez.



Aquela tarde, ela ficou até um pouco mais organizando um evento que se daria dali dois dias. Perdeu a hora, distraída com uma lista de tarefas, e correu contra o escuro do céu, a fim de chegar em casa antes das viúvas do céu lamentarem suas perdas. Ela mesma lamentava ter de usar preto há cinco anos pela morte do pai. Como se ainda o velasse diariamente.

Apressada, terminou o que precisava ser feito e, antes que conseguisse sair, a chuva começou a cair como se as nuvens lamentassem todos os erros dos homens.

Clara morava há uma hora de caminhada do local de trabalho e tremeu de frio e de medo ao entender que dificilmente chegaria em casa sem correr o risco de ser arrastada pelas águas.

Já chovia em Florença havia muitos dias e o rio estava muito cheio.

Dez minutos depois, corredeiras inteiras desaguavam uma rebeldia cursiva sem precedentes. O vento queria arrancar as raízes dos pés e levar as árvores do chão. Ela mal conseguia caminhar. Olhou ao redor desesperada e se deu conta de que na rua não havia mais nada — louco nenhum se aventuraria a peitar o luto das nuvens pela perda do sol.

Ela deu um, dois, três passos arrastados contra as correntes de água que se trançavam com os ventos, elas prendiam suas pernas e braços, como se a desejassem voando pelos ares.

Tinha que voltar.

Tinha que voltar antes que realmente voasse.

Pedra líquida ensopou-a e tudo pesava muito. Conseguiu retornar ao trabalho empurrada pela força da torrente, mas todas as portas estavam

cadeadas.

— Oh, meu Deus! Morrerei afogada... Em um desespero crescente, lembrou-se da casa do chefe poucos metros à frente. Avistou as portas do paraíso.

Era a sua salvação.

Tocou, tocou, tocou.

Tremeu, tocou, abraçou-se.

Ele abriu.

Miguel vestia uma roupa informal, a camisa aberta no pescoço revelava pelos esparsos e castanhos, as mangas justas não escondiam os ombros largos e os braços torneados. Ele gostava de se exercitar nas horas vagas, Clara sabia. Miguel remava quase todos os dias no rio. Ela ia vê-lo, escondida, sempre que possível. Engoliu em seco fingindo não reparar — era o diabo em pessoa de tentador. As portas converteram-se na entrada do purgatório — ela soube — e, naquele momento, tremia mais do que a terra com medo da vingança do céu.

— Clara, Cristo... Entre — ele disse por cima da chuva.

Ela precisava se explicar, justificar sua presença ali.

— Eu não consegui... Eu, eu... Demorei e o apocalipse começou e... Eu estava aqui perto... — Os dentes batiam o frio do corpo.

— Venha aqui para frente da lareira! — Ele sentiu a ponta dos dedos queimar ao tocá-la nas costas.

E foi só então que a viu: um furacão ruivo de curvas a mostra pelo ensopado da roupa. Que Deus o livrasse, aquilo era um desastre natural, muito maior do que o mundo despencando lá fora.

— Vou pegar algo seco para você vestir.

Os olhos azuis subiram do fogo.

— Obrigada!

Miguel voltou, pouco depois, com uma camisola de algodão.

— Era de uma das funcionárias, você sabe, foram recolhidas roupas para doação no evento e... Desculpe, mas não sobrou nenhum vestido e...

— Não se preocupe, senhor, está ótimo — ela respondeu, pegando a peça de suas mãos. — Onde... Onde eu posso me trocar?

Miguel fechou os olhos e respirou fundo sentindo o ventre contrair diante das imagens dela se despindo dentro de sua casa.

— Ali! — Apontou com a voz rouca. — Ali tem um quarto de hóspedes no andar de baixo.

— Obrigada.

Tempos depois ela voltou com a roupa trocada, Miguel não devia olhar para a curva dos seios exposta pelo tecido da camisola, nem mesmo para a maneira como o cabelo molhado dela deixava a sua pele ainda mais clara e os olhos mais azuis. Ele sabia que não devia fazer nada daquilo, mas simplesmente não conseguia evitar. Era mais forte do que sua razão, assim como a chuva que despencava implacável do lado de fora, as reações do seu corpo diante dela assolavam os seus sentidos.

— Sente-se aqui — ele pediu junto a mesa. — A senhora Rita, que me ajuda com a casa, não veio hoje... Eu a dispensei por causa da chuva.

— Você quer ajuda com alguma coisa?

— Não. — Ele sorriu, sentando-se. — Já está tudo pronto, enquanto você se trocava eu coloquei mais um lugar a mesa.

Clara juntou-se a ele.

— Desculpe pelo incômodo.

Ele apontou para a janela onde a chuva se mostrava.

— Você não tem culpa disso, mas não devia ter ficado até tão tarde... Se arriscado desse jeito.

— Desculpe.

— Você não me incomoda — mentiu. Porque sim, ela o incomodava, mas não como estava imaginando. — É bom ter um pouco de companhia. — Terminou cortando o pão e entregando uma fatia para ela.

— Minha mãe deve estar tão preocupada.

— Assim que chuva melhorar, eu mesmo te levarei em casa.

— O senhor não preci...

— Clara, eu sou responsável por você.

Ela olhou para o prato e ruborizou.

— O senhor fala como se fosse o meu pai.

— Nossa diferença de idade não é tanta assim — tentou soar bem-humorado.

— Eu sei — afirmou, corando ainda mais.

Ele a viu ainda mais ruborizada, respiração acelerada, gemendo de prazer. Agitado, colocou o copo sobre a mesa com mais força do que era necessário. Ela se sobressaltou.

— Desculpe.

— Tudo bem — ela murmurou, e se serviu de queijo e uvas.

Eles comeram em silêncio por um tempo.

— Eu lembro de você criança — contou, querendo descontraír o ambiente. Ao lado de fora a chuva despencava com uma força intimidadora.

Ela sorriu revelando duas covinhas e Miguel sentiu o coração pular algumas batidas.

— Você costumava puxar as minhas tranças.

Ele levou as mãos ao peito em um gesto de inocência.

— Eu?

— Sim... E depois fugia correndo.

Miguel gargalhou, lembrava-se dela, das sardas esparsas cobrindo o nariz e de como ela ficava vermelha ao ser provocada.

— Como disse, não sou assim tão mais velho do que você.

O sorriso dela se desfez.

— Então quando tinha doze anos, você foi embora.

— Eu fui estudar e...

— Você irá embora de novo agora, com sua promoção?

Ele respirou fundo.

— Sim, você sabe que sim.

— Em quanto tempo?

— Daqui uns seis meses.

Ela cruzou as mãos sobre a mesa.

— Eu sentirei sua falta — disse em um muxoxo.

— Eu também sentirei, Clara... Mas não se preocupe, eu vou lhe indicar ao próximo que ocupar o meu lugar.

Miguel disfarçou o aperto na garganta que a ideia de se afastar dela provocou. Ele realmente sentira muita falta, mais do que era devido. Muito mais do que era certo.

Um par de horas de conversa e espera se passou e a tempestade ainda despencava as preces do fim do mundo. Toda a reforma externa era movida por bombas e rasgões que ascendiam o escuro. A chama das velas era, dentro da aparente segurança da casa, a única luz que abrandava o negrume imposto pela chuva.

— Você não poderá ir para casa — ele constatou, tendo certeza de que Deus o castigava por algum pecado. Como seria capaz de resistir a essa tentação?

Clara esfregou os olhos agitada.

— Minha mãe, ela deve estar desesperada.

— Se for preciso, amanhã pela manhã eu mesmo vou até ela explicar o que aconteceu.

— Obrigada.

— Não é preciso me agradecer — ele disse, apontando para a porta a sua frente. — Pode dormir nesse quarto, qualquer coisa que precise eu estou no andar de cima.

— Boa noite, senhor.

— Durma com Deus, Clara.

No meio da noite, ela acordou assustada. Além do tormento das janelas dos céus que pareciam se estilhaçar sobre o telhado, sobre tudo na casa, viu corredeiras inteiras cobrindo o chão do quarto.

Levantou em um pulo, com o coração disparado.

Tinha que avisar Miguel.

Jogou os pés para fora da cama e gemeu com o choque gelado da temperatura; a água cobria até a altura dos joelhos. Em desespero correu, como pôde, até a escada. Mas no meio do caminho seu pé prendeu em alguma coisa no chão e Clara caiu, molhando-se praticamente dos pés à cabeça.

Ele ouviu murros e gritos abafados pelo temporal. Lutou contra os lençóis ao lembrar de Clara. Abriu a porta afobado.

— A... — Ela estava ofegante. — A su... A sua casa... Tudo, tudo molhado... Olhe!

Um clarão transportou a luz para dentro do quarto.

Clara estava nua. Não na sua mente, não nos delírios de seus alívios humanos, mas na sua frente. A camisola branca ensopada, mostrava os seios e o abdômen plano. Ele tentou desviar os olhos, não conseguiu, o vale entre as pernas e Jesus, ela estava nua.

— A ca... Casa — Clara insistiu.

E ele estava cego. Não via nada além da tempestade a dois passos de distância.

Então, ela olhou para o lado, em cima da cômoda próxima a porta. Os olhos se arregalaram, ele seguiu a direção do seu olhar.

Soube o que ela tinha visto.

Bastou ela estender o braço para alcançar.

Com a boca entre aberta e respirando de maneira acelerada, ela analisou a máscara preta de carnaval.

— Foi... Foi você? — perguntou com a voz falha.

Miguel não tinha certeza se levaria aquela ideia de encontrá-la em baile de máscaras a diante, provavelmente não, mas ali, tomado pelo maior desejo que já experimentara, ele nem pensou em negar.

Assentiu em silêncio.

— O senhor... Entrou no meu quarto?

— Sim. — *Sim. Eu estou louco.*

— Por quê?

— Clara, eu... — Ele parou, sem saber o que falar.

— Eu aceitei o convite, menti para minha mãe e fugi para ir ao baile. O senhor me encontrou no meio do carnaval usando essa máscara. Pediu para me amar?

— Eu sei — ele respondeu com a voz rouca. — E você não aceitou.

— Eu não sabia que era o senhor...

O coração dele disparou.

— E, se soubesse, você aceitaria?

As respirações deles estavam aceleradas, enquanto se olhavam com cada vez mais intensidade, exigência, vontade.

No lugar da resposta ela colocou a máscara no rosto e Miguel esqueceu de tudo. O seu nome, o seu cargo, a suas obrigações. E quando Clara deu um passo para frente, parando a poucos centímetros de distância...

Ele se perdeu.

Talvez para sempre.

Desenhou com o polegar a lateral do rosto perfeito, até alcançar os lábios. O ar quente e úmido através da boca dela tocava a gema do seu dedo, enviando choques por sua coluna.

— O andarilho que vendeu essas máscaras me contou uma história.

Clara passou a língua em seu dedo e ele não conseguiu deter um murmúrio de prazer antes de continuar:

— Ele me disse que essas máscaras passaram anos sendo procuradas, disputadas, rejeitadas, e que elas possuem o poder de trazer sorte ou maldição.

Ela envolveu o seu dedo com os lábios e o sugou, sem ter a mínima ideia de como estava acabando com ele.

— Então — prosseguiu com dificuldade —, ele me disse que quando um casal que verdadeiramente se ama as usa juntos, eles vencerão todos os obstáculos e serão felizes.

— São mágicas?

Ele passou os dedos pelos cabelos sedosos até alcançar a fita e desamarrar a máscara.

— Capazes de realizar seus desejos mais profundos.

— Eu te desejo — afirmou, passeando a língua pelos lábios cheios.

E ele se perdeu de vez, para sempre.

Com desespero de alguém que quer reter a água, Miguel envolveu a cintura fina com o braço, segurando a nuca dela com força e puxou-a aos lábios, de uma vez.

Ela permaneceu rígida, estática, demorando a dar-se conta de que o chefe a beijava com a mesma fúria da chuva sobre o mundo e, então, foi assolada por ele e toda sua presença.

Ela gemeu, entregue, quando a língua escorregou para dentro da sua boca, movendo-se no ritmo possesso do gotejar da tempestade lá fora. Rendeu-se sem pensar quando os braços dele arrancaram de vez os seus pés do chão.

Ele a deitou sobre a cama.

Com devotada lentidão, ele a despiu, beijando-a sem parar. Para cada arquejo, gemido ou som que ela fazia, ele respondia com mais. Mais dele em cima dela, mais força e paixão nos beijos trocados, mais toques espalhados sobre sua pele. A boca macia e quente desceu do pescoço para o colo, até alcançar o seio. Clara achou que morreria.

— Eu... Meu Deus... Eu preciso.

Em resposta ao seu desespero, Miguel sugou um mamilo e ela sentiu uma pontada de dor, uma vontade desconhecida que contraiu o seu ventre e entre as suas pernas.

— Clara — sibilou com a voz falha, beijando-a de leve nos lábios —, nós não devíamos, me faça parar, me peça para parar, por favor.

— Não pare! — implorou, entrelaçando os dedos nos cabelos castanhos e puxando-o de encontro aos seus lábios.

Ele gemeu entregue.

As mãos dele marcavam mais que barro sendo moldado, grudavam na pele e desmontavam-na no fluxo das contorções. Ela só conseguia ofegar e gemer e permitir que ele avançasse.

Miguel se despiu e deitou sobre ela.

— Eu te desejo tanto... Há dois anos, sem parar — disse ele, entre jorros de sons e permissão molhada. Ele deslizou a mão pelo abdômen e avançou, abrindo-a sobre os pelos macios entre as pernas. Ela era todo um líquido e vertia o dilúvio que o afogava. Miguel estimulou-a até ela ofegar e tremer, implorar e exigir. Então, quando ela estava desfeita, ele se colocou no meio de suas pernas, a ponta da ereção tocando a entrada apertada. Sentia o corpo inteiro tensionado.

— Eu vou desistir de tudo e nós vamos nos casar.

Os olhos dela encheram de lágrimas.

— Eu te amo.

E ele investiu devagar, até estar inteiro dentro dela.

— Clara — disse com a voz arrastada de prazer. — Eu vou te amar.

— Sim. — Ela umedeceu os lábios inchados pelos beijos trocados.

Ele começou a se mexer.

Clarões invadiam e mostravam mãos postas em reza, corpos ajoelhados, lábios que uniam preces e rezavam um amor consumado.

Miguel seguiu alternando o ritmo das estocadas, sempre a beijando, trocando juras apaixonadas.

E quando tudo ruiu ao fim um trovão rugiu no peito dele e não era mais só o céu que chorava.

Eles dormiram atados, a inundação dele nela permaneceu por toda hora e se repetiu mais de uma vez durante a noite.



Clara acordou e Miguel já se vestia.

— Bom dia, meu amor — ele disse, beijando-a sobre os lábios.

Ela colocou o vestido preto que usava quando chegou lá na noite anterior.

— Será que o estrago foi muito grande? — perguntou já descendo a escada.

Miguel desceu atrás dela.

— Tirando o barro no chão e nas paredes — ele apontou para frente —, acho que não perdemos muita coisa.

— Que bom! — Clara comprovou, sem saber o que mais poderia falar. Ela nunca se sentira tão feliz em sua vida, mas também sentia medo. Na noite anterior, Miguel disse que eles casariam, será que o chefe manteria a sua palavra? Clara sabia o que isso significaria para ele.

Sem falarem mais nada, ele a acompanhou até a porta. O céu já nem lembrava de luto algum. Ele a beijou com a mesma paixão, entregue.

— Nós vamos nos casar! — afirmou sobre seus lábios e o coração dela saltou contra o peito.

Ela concordou em silêncio, sendo beijada outra vez.

— Não queria que você fosse embora.

Ela suspirou de maneira entrecortada.

— Eu não queria ir, mas a minha mãe...

— Sim, eu sei. Vá para casa e avise a sua mãe que você ficou presa pela tempestade, qualquer problema ela pode falar hoje comigo. Daqui uns dias nós teremos mesmo que conversar.

— Sim, senhor.

— Avise-a também que eu precisarei de você por algumas horas a mais nos próximos dias para ajudar com a minha promoção — disse, passeando os dedos pelos lábios dela.

— Sim, senhor.

— Não me chame mais de senhor, em breve eu serei seu marido.

Ela sorriu.

— Sim, sen... — Não chamou.

Ele ficou um tempo a encarando com uma devoção intensa.

— Eu estou louco... Meu Deus, o que nós estamos fazendo? — perguntou, beijando-a com paixão mais uma vez.

— Eu te amo — ela respondeu entregue.

— Eu quero você de novo — ele afirmou em sua orelha e, antes de abrir a porta, nasceu um trovão na boca dele outra vez.

Porta aberta para rua, Clara pegou a mão do chefe e levou aos lábios em gesto devoto.

— A benção, *Padre* .

— Até mais tarde Clara, e Deus te abençoe.

Notas

1 . Convite Tradução livre: A administração dos bailes de máscaras da Ópera comunica, quinta de Carnaval 11 fevereiro, um grande baile de dominós. A orquestra será conduzida por M. Strauss. Você é nosso convidado de honra. Comemore o amor, dance e dê graças à vida.”

2 . A crinolina era um conjunto feito de crina de cavalo mesclado com algodão ou linho, usado junto com uma armação enorme, cônica e circular de aros de metal chamada cage. A crinolina fazia as mulheres ficarem livres das várias camadas de anáguas, fazendo com que elas pudessem movimentar livremente as pernas por baixo da gaiola de aço.

3 . Uma roupa com uma espécie de capa que cobria todo o corpo. O rosto era escondido por uma máscara triangular, com uma abertura que não os impedia de comer e beber, mas era suficientemente fechada para alterar até mesmo a voz de quem a usava.

4 . Os "grupos de meias" recebiam esse nome, pois seus participantes além de usarem máscaras e fantasias, eles se identificavam com base no padrão de suas meias longas. Cada grupo possuía seu próprio padrão.

Os autores



Larissa Siriani

Larissa Siriani é uma paulistana que nunca fez a menor ideia do que queria fazer da vida – até começar a escrever. Os livros e contos postados numa comunidade do Orkut cresceram o público e a vontade de se profissionalizar. Em 2009, aos 17 anos, resolveu arriscar tudo na publicação independente de seu primeiro título, “Toda Garota Quer”. Cinco livros depois, a certeza de que escolheu a profissão certa é maior do que nunca. Hoje formada em Cinema, vive em São Paulo com os pais, dois irmãos mais velhos e três cachorros, e divide o tempo entre escrever e administrar um vlog literário e colunas em quatro sites diferentes. Sonha em viajar o mundo, conhecer seu príncipe encantado e encabeçar a lista de bestsellers (não necessariamente nessa ordem).

Joana Lancaster

Joana Lancaster sabe que sonhar custa caro. Mas, disposta a pagar o preço, decidiu lutar pelo que acredita. Em uma época em que os rótulos oprimem e calam, Joana encontrou nas palavras todo o poder de que precisava. Fã do que é belo porque é sincero, decidiu transformar as histórias que povoam sua mente na oportunidade de compartilhar com o mundo as inúmeras facetas do amor – um amor que erra, aprende, sorri e recomeça. Dona de

muitos títulos, esse é seu primeiro trabalho como Joana. Mas logo ela revelará todos os nomes que fazem parte de quem realmente é.

Alane Brito

Alane Brito é baiana, formada em Contabilidade, idade à escolha, casada e mãe de uma menina e um cachorro. Completamente obcecada por personagens desde que se entende por gente. Nem de Humanas, nem de Exatas, é de Fantasias. Apaixonou-se pelo mundo literário por influência da mãe ao apresentar-lhe a trajetória da vida de Laura Ingalls Wilder com a sua coletânea Os Pioneiros em sua adolescência. Autora dos livros: O Trio (Novo Século – 2012), O Que Me Disseram as Flores (2ª edição Editora Arwen – 2015) e o Segredo dos Becker (Editora Arwen – 2017), e dos contos: A Quem Interessar Possa (Antologia Psicopatas e Outros Distúrbios – Editora Young – 2017), Não Fique Sozinho e O Voador (Amazon).

Veridiana Maenaka

Veridiana Maenaka levou muito a sério as aulas de redação na escola e descobriu cedo que gostaria de ser escritora, mas sempre teve uma vergonha danada de falar desse sonho. Escreveu muito ao longo da infância e da adolescência, em cadernos universitários e em folhas de sulfite datilografadas, fez faculdade de jornalismo e tornou-se revisora de textos – enfim, uma vida imersa em letras. O sonho continuava vivo, e em 2014 publicou seu primeiro livro, “Jardim de Espelhos”, pela Giz Editorial. "Onde o amor se esconde", seu segundo romance, foi publicado pela Verus Editora em 2015.

Bruno Godoi

Bruno Godoi, o escritor espartano que sonhava em ter uma Espada Justiceira e uma Excalibur, encontrou na literatura de ficção o meio para aprofundar na fantasia e criar seus próprios personagens e cenários. Autor de cinco livros publicados, e mais inúmeras antologias de contos, Bruno sabe que a escrita é como um exercício de armas: deve ser praticada sempre. Estuda e faz cursos de escrita, MBA em Editoração de Livros e tudo quanto há pelo mundo das letras. Membro da Academia Divinopolitana de Letras, ex-bombeiro militar e engenheiro civil, o escritor espartano trocou a Espada Justiceira pela caneta e não tem intenção de parar.

Babi A. Sette

Babi A. Sette autora de sucesso de crítica e público é formada em Comunicação Social. Seus romances já publicados contam com mais de uma edição e diversas reimpressões, arrebatando milhares de fãs por todo o Brasil. Babi se sente metade psicóloga; e outra socióloga. Ama viajar, conhecer pessoas e descobrir lugares. Apaixonada por romances de época, jura que viveria feliz também no século XIX. Atualmente, mora em São Paulo com o marido, a filha, um cachorro, um gato e seus personagens.

Dança das Máscaras

INCREASY
consultoria literária

Table of Contents

[Título](#)

[Sinopse](#)

[Um beijo basta](#)

[Amor roubado](#)

[Faces reveladas](#)

[Vidas errantes](#)

[O som do coração](#)

[O luto do céu](#)

[Os autores](#)

[Créditos](#)